

**NADIA NOGUEIRA**

**LOTA MACEDO SOARES E ELIZABETH BISHOP: AMORES E  
DESENCONTROS NO RIO DOS ANOS 1950-1960**

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de  
História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
da Universidade Estadual de Campinas sob orientação  
da Profa. Dra. Luzia Margareth Rago.

Este exemplar corresponde à redação final  
da tese defendida perante a Comissão  
Julgadora em /12 / 2005.

**BANCA**

Profa. Dra. Luzia Margareth Rago (orientadora)

Profa. Dra. Tania Navarro Swain

Profa. Dra. Maria Hercília Pacheco Borges

Profa. Dra. Maria Suely Kofes

Profa. Dra. Carmen Lucia Soares

**SUPLENTES**

Profa. Dra. Leila Mezan Algranti

Profa. Dra. Marilda Ionta

Prof. Dr. Fábio Lopes

DEZEMBRO / 2005

Unid  
PDF

**NADIA CRISTINA NOGUEIRA**

**LOTA MACEDO SOARES E ELIZABETH BISHOP: AMORES E  
DESENCONTROS NO RIO DOS ANOS 1950-1960**

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de  
História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
da Universidade Estadual de Campinas sob orientação  
da Profa. Dra. Luzia Margareth Rago.

Este exemplar corresponde à redação final  
da tese defendida perante a Comissão  
Julgadora em 15/12/2005.

**BANCA**

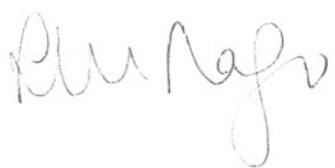
Profa. Dra. Luzia Margareth Rago (orientadora)

Profa. Dra. Tania Navarro Swain

Profa. Dra. Vera Hercília Faria Pacheco Borges

Profa. Dra. Maria Suely Kofes

Profa. Dra. Carmen Lucia Soares



**SUPLENTE**

Profa. Dra. Leila Mezan Algranti

Profa. Dra. Marilda Ionta

Prof. Dr. Fábio Lopes

DEZEMBRO / 2005

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH – UNICAMP**

N689i Nogueira, Nadia  
“Invenções de Si em Histórias de Amor : Lota Macedo  
Soares e Elizabeth Bishop” / Nadia Nogueira. - - Campinas,  
SP : [s. n.], 2005.

Orientadora: Luzia Margareth Rago.  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Soares, Lota de Macedo 1910-1967 . 2. Bishop,  
Elizabeth, 1911-1979 . 3. Lesbianismo . 4. Feminismo. 5.  
Cartas de amor. 6. Mulheres na literatura. 7. Subjetividade.  
I. Rago, Luzia Margareth II. Universidade Estadual de  
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.  
III. Título.

(sfm/ifch)

**Palavras-chave em inglês (Keywords):** Soares, Lota de Macedo  
Bishop, Elizabeth, 1911-1979  
Lesbianism  
Feminism  
Love-letters  
Women in literature  
Subjectivity

Área de Concentração: História Cultural

Titulação: Doutorado em História

Banca examinadora: Profa. Dra. Luzia Margareth Rago (orientador)  
Profa. Dra. Tania Navarro Swain (membro)  
Profa. Dra. Vavy Pacheco Borges (membro)  
Profa. Dra. Suely Kofes (membro)  
Profa. Dra. Carmen Soares (membro)  
Profa. Dra. Leila Mezan Algranti (suplente)  
Profa. Dra. Marilda Ionta (suplente)  
Prof. Dr. Fábio Lopes (suplente)

Data da defesa: 15/12/2005

**Para os meus pais Nega e Basílio, por me ensinar a enfrentar desafios.**



## AGRADECIMENTOS

Algumas pessoas não sabem agradecer quando ganham um presente, sentem-se intimidadas diante da oferta, talvez por não se julgarem merecedoras. Considero que na minha trajetória realizada nos últimos dez anos, fui beneficiada pelo encontro com pessoas que transformaram radical e positivamente quase tudo que me rodeia.

Em um sábado chuvoso de 1993, eu estava sentada aguardando o início do curso para professores das redes pública e particular de ensino de História, quando levanto os olhos das minhas anotações e me deparo com uma bela mulher, de sorriso contagiante e gestos expressivos. A História narrada por ela me fascinou desde o primeiro momento. Tratava-se da professora Margareth Rago, para quem não tenho como agradecer, pois ensinar alguém a sentir confiança em si mesma, levantar a cabeça e se colocar diante do mundo não é algo que se possa agradecer, apenas reconhecer o quanto me transformou. Obrigada por sua presença em minha vida.

No percurso desses desafios que me coloquei, encontrei outras tantas criaturas que transformam tudo ao seu redor. A professora Tania Navarro Swain é uma dessas pessoas, não passa incólume e persiste no seu ideal de "simplesmente querer mundo o mundo" e é assim que procuro seguir as suas pegadas.

A descoberta recente de uma voz suave, que transmite segurança e coragem diante das incertezas surgidas em nosso cotidiano, me fez querer trazê-la para compartilhar da minha história. Por isso quero enfatizar o quanto à professora Vavy Pacheco Borges me incentivou nos últimos passos do trajeto desse trabalho.

A professora Carmen Soares veio ao IFCH falar sobre imagem e movimento. Lembro que foi inesquecível o trânsito dela entre Degas e Bruegel, desde aquele momento eu a agradeço por fazer parte da minha vida.

Quando cheguei no IFCH há mais de uma década, lembro de uma professora que andava rápido pelos caminhos tortuosos do Instituto e que teve a ousadia de, há uma década, orientar um trabalho sobre a temática do homoerotismo feminino. Assim eu agradeço à professora Suely Kofes por seu profissionalismo, fazendo sugestões e críticas que tornaram este trabalho possível.

À professora Leila Mezan Algranti por todas as suas colocações na banca de qualificação, observando o quanto devemos valorizar o nosso trabalho enquanto pesquisadoras, certamente jamais me esquecerei disso.

A professora Marilda Ionta e ao professor Fábio Lopes que acompanharam o percurso desse projeto desde o seu nascedouro tenho a dizer que não teria chegado até aqui sem a presença de vocês neste trajeto.

Ao professor James Green, que incentivou a escrita desse trabalho na sua concepção primeira, com sua clareza, seu discernimento, seu apoio pronto e decisivo nos momentos de incerteza.

À professora Gabrielle Houbre que em suas viagens à Campinas teve a gentileza de trazer vários artigos da Biblioteca Nacional de Paris, além do seu estímulo para concluir o grande desafio da escrita desse texto.

Ao Júnior, Neide e Gil da secretaria de pós-graduação do IFCH que sempre me trataram de maneira especial, jamais deixando de responder a um pedido ou a alguma dúvida que me perseguia. A Cidinha, Magali, Marilza e Suely, funcionárias do Instituto que me auxiliaram em tantos momentos desse percurso.

Aos funcionários do Arquivo Edgar Leuenroth, pela simpatia e paciência. As funcionárias do Arquivo Carlos Lacerda da Universidade de Brasileira, que vibraram junto comigo diante dos primeiros documentos encontrados. Aos funcionários do Arquivo do Estado de São Paulo pelo interesse. As funcionárias do IPHAN no Rio, que permitiram minha permanência no Instituto após o expediente. As funcionárias do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, pela orientação no trato com as cartas.

Alguns amigos estiveram diretamente presentes, como Andréa Nadai, pela novidade do seu olhar, por tantas sínteses do mundo a cada instante refeitas.

À Luciana Gandelman, pela amizade alegre e pelas descobertas compartilhadas.

A Eunice de Piero, com quem aprendi o significado da expressão "amiga-irmã".

À Luciana Fujii, com sua sensibilidade voraz me percebendo a distância.

Às queridas Adriana Castanho e Adriana Rangel pelos cuidados com uma amizade partilhada como uma família eletiva.

Às amigas Carolina Murgel, Luana e Paola pelo socorro nos meandros da informática e da própria existência.

Aos amigos do doutorado da Unicamp com os quais compartilhei cursos e momentos inesquecíveis nos corredores do Instituto: Álvaro Antunes, Daniel Faria, Eneida Mercadante, Evandro Domingues, Glaydson José da Silva e Maria Cláudia Bonadio.

À Manuela da Silva por compartilhar da sua morada carioca e pelos caminhos percorridos no Aterro do Flamengo.

Às entrevistadas no Rio de Janeiro que expuseram sua intimidade há tanto tempo ocultada.

À minha numerosa família, que sempre me estimulou nas minhas escolhas pessoais, me respeitando e permitindo que assumisse meus sonhos e meus desejos desde sempre. Aos

meus pais, Nega e Basílio, pessoas que estão para além desse mundo, pela maneira como se doam aos que estão ao seu redor. Certamente são poucos os que agem à sua maneira. Obrigada por terem me ensinado a seguir esse mesmo caminho.

Agradeço ao CNPq, pelo apoio financeiro durante os meses da pesquisa, sem o qual este projeto não teria sido realizado. Ao FAEP-UNICAMP pelas bolsas de auxílio-viagem em alguns congressos que participei durante esses anos.

*Não se faz avançar o conhecimento sem, em um primeiro momento, aumentar o desconhecimento, alargar as zonas de sombra, de indeterminação, para avançar, é preciso antes de tudo renunciar a certas evidências (...) que nos impedem de colocar questões, o que é senão a única, mas ao menos a mais segura maneira de chegar às respostas.*

*Christine Delphy*



## **Sumário**

**Resumo**

**Abstract**

**Agradecimentos**

**Apresentação p.14**

**I. As Singularidades e os Abismos p. 24**

*"Atmosfera Vaga e Majestosa" p. 24*

**Concepções Femininas: Rebeldes ou Submissas? p. 38**

**Nas esquinas de Copacabana, as noites se diversificam p. 48**

**A ocultação dos desejos - dimensões médico-legais p. 60**

**Corpos que escapam, sinais que se multiplicam p. 81**

**II. Peregrinações em busca de um personagem p. 104**

**Edificando a própria existência p. 112**

**Família eletiva – laços afetivos p. 119**

**Uma viagem pela Guanabara p. 134**

**Parque do Flamengo – Poesia Arquitetônica p. 140**

**Silêncios e Interditos p. 153**

**III. Subjetividade e Escrita de Si em Elizabeth Bishop p. 167**

*"Geografia Misteriosa" p. 167*

**Exercícios poéticos – mudanças subjetivas p. 174**

**A experiência epistolar como prática literária p. 192**

**Cartografia emocional p. 202**

*"Da janela se descortina a serra" p. 215*

**IV. Lesbianismo e Artes de viver p. 228**

**Invenções de Si sob o céu de Samambaia p. 228**

**Vidas Esculpidas a Cinzel p. 242**

**Morte e Paixão, a negação do presente p. 259**

**V – Considerações finais p. 281**

**VI – Bibliografia e Fontes p. 288**



## RESUMO

NOGUEIRA, Nadia. Invenções de Si em histórias de amor: Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop. Campinas: 2005. Tese de doutoramento. Departamento de História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – I F C H. Universidade Estadual de Campinas. Orientadora: Profa. Dra. Luzia Margareth Rago.

Esta tese reflete sobre as condições subjetivas relativas à relação amorosa entre Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop, entendendo que elas foram capazes de inventar vínculos afetivos e sexuais fora dos espaços institucionais, como a família e a maternidade. No contexto dessa experiência, elas assumiram novas maneiras de relacionarem-se consigo mesmas e com o meio social no qual estavam inseridas. Considerado perversão, doença, associado à criminalidade, assim o homoerotismo feminino foi nomeado pelos discursos médico-legais. Neste trabalho, resgato a discussão sobre essas práticas, sublinhando a importância da sua desconstrução, por entender que esse pensamento conservador discriminou as mulheres envolvidas nessas relações. Ademais, aproximo-me dos estudos que tornaram visíveis a diversidade das experiências femininas, atentando para a divisão binária da sociedade sob a qual o sexo tornou-se uma evidência inquestionável apagando as múltiplas formas de manifestação do humano.

## ABSTRACT

NOGUEIRA, Nadia. Self-inventions in love stories: Lota Macedo Soares and Elizabeth Bishop. Campinas: 2005. PhD. Thesis. History Department. Human Sciences and Philosophy Institute – HSPI. State University of Campinas. Adviser: PhD. Luzia Margareth Rago.

This thesis reflects upon the subjective conditions regarding Lota Macedo Soares and Elizabeth Bishop's love relationship, understanding that they were able to create affective and sexual ties outside institutionalized spaces such as family and maternity. Within this experience, they assumed new ways to relate with themselves as well as with the social environment in which they were inserted. Considered perversion, sickness, associated to criminality, so was the female homoerotism referred to by the legal-medical discourses. In this work, I rescue a discussion on these practices, underlining the importance of *deconstruction*, understanding that this conservative thinking discriminated women involved in this kind of relationship. Furthermore, I approach the studies that rescued the diversity of the female experience, noticing the social binary division under which sex became unquestionable evidence that erased the multiple forms of human manifestations.

## APRESENTAÇÃO

Esta tese procura mapear a trajetória da relação amorosa de duas mulheres: Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop, entre os anos de 1951 e 1967. Neste período elas compartilharam práticas de si diferenciadas das mulheres do seu tempo, entre a casa de Samambaia, na serra de Petrópolis e o apartamento na cidade do Rio de Janeiro.

Ao apresentar essa história de amor, busco enfatizar alguns aspectos desse encontro: os modos de subjetivação operados nessa relação<sup>1</sup> e a sociabilidade praticada por mulheres que não estavam enquadradas nas instituições tradicionais como o casamento burguês, a maternidade e os clubes femininos.

No estudo dessas personagens detecto as maneiras diferenciadas que elas tiveram em se relacionar entre si e com o meio social à sua volta, em um período marcado pelo discurso normatizador, que colocava as mulheres nas atribuições de mães e esposas. O espaço da casa de Samambaia é visto aqui nas fronteiras entre o público e privado, à medida que essa casa foi também um lugar de sociabilidade entre pessoas que possuíam afinidades com o modo de viver e pensar de Lota e Bishop. O privado nesse caso, não parece significar um assujeitamento das práticas femininas, pelo contrário, emerge como lugar de experiências múltiplas, entre pessoas de diferentes segmentos sociais, econômicos e culturais.

Em 1995 foram publicados dois livros<sup>2</sup> nos quais essa relação amorosa é apresentada e foi através deles que tomei contato com a história de Lota e Bishop. Não

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. A subjetivação é, para ele, um "processo pelo qual se obtém a constituição de uma subjetividade, que não é senão uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si", p. 706.

<sup>2</sup> BISHOP, Elizabeth. *Uma arte. As cartas de Elizabeth Bishop. Incluindo cartas inéditas*. GIROUX, Robert (seleção e organização). Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Trata-se

pretendo dar continuidade aos trabalhos publicados, no entanto, utilizei esse material como referência para iniciar o trabalho de pesquisa.

As cartas publicadas de Elizabeth Bishop são utilizadas como fonte, documentos nos quais ela troca idéias, sentimentos, emoções, durante os anos em que viveu no Brasil: pessoas amigas, profissionais da área de literatura, escritores e críticos literários, artistas, músicos. Seu epistolário foi uma espécie de *objetos relíquias, dotados do poder de lembrar os amores e as amizades*<sup>3</sup> afluindo a sociabilidade da casa, a intimidade da esfera privada na qual ela se deixava ver, falava de si sem querer *preservar o próprio eu*. Documentos que inscrevem os hábitos do cotidiano, lugar do espaço individual e do núcleo social que se consolidou em Samambaia, o que permitiu anunciar modos específicos de viver e de agir. Nesse lugar, a unicidade da vida social e da intimidade cedeu lugar a uma micro-história do sentir e do amar, uma *história do coração*, como expressou Michelle Perrot<sup>4</sup>.

As cartas são investigadas na qualidade de *escrita de si*, uma escrita que permite ao indivíduo uma reelaboração das suas ações, numa narrativa para si capaz de modificá-lo<sup>5</sup>. A escrita de si abarca diários, correspondências, biografias e autobiografias, bem como as entrevistas de histórias de vida e se constituem em um conjunto de fontes documentais, nos

---

da principal fonte de pesquisa; OLIVEIRA, Carmen L. Flores Raras e Banalíssima. A história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, (1ª edição), 1996.

<sup>3</sup> RANUM, Orest. *Os refúgios da intimidade*. In ÀRIES, P. & CHARTIER, R. (orgs.), História da Vida Privada, vol. 3. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 231.

<sup>4</sup> PERROT, Michelle. *Introdução*. História das Mulheres no Ocidente, vol. 4, O Século XX. Porto: Afrontamentos & São Paulo, Ebradil, 1991.

<sup>5</sup> Ver FOUCAULT, M. *A Escrita de Si*, In O que é um autor? Lisboa: Veja Passagens, 1992. Esta forma de escrita era muito praticada pelos antigos, que a realizavam através do *hyponemmata*, os cadernos de anotações. Acreditavam que a releitura dessas anotações (frases, aulas, afazeres do cotidiano), de uma forma quase constante, proporcionava uma transformação de si no tratamento, na atitude a ser tomada, na maneira como enfrentar o correr dos dias e suas incertezas.

quais o escrevente permite *deixar-se ver*, uma forma de prazer, um meio de metamorfosear e ocultar secretamente os próprios sentimentos.

Para compor a narrativa deste texto, recorro inúmeras vezes às fontes. Utilizo essa estratégia não apenas para compartilhar uma trajetória interpretativa, mas por acreditar que a leitura dessas permite uma melhor apreensão do objeto (ou dos objetos) da pesquisa. Nos vários percursos deste trabalho, senti necessidade de *retomar alguns trechos de textos e alguns temas nos diferentes momentos de minha tarefa* tal como Le Goff em seu trabalho biográfico, no sentido de que *o eco faz parte do tipo de abordagem que empreendi*<sup>6</sup>.

O reduzido número de trabalhos que abarcam as relações homoeróticas femininas<sup>7</sup> no Brasil foi também o ensejo inicial para essa pesquisa. Afinal, porque na sociedade brasileira, relacionamentos e pessoas que não estão enquadradas nas configurações tradicionais de gênero, têm pouca ou nenhuma visibilidade?

Admito que caí na armadilha de pensar que, na sociedade brasileira, a homossexualidade poderia não ser um problema, ao menos nas décadas de 1950-1960. Afinal, as relações íntimas anunciadas por Gilberto Freyre<sup>8</sup> fizeram emergir, no imaginário ocidental, um país em que a sociedade se estruturou a partir das práticas sexuais entre os diferentes. Por que, então, o homoerotismo feminino não poderia estar entre essas práticas? Por que mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente foram construídas nos discursos como doentes, nocivas ao convívio social e, portanto, estas características fizeram delas

---

<sup>6</sup> LE GOFF, Jacques. São Luis – Biografia, Rio de Janeiro, Record, 1999, pp. 29-30.

<sup>7</sup> COSTA, Jurandir Freire. A Inocência e o Vício. Estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992, p. 21, 3ª edição. A expressão homoerotismo é mais flexível e descreve melhor a pluralidade das práticas ou desejos sexuais. Ela tem a vantagem de tentar afastar-se tanto quanto possível do engano de considerar a homossexualidade como uma essência, ou um denominador sexual comum a todos com tendências homoeróticas.

<sup>8</sup> FREIRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. Formação da Família Brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1997, 32ª edição (1ª edição, 1933).

seres que tiveram que esconder seu desejo, seu amor? Como a pesquisa demonstrou, este é de fato um problema, em função do número reduzido de fontes na história brasileira, do medo e do constrangimento sentido por essas mulheres.

Tornar públicas formas de relacionamento que romperam com os paradigmas tradicionais permite refletir sobre uma certa estilização dos comportamentos, que diz respeito à multiplicidade e variedade das configurações sociais, sexuais e outras que os sujeitos desempenham no seu cotidiano<sup>9</sup>. Procuo apresentar outros elos afetivos capazes de contribuir para que façamos da vida aquilo que queremos e não a reprodução do que querem de nós, por meio da criação de múltiplas formas de existência.

Neste sentido, procuro dar visibilidade a essas experiências, bem como desconstruir as imagens negativas desse tema, percebidas como anormalidade, desvio, doença, sobretudo, pelo pensamento científico conservador das primeiras décadas do século XX. A construção masculina do lesbianismo, realizada por chefes de polícia, médicos, higienistas e juristas – apagou outras possibilidades de nomear essa forma de relacionamento afetivo e sexual – recoberta por imagens e metáforas assustadoras. A *lésbica* foi construída pelo discurso misógino e excludente como um fantasma, na figura da *virago*, *tribade*, *invertida*, *vampira*, mulheres que supostamente se desidentificam com o feminino criado pelos homens<sup>10</sup>. Busco apresentar a relação entre esse discurso e as múltiplas maneiras criadas pelas mulheres para se relacionarem afetiva e sexualmente nas décadas de 1950 e 1960.

Nos documentos pesquisados, relatórios médicos, tratados jurídicos, romances, artigos de jornais e revistas, destacam-se diferentes imaginários do corpo das lesbianas, tendo em comum, porém, a negação da sensualidade e do prazer com o próprio corpo.

---

<sup>9</sup> ORTEGA, F. Op. Cit. 1999.

<sup>10</sup> RAGO, Margareth. Os Prazeres da Noite. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 110.

Intento repensar a relação amorosa entre mulheres, que pode se estabelecer de forma não hierárquica, potencializada na construção de uma relação de si para consigo mais livre, para além dos saberes e poderes que tenta capturá-las. O que permite também captar uma dimensão menos negativa dessas práticas, as funções que pode desempenhar como modo diferenciado de funcionamento subjetivo, deixando aflorar outras formas de expressão do desejo, como espaço de produção cultural e lugar no qual se praticam novas formas de sociabilidade. Reconheço que nesses discursos não há um real a ser descoberto, como não há também um sujeito a ser revelado<sup>11</sup>.

Pretendo dar voz também às outras mulheres envolvidas nessa forma de relação amorosa que criaram experiências fora da tradição, baseada na família monogâmica, no casal nuclear. Focalizo aquelas que desenvolveram uma cultura feminina lesbiana, diferente das instituições conhecidas, que por sua vez, como quaisquer relações humanas também guardam seus limites.

Foram entrevistadas no Rio de Janeiro um grupo de vinte mulheres, profissionais liberais em sua maioria que formavam um conjunto bastante eclético em suas experiências e formas de relacionamento. A referência às práticas homoeróticas entre elas se dava de maneira diferenciada, dependendo do grau de exposição pública ao qual se permitiram; do grupo de origem; do poder aquisitivo; do lugar onde moravam, entre outras.

Recorri a vários depoimentos sobre a personagem Lota, na qual percebe-se uma multiplicidade de vozes que se unem para formar quase um consenso. Penso que devam ser questionadas para não se perpetuar uma interpretação unívoca. Contudo, são falas que se

---

<sup>11</sup> FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 07. “A história mudou de posição acerca do documento: ela considera sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalho no seu interior: ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações”.

entrecruzam, se conectam, se assemelham e se distanciam. Falas que formam um tecido documental e que parecem falar a mesma coisa ao agenciar sua trajetória de vida.

Neste sentido, a intenção é evidenciar as condições de produção dos vários depoimentos, das várias memórias, identificando seus marcos discursivos, e assim, esboçar seus vazios, silêncios e interditos, sem, contudo, procurar preenchê-los. Trata-se de observar na prática da história oral, os movimentos do corpo, dos gestos, do olhar, o que não é dito, mas, consentido. Embora eu estivesse sempre atenta ao que as depoentes me falavam, percebia também que *o não dito, a hesitação, o silêncio, a repetição desnecessária, o lapso, a divagação e a associação são elementos integrantes e até estruturantes do discurso e do relato*, na acepção de Danièle Voldman<sup>12</sup>.

Lota e Bishop não inauguraram uma relação amorosa diferenciada, pois muitas mulheres no Brasil e no exterior criaram linhas de fuga, desterritorializando seu lugar de ação para viverem suas experiências afetivas e sexuais. Utilizo a concepção epistemológica de Gilles Deleuze e Félix Guattari que percebem como os grupos são atravessados por linhas distintas, na qual a existência se compõe de uma espécie de geografia e os indivíduos se constituem em corpos cartográficos, demarcados. Para esses filósofos é necessário que os indivíduos inventem e tracem suas próprias linhas de fuga, capazes de construir novas territorialidades<sup>13</sup>.

Nesta direção, a construção dessa história apresenta outros caminhos criados pelas protagonistas para viverem sua relação amorosa, outros processos que não o idêntico e sim modos de subjetividade por meio dos quais elas reinscreveram seu lugar na sociedade. A

---

<sup>12</sup> VOLDMAN, Danièle. *Definições e usos*. In AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.38.

<sup>13</sup> Ver DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3, Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, pp. 75-76.

casa emerge nesse caso como espaço lesbiano, de alívio para a tensão presente em uma relação proibida socialmente. Um lugar onde seus habitantes criaram suas normas e inventaram seu cotidiano liberto das regras impostas pelo mundo vulgar, propício às relações com o outro, no qual os objetos são também um *registro da existência íntima conservados pela imagem ou pela escrita* <sup>14</sup>.

Falar das práticas homoeróticas femininas é uma maneira de mostrar, por um lado, como essas foram classificadas historicamente como anomalia e perversão, e as mulheres implicadas em tais relações, perseguidas, asiladas, maltratadas pela sociedade; por outro lado, é apresentar a multiplicidade de configurações no interior dessas relações, no sentido de que não existe uma única forma de expressão desses sentimentos.

Estes são os caminhos para pensar como essas duas mulheres, Lota e Bishop, conseguiram enfrentar a sociedade de seu tempo vivendo uma relação amorosa, no qual o passado é ressignificado, e o presente é marcado por uma intensa produção, por um deixar-se ver através das múltiplas experiências do cotidiano.

Essa tese está organizada em quatro capítulos. **No primeiro**, destaco o encontro de Lota e Bishop, no início da década de 1950, o impacto que o Rio de Janeiro provoca na estrangeira e como a relação que estabelecem cria condições para uma ruptura subjetiva com um passado percebido como negativo e a promessa de futuro que se vislumbra. Ao mesmo tempo, contextualizo esse encontro entre mulheres que transgrediram em relação aos códigos normativos que imperam na sociedade carioca do período. Neste caso, o privado é percebido como local de construção da subjetividade e não como assujeitamento.

---

<sup>14</sup> RANUM, Orest. *Os refúgios da intimidade*. In ÀRIES, P. & CHARTIER, R. (orgs.), *História da Vida Privada* vol. 3. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 231.

Mostro como esses códigos são fortes e dominantes porque informados, legitimados, fundados no discurso científico, médico e jurídico conservador.

**No segundo**, apresento Lota e procuro dar visibilidade às suas obras e intervenções públicas na cidade do Rio. Trabalho a questão das mutações em sua subjetividade, a partir da relação com Bishop e sua inserção profissional no espaço público. Observo como ela consegue ocupar a esfera pública a partir de uma atividade transformadora, cujo exemplo maior é a construção do Parque do Flamengo, em contrapartida ao longo período que se manteve afastada das atividades sociais, isolando-se no alto da serra em Petrópolis, com sua companheira Bishop. É possível pensar que tendo encontrado respaldo nessa nova relação, conseguiu forças para sair e agir em meio à misoginia reinante.

**No terceiro**, trabalho a questão da subjetividade em Bishop, pensada a princípio pelo impacto recebido da cultura brasileira, já que ela vem de um outro pólo – a cultura puritana protestante americana e, num segundo momento, pela força da relação amorosa com Lota. Pergunto como essa transformação subjetiva se manifesta em sua produção poética e na própria autopercepção positiva. Concluindo, mostro que as duas se fortalecem nessa relação: Lota consegue interferir positivamente no espaço urbano, enquanto Bishop escreve, poetiza as próprias emoções.

**No quarto**, exploro o tema de como a experiência nessa relação afetiva possibilita pensar a constituição de um estilo de vida bem diferenciado, alternativo, livre, feminino, diferente do da maioria das mulheres de sua época e de sua classe. Talvez por serem mulheres da elite e lesbianas e, por terem feito da casa um espaço lesbiano. Nessa direção, discuto as *práticas de subjetivação* que elas desenvolvem, entendendo por esse conceito as formas de relação consigo mesmo que se estabelecem a partir dos valores éticos e das

verdades que se incorporam. Maneiras pelas quais os indivíduos participam de sua construção, através da criação de novas relações cotidianas.

Busco perceber se houve entre as mulheres lésbicas a construção de uma performance corporal diferenciada, que não estivesse referendada nos atributos das identidades sexuadas. Uma vez que se nota que há diferenças na apropriação do espaço público para as que portavam roupas masculinas e as que se vestiam com roupas tradicionalmente atribuídas ao feminino. Nesta direção, houve uma alteração na maneira como se relacionaram com o próprio corpo e com os espaços que ocuparam.

No caso de Lota e Bishop, a casa onde viveram aparece como um espaço dessacralizado, ressignificado, assumindo múltiplas funções e sentidos, aberta a múltiplos usos. Consta que a casa abrigava uma relação que era percebida como não hierárquica, simétrica, onde as pessoas crescem juntas, os amigos se vêem e falam de si, debatem também, lugar de troca de informação, porque é um meio super intelectualizado. No entanto, apesar de terem criado um estilo de vida diferenciado, de ter construído o maior Parque ao ar livre do Rio de Janeiro, de ter feito dele parte da sua memória para a cidade, Lota suicida-se em 1967, depois de perder a direção das obras do Parque e seu grande amor, Elizabeth Bishop, que retorna aos Estados Unidos.

**Para concluir**, destaco um paradoxo: apesar da força da relação entre essas mulheres, como explicar a ruptura entre elas e o suicídio de Lota? É possível pensar que entre duas mulheres a relação amorosa pode ser não assimétrica, não hierárquica? Ou os códigos normativos, engendrados socialmente, acabam por informar essas relações despotencializando seu caráter transgressor? Ou ainda, mesmo que a relação seja simétrica, isso garante a continuidade das pulsões?



## Capítulo I. As Singularidades e os Abismos

### “*Atmosfera vaga e majestosa*”

*O que tem de fauna e flora aqui parece um sonho. Chega a ser difícil de acreditar. Além de uma profusão de montanhas nada práticas, e nuvens que entram e saem pela janela do quarto...*

*Elizabeth Bishop*<sup>15</sup>

No início de dezembro de 1951, a poetisa norte-americana Elizabeth Bishop embarcou no navio *Blowplate* para uma viagem de circunavegação pela América do Sul. Depois de dezessete dias a bordo, eis um destino, um continente, um porto. Santos, no litoral de São Paulo, foi a primeira escala. Na chegada, havia iniciado seu primeiro poema de temática brasileira *Questões de Viagem*, escrito sob o impacto que a orla marítima do país havia lhe causado: *Eis uma costa; eis um porto; após uma dieta frugal de horizonte, uma paisagem*<sup>16</sup>.

Uma breve passagem por São Paulo e, finalmente, o Rio de Janeiro; a impressão inicial foi de estranheza, quase aversão; foi recebida pelas amigas Pearl Kazin e, Mary Morse ex-bailarina que vivia no Brasil com Lota Macedo Soares. Bishop as conhecera em Nova York em 1942 e elas emprestaram seu confortável apartamento para a viajante, que pretendia passar alguns dias no país. No início da sua estadia, ela escreveu ao amigo e crítico literário norte-americano Alfred Kazin, que se viu cercada de móveis do escultor Alexander Calder, dos ares de Copacabana, de cariocas por toda parte, e de um café maravilhoso, uma situação completamente inusitada, tanto luxo, em contraste com a

---

<sup>15</sup> BISHOP, E. Op. Carta para Marianne Moore, 14 de fevereiro de 1952, p. 242.

<sup>16</sup> BISHOP, Elizabeth. Poemas do Brasil. Seleção, Introdução e Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia Letras, *Questions of travel*, foi publicado em janeiro de 1956, posteriormente incluído no livro de mesmo nome. Apud. Notas do tradutor: BRITTO, P. H. *Elizabeth Bishop: Os rigores do afeto*, 1999, p. 56.

debilitante cidade, que via da ampla sacada com vista para o mar <sup>17</sup>. A vista panorâmica a encanta, o mar de Copacabana e os homens jogando futebol na praia a impressionam de tal maneira que não consegue distinguir entre o gosto e o desprezo:

*Acho que não estou gostando muito, mas é difícil dizer – é tanta bagunça – uma mistura de Cidade do México com Miami, mais ou menos; tem homens de calção chutando bolas de futebol por toda parte. Começam na praia às sete – e pelo visto continuam o dia todo nos lugares de trabalho <sup>18</sup>.*

Um estranhamento que em poucos dias se dissipa, sua anfitriã Lota desce da serra de Petrópolis no Rio de Janeiro, e a conduz de volta para o alto da serra; avista então uma profusão de flores coloridas, árvores gigantescas, pássaros de ruídos desconhecidos, enormes borboletas azuis, um céu próximo e límpido encantam Bishop no seu primeiro contato com as terras aparentemente inóspitas dos trópicos. Portanto, não foi o Rio de Janeiro, com seus contrastes, entre a *cidade maravilhosa*, cantada nos versos dos poetas e nas músicas do cancionero popular, em contrapartida à carência absoluta, verificada em toda parte que agradou a poetisa desencantada. Foram a serra de Petrópolis e o encontro com sua anfitriã, que a conduziu pelas obras da casa de Samambaia em construção e, com a desenvoltura de alguém que conhecia as medidas exatas explicava os projetos ainda por serem construídos; com a criatividade de uma especialista em artes, descrevia os vários planos da obra. Bishop ficou imediatamente fascinada, principalmente *com as mãos lindas de Lota que gesticulavam enquanto falava* <sup>19</sup>, com a inteligência daquela criatura tão cheia de energia.

---

<sup>17</sup> BISHOP. Op. Cit., 1995, p. 230.

<sup>18</sup> Idem, ibidem. Carta para a doutora Baumann, fevereiro de 1952, p. 252.

<sup>19</sup> OLIVEIRA, Carmen. Op. Cit. 1996.

Nos primeiros dias no alto da serra, Bishop foi acometida por uma terrível alergia. Os cuidados que os brasileiros tiveram com ela, a atenção de Lota à sua saúde, levando-a ao Rio de Janeiro para ser medicada, fizeram com que imediatamente se afeioasse aos amigos, aos funcionários da casa e, sobretudo, aos carinhos da atenciosa anfitriã. Entre comprimidos e injeções, rosto inchado, orelhas vermelhas e doloridas, ataques de asma, alergia por todo o corpo, ocorre a declaração de amor. Lota lhe prometera certos cuidados que ela jamais conhecera: construir um estúdio próximo da casa para ela se dedicar à sua poesia; carinho e segurança, o que a levou a dizer aos seus correspondentes: *Foi a primeira vez que alguém me ofereceu um lar, tanta coisa. O gesto de Lota para mim representou – absolutamente tudo*<sup>20</sup>.

Bishop escreveu cartas de maneira constante, durante toda a sua vida, a amigos, parentes, profissionais da área de literatura, artes, música. Um hábito cotidiano que apreciava, porque era como *trabalhar, sem estar de fato trabalhando*, disse ela certa vez. Escrever cartas era também, uma maneira de reintegrar o correspondente na intimidade de um antigo convívio, do qual não poderia participar.

Quando ela chegou ao Brasil, acabara de passar por uma profunda crise física e emocional, por não se considerar apta ao cargo de consultora de poesia na Biblioteca do Congresso em Washington. Sua médica, doutora Anny Baumann, estimulou-a realizar uma longa viagem pela América do Sul, algo que ela almejava muito, desde quando vivera por nove anos em Key West, uma aldeia de pescadores na Flórida. O objetivo inicial da viagem: permanecer alguns dias no Brasil na companhia das amigas e retomar o percurso, após um breve descanso. No entanto, a declaração do amor de Lota por ela, parece ter sido

---

<sup>20</sup> BISHOP, E. Op. Cit. 1995.

um fator decisivo da sua permanência no país. Não havia um plano estabelecido, foi adiando indefinidamente o retorno, até que no final do ano de 1952, depois de um ano no Brasil, agradece a ela o incentivo dado na realização da viagem, o bem estar que sente no país, e diz:

*Fora um ou outro inchaço mórbido de consciência, acho que nunca me senti tão bem na minha vida, e obrigada mais uma vez por toda a ajuda que você tem me dado – e por me incentivar a viajar para a América do Sul*<sup>21</sup>.

Finalmente parecia ter encontrado no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, na companhia de Lota e na casa da serra de Petrópolis, algo que sempre procurara: uma espécie de paz interior, de alívio para as pressões sociais, um lugar que pode considerar seu e que a fez se sentir *verdadeiramente em casa*<sup>22</sup>.

Bishop passou por profundas mudanças nos primeiros anos vividos no Brasil. Mudanças nas práticas cotidianas, uma nova experiência de si no contato com uma nova cultura, uma sociedade radicalmente diferente. Uma bostoniana, de hábitos sofisticados, que vivera em Paris e Nova York, encontrara em um lugar ermo, mas também bucólico, a tão desejada serenidade. Não se sentia segura como escritora, seu processo criativo lento e perfeccionista criavam dúvidas sobre a qualidade dos seus textos. Assim, foi adiando sua viagem de volta, até assumir que estava se desligando dos seus costumes e disposta a viver no Brasil, na mais completa confusão quanto aos seus próprios hábitos<sup>23</sup>.

Quando esteve doente, sentiu o carinho dos brasileiros e uma espécie de prazer nos cuidados de Lota. Circunstâncias inusitadas, que poderiam alterar seu humor e sua falta de

---

<sup>21</sup> BISHOP, E. Op. Cit, 1995, Carta para a doutora Baumann, de 28 de dezembro de 1952, p. 260.

<sup>22</sup> Idem, ibidem. Carta para Pearl Kazin, 25 de abril de 1953, p. 270.

<sup>23</sup> Idem, ibidem. Carta para a doutora Baumann, 28 de julho de 1952, p.247.

perspectivas pessoais e profissionais tornaram-se divertidas e a fizeram dizer: *há dez anos não me sinto tão feliz*<sup>24</sup>.

Pode-se indagar o que aconteceu com Bishop, nas novas condições em que estava inserida, que a levam a construir novas possibilidades de relação com o seu passado, o qual descreve a partir de interpretações e não de verdades estabelecidas? Mudanças em relação ao trabalho, algo difícil, que ela sempre se desgastava, questionava a própria produção, com dificuldade para iniciar poemas, concluí-los então, era quase uma tortura, demorava anos.

É provável que Bishop começara a exercer no Brasil, um cuidado de si<sup>25</sup>, a tomar conta de si, a preocupar-se consigo mesma e a construir para si uma vida mais digna. Relata para sua médica, a quem recorreu nos momentos mais difíceis de sua vida, a mudança milagrosa pela qual estava passando. Não sabia afirmar ao certo se o consumo de cortisona - para evitar as crises de asma - ou o carinho que sentia na dedicação de Lota por ela, estavam sendo os elementos para essa situação nova em sua vida. O certo é que estava bebendo menos, no máximo uma ou duas vezes por mês e parava antes de ficar mal e, não tinha mais crises de remorso em relação a isso, diz:

*Passei por uma transformação milagrosa, quanto à bebida e quanto ao trabalho. Pensando bem, não é um milagre nenhum – é quase exclusivamente fruto do bom senso e da bondade de Lota. Continuo tendo a sensação que morri e fui para o céu sem merecer, mas já estou me acostumando um pouco com a idéia*<sup>26</sup>.

Bishop jamais pensou em dirigir um carro, não se sentia segura, mas, o incentivo de Lota para que comprasse um, que dirigisse e cuidasse de sua saúde, a fizeram trabalhar com afinco para adquirir um tão sonhado automóvel; como ela conta sobre os caminhos que

---

<sup>24</sup> Idem, ibidem. Carta para a doutora Baumann, 08 de janeiro de 1952, pp. 236-237.

<sup>25</sup> FOUCALT, M. História da Sexualidade, vol. 3. O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 50.

<sup>26</sup> Idem, ibidem. Carta para a doutora Baumann, de 16 de setembro de 1952, p. 250.

precisou trilhar para essa aquisição, pois se mantinha economicamente através de bolsas e prêmios, não era rica e bem sucedida como poderia se supor:

*Eu e Lota ficamos empolgadíssimas - com o anúncio de dois MGs - fomos ao Rio e comprei um deles. Um MG 1952, muito pouco usado, preto, forrado com couro vermelho – só dois lugares.[..] Tive minha primeira aula ontem e foi só então que comecei a sentir que o carro era meu, e limpei a tampa do radiador com um lenço de papel etc. Meu conto que vai sair na New Yorker – tratava-se do conto autobiográfico "Na aldeia" - vai dar certinho para o preço*<sup>27</sup>.

A relação amorosa de Lota e Bishop parece ter permitido a elas uma construção diferenciada de si mesmas, no sentido de criar uma subjetividade na qual se reinventar é também estabelecer novos modos de nomear e significar as práticas sociais, sexuais, cotidianas; é dar-se conta dos múltiplos significados dessas práticas e experiências. Uma relação que pode se dar pelo crescimento de ambas, percebidas aqui pela produção de suas obras, durante os anos da relação amorosa.

Lota, como muitas mulheres da sua geração, não cursara uma Universidade, embora tivesse amplos conhecimentos em pintura, arquitetura, artes e design. Foi para Nova York, na década de 1940, a fim de encontrar uma atividade na qual pudesse se dedicar no Brasil. Como diz David Neimer, que morou no Rio e costumava visitá-las na casa de Samambaia: *Lota parecia não acreditar nos seus conhecimentos, na sua capacidade de conduzir pessoas, de dirigir obras, de criar, de ser respeitada naquilo que sabia fazer*<sup>28</sup>.

Uma brasileira que pertencia à alta sociedade carioca, no entanto, não conseguia encontrar uma ocupação profissional na qual pudesse mostrar seus talentos. Sentia-se inadequada, fora dos padrões. Pertencia a uma família de grandes proprietários de terras por

---

<sup>27</sup> Idem, ibidem. Carta Para Kit e Ilse Barker, de 08 de outubro de 1953, p. 291.

<sup>28</sup> FOUNTAIN, Gary & BRAZEAU, Peter. Remembering Elizabeth Bishop. An Oral Biography. University of Massachusetts Press, 1996.

parte da sua mãe D. Adélia, de quem herdara as terras de Samambaia, em Petrópolis, que foram divididas com sua irmã Marieta. O pai, o jornalista José Eduardo de Macedo Soares, pertencia a uma família de políticos, diplomatas e advogados <sup>29</sup>. A separação dos pais causou profundo pesar na filha, que passou a rejeitá-lo e a culpá-lo por seus problemas. Lota sentia que o pai não gostava dela, que preferia a irmã, mais bonita e mais enquadrada nos padrões femininos do período. Marieta gostava de festas, roupas e jóias, estava sempre com roupas da moda, maquiada, bem trajada; ela preferia usar os cabelos curtos, fumar, dirigir um carro conversível e, namorava mulheres.

Na década de 1940, o pintor Cândido Portinari foi convidado para pintar os murais da Fundação Hispânica da Biblioteca do Congresso de Washington, considerada na época *a mais bela decoração mural realizada nos Estados Unidos* <sup>30</sup>. Em 1941, Lota fazia parte do grupo que foi a Nova York com Portinari, quando conheceu o Museu de Arte Moderna, ficou entusiasmada com o trabalho que estava sendo desenvolvido: mostras circulantes de arte. Na conversa que Lota teve com Elodie Osborn, diretora dessas mostras, ela ficou muito entusiasmada com o que as mulheres faziam nos Estados Unidos. A americana tinha terminado a Universidade em Wellesley, e conseguira um bom emprego no Museu. Lota já havia feito cursos de pintura com Portinari <sup>31</sup>; aulas de arquitetura com Carlos Leão, que a considerava uma arquiteta nata, mas não conseguia exercer de fato uma atividade profissional no Brasil.

---

<sup>29</sup> Ver a respeito: FERREIRA, Armando Olivetti. Op. Cit. 2003, p.36.

<sup>30</sup> SOARES, Lota. In jornal *Diário de Notícias*, 27 de fevereiro de 1942. Arquivo Mário de Andrade. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Neste arquivo, encontram-se seis cartas enviadas por Lota ao escritor Mário de Andrade (AMA-IEB-USP)

<sup>31</sup> Ver entrevista concedida por Maria Portinari, viúva do pintor, concedida a Maria Christina Guido e Rose Ingrid Goldschmidt, para o Projeto Cândido Portinari. Programa Depoimentos, da PUC-Rio, no dia 18 de março de 1983, na qual ela comenta: "Morávamos na casa do Leme, na avenida Atlântica 228. [...] Ali, o Portinari dava aulas para a Lota Macedo Soares, a Rosinha Leão [...]".

Depois desse período em Nova York, voltou disposta a colocar em prática seus conhecimentos. Urbanizou as terras que deram origem à casa de Samambaia, que ela herdara de sua mãe. O terreno foi loteado e ela então decidiu construir uma casa, que planejou com o auxílio do arquiteto Sergio Bernardes, *a casa resumia as idéias apaixonadas de Lota sobre arquitetura moderna*<sup>32</sup>. Nesse lugar, ainda em construção, ela e Bishop moraram em meio a insetos, lampiões, pedreiros e visitantes esporádicos. O encontro com Bishop, parece ter proporcionado a Lota uma maior determinação e estímulo para dirigir a obra e viver em condições inóspitas, ela que era *muito anglófila*, nas palavras de Bishop<sup>33</sup>.

Ainda durante a execução das obras, a casa recebeu o prêmio na II Bienal Internacional de Arquitetura para arquitetos com menos de 40 anos em 1954<sup>34</sup>. Foi necessário organizar um ambiente para as fotos, as visitas para conhecer o projeto, disposição e paciência para agradar a todos. Nesse momento elas conviviam com pedreiros, com explosões matinais de blocos de pedra, com a construção de uma piscina com água corrente, uma estrada, um estúdio para Bishop trabalhar<sup>35</sup>.

Com as obras da casa concluídas em 1957, elas foram passar seis meses em Nova York. Na volta, nova sensação de Lota de não estar fazendo nada, de não se dedicar a uma atividade que pudesse ser vista e valorizada. Queria mais, ousar em algo que ficasse marcado como seu, o qual pudesse aplicar seus conhecimentos e ser reconhecida.

---

<sup>32</sup> OLIVEIRA, C. Op. Cit. 1996, p. 20.

<sup>33</sup> BISHOP, E. Op. Cit. Carta para Kil e Ilse Barker, sexta-feira santa, 1953, p. 267.

<sup>34</sup> Ver a respeito: Revista de Artes no Brasil, Habitat, n. 14, 1954. In Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo

<sup>35</sup> BISHOP, E. Carta para Kit e Ilse Barker, 05 de fevereiro de 1954, p. 304. Ver também: OLIVEIRA, C. Op. Cit. 1996, p. 20.

No final de 1960, Carlos Lacerda, seu vizinho em Samambaia e amigo de longa data, venceu as eleições para o governo do recém criado Estado da Guanabara. Com a mudança da capital brasileira do Rio de Janeiro para Brasília, em abril de 1960, o antigo Estado foi fragmentado em dois: o Rio de Janeiro e a Guanabara. O novo Governador pede então à amiga que colabore com ele no Governo, que escolha uma atividade na qual usasse seus talentos que ele tanto admirava.

Depois de muito divagar, com a ajuda do amigo Oscar Simon, ela escolheu o entulho que ficava na frente do apartamento do Governador. Aquele monte de terra, provinha da área correspondente ao Aterro do Flamengo, uma obra que aterrou mais de um milhão de metros cúbicos do mar e deu origem ao Parque. Lota colocou sua capacidade criativa em prática e realizou uma obra de enorme extensão que se encontra na cidade do Rio de Janeiro, para que possa ser vista, apreciada ou criticada <sup>36</sup>.

Lota ficou tão entusiasmada com o projeto, que estava engavetado desde 1958, quando as terras provenientes do desmonte do Morro Santo Antônio foram lançadas naquela baía. Ao assumir o cargo nas obras do Parque, ela convidou o arquiteto Afonso Reidy para um final de semana em Samambaia, quando chegou, *ele encontrou o projeto espalhado na sala de Lota*, não tinha como recusar o pedido dela <sup>37</sup>. Dedicou-se às obras por mais de 12 horas diárias, *ele foi sua alegria e sua ruína*. Praticamente morava no barracão no meio da construção, supervisionava a obra do maior Parque construído no país, *não o viu pronto* <sup>38</sup>.

---

<sup>36</sup> Ver entrevista com Rosinha Leão, para o Projeto Portinari. Programa Depoimentos da PUC- Rio, do dia 04 de setembro de 1984. PP-PD-PUC-Rio

<sup>37</sup> BONDUKI, Nabil. *Arquitetos Brasileiros*. Portugal: Editora Nau e Instituto Lina Bo Bardi e Pietro Maria Bardi, 1982. BN- Rio de Janeiro

<sup>38</sup> LESSA, Elsie, amiga íntima de Lota, que esteve com ela alguns dias antes de ela ir para Nova York, escreve um epítáfio: *Lota Macedo Soares*, no jornal *O Globo* de 06 de outubro de 1967. BN-Rio.

É provável que Lota e Bishop tivessem construído para si mesmas um estilo de vida diferenciado, no sentido que criaram para si mesmas estratégias de subjetivação que escapam aos modelos tradicionais, baseados no casamento burguês e na maternidade. Um processo no qual executaram determinadas ações sobre si mesmas que as transformaram, a fim de que construíssem uma forma desejada para suas existências. Uma relação que parece oferecer uma forma de resistência diante das normas dominantes, como o Estado e as instituições tradicionais: *uma subjetividade como decisão ético-estética, como cuidado de si*<sup>39</sup>.

Nas cartas escritas por Bishop encontra-se grande parte das informações, na qual visualizo essa transformação narrada aos amigos, não como uma maneira de se isolar do mundo, mas, de se conhecer, de a conhecermos por meio da sua escrita. Uma literatura que Philippe Àries chamou de *autógrafo*<sup>40</sup>, escritos sobre si, e em muitos casos, para si mesmos, por serem textos redigidos pelo simples prazer, como diz ela: *tenho pena das pessoas que não conseguem escrever cartas. Mas desconfio também que eu e você, Ilse, adoramos escrever cartas porque é como trabalhar sem estar de fato trabalhando*<sup>41</sup>.

A casa, ao ficar pronta, tornou-se ponto de encontro de um grupo de pessoas intelectualizadas, por serem na maioria membros da elite carioca, escritores, jornalistas e intelectuais, pessoas que *sentem um prazer inédito em ficar em casa e manter relações com uma pequena sociedade*<sup>42</sup>.

---

<sup>39</sup> ORTEGA, F. Op. Cit. 1999, p. 23.

<sup>40</sup> ÀRIES, P. Introdução. In História da Vida Privada, vol. 3. Da Renascença ao Século das Luzes. ÀRIES & CHARTIER, R. (orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 11.

<sup>41</sup> BISHOP, E. Op. Cit. Carta para Kit e Ilse Barker, 05 de setembro de 1952, p. 29.

<sup>42</sup> ÀRIES, P. Introdução. In ÀRIES, P. & CHARTIER, R. (orgs.). História da Vida Privada, vol. 3, Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, p. 11, 1991.

Na década de 1950, momento em que iniciaram sua relação amorosa, havia na mídia o predomínio da imagem genérica da mulher destinada às prendas domésticas, balizada no estereótipo da esposa feliz, cercada de eletrodomésticos modernos, capazes de satisfazê-las nas atividades do privado. A mulher elegante e bem vestida permeia as páginas das revistas femininas e dos seus artigos, alicerçados no ideal da felicidade e da beleza <sup>43</sup>.

A participação feminina no mercado de trabalho era percebida como uma ameaça à ordem social e ao bem estar da família. Nos artigos das revistas, a preocupação com a manutenção das mulheres na esfera doméstica é preponderante, ela deve se manter *no seu devido lugar*, nas funções e atributos destinados ao gênero feminino, como a fragilidade, a passividade e a dependência econômica do marido.

De acordo com vários trabalhos, na década de 1960, começa a se configurar a imagem da *nova mulher*, que se submete ao mercado de trabalho como uma possibilidade de melhoria econômica para a família<sup>44</sup>. Ocorre neste momento uma retomada na afirmação do privado como espaço feminino, em virtude do grande número de mulheres de classe média em novas funções no espaço público e no mercado de trabalho, mas que devem se manter femininas, disponíveis aos afazeres domésticos.

Desenvolveu-se um duplo padrão da moralidade feminina: de um lado a docilidade, a paciência e a devoção ao marido; do outro, a imagem da sensualidade, mas com uma certa

---

<sup>43</sup> SANT' ANNA, Denise. A autora desenvolve em sua tese de doutorado o ideário da beleza, na construção da feminilidade desse período. In *La Recherche de la Beauté: une contribution à l'histoire des pratiques et des représentations de l'embellissement féminin au Brésil – 1900 à 1980*. 1994, Paris: Université de Paris VII.

<sup>44</sup> Ver ARCHANJO, Léa Resende. *Ser Mulher na Década de 50. Representações Sociais Veiculadas em Jornais*. A autora trabalha com as representações presentes nesta mídia, no Estado do Paraná. In TRINDADE et alii, *Mulheres na História do Paraná*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1997; BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas. Revendo as Mulheres. Revistas Femininas e relações homem-mulher, 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

dose de ingenuidade, como a da atriz francesa, Brigitte Bardot <sup>45</sup>, sinônimo de volúpia e meiguice. Os interesses femininos voltam-se para o lar, o homem, os filhos, a aparência, como no exemplo da moda feminina, no qual o corpo é bem demarcado: vestidos acinturados, blusas tomara-que-caia, biquínis na praia <sup>46</sup>.

As profissões mais honrosas para as mulheres eram certamente a de dona-de-casa, e depois, a de professora. Havia a exigência de que as mulheres fossem cultas e bem informadas <sup>47</sup>, mas isso não podia ameaçar o poder masculino e nem o modelo familiar. É indicado que ela mantenha a performance própria das imposições ao modelo feminino tradicional, pelo qual os homens devem ter ilusão da sua superioridade, o que não ameaça a hierarquia de gênero no interior da família, base do modelo da Nação.

Entretanto, a possibilidade do trabalho feminino é relevante para as solteironas, um sinônimo da mal amada, afinal, como não conseguira arranjar marido? O que parecia ser uma obrigação para as moças de boa família, porque certamente isso não ocorria para aquelas pertencentes às camadas pobres, que desde sempre tiveram que trabalhar e ocupar o espaço público, mesmo correndo o risco de serem violentadas por isso <sup>48</sup>.

---

<sup>45</sup> SILVA, Hélio. Certas Cariocas. Travestis e Vida de Rua no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 65, 1996.

<sup>46</sup> BASSANEZI, C. Op.Cit.p. 193, 1996.

<sup>47</sup> BESSE, Susan. Op. Cit. A autora desenvolve uma grande discussão sobre a educação feminina do período, voltada para profissões consideradas femininas, professora é a principal carreira para uma mulher.

<sup>48</sup> CAULFIELD, Sueann. Em defesa da Honra. Moralidade. Modernidade e Nação no Rio de Janeiro, 1918-1940. Campinas: Unicamp/Cecult, 2000. A autora explica que o código moralidade civil em vigor na década de 1940, no Rio de Janeiro, não considerava as mulheres pobres que trabalhavam fora de casa, assim, uma mulher jovem que circulasse pelas ruas desacompanhada, era vista como disponível, portanto, caso sofresse algum abuso sexual, os juizes, absolviam o homem que as tivesse violentado.

As mulheres que se decidiram por uma carreira profissional tiveram que enfrentar a solidão <sup>49</sup>. Qualquer forma de relacionamento afetivo fora do casamento burguês tradicional seria considerada um atentado à moral, apesar do alto número de *amantes* no período <sup>50</sup>. Uma palavra que significava a *outra mulher*, aquela que o marido mantém fora do casamento, muitas vezes com o conhecimento da esposa, que deveria ignorar sua existência, a fim de manter a moral da família. Como diagnosticava Carmen da Silva <sup>51</sup> em seus artigos, a *rainha do lar*, era na verdade uma escrava, sem palavra, sem direito a construir sua subjetividade, capturada pela instituição familiar.

Às mulheres caberia apenas o privado, os afazeres domésticos, a limitação de consolidar o quadro familiar, as que fugissem desse estereótipo, que buscassem a autonomia, tinham pouco ou nenhuma visibilidade, poucas chances de praticar seus conhecimentos, limitada liberdade de ação. Uma mulher solteira que se relacionasse afetiva e sexualmente com outra mulher, tornava-se um fantasma social, percebida pela sociedade como uma pessoa sem respeito, indigna.

No caso de Lota e Bishop, parece ter havido uma maior liberdade de costumes, pois eram mulheres da elite, o grupo que freqüentava sua casa era formado por pessoas cultas, viajadas. Entretanto, no imaginário dos anos 1950, a relação amorosa entre duas mulheres foi vista como aberração, um perigo social, alguém capaz de matar e morrer por amor, dizia o discurso dominante dos médicos e juristas. Talvez por isso, Lota e Bishop permaneceram

---

<sup>49</sup> BASSANEZI, C. Op. Cit. 1996, p. 220. Ver também BESSE, S. Op. Cit.. A autora cita a história de Brites, que trabalhou a vida toda como professora, e sentia que na vida fora um "nada e ninguém", referindo-se ao fato de não ter se casado e ao baixo status da sua profissão. Apud. BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos. São Paulo: T.A. Queiroz/USP, 1987, p.176.

<sup>50</sup> Infelizmente não consultei nenhuma fonte sobre a presença da amante, como a outra companheira, no entanto, vários depoimentos de mulheres que viveram neste momento, atestam sua existência, sobretudo, entre os segmentos de maior poder aquisitivo.

<sup>51</sup> Carmen da Silva foi redatora da revista feminina Cláudia e marcou o início dos discursos sobre a emancipação feminina. Apud BASSANEZI, C. Op. Cit. 1996, p. 320.

por quase dez anos na casa de Petrópolis, protegidas do olhar discriminador, preconceituoso e misógino daquele momento.

Betty Friedan<sup>52</sup> mostrou o mal-estar das mulheres da classe média americana no seu estilo de vida, por meio dos mecanismos forjadores do feminino, impostos pela mídia. Nas propagandas, amplamente difundidas nesta época, as donas de casa, aparecem felizes ao lado dos seus eletrodomésticos, um artigo tornado obrigatório para a satisfação das suas necessidades. De acordo com a autora, a espontaneidade e criatividade cedem lugar às convenções sociais. Neste sentido, apresento no próximo item, as barreiras para a emancipação feminina, através da análise das *Abelhinhas*<sup>53</sup>, uma associação feminina que funcionou no eixo dos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, voltada para a valorização feminina por meio das atividades domésticas. Este trabalho evidencia quanto os afazeres da casa foram fundamentais para que elas se sentissem integradas socialmente, à medida que percebiam seu trabalho como improdutivo. A visibilidade na elaboração de um bom confeito garantia o reconhecimento entre as participantes do grupo. Entendo que a atuação desse grupo é paradigmática para a percepção do que essas mulheres entendiam sobre o seu trabalho doméstico e como fizeram dele um lugar de visibilidade das suas atividades, embora não estivesse pautado na emancipação feminina.

---

<sup>52</sup> FRIEDAN, Betty. *Mística Feminina*. 1971, 1ª edição. Petrópolis: Vozes.

<sup>53</sup> SILVA, Alice Inês de Oliveira, *Abelhinhas numa diligente colméia: domesticidade e imaginário feminino na década de cinquenta*. In COSTA, Albertina & BRUSCHINI, Cristina (orgs. ) *Rebeldia e Submissão. Estudos sobre condição feminina*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: Fundação Carlos Chagas, 1989, pp. 143-172.

## Concepções femininas: Rebeldes ou Submissas?

*A mulher "tal como deve ser", principalmente a jovem casadoura, deve mostrar comedimento nos gestos, nos olhares, na expressão das emoções [...]. A mulher decente não deve erguer a voz. O riso lhe é proibido. Ela se limitará a esboçar um sorriso.*

*Michelle Perrot*<sup>54</sup>

Nas revistas femininas de grande circulação nos meios urbanos no Brasil, entre as décadas de 1930 e 1960, as figurações das mulheres recatadas, comedidas nos gestos e de preferência felizes com as suas funções mantiveram-se nesse padrão normativo, com exceção daquelas que deliberadamente romperam com as normas<sup>55</sup>. A mídia reforçava os parâmetros para a conduta de uma moça de família; imagens estereotipadas enfatizavam o modelo da família burguesa, branca, classe média, com os contornos e a hierarquias de gênero bem definidas. Essas imagens apresentavam uma espécie de consenso sobre certos valores sociais, como casamento monogâmico, trabalho feminino, felicidade conjugal. As conselheiras destas revistas buscavam convencer as mulheres de que a felicidade conjugal dependia de seus esforços e de sua resignação, respeitando, *acima de tudo*, os desejos do marido.

O instinto maternal, a realização conjugal, a felicidade no lar faziam parte de algo inquestionável e inexorável à vida doméstica, marcas da feminilidade. Não respeitar essa moral dominante significava estar *contra a natureza* e, por isso, essa mulher jamais poderia ser feliz. Afinal que tipo de realização teria uma mulher fora do casamento? O que norteava a educação de uma menina de família tinha como finalidade o casamento, e para consegui-

---

<sup>54</sup> PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher, In O corpo feminino em debate. MATOS, Maria Izilda & SOIHET, Rachel (orgs.). São Paulo: Editora Unesp, 2003, pp. 13-27.

<sup>55</sup> Os exemplos desse período são poucos, como a anarquista Maria Lacerda de Moura, e a atriz Luz del Fuego; as atrizes que começaram a aparecer publicamente, confessam as pressões que sofreram da sociedade, como Fernanda Montenegro, que conciliou a carreira, com o casamento e a maternidade.

lo, esta precisava possuir bons modos em público: não rir demais; não se mostrar solícita e íntima aos rapazes; conservar a aura de *moça de família*, preservar suas virtudes e conter sua sexualidade em limites bem estreitos: *dando-se ao respeito*. Uma moça alegre, popular, que tivesse amigos do sexo masculino seria considerada uma leviana, *aquelas que os rapazes namoram, mas não casam* inadequada para constituir uma família<sup>56</sup>.

Neste momento, predominava como princípio moral o ideal da moça bem comportada, um atributo que se modificava de acordo com as cidades de maior ou menor porte, e nas capitais a diferença, por exemplo, entre Rio de Janeiro e São Paulo. Uma família carioca possuía, em geral, hábitos mais liberais, principalmente, as que habitavam Copacabana, onde os costumes se transformaram na década de 1950. Os meios artísticos nessa cidade foram mais vanguardistas, e havia um intenso alvoroço no ar, com as mulheres ocupando espaço nas rádios, nas boates, na noite.

No interior de uma família a compreensão dessas mudanças em curso podia se alterar: para algumas, tocar violão e cantar estava associado à boêmia, à marginalidade; para outras, indiferentes a esses ambientes, significava uma prática que remetia aos antigos saraus elegantes do início do século; para outras ainda, era uma forma de fugir da pobreza, exemplo da cantora e compositora, Dolores Duran, que saiu da periferia para ocupar o palco das boates<sup>57</sup>. Um período marcado por uma intensa ambigüidade, em relação às prescrições sociais, entre a preservação do feminino imposto, o da mãe e esposa, e a maior ocupação feminina no mercado de trabalho e em novas atividades profissionais.

---

<sup>56</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto: Editora Unesp, 1997, pp. 607-639.

<sup>57</sup> MATOS, Maria Izilda S. Dolores Duran, Experiências Boêmias nos Anos 50. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

Os jornais e revistas passaram a veicular a imagem uma mulher que estava entre a tradicional, que se mantém na esfera privada, mas também ocupa o mercado de trabalho, assumindo novas funções sociais <sup>58</sup>. No entanto, como assinalado anteriormente, o trabalho fora de casa não era visto como um meio de realização pessoal, de independência financeira, as mulheres continuavam presas ao forno e fogão e nem mesmo como emancipação feminina.

As mudanças no comportamento de algumas mulheres, que assumiram funções profissionais fora de casa, criaram no imaginário, a tendência a considerá-las masculinizadas. O acesso a novas funções reforçou no discurso dos meios de comunicação, a casa como o lugar por excelência do feminino. Nos anos 1950, a revista *O Cruzeiro*, e o *Suplemento Feminino d' O Jornal*, são utilizados aqui para focar a imposição que a mídia exerceu na manutenção das representações sociais de gênero desse momento. Observando as páginas dessas publicações, percebo nos sugestivos títulos dos artigos, uma constante troca de idéias entre as leitoras, e as responsáveis pelas colunas, dirigidas ao público feminino que mantém essa estrutura, não há nenhuma contestação, pelo contrário, uma completa submissão às diretrizes apontadas pelos discursos dominantes.

A articulista Maria Teresa dirige conselhos acerca da manutenção do casamento, da educação sexual dos filhos, das vantagens de ser mulher, boa esposa, bem como conselhos psicológicos para aquelas com problemas no casamento. Procurava-se prescrever a reordenação do ambiente familiar, com palavras enunciadas de forma codificada, para que apenas a leitora que as tivesse escrito, pudesse reconhecê-las. Uma seção marcada por um discurso que normatiza diferentes práticas ligadas à ordem e à moral familiar. A responsabilidade dos pais na educação dos filhos; a proibição aos carinhos excessivos entre

---

<sup>58</sup> ARCHANJO, Leá Resende. Op. Cit. p. 157, 1997.

os noivos antes do casamento; a *manutenção da virgindade*, um ícone da moral sexual do período.

Um exemplo interessante aparece em uma carta, escrita em tom de desespero, de uma leitora arrependida das suas atitudes ocorridas antes do casamento, intitulada: *o que me atormenta é o remorso*, na qual parece desabafar sobre certas intimidades que tivera com um namorado, o que não está explícito no texto. Um caso que poderia infligir na desestabilização da estrutura familiar, pela qual ela seria responsabilizada, portanto, ela não deveria confessar ao marido, diz ela:

*Realmente é um caso grave, o seu. Não ceda ao desespero, porém, lembre-se de que é responsável pela felicidade de uma família; procure aperfeiçoar seus dotes de espírito, tenha calma. E mantenha-se alheia ao passado até o dia em que se vir obrigada a confessá-lo ao seu marido. É possível que esse dia jamais chegue, o que eu desejo ardentemente. [...] Use todos os meios lícitos para fugir à presença que teme e jamais toque com ela uma palavra que precise ser ocultada do seu marido. E fique tranqüila quanto à sua carta.*

Outra seção da mesma revista destinava-se aos cuidados com o corpo, principalmente com a pele, pois não se mencionava assuntos diretamente relacionados à saúde sexual da mulher, como problemas hormonais, menopausa, considerados ofensivos para a época. Os temas discutidos voltavam-se para os cuidados estéticos, como a manutenção do peso ideal, suplementos alimentares, cabelo e pele bem tratados. Percebe-se nestes meios de comunicação um cuidado rigoroso com o corpo e a saúde física:

*A pele não é somente a cobertura do corpo; a pele é um órgão como o coração, os pulmões, os rins e como eles deve cumprir funções vitais. Por isso, lembramos que você não conseguirá uma pele perfeita, se não tiver com ela determinados cuidados e uma alimentação adequada. Os cuidados básicos: um bom sono – 8 horas no mínimo -, depois um pouco de ginástica ao ar livre, se possível, a seguir um verdadeiro banho; logo uma boa refeição*

*matinal e por último os cosméticos. Eis um bom princípio para o seu dia, seja ele de lazeres, ou de muito trabalho.*

A articulista Helena Sanguardo assinava a seção relacionada ao desempenho de uma série de atividades domésticas: cuidados na educação dos filhos; elaboração de receitas saborosas e originais; execução de pratos bem trabalhados; enfeites para festas, tudo bem colorido para a decoração do lar de uma família feliz. Uma grande preocupação: dar suporte psicológico e educacional para as mães, com certos cuidados em relação aos filhos. O universo doméstico e a forma como as mulheres imprimiram nele as suas marcas aparecem como uma forma de garantir poder sobre este espaço, o qual confere visibilidade às artes do fazer feminino, cuidando atentamente da higiene dos filhos, sinal de saúde e de esmero de uma boa mãe:

*Naturalmente a mamãezinha não ignora que os hábitos de higiene começam com o banho diário e as fraldas secas e vão seguindo, anos afora, com a roupa limpa, os dentes escovados, cabelos penteados, unhas cortadas etc. [...] Um dos pontos importantes da higiene são os dentes, que devem ser limpos após as refeições de sal. [...] Um algodão embebido em leite de magnésia é o que os pediatras recomendam para a limpeza dos primeiros dentinhos<sup>59</sup>.*

A circulação de idéias, valores e informações relacionadas aos afazeres das donas de casa emergem também das páginas do *Suplemento Feminino d'O Jornal*<sup>60</sup>. Nesta publicação foi possível perceber como foram acionados mecanismos de inclusão, e um exercício de solidariedade das sócias do *Clube Feminino*, por meio das cartas publicadas, enviadas pelas leitoras. A manutenção das representações sociais de gênero por essa mídia

---

<sup>59</sup> SANGUARDO, Helena. Revista *O Cruzeiro*. Seção Lar Doce Lar, 26 de julho de 1952.

<sup>60</sup> Jornal semanal pertencente ao grupo *Diários Associados*, Rio de Janeiro, Publicado entre 1949 e 1963. BN-Rio.

destaca-se pela maneira como as próprias mulheres utilizaram seus dotes domésticos para adquirir notoriedade para além do privado. As sócias usavam certos códigos comuns entre elas e criaram estratégias para adquirirem visibilidade, a maioria delas, donas de casa em atividades exclusivas do privado.

Nestes artigos, percebe-se como e quanto, o assujeitamento feminino à esfera do privado foi marcante nos anos 1950, com a exaltação do trabalho doméstico e das atividades específicas do cotidiano nos lares: a execução de certos pratos; os cuidados com a casa; a habilidade na preparação de enfeites para pratos sofisticados; o poder do fazer e desfazer que tornava as mulheres que publicavam suas receitas reconhecidas, por meio de uma linguagem comum utilizada por elas.

O que mais se destacava neste suplemento era a categoria de *Sócias do Clube de Leitoras*, no qual é possível reconstituir o universo doméstico, do imaginário social das donas de casa das camadas médias. A singularidade desta publicação está na colaboração enviada pelas sócias, que reflete *uma visão de mundo, um estilo de vida, uma estética, padrões de gosto de um público feminino*, o que permite desvendar o universo doméstico feminino, a partir das próprias personagens, expresso nas receitas dos trabalhos manuais.

Na década de 1950, havia por um lado, uma grande modernização e desenvolvimento industrial, voltado para a aquisição de bens de consumo e novas tecnologias por certos setores da população; por outro lado, não existia um amplo debate sobre a divisão tradicional dos gêneros, nem a contestação do trabalho doméstico como atributo *natural* das mulheres.

O *Clube das Leitoras* deste jornal foi um espaço de emissão de um discurso feminino que permitiu a voz, a visibilidade, a sociabilidade e a circulação de idéias, que engendra uma rede de relações entre suas participantes, *sócias*, ou *abelhinhas*, como elas se

definiam. Por meio da correspondência trocada entre elas, foi possível perceber o não conformismo à sua invisibilidade, sobretudo, em relação ao trabalho doméstico, e às ações nos bastidores, normalmente desprezados, que procuravam evidenciar, seja por sua capacidade de articulação ou pela valorização do significado implícito ao trabalho que realizavam, ao torná-lo público.

A amplitude dessa publicação permitiu a expansão das atividades e algumas conquistas das sócias, como espaço para aulas de trabalhos manuais; reuniões em Salões Paroquiais e Clubes nas periferias; festas comemorativas; viagens aos núcleos mais distantes, localizados em outros Estados brasileiros. As líderes eram mulheres bem informadas como advogadas e professoras, mas a grande parte das sócias era composta por mulheres de regiões periféricas e, o fato de se organizarem no seu trabalho doméstico cotidiano para poderem freqüentar as reuniões, demonstra o grau de envolvimento delas nas atividades do *Clube*. O grupo era muito eclético, o que as unia era o fato de pertencerem àquele segmento específico. Em contrapartida a outras publicações da época, preocupadas com novos hábitos de consumo, neste suplemento, são as próprias sócias que estimulam a domesticidade. Como sugere esse artigo:

*As sócias são 'Abelhinhas' e o Clube, a 'Nossa Colméia' dirigido pela 'Nossa Abelha Mestre' – Elza Marzullo. Quando reunidas, logo começavam a 'zumbir' enquanto fabricavam 'o nosso precioso mel', metáforas para descrever as aulas e reuniões do Clube, em que muitas mulheres juntas, trabalhavam tagarelando. Usar o seu 'ferrão' é fazer pressão para conseguir o desejado – geralmente para pedir a uma sócia que publicasse moldes, receitas, já que o não ter tornado público uma determinada habilidade, era sempre visto como prova de modéstia, não como egoísmo*<sup>61</sup>.

---

<sup>61</sup> SILVA. Op. Cit. 1989, p. 151.

A identidade das sócias foi construída a partir da exaltação das atividades femininas, restritas ao lar. A publicação transmitia uma imagem das leitoras que pode ser sintetizada, por exemplo, na propaganda das máquinas de costura Minerva: *Hoje para a Senhora, amanhã para a sua filha, depois para a sua netinha.*

Uma solidariedade marcante sobressaía no discurso das sócias, por meio de ajudas mútuas presentes em certos títulos das cartas com em *Apelos Urgentes*, destinado a atender situações de carência de pessoas comuns; visitas a doentes e a asilos; além de festas e confraternizações, nas quais elas se distinguiam, pelo uso de um distintivo na lapela do casaco, ou no vestido, no formato de uma pequena abelha.

Em comparação com as outras publicações femininas da época, que enfatizavam os concursos de misses ou as cantoras do rádio, o *Clube das Leitoras* fazia parte de um outro universo, calcado nos valores domésticos e na valorização do feminino tradicional. Uma correspondente do Estado de Minas Gerais, que tivesse se destacado nas suas contribuições para o jornal, seria prontamente reconhecida através de cartas e manifestações de apreço por sua ajuda às demais. Essas donas de casa parecem se sentir confortáveis com uma visibilidade marcada pela domesticidade feminina. O que se tentou fazer para inseri-las nas discussões voltados para questões públicas mais abrangentes, como o boicote a certos produtos, em função do seu preço elevado, não parecia afetá-las, pois elas simplesmente ignoravam esses projetos. O que lhes interessava, era a confecção de confeitos, bordados e enfeites.

O importante para elas era a manutenção de um espaço que mediatizava o público e o privado, função essa garantida pelo *Clube*. Isto também legitimava e ampliava os limites de circulação das sócias, e acrescentava ao universo feminino certas características que, ao serem adquiridas, tornavam-se atividades profissionais.

Esta publicação esclarece o quanto o discurso da domesticidade e da incorporação do imaginário feminino foram eclipsados pelas próprias mulheres, sem que estas tivessem chance de elaborar alguma forma de resistência, aliás, esse não parecia ser o objetivo das suas atividades.

Entretanto, nem todas compactuaram com esse discurso normativo e disciplinador. Muitas conquistaram espaço na sociedade, exercendo profissões consideradas masculinas, como as engenheiras e arquitetas no Rio, nos anos 1950, como a engenheira civil Carmen Portinho, responsável pelo projeto de urbanização do Rio; Bertha Leitchic, engenheira que elaborou os cálculos de vários túneis, ou Ethel Bauzer Medeiros, considerada uma das maiores recreacionistas brasileira, que trabalhou com Lota no Parque do Flamengo. No entanto, essas mulheres não se envolveram em relações homoeróticas, nem romperam com o casamento tradicional, embora tenham enfrentado a resistência da sociedade conservadora.

Em contrapartida, consta que as protagonistas dessa história Lota e Bishop, não se enquadravam nos estereótipos tradicionais do gênero feminino, pois viveram no privado, mas fizeram dele um lugar de sociabilidade e de vivência da sua relação amorosa. Aqui o privado aparece como espaço de emancipação feminina e não de assujeitamento. Isto permitiu a elas um determinado conhecimento sobre si mesmas, que não se identifica, necessariamente com as práticas femininas impostas socialmente. No sentido que as atividades vividas no interior da casa rompem com o paradigma culturalmente imposto ao feminino, pois puderam criar formas diferenciadas de compartilhar interesses próprios com os amigos e os funcionários da casa.

Contudo, elas não foram as únicas mulheres a viverem uma relação amorosa no Rio dos anos 1950. Havia outras mulheres que atuaram no período como uma ruptura aos

modelos tradicionais. Não havia apenas os clubes destinados às famílias bem estruturadas, mas também espaços outros nos quais as pessoas circulavam para além dos códigos normativos, como bares, boates e restaurantes.

Lota e Bishop, como grande parte das mulheres envolvidas em relações homoeróticas, não freqüentavam os lugares públicos, privilegiando festas em ambientes mais reservados e restritos a um pequeno grupo. No entanto, parece fundamental conhecer os lugares de vigência de pessoas nessas práticas, marcadas por sutis rupturas em relação à tradição. Havia uma sociabilidade pública diferenciada no Rio desse período, espaços alternativos composto por personagens que vagavam na noite em busca do inusitado. Os supostamente excluídos, marginalizados por suas escolhas, pela boêmia. Pessoas que encontraram em certos ambientes seu grupo de afinidade, e fizeram dele uma segunda casa, um lugar de encontro e também de troca cultural <sup>62</sup>.

Os intelectuais e músicos, como Vinícius de Moraes e Ary Barroso, fizeram do bar e da boate uma outra casa, *uma espécie de praça pública preservada*, onde se podia encontrar a palavra certa sobre assuntos variados. Um lugar de protesto, distante dos conflitos familiares, onde se podia criar uma outra família, eleita por amigos selecionados, fiéis, que dividiam entre si as mesmas referências culturais <sup>63</sup>. O clima social do Rio era marcado por uma atmosfera transgressora de alguns pontos da cidade, como Copacabana, um mundo à parte, como afirmavam os cronistas. Nestes lugares públicos praticava-se uma sociabilidade diferenciada, alternativa, em relação à família; fluída, pela liberdade de entrar e sair, sem normas rígidas, sem horários estabelecidos.

---

<sup>62</sup> VELLOSO, Monica. Modernismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p.51. A autora mostra como os bares se constituíram em locais de sociabilidade de intelectuais e artistas nos anos 1950.

<sup>63</sup> CASTRO, Ruy. Ela é Carioca. Uma Enciclopédia de Ipanema. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

## Nas esquinas de Copacabana, as noites se diversificam

*Bares e boates são percebidos como "válvulas de escape", como locais para extravasar o que é contido no dia a dia, na convivência e sociabilidade com pessoas não homossexuais. Espaços alternativos de vivências "lésbicas" não possíveis em outros lugares.*

*Teresa Sbardellini<sup>64</sup>*

Nos anos 1950, a cidade do Rio de Janeiro e seus respectivos bairros passaram por profundas transformações urbanísticas. Copacabana emerge nesse período como um espaço de ampla liberação dos costumes. Boates escuras, bares para os mais diferentes gostos e paladares, restaurantes modernos e sofisticados, com música ao vivo de qualidade, compõem um novo cenário da cidade que se moderniza.

Uma cidade simbolizada por contrastes, um ambiente eclético e multifacetado, composto por lugares onde a vida acontecia durante a madrugada, com pessoas de todos os hábitos, culturas e idades. Os indivíduos se misturavam independentemente das suas origens, crenças, classe social. As pessoas com hábitos próprios da boêmia, como percorrer a cidade durante a noite, fizeram de Copacabana um lugar de encontro, de sociabilidade.

Enquanto espaço de transgressão, Copacabana abrigava um grupo bastante heterogêneo de pessoas, no qual as mulheres lesbianas da elite se ocultavam entre tantos, pois não queriam ser vistas, não podiam romper abertamente com os costumes. Com exceção das cantoras de rádio, das garotas do teatro de revista, que não temiam as repressões que poderiam ocorrer por estarem sós, por não representarem o modelo da

---

<sup>64</sup> SBARDELLINI, Teresa B. Homossexualidade Feminina e Neuroticismo. Tese de Mestrado em Psicologia Social. Campinas: PUC, 1979, p. 132.

mulher bem comportada. Nesses lugares cruzavam-se as pessoas que adotaram uma vida independente, sem a preocupação de corresponder às normas socialmente impostas.

A cidade borbulhava em suas transformações e as protagonistas dessa história, Lota e Bishop, pouco freqüentavam esses espaços públicos, provavelmente participassem de reuniões em ambientes particulares, como a casa dos amigos mais íntimos. Consta que elas se mantiveram na casa da serra, vista aqui como espaço lesbiano, local de maior liberdade de ação, onde recebiam os amigos, administravam as atividades dos funcionários, criando para si mesmas uma sociabilidade privada, eletiva.

Bishop, por sua personalidade tímida, vivendo em um país no qual se comunicava com dificuldade, voltou-se aos afazeres domésticos: manutenção dos jardins e plantas; cuidados com o tucano Sam; o gato Tobias; com os filhos dos funcionários da casa. Durante uma década, elas se mantiveram na casa do alto da serra, saindo apenas em circunstâncias específicas: visitas ao médico, dentista, costureira, viagens a Cabo Frio com a família Leão, meses em Nova York em 1957.

Lota não gostava de viajar pelo Brasil. As condições dos meios de transporte e das estradas não a animavam a tal empreendimento, ela que era apaixonada por automóveis modernos. Como mulher da elite, não gostava de estar em meio a pessoas desconhecidas, em meio à população, talvez por preconceito, talvez por ser reservada e eletiva, talvez por sua dificuldade em se expor.

A importância de destacar os espaços públicos dos bairros cariocas, onde se encontrava uma sociabilidade alternativa em relação aos padrões dominantes, aparece aqui em contrapartida ao espaço privado da casa de Samambaia.

Na década de 1940, o espaço da boêmia, dos encontros furtivos, dos amores ilícitos se dava no bairro da Lapa. Muitos convergiam para o bairro em busca de música de

qualidade para ouvir, pessoas diferentes e interessantes para conversar. Um lugar que tinha nas suas ruas estreitas e sinuosas, ilustres moradores: o poeta Manuel Bandeira, os escritores Jorge Amado, Mário de Andrade, Murilo Mendes e o pintor Cândido Portinari, celebridades do bairro, freqüentavam os cabarés, para juntar-se aos nomes importantes da música popular brasileira: Noel Rosa, Cartola, Nelson Cavaquinho, Chico Alves <sup>65</sup>.

A Lapa foi neste período um lugar marcado por uma convivência eclética, limítrofe, marcada pela ousadia dos artistas, cantores, compositores em cartaz e suas boates freqüentadas por gente endinheirada de todo o país. Damas da noite famosas, malandros e valentões prontos para uma briga, como, por exemplo, o famoso Madame Satã, orgulho e horror do bairro. Em menos de uma década seus malandros desapareceram ou simplesmente mudaram de endereço. Com a retirada dos bondes de circulação, a construção da Avenida Perimetral e a urbanização acelerada dos anos 1950-1960, a Lapa, enquanto espaço da boêmia, praticamente desapareceu. O que restou daquela vida movimentada, de cabarés sempre cheios, dos grandes crimes passionais, dos bares e cafés abertos pela madrugada, ficou na recordação <sup>66</sup>.

A transgressão na Lapa acontecia nas ruelas de difícil acesso, nas boates de clima denso, comandadas por mulheres da noite muito maquiadas, aparentemente mal amadas e quase sempre embriagadas, espaços possivelmente considerados vulgares, inadequados para Lota e Bishop.

Com as transformações urbanas ocorridas na cidade em 1950 (a remoção de morros; a aberturas de túneis, ruas e avenidas) emerge o bairro de Copacabana, como um novo e

---

<sup>65</sup> GREEN, James. Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p.147.

<sup>66</sup> DAMATA, Gasparino. Antologia da Lapa: Vida Boêmia no Rio de Ontem. Rio de Janeiro: Codecri, 1978. BN- Rio.

espetacular lugar para a convivência dos múltiplos sujeitos que se aglomeram nessa reduzida área. Desde 1922, com a inauguração do hotel *Copacabana Palace*, esse movimento já se esboçava, mas foi nesse período que se tornou dominante.

A mudança da cartografia do prazer da Lapa para Copacabana marcou também uma transformação nas práticas da transgressão. Na Lapa, a libertinagem foi vivida entre becos estreitos e vielas malcheirosas, nos antros das boates escuras. Copacabana surgia com amplas avenidas iluminadas: automóveis e lambretas deslizavam entre seus limites: boates modernas, cardápio francês, música ao vivo, boêmia que não dispensava o teatro de revista, os famosos shows das vedetes de Carlos Machado. Homens e mulheres misturavam-se naquele burburinho de gente bem vestida, mas nem por isso bem comportada. Embora, alguns boêmios das classes média e alta freqüentassem as áreas mais simples da Lapa, para ouvir as canções *autênticas* do povo, a maior parte da elite carioca preferia ir às elegantes casas noturnas e cassinos localizados na Zona Sul.

A Copacabana dos anos 1940, um bairro de poucas casas, muitos terrenos baldios, ruas vazias, poucos automóveis, bondes ainda em circulação, em menos de uma década transformou-se abruptamente. O bairro calmo e tranqüilo recebeu milhares de pessoas da zona norte; edifícios conjugados espalharam-se; na rua Barata Ribeiro e nas avenidas Nossa Senhora de Copacabana e Atlântica, principais artérias do trânsito, um aglomerado daqueles que vieram para morar, trabalhar, se divertir. Muitos escritórios transferiram suas atividades para o bairro; os cinemas *Roxi*, *Metro*, *Rian* e *Art-Palácio* instalaram-se nas suas imediações. O bairro pacato e tranqüilo desaparece, dando lugar a uma região intensamente povoada <sup>67</sup>.

---

<sup>67</sup> VELHO, Gilberto. *Utopia Urbana*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1973, p. 12.

Emerge nesse momento uma nova elegância, marcada pelo ecletismo, pela possibilidade de passar despercebido, afinal, tudo convergia para seus bares e boates badalados como do hotel *Vogue*, dos ricos e famosos, onde se reunia a nata da sociedade intelectualizada, a alta sociedade e a imprensa. A boate era um espaço da noite sofisticado, um ponto obrigatório para o chamado *café society*, não só da elite tradicional, mas a de dinheiro novo também. Essa era a boate mais refinada, pertencia ao barão austríaco Stuckart, um lugar onde se apresentaram as cantoras que romperam tradições e conquistaram reconhecimento: Araci de Almeida, Linda Batista, Ângela Maria, Inesita Barroso. Havia uma boa orquestra de negros americanos, e o piano suave do Sacha. Era um lugar conhecido como ponto de encontro da *arte brasileira*<sup>68</sup>.

A música embalada pelo som da bossa-nova, tocada por personagens fascinantes e trágicas. As boates se multiplicaram: *Copa, Little Club, Baccarat, Bambu, Siroco*. Um brusco rompimento com o tradicional faz surgir uma nova maneira de viver, no qual o individualismo, a impessoalidade e a privacidade contam mais que as relações fáceis que irrompem na calada da noite, como as vividas na década anterior na decadente Lapa.

Copacabana torna-se o endereço transgressor da cidade em eterna ebulição, espaço de encontros furtivos, do ecletismo dos que transitavam por suas ruas e avenidas; uma vida social que funcionava ininterrupta e freneticamente. O cronista Antônio Maria descreveu o roteiro boêmio deste bairro, o qual viveu integralmente, caminhou por suas ruas, bebeu nos seus bares, boates e restaurantes, e diante de um deles, morreu:

*Da guarita do forte do Leme à guarita do Forte de Copacabana, de sentinela a sentinela, são 121 postes de iluminação, formando o 'colar de pérolas', tantas vezes invocado em sambas e*

---

<sup>68</sup> RESENDE, Beatriz. *A Crônica e a História Cotidiana da Cidade nos anos 1950 e 1960*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1995.

*marchinhas... No asfalto, deslizam automóveis cada vez mais novos, compridos e mais conversíveis. [...] Enquanto isso, a vida está acontecendo dentro dos bares e restaurantes. No Sorrento, um delírio de aipos e pizzas napolitanas. Artistas do rádio e do teatro falam em voz alta, de mesa em mesa, confraternizando mais do que devem. Depois a Furna da Onça, o velho Alpino, o bar do toldo verde, o Bambu e as esquinas do Vogue<sup>69</sup>.*

Estes foram alguns dos endereços freqüentados por aqueles que gostavam da noite e dos espaços que comportavam uma pluralidade de pessoas, onde quase tudo era permitido. Uma nova maneira de viver e de se relacionar com e na cidade, que refletiu os encontros e desencontros e as possíveis contradições de uma sociedade em transformação. Músicos em busca de um lugar para tocar; prostitutas à procura de clientes; boêmios vindos ao encontro dos amigos; um espaço plural, onde era possível praticar com liberdade suas escolhas, seus amores, seus rancores e suas dores.

Os bailes de carnaval do Copacabana Palace foram naqueles tempos, um reduto da mais fina elite carioca. Os bailes do hotel Glória, famosos por reunir gente descolada da sociedade. O baile do João Caetano, do Teatro São José e da Gafieira Elite constituem-se em espaços de transgressão no início dos anos 1960. O baile das Atrizes do Teatro João Caetano, realizado no início de 1956, reuniu as maiores atrizes brasileiras daquele momento: Eva Todor - que havia sido um sucesso no Teatro de Revista - Cleide Yaconis, Cacilda Becker, Maria Della Costa, Norma Benguel, Nicete Bruno, Virgínia Lane, a grande vedete do Teatro de Revista. A boate *Night and Day*, em Copacabana, realizava espetáculos sensacionais naquele momento. Famosos bailes de carnaval, o baile dos artistas do *Hotel Glória*, o do *Municipal*, o do *Monte Libano* e o baile do *Quitandinha*, em Petrópolis.

---

<sup>69</sup> MORAES, Antonio Maria. *Roteiro de Copacabana*. In *Pernoite- crônicas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1989, p. 44.

Diante de tantas novidades na cidade que se moderniza, pergunto: que mudanças provocadas pela nova cartografia urbana, vistas como linhas de fuga, linhas que compõem os sujeitos e que os transformam continuamente, se refletiram também na composição desses novos espaços? Lugares diferenciados por sua clientela, por suas práticas, mulheres desacompanhadas, bebendo, cantando, adentrando a madrugada, onde a tradição cedia lugar para a transgressão?

Ambientes que comportavam um grupo eclético e disseminado de boêmios e mulheres da noite, no entanto, cabe-se perguntar: onde estavam as mulheres que ousaram amar mulheres? Elas freqüentavam esses lugares? Havia códigos e estratégias diferenciados para elas poderem se conhecer, encontrar parceiras, amigas, amantes? Quais espaços da *cidade maravilhosa* permitiram a emergência de uma subcultura lesbiana? No meio de tamanha transgressão, havia um lugar destinado a seus encontros?

De acordo com as mulheres entrevistadas, neste ambiente que emerge nas décadas de 1950 e 1960, não havia lugares específicos para tais encontros. No entanto, surge a possibilidade de estar nos lugares freqüentados pelos artistas, entre as vedetes do Teatro de Revista, nos bailes de carnaval do Teatro João Caetano, nas boates onde cantavam as mulheres ousadas. Porém, com atitudes discretas, *misturando-se para não serem reconhecidas*<sup>70</sup>, em função da repressão social e da possibilidade da incursão policial. De acordo com o seguinte depoimento:

*Havia lugares que funcionavam como ponto de encontro, à exemplo do restaurante Alcazar na avenida Atlântica, obviamente tudo era praticado com extrema discrição, pois a possibilidade de batida policial era freqüente e o medo demasiado grande. Medo de*

---

<sup>70</sup> Nos depoimentos das mulheres entrevistadas, é recorrente a expressão: "era tudo muito velado".

*ser humilhada pela polícia, que, não podendo justificar a prisão, costumava praticar brincadeiras abusivas*<sup>71</sup>.

As mulheres que viveram a noite de Copacabana, sua boêmia, sua agitação noturna foram na maioria as profissionais: prostitutas, cantoras, dançarinas dos cabarés e boates e, outras mais ousadas; algumas tiveram que brigar com seus familiares, para ocupar o palco dessas boates, entre elas, encontramos a jovem vinda do subúrbio, eternizada como a *Billie Holliday* dos trópicos, a já citada, Dolores Duran, a rainha da *dor de cotovelo*, dos amores impossíveis, das paixões não realizadas, dos rancores publicizados. Dolores rompeu com os padrões, ousava cantar, beber, e tudo mais que uma noite de Copacabana pudesse lhe oferecer<sup>72</sup>.

Os bares proliferavam e cada um tinha sua especialidade: o tipo de música que tocava, a comida que servia, as pessoas que freqüentavam. Nestes espaços noturnos praticavam-se algumas excentricidades impensáveis para os padrões dominantes. Jovens belas e femininas cantando até o dia amanhecer, cantores dando canja de bar em bar ao longo da noite. Um espaço eclético, onde tudo poderia acontecer na sua madrugada, por isso o bairro se constituiu no imaginário internacional como um espaço dos excessos, da sensualidade, dos corpos aparentes, envolventes.

Na pizzeria *Sorrento* encontravam-se os artistas do rádio e do teatro, assim como o restaurante *Maxim's*. O restaurante *Alcazar* e a boate *Vogue* eram onde *dava de tudo*. As pessoas misturavam-se nesses ambientes, e tudo e todos praticavam livremente o amor, a amizade e os encontros proibidos. Entretanto, com muita discrição, não havia uma

---

<sup>71</sup> Depoimento Helena (65 anos), no restaurante Alcazar no Rio em dezembro de 2003.

<sup>72</sup> CASTRO, R. Op. Cit. 2000, p. 107. Embora muitos não considerem que a cantora tenha transgredido os padrões morais desse momento, foram raras as mulheres que passavam a noite inteira cantando e ainda debatiam com os intelectuais no final da madrugada.

liberdade de expressão, sobretudo, entre as mulheres <sup>73</sup>. Freqüentar um local como o *El Jerez* ou o *Alcazar*, entre outras casas, não era considerado um sinal claro de transgressão ou de práticas homoeróticas. No entanto, nestes lugares se poderia conhecer alguém para uma troca afetiva e sexual entre pessoas do mesmo sexo, onde *tudo acontecia com muita discrição*.

O restaurante *Alcazar*, na Avenida Atlântica, foi um dos poucos sobreviventes do contínuo processo de urbanização e da avalanche imobiliária pela qual passou a cidade do Rio e, sobretudo, o bairro de Copacabana, na década de 1950. Neste período o restaurante era apenas um bar, famoso pelas canjas de violão dos boêmios a caminho de casa. Diferente do tradicional restaurante das décadas posteriores e que sobreviveu a tantas mudanças <sup>74</sup>.

Na década de 1960, o grupo que freqüentava o *Alcazar* era composto por mulheres mais velhas, aquelas que não queriam ser reconhecidas e que preferiam esse lugar porque comportava um grupo mais eclético, *as pessoas se misturavam e ninguém sabia direito, quem era quem, repetem elas*.

A estratégia usada por algumas mulheres nesse momento foi incorporar roupas masculinas, como terno e gravata, o que significava que, se fossem descobertas, essa *mulher-homem*, como era chamada, poderia ser interrogada pela polícia por meio de chantagem, como: *O seu patrão sabe dessa pouca vergonha? E a sua família?* <sup>75</sup>.

Um outro grupo compunha-se por aquelas que vinham da classe média e alta, a maioria delas profissionais liberais: advogadas, engenheiras, enfermeiras e muitas

---

<sup>73</sup> Ver GREEN, J. Op. Cit. 2000, p. 253.

<sup>74</sup> CASTRO, R. Op. Cit. 1990, p. 114.

<sup>75</sup> Embora nenhuma das entrevistadas tenha passado por essa humilhação, conheceram pessoas que foram. Essa pergunta feita pelos policiais era comum na sociedade, por isso o constante constrangimento em ser descoberta, reconhecida como lesbiana.

professoras que preferiam fazer festas na casa uma das outras: *As pessoas mais ricas não se misturavam, criaram um ambiente à parte*<sup>76</sup>.

O *Alfredão*, no Posto Seis de Copacabana, que começou como Bar e virou Boate, foi também, um importante ponto de encontro: *No Alfredão, pessoas que não eram do “meio” ficavam do lado de fora para ver quem freqüentava*<sup>77</sup>. Isto causava certos problemas, pois muitas mulheres não iam a esses lugares pelo medo de serem reconhecidas; de comentários posteriores no trabalho ou na família.

Um importante ponto de encontro entre mulheres lésbicas foi o *Bar da Fernanda*, que era a casa da Fernanda e da Laurinda na Tijuca. Foi um espaço de maior convívio, de sociabilidade e de encontro entre conhecidas. *Reuniam-se lá as pessoas que trabalhavam e não se incomodavam em ir até a Tijuca, para ver as amigas*<sup>78</sup>. Um lugar composto por pessoas selecionadas entre as amigas em comum, onde freqüentavam apenas as conhecidas, quem tivesse boa conduta, e não desse nenhum tipo de problema, briga, por exemplo: quem bebesse demais ou tivesse qualquer atitude inadequada era convidada a se retirar e não poderia mais entrar, seria barrada.

Um espaço aparentemente mais elitizado, composto por mulheres de camadas sociais mais elevadas, foi o *Clube das Doze*. Nome informal para um grupo de amigas que se encontrava em uma casa em Jacarepáguas. Era formado por seis casais, as doze mulheres que convidavam suas amigas mais próximas e pediam que essas convidassem outras, que

---

<sup>76</sup> Duas entrevistadas faziam parte desse segmento, não reconheciam o bar como espaço de sociabilidade.

<sup>77</sup> Entrevista Rio. Dezembro de 2003. Helena (63 anos).

<sup>78</sup> Entrevista Rio. Junho de 2004. Antonieta (60 anos).

deveriam levar a bebida, uma espécie de rede informal se estabelecia entre elas: *Havia muita gente bonita, em uma das festas, havia mais de trezentas mulheres.*<sup>79</sup>

O lugar funcionava como uma espécie de bar e restaurante entre amigas que organizavam festas e convidavam um grupo de conhecidas e estas chamavam outras, o que acabava por compor uma sociabilidade diferenciada, na qual elas se preservavam por não estarem em espaços públicos, o que também possibilitava a construção de relações amorosas entre as participantes do grupo.

De acordo com uma das freqüentadoras da casa, neste local as mulheres lesbianas poderiam se vestir e se sentir mais *à vontade*, com trajes que algumas consideravam mais elegantes, como terno e gravata e, em contrapartida, as outras, com vestidos longos e bem maquiadas, que geralmente recebiam *galanteios bastante cavalheiros, como abrir a porta do carro e enviar flores no dia seguinte*<sup>80</sup>.

O vestuário parecia definido nessas ocasiões pelos padrões de gênero tradicionais. Algumas mulheres bem femininas deveriam se submeter às amabilidades daquelas com uma figuração mais masculina, o que pressupõe, para o período, um relacionamento entre as mulheres lesbianas muito próximo aos padrões normativos do universo heterossexual, principalmente entre aquelas de nível sócio econômico mais baixo, que precisavam conquistar o espaço público com seu próprio corpo e não tinham acesso a outras formas de ruptura, como dirigir um carro, realizar viagens internacionais, ter seu próprio apartamento.

Essa é uma questão difícil de ser confirmada, pois os limites são muito tênues. Havia muitas lesbianas de camadas sociais elevadas que também se vestiam com roupas consideradas masculinas. É preciso lembrar que, até meados da década de 1960, não havia

---

<sup>79</sup> Depoimento Lucia (72 anos).

<sup>80</sup> Idem, *ibidem*.

muitas opções de calças compridas para as mulheres, que não quisessem usar vestidos, portanto, elas usavam saia, uma camisa ou camiseta do tipo esportivo e invariavelmente mocassim; *pelos pés uma lesbiana reconhecia a outra*<sup>81</sup>.

Muitas entre elas casaram e tiveram filhos, pois havia uma grande dependência econômica em relação ao marido. A educação feminina estava muito voltada ao casamento como objetivo de felicidade; em decorrência disso, suas relações amorosas foram mais camufladas, elas não se assumiam como lesbianas, pois a carga de preconceito era excessiva e podiam ser expostas publicamente.

Uma tipologia que foi criada por médicos e advogados, nas primeiras décadas do século XX, foi a da *mulher-homem*, aquela que biologicamente possui os órgãos sexuais femininos, mas que sua conduta, comportamento e vestuário são masculinos. Esse tipo era um escândalo, passível de perseguição pela polícia. Outras foram obrigadas pela família a procurar médicos e psicoterapeutas. *A perseguição só acabava quando o psicólogo chamava a família e explicava que aquilo não era doença*. Mas nem todos agiram assim. Muitas foram internadas em clínicas e hospitais, para serem *curadas* da paixão por outra mulher. Não havia muitos lugares para freqüentar e conhecer pessoas e, ainda, a preocupação com a polícia, que prendia aquelas que estivessem de terno e gravata<sup>82</sup>. Não se falava sobre o assunto com outras pessoas. Praticamente só os amigos homossexuais sabiam da vida delas. *Tudo era muito velado*, repetiam insistentemente as entrevistadas. A escritora Cassandra Rios<sup>83</sup> era considerada a musa e heroína dessas mulheres, todas a liam escondidas e admiravam-na.

---

<sup>81</sup> Entrevistas Rio. Dezembro de 2003 e Junho de 2004. Antonia (60 anos).

<sup>82</sup> Entrevista, Helena (67 anos).

<sup>83</sup> Cassandra Rios era o pseudônimo de Odette Rios. Ela também utilizou como pseudônimo: Clarence Rivier e Oliver Rivers. In Mulherio, Ano III, n. 14, julho/agosto 1983. In AEL-Unicamp.

As entrevistas demarcam bem o que foi o discurso dominante do período em relação a diferentes formas de desvio sexual ou moral. A Igreja Católica, importante instituição da sociedade brasileira, condenava as práticas homoeróticas. As condutas desviantes foram tratadas como doença, necessitando de assistência médica ou psicológica para modificar o comportamento e curar o indivíduo. Membros de diferentes famílias tentaram reprimir e controlar o que consideravam um comportamento embaraçoso e impróprio de parentes envolvidos em relações sexuais consideradas *perversas*. Quando fracassavam, às vezes recorriam à intervenção do Estado. A polícia, a justiça e a medicina trabalhavam em uníssono para conter e controlar o que consideravam um *problema*.

Nesta direção, parece fundamental descrever os discursos normativos que estiveram em difusão na sociedade brasileira, desde os anos 1930, e que marcaram os indivíduos com o selo da normalidade ou da anormalidade. Uma breve incursão por esse pensamento científico permite perceber como ele informou fortemente o imaginário social, durante a maior parte do século XX. Um *regime de verdade*, como ensina Foucault<sup>84</sup>, que tem como objetivo a produção da verdade última e definitiva sobre o mundo físico e social, verdadeiros totalitarismos científicos que procuro evidenciar, a fim de romper com as evidências históricas.

---

<sup>84</sup> FOUCAULT, M. Op. Cit. 1997.

## A ocultação do desejo – dimensões médico-legais

*Inversão sexual feminina, homo-sexualismo, inter-sexualismo, missexualismo feminino são diferentes maneiras de exprimir a mesma coisa: o amor, a atração sexual que a mulher experimenta por outra mulher.*

*Estácio de Lima*<sup>85</sup>

O homoerotismo feminino foi diagnosticado como doença, passível de cura e tratamento, de acordo as teorias científicas do século XIX, sobretudo, a partir dos estudos realizados pelo psiquiatra austríaco Richard von Krafft-Ebing (1840-1902), que classificou as condutas sexuais no livro *Psychopathia Sexualis* (1886) e decidiu sobre os padrões normais e os anormais: as aberrações, nas quais a homossexualidade poderia ser tratada em termos médicos e psiquiátricos. Esse trabalho tornou-se referência para os estudos da Antropologia Criminal e da Medicina Legal, que emergiram no final do século XIX e início do século XX no Brasil, que teve como dispositivo principal a padronização da conduta dos indivíduos.

A sociedade em transformação necessitava garantir à indústria em expansão braços fortes, saudáveis e disciplinados, portanto, a ordem era eliminar atitudes imorais ou que fugiam ao padrão estipulado pelo saber dominante.

O aparato científico focalizou seu objetivo na disciplinarização das condutas, na reprodução de indivíduos saudáveis. Para tanto, incidiu seus esforços sobre o casal monogâmico e a família nuclear. Os espaços no interior da casa foram meticulosamente segmentados com o objetivo de controlar, espiar e manipular as condutas<sup>86</sup>.

---

<sup>85</sup> LIMA, Estácio. *Inversão Sexual Feminina*. Bahia: Livraria Científica, 1934, p. 12. In Instituto Oscar Freire. Departamento de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

<sup>86</sup> Ver a respeito, FOUCAULT, M. *História da Sexualidade 1. A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977, 12ª. edição, 1997.

Neste sentido, Foucault adverte-nos sobre a implantação da medicina das perversões no século XIX, o fazer falar para controlar e classificar, agindo sobre o corpo dos indivíduos, penetrando nas suas condutas. Assim, foi colocado em prática e disseminado o *dispositivo de sexualidade*, por meio de uma *rede de mecanismos entrecruzados*, fazendo *proliferar prazeres específicos*, onde poderiam *multiplicar-se as sexualidades disparatadas*<sup>87</sup>. Todo um aparato tecnológico foi desenvolvido, isolando os indivíduos a fim de intensificar e consolidar as sexualidades não reprodutivas, que se espalharam e se multiplicaram por toda parte, sendo criadas relações de poder dirigidas ao sexo e ao prazer, penetrando as condutas mais íntimas.

O homossexual torna-se um personagem, construído pela classificação médica, psiquiátrica e psicológica. Sua história de vida, seu caráter, seus gestos, sua conduta serão vistos como parte inerente da sua sexualidade, a qual está inscrita na sua pele, no seu corpo, na sua face, nada lhe escapa, um segredo inútil, dado que sempre lhe trai, pois é *consustancial ao seu ser*, à sua *natureza singular*. A partir dessa elaboração discursiva, a homossexualidade caracteriza-se como uma maneira do indivíduo inverter, em si mesmo, o masculino e o feminino, e não como um tipo de relação sexual. Todo mecanismo de poder criado pela classificação das condutas sexuais tornou-se uma realidade analítica, visível e permanente. Encravada nos corpos, como uma forma de semear as sexualidades aberrantes, não reprodutivas, e de incorporá-las às mais sutis expressões.

No início do século XX, o relacionamento amoroso entre duas mulheres foi classificado pelos profissionais da ciência, com base na medicina das perversões e na teoria da degenerescência, pela qual se diagnosticou tal comportamento, como o de pessoas doentes, perigosas, perversas, nocivas ao convívio social.

---

<sup>87</sup> Idem, *ibidem*, 1997, p. 48.

Os médicos brasileiros, Leonídio Ribeiro e Antonio Carlos Pacheco e Silva, inspirados nas teorias tipológicas do médico italiano Cesare Lombroso (1863-1909), construíram a imagem da lesbiana como criminosa, estigmatizando, assim, a conduta das mulheres que agissem diferente dos padrões normativos.

O livro *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing apresenta elaborados estudos de caso, que traçavam a origem genética da homossexualidade, como a presença através das gerações de tias histéricas, tios neurastênicos, avós insanos, pais alcoólatras, para designar a homossexualidade como uma *trágica anomalia da natureza*<sup>88</sup>. Como principal porta-voz da sexologia no século XIX, este trabalho influenciou uma legião de estudiosos do tema. Esta obra derivava dos interesses médico-legais do autor, sobretudo, a psiquiatria forense, área na qual foi um especialista e desenvolveu seu trabalho em uma direção psicológica, após conhecer a técnica terapêutica da hipnose. O psiquiatra foi diretor de asilos em Viena, na Áustria, lugares nos quais praticou a hipnose, utilizada pela primeira vez com a jovem Ilma, que sentia atração sexual por mulheres. Um sentimento e um comportamento que foi estimulado por meio da hipnose, uma forma de tratamento para tratar do homossexualismo, o que levou o autor a desenvolver concepções da homossexualidade, a partir de modos específicos de tratar o comportamento sexual.

Na classificação do psiquiatra austríaco, o *lesbianismo* - como ele conceituou o relacionamento amoroso entre duas mulheres foi dividido em quatro categorias de desvio sexual, que apresentavam uma certa hierarquia entre as mais e as menos *lésbicas*: aquelas que não denunciavam sua anomalia pela aparência externa, ou seja, vestir-se e comportar-se como homem; a *virginidade*, mulheres com uma estranha preferência por artigos e roupas

---

<sup>88</sup> SMITH- ROSENBERG, Carroll. *Disordely Conduct. Visions of Gender in Victorian America*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1985, p. 269.

masculinas; as que assumiam definitivamente um papel masculino, vestindo-se e comportando-se como homem e por último o extremo grau de degeneração homossexual, a *gynandry woman*, que possuía somente os genitais como característica feminina, pois seus sentimentos, pensamentos e ações e até mesmo sua aparência física seriam masculinos<sup>89</sup>.

Na análise afirmativa do psiquiatra, a *lésbica* torna-se uma categoria, cujo comportamento não está focalizado na sexualidade, mas na sua conduta social e aparência física. Para ele, a perversão social precedeu à perversão sexual; assim, seu estudo voltou-se para os aspectos ligados ao poder e prestígio social das *lésbicas* e não ao seu desejo sexual. Apesar da ênfase no social, sua análise influenciou muitos cientistas e médicos que acreditaram ser o lesbianismo uma doença, passível de cura e tratamento, quando previamente diagnosticada. Os sintomas da perversão sexual de uma *lésbica* foram assim caracterizados pelo psiquiatra austríaco: mulheres de cabelos curtos, que gostassem de esportes, desprezassem os hábitos culinários de suas avós ou as tarefas domésticas de suas mães.

Embora a classificação do psiquiatra tenha sido uma referência para os estudiosos brasileiros, as protagonistas deste trabalho, Lota e Bishop, parecem não se enquadrar nesses estereótipos, ou na tipologia descrita por eles. A aparência de Lota, descrita por pessoas que a conheceram, era de uma mulher muito elegante, que conhecia muito de louças finlandesas, possuía uma coleção de chaleiras. Bishop, como já observado, gostava de cozinhar, de escrever e pintar. Como definir tais atividades como femininas ou masculinas?

De acordo com Mônica Morse, filha adotiva de Mary Morse, ex-companheira de Lota, Lota era uma mulher sensível, que a enfeitava quando criança para ir às festas juninas, que sempre trazia vestidos maravilhosos para ela em cada viagem que fazia, que

---

<sup>89</sup> Idem, *ibidem*, p. 268.

possuía hábitos sofisticados, mas que adquiriu um ar mais *masculinizado*, quando assumiu as obras do Parque do Flamengo. Diz ela:

*Parecia encarnar um personagem, forte, decidida, que tinha que enfrentar um grupo de profissionais, na maioria homens, e conseguir que suas idéias fossem ouvidas e aceitas. No entanto, quando voltava para o alto da serra, para Samambaia, era novamente a Lota doce, alegre, amiga dos funcionários da casa, sempre disposta a ouvir e a ajudar a todos*<sup>90</sup>.

As mulheres diagnosticadas como doentes, *lésbicas* ou anormais, por médicos, juristas e psiquiatras, foram em sua maioria mulheres pobres que viveram em asilos psiquiátricos e instituições congêneres. As lesbianas de camada social elevada exaltavam as qualidades femininas de seus amores, nenhuma delas relatou sentir que uma parte masculina habitava seu corpo.

Havellock Ellis foi o sexólogo que definiu tais sentimentos como ativamente sexual e não como perversão sexual. Nas pesquisas iniciadas por ele em 1897, relacionava várias expressões do comportamento sexual, identificando as causas patológicas e psicológicas da *inversão sexual*. Mulheres que demonstrassem interesse sexual por outras mulheres, foram diagnosticadas como *invertida*, por isso, ela assume uma performance masculina. Para ele a inversão sexual não era biológica, hereditária e irreversível. A experiência do amor de uma mulher por outra poderia se dar como o mais inocente e delicado dos sentimentos, embora ela fosse uma invertida, ou seja, as características do seu desejo eram masculinos. Como era corrente entre os sexólogos, o autor considerava que as mulheres eram incapazes de desejar.

---

<sup>90</sup> Entrevista realizada no Rio de Janeiro, 08 de junho de 2004.

Estácio de Lima, professor da Escola de Medicina da Bahia, publicou o primeiro trabalho *Inversão Sexual Feminina* em 1934, e que se tornou base para estudos posteriores. Inspirado principalmente no esquema classificatório de Krafft-Ebing, apresentava diferentes palavras para a atração sexual de uma mulher por outra: inversão sexual feminina; homossexualismo; intersexualismo; missexualismo, de acordo com os diferentes teóricos que já haviam estudado os *problemas* referentes ao que chamavam de *monstruosidade mórbida*. A inversão sexual feminina é estruturada por ele de forma hierárquica, como se houvesse mulheres mais ou menos *lésbicas*. Vale a pena citar, para compreendermos que tipo de imaginário fixou-se entre os médicos e que se difundiu pela sociedade brasileira:

1) *Inversão nata masculiniforme – Presença de caracteres sexuais masculinos acessórios; amor às mulheres muito mulheres, muito femininas.*

2) *Cerebral feminiphila (nata) – Ausência de estigmas somáticos secundários de masculinidade; amor às mulheres bem femininas. Tais invertidas querem ser o 'homem' da união anormal a dois.*

3) *Cerebral masculiphila (nata) – Não há, absolutamente, amor aos homens; mas as mulheres a que se apegam são as viragos, as varonis, as que lembram portanto, o sexo oposto.*

4) *Ocasional feminiphila – Num pensionato, colégio, etc., por influência do meio, certas moças amam outras bem femininas.*

5) *Ocasional masculiphila – No ambiente, ainda, dos pensionatos e colégios, por mera influência ocasional do meio, aparecimento de amor homossexual, porém, com os tipos masculinizados, com as raparigas varonis<sup>91</sup>.*

O que o autor parece levar em conta são os aspectos psicológicos que poderiam ser adquiridos ou não, de acordo com as circunstâncias do meio social no qual as *lésbicas*

---

<sup>91</sup> Idem, ibidem. p. 30.

estivessem inseridas. Vale notar que o primeiro tipo de *invertida* apresentava caracteres sexuais masculinos, que não são explicados por Estácio de Lima.

A *virago* é um tipo de invertida sexual, mas *não de muitas*, como afirmava o médico, destacando que nem todas as invertidas eram *viragos*. O que chama a atenção é o aspecto antropométrico do diagnóstico da *invertida*, baseado provavelmente na biotipologia empregada por Cesare Lombroso que influenciou muitos pesquisadores brasileiros:

*Virago a mulher-homem, com uns tais ou quais caracteres somáticos masculinos secundários. Angulosidade de formas. Peito chato. Bacia estreita. Compleição atlética. Pêlos em abundância. Laringe que produz sons de contralto [...]. Podem criaturas semelhantes possuir uma alma cheia de ternuras e meiguices*<sup>92</sup>.

Para Lombroso, um dos pioneiros no campo da antropologia criminal, a homossexualidade e a delinquência poderiam estar relacionadas à existência de um sistema nervoso fragilizado, que tornava os indivíduos predispostos ao comportamento criminoso, o que poderia incluir, também, a propensão à mutilação, tortura e a tatuagens no corpo, uma forma de degeneração determinada por meio de características fenotípicas. Os estudos do psiquiatra italiano foram utilizados no Brasil pelo doutor Leonídio Ribeiro, especialista em Medicina Legal, que ganhou o Prêmio Lombroso em 1933, por aplicar seu método na identificação de 195 homossexuais masculinos, estudados no Laboratório de Antropologia Criminal do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro. A partir do biotipo desses indivíduos, foi possível, de acordo com este doutor, provar a ligação entre desequilíbrio hormonal e homossexualidade<sup>93</sup>.

---

<sup>92</sup> Idem, ibidem. p. 14.

<sup>93</sup> RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e Endocrinologia. Rio/São Paulo/Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1935, p. 161; Ver GREEN, J. 2000, p. 173.

Os estudos aqui apresentados influenciaram a definição e a classificação das práticas homoeróticas femininas, no Brasil. As *lésbicas*, genericamente percebidas por tal discurso, foram sistematicamente consideradas doentes fisicamente, por vestirem roupas masculinas, e psiquicamente, por sua baixa auto-estima ou agressividade.

Intento apontar como o discurso jurídico - que é também uma prática social, dotada de sentidos e significados - produziu imagens e representações capazes de constituir uma rede de categorias, cuja apreensão do mundo e da história se reduz a esquemas interpretativos, que Foucault denominou *regimes de verdade*<sup>94</sup>. Esses regimes criaram uma imagem da *lésbica* como alguém que merecia ser asilada em instituições, por se constituir em um perigo eminente à sociedade. Procuo questionar: pode alguém ser identificado apenas por uma prática, a sexualidade, e não por outras? Como esta prática tornou-se o eixo em torno do qual o indivíduo se constitui enquanto uma pessoa? Não seria essa uma construção histórica que, a partir do *dispositivo de sexualidade*, fez do sexo, e, sobretudo da sexualidade, o eixo e o motor da vida individual e social, classificando os indivíduos a partir da sua prática sexual? O que é a sexualidade? Algum dado natural, imutável, do qual os seres humanos são dotados e pelo qual são identificados? Não, dirá Foucault:

*A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação de conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder*<sup>95</sup>.

---

<sup>94</sup> FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal. 1996.

<sup>95</sup> Idem, *ibidem*. p. 100.

São as estratégias de saber e poder que, através do *dispositivo de sexualidade*, penetraram nos corpos dos indivíduos de maneira minuciosa, classificando as condutas a partir de uma proliferação discursiva. Um discurso que incitava os indivíduos a falar, para assim esquadrihar os espaços de ação, o que acaba por controlar as populações, a qualidade dos nascimentos, a vigilância constante sobre as crianças, o que também permite a criação de uma definição da normalidade e da patologia.

Apresento a seguir algumas das estratégias de saber e poder que marcaram o discurso jurídico e que criaram a personagem da *lésbica*, como perigosa ao convívio social. O propósito é mostrar que nem toda mulher que se encanta sexual e afetivamente por outra mulher estaria destinada à violência, ou à criminalidade.

O tratamento destinado às mulheres lesbianas por médicos e juristas, a partir do dispositivo de sexualidade, no qual os discursos forjam matrizes de sentido para o entendimento da sociedade como um todo, diagnosticou o comportamento dessas mulheres como anormal e, portanto, tal desvio merecia ser punido pela legislação vigente no país.

A década de 1930 foi marcada por um crescente número de publicações relacionadas à homossexualidade feminina. Havia, neste período, uma preocupação com a modernização do país, e assim, os intelectuais perguntavam-se sobre o que caracterizava a nação. Foram construídas diferentes interpretações sobre a natureza histórica, política e sociológica da sociedade brasileira. Seguindo uma linha de continuidade histórica, cada teórico pensava encontrar, em nossas raízes, origens dos traços que marcaram a constituição social do país.

Na mira da construção da nacionalidade, havia um interesse premente em eliminar qualquer tipo de mal, seja de natureza social ou, sobretudo, moral. As heranças do período colonial foram consideradas nocivas para a nova ordem moral, como a amamentação por

amas de leite que se tornou proibida, pois daí poderiam advir conseqüências nefastas para toda a sociedade. Os médicos relacionaram o leite da ama à sua moralidade.

Nesta perspectiva, o processo de medicalização da sociedade ganha impulso nas primeiras décadas do século XX, como mostram vários trabalhos historiográficos realizados nos últimos vinte anos<sup>96</sup>. Tratava-se de eliminar o mal, curar os *enfermos*, criar formas diferenciadas de interpretar os problemas, como o da degenerescência. De acordo com este diagnóstico, a concepção de *doença* e de *higiene social* adquiriu contornos significativos para o projeto de ordenação social. Neste quadro, as teorias européias de degenerescência do final do século XIX, ganharam estatuto de norma dominante, usava-se extirpar todo e qualquer *desregramento social* ou qualquer tipo de *excesso de atividade*, incluindo o comportamento de mulheres vistas como desviantes, perversas, ou alheias aos costumes tradicionais, portanto, necessitavam ser reenquadradas.

Os teóricos que apresentaram a possibilidade de cura para tudo que escapasse do controle social e moral foram alçados a arautos de saber<sup>97</sup>. No caso específico do homoerotismo feminino, foi marcante a relação estabelecida entre essa *anomalia* com certos distúrbios de natureza endocrinológica. Proliferavam trabalhos nas áreas de Medicina Legal e Antropologia Criminal, que procuravam explicar a *inversão sexual*. Dessa maneira, pode-se perguntar: como foram tratadas as mulheres que se vestiram com roupas masculinas e demonstraram interesse por outras mulheres? Quais os procedimentos legais estabelecidos para incriminar mulheres *masculinizadas*? Como a *polícia dos costumes* reagiu diante de mulheres jovens, vestidas de terno e gravata?

---

<sup>96</sup> Os trabalhos pioneiros: MACHADO et alii (org.). Op. Cit. 1978; COSTA, Jurandir Freire. Op. Cit. 1979; RAGO, Margareth. Do Cabaré ao Lar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

<sup>97</sup> HERSCHMANN, M. & PEREIRA, C. A Invenção do Brasil Moderno. Medicina, Educação e Engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Não havia um método específico para a compreensão da homossexualidade feminina, pois os médicos e juristas consideravam que sua incidência era muito pequena para que se preocupassem com formas de tratamento específicas. Entretanto, vale a pena citar as causas da inversão sexual masculina, apontadas por Leonídio Ribeiro:

*O homossexualismo é adquirido por fenômenos de natureza psíquicas ou acidentais. Desilusões amorosas, provocadas ou agravadas por defeitos de educação, tudo favorecido por ambientes escolares, onde há separação completa dos dois sexos, durante a fase crítica da puberdade, e mais especialmente nos casos de filhos muito acariciados pelas mães*<sup>98</sup>.

Outros fatores poderiam agravar esse quadro, como certas doenças que provocam alucinações variadas, especialmente delírios de perseguição, em cuja gênese os psicanalistas fazem intervir os sintomas de natureza homossexual recalcados no subconsciente. Causas orgânicas, manifestadas em doenças como encefalite, meningite e traumatismos cranianos, poderiam provocar, em certos casos, o aparecimento de tendências homossexuais. Neste, e em outros trabalhos publicados no período, a homossexualidade feminina será tratada como doença, uma questão médica e moral, e a *mulher homossexual* identificada como criminosa, ou seja, um tipo de delinqüência específico de uma certa classe social, de pessoas que deveriam ser encaminhadas para o *Laboratório de Antropologia Criminal do Instituto de Identificações de São Paulo*. Este Instituto foi dirigido por médicos que pesquisavam as causas biológicas e sociais da homossexualidade, através de um trabalho que diagnosticava em termos antropométricos o biotipo do delinquente e o ambiente social dos indivíduos com tais anomalias.

---

<sup>98</sup> RIBEIRO, Leonídio. Op. Cit. 1935, p.157.

O jurista Afrânio Peixoto apresenta, no livro *Sexologia Forense*<sup>99</sup>, os tipos de *invertida sexual*, expressão usada para indicar os comportamentos de certas *lésbicas*: distingue as *ativas* das *passivas*, ou seja, aquela que age, que comanda a relação sexual, a ativa, da que recebe, a passiva, um quadro que tende a ver a ativa como a mais masculina e a passiva a mais feminina.

Estes profissionais indicam os lugares onde há uma maior incidência dessas mulheres, digamos, perigosas, como internatos, prisões, conventos, e os crimes que cometiam em função dos seus sentimentos. Por meio de um esquema classificatório hierárquico, foram diagnosticadas as mais ou menos *invertidas*, aquelas que demonstrassem total repugnância a indivíduos do sexo oposto; a *virginidade* uma mulher de aspecto másculo, grosseiro, nas feições e modos, que tinha abundância de pêlos nas pernas e braços, voz grossa, hábitos viris de beber, fumar e jogar, até os tipos femininos bem delicados e passivos, nos quais nada parece denunciar uma anomalia sexual.

A distinção entre *ativas e passivas* tem as mesmas restrições: umas e outras exercem e se prestam ao sadismo ou a sucção clitoridiana. A variedade é grande, desde *lésbicas* casadas e com filhos às *viragos* que se impõem como homens, têm ciúmes e se suicidam ou se matam, quando não logram a preferência das amadas. O crime é mais comum entre as *invertidas*, porque o ciúme é paixão violenta nas mulheres, e ordinário entre todas.

Foram apresentados, também, os aspectos físicos e psicológicos da inversão, os lugares onde tal sentimento se manifesta, a classificação das *lésbicas* em ativas e passivas, os vários termos utilizados para se referir à atração física e sexual entre mulheres, além da inferioridade física e psíquica de algumas. De acordo com esses profissionais, a disseminação de tais práticas foi recorrente nos colégios femininos, internatos e conventos,

---

<sup>99</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Sexologia Forense*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1934, p. 151.

lugares que necessitavam de maior vigilância, austeridade, disciplina rigorosa, o que em tais casos é improfícuo, porque as meninas se namoram sempre e não é raro que as mestras e discípulas se queiram exageradamente, afirmam os estudiosos.

A inspiração do jurista Afrânio Peixoto, para descrever as paixões entre as meninas nos colégios, foi o livro *Inversão Sexual*, no qual o autor descreve as relações intensas entre meninas, que podem ocorrer em todos os países onde elas estejam confinadas em colégios internos:

*As amizades ardentes que as meninas criam nas escolas e nos pensionatos, entre si e com as mestras, constituem assunto de interesse psicológico considerável e grande valor prático. Esses amores infantis, meio termo entre a amizade e a paixão sexual, encontram-se em todos os países onde as meninas são colocadas juntas para a instrução, e os sintomas são regularmente uniformes, ainda que variando de intensidade e de caráter, segundo os tempos e os lugares, tomando, às vezes, forma epidêmica<sup>100</sup>.*

A documentação em relação ao homoerotismo feminino no Brasil é bastante precária, entretanto, no ano de 1931, ocorreu um caso na Bahia entre duas jovens descritas por seus respectivos apelidos: Vivi, ou M. A. G., uma garota franzina, muito esguia, olhos grandes, chamejantes, fisionomia delicada, e Amelinha, prostituta conhecida, *simpática, morena, sustentada por um velho fazendeiro*. Vivi tinha uma aparência masculina:

*Cabelos cortados a homem, trajes masculinos, modos, gestos que não lembravam a sua condição de mulher [...] era como se fosse um homem que falasse. Foi abordada pela Polícia por se vestir com roupas masculinas. Replicou zangada, que era um absurdo pretenderem proibir o uso das roupas que quisesse<sup>101</sup>.*

---

<sup>100</sup> ELLIS, Havelock. *Inversão Sexual*, 1932, p. 134. Apud: PEIXOTO, A. Op. Cit. 1935.

<sup>101</sup> LIMA, Estácio. Op. Cit. 1934, pp. 42-45.

Vivi, que tinha apenas dezessete anos, foi praticamente dissecada pelos médicos que a examinaram a fim de constatar alguma irregularidade orgânica na sua homossexualidade. Embora perfeita do ponto de vista anatômico, os médicos detectaram uma ancilose do joelho esquerdo em consequência de uma artrite e identificaram essa disfunção orgânica como um complexo de inferioridade física que a levou a se vestir, a partir de então, com roupas masculinas. Além disso, também detectaram a insônia, o hábito de fumar excessivamente e o consumo de álcool, como características dessa inferioridade; um caso típico de inversão sexual.

A inversão sexual também foi identificada como doença mental, com sintomas psicopatológicos congênitos que conduzem à agressividade, ao suicídio, ao masoquismo, ao aparecimento de um tipo específico de criminosa, de acordo com Hans von Henting, professor de Criminologia, da Universidade de Bonn <sup>102</sup>.

Ao descrever os sintomas psicopatológicos das *lésbicas*, Henting reforça a imagem de mulheres agressivas, cruéis, capazes de matar ou de morrer em nome do amor e da paixão por outra mulher. Elas poderiam apresentar um comportamento sadomasoquista, agredirem-se mutuamente para conseguir maior excitação sexual, bem como uma ânsia de domínio da *lésbica* ativa, na doce submissão da mais jovem, a passiva: uma conexão recíproca entre a que faz sofrer, a ativa sádica, e a que gosta de sofrer, a passiva masoquista. Um sadismo que se exterioriza por uma violência que pode levar à morte de uma delas ou de ambas. Outras características: insônia, excitabilidade, maus tratos às

---

<sup>102</sup> HENTING, Hans Von. Estudios de Psicología Criminal VIII. La Criminalidad de la Mujer Lésbica. Traducción Castellana José María Rodríguez Nunez. Madrid: Espasa-Calpe, S.A. 1975. In Biblioteca da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, USP.

peessoas próximas da amante, amigos ou filhos; um instinto de autodestruição entre elas, como o suicídio, considerado também, sintoma da doença mental que as aflige <sup>103</sup>.

O médico brasileiro Antonio Carlos Pacheco e Silva, que foi diretor do Hospício Juquery em São Paulo, professor de Psiquiatria Clínica da Universidade de São Paulo e da Escola Paulista de Medicina relacionava *raça, crime e sadismo para criar um espectro da (o) homossexual como um perigo para a sociedade*. No seu trabalho, *Psiquiatria Clínica e Forense* <sup>104</sup>, analisou vários casos de perversões sexuais, como a descrição de uma *lésbica* fotografada de vestido e também com roupas de homem. Embora especialista em homossexualidade masculina, ele descobriu seu objeto de estudo a partir de um caso analisado em 1939, apresentado como *Um Interessante caso de Homossexualismo Feminino*:

*Pela Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo transitou recentemente um curioso caso de homossexualismo feminino. Trata-se de E.R. preta, brasileira, solteira, conta com vinte e cinco anos e exerce a profissão de cozinheira. Jamais sentiu atração por indivíduos do sexo masculino, chegando mesmo a agredir os que tentavam cortejá-la. Fugiu de casa aos vinte anos, quando suas regras cessaram* <sup>105</sup>.

E.R. lamentava não poder usar trajes masculinos, calça e camisa, ou terno e gravata, que considerava mais apropriados para si mesma, em função da sua ocupação de trabalho como ajudante de cozinha em restaurantes, o que permitiria conseguir um emprego mais facilmente. Apesar disso, temia complicações com a Polícia que poderia prendê-la, caso a

---

<sup>103</sup> HELSING, H. Op Cit. 1975, p. 87.

<sup>104</sup> PACHECO E SILVA, Antônio Carlos. *Psicologia Clínica e Forense*. São Paulo: Editora Renascença, 1939. Biblioteca da Faculdade de Direito, USP.

<sup>105</sup> PACHECO E SILVA, A. C. *Um Interessante caso de Homossexualismo Feminino*. In *Archivos da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo*. vol. X, fasc. 1º,2º,3º, Ano X, janeiro/dezembro 1939. Citado em GREEN, James, Op. Cit. 2000. Agradeço o autor por muitas sugestões e críticas.

encontrasse caminhando pelas ruas, usando tais trajes, considerado uma imoralidade naqueles tempos. Sua descrição, segundo ele:

*Usava de preferência um boné para esconder os cabelos, depois resolveu cortá-los 'á la homme', para assim poder usar também chapéu. Fuma cigarro e procura assumir atitudes e gestos masculinos, o que realiza com perfeição<sup>106</sup>.*

Os médicos descreveram E.R. como uma *pessoa normal* e não patológica, ou seja, não descobriram no seu organismo nenhuma anomalia que a predispuha à homossexualidade, os psiquiatras do *Ambulatório Clínico Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo*, no entanto, diagnosticaram nela tendências sádicas e agressivas, pois adorava forçar a relação com suas vítimas e mintomania vaidosa:

*A paciente se excita e sente evidente satisfação ao descrever o pavor manifestado pelas suas vítimas, quando por ela atacadas de surpresa, dizendo assumir, nessas ocasiões, atitude de superioridade, acalmando-as, acariciando-as e assegurando-lhes não haver razão para receios ou conseqüências<sup>107</sup>.*

A paciente mostrava-se totalmente confiante e à vontade no ambulatório, cedia aos pedidos que lhe eram feitos pelos médicos, propunha novas experiências e exibições *para que fique perfeitamente comprovada a sua capacidade sexual masculina*. E. R. tinha medo de complicações com a polícia, pois acreditava que muitas das suas vítimas teriam perdido a virgindade. Pacheco e Silva classifica a conduta de E.R., como *gynandria*:

*O grau mais acentuado de homossexualidade. Mulheres que tem orgasmos genitais femininos, mas que são absolutamente viris nas suas sensações, no seu modo de pensar, nos seus atos e no seu exterior. Portanto, o fato da paciente apresentar ausência de*

---

<sup>106</sup> Idem, ibidem. p. 73.

<sup>107</sup> Idem, ibidem. p. 76.

*folícula no sangue, de acordo com exames realizados pode influir no seu estado psíquico, gerando a sua inversão sexual?*<sup>108</sup>.

A conclusão a que se pode chegar dos estudos dos médicos e criminalistas: a homossexualidade feminina e a masculina foram tratadas como doença mental ou psicológica, que poderia levar o doente a cometer certos crimes. Portanto, o diagnóstico final seria o tratamento psicológico, como o de outras neuroses. Quanto mais cedo se iniciar o tratamento, melhores serão os resultados, sobretudo, através da Psicanálise, que pode ajustar os indivíduos sexualmente e reeducar seus sintomas neuróticos.

Havia, portanto, a construção de um fantasma do lesbianismo, por meio do qual as mulheres que não se identificavam com os atributos de gênero tradicional, como submissão, assujeitamento ao casamento, casa, família, foram diagnosticadas como doentes, nocivas ao convívio social. Uma imagem negativa do feminino, uma representação metamorfoseada que informou o imaginário social durante a maior parte do século XX. A polícia julgava-se no direito de prender mulheres vestidas com roupas masculinas e a medicina de tratá-las como doentes, o que teve como consequência a construção de espaços diferenciados para os encontros e a sociabilidade das lesbianas nas décadas de 1950-1960.

Alguns trabalhos historiográficos descreveram as situações humilhantes e constrangedoras pelas quais mulheres de famílias abastadas das primeiras décadas do século XX foram submetidas. Aquelas que se dedicaram à leitura ou demonstraram interesse em viajar e adquirir conhecimento foram internadas por seus familiares, e os médicos diagnosticavam tais comportamentos como distúrbios psíquicos, interditando-as

---

<sup>108</sup> Idem, *ibidem*.

em clínicas e asilos psiquiátricos<sup>109</sup>. Algumas foram presas, outras foram asiladas e ainda houve as que ficaram isoladas no interior de sua própria casa.

Embora exista certa dificuldade em se encontrar fontes que tratem dessa temática a respeito do que era considerado um problema de ordem social e moral naquele período, apresento uma notícia do jornal *Última Hora* do Rio de Janeiro<sup>110</sup>. Foi presa uma mulher que se vestia de homem, legalmente casada com outra mulher, de acordo com registro civil de 13 de fevereiro de 1960, na Primeira Circunscrição de Duque de Caxias no Rio de Janeiro. O caso ocorreu por uma delas, nascida como Maria Madalena de Souza, conhecida como Jackson Marino Paulo, prático de farmacêutico - *que usava o cabelo cortado à escovinha, óculos escuros, procurava falar grosso, imberbe, e usava uma cinta para comprimir os seios* - ter sido presa (o) naquela Comarca. Quando os policiais que a prenderam fizeram a revista em seu corpo, antes de a colocarem na prisão, descobriram que se tratava de uma mulher.

Jackson Marino foi preso (a) por ter comprado uma casa no município de Miguel Couto e não pagar a dívida, onde residiam há dois anos, como *casal perfeito*. O delegado Elmo Braga encaminhou o casal ao Juiz Marquez Morado para futuras providências. Caso pagasse a dívida, Jackson ou Maria Madalena e sua companheira Carmen Lúcia da Silva, *casadas* há dois anos, talvez nunca fossem descobertas. Carmem se desesperou com a prisão do *marido* afirmando que o amava e que o *queria assim mesmo*. Jackson disse que estava aliviado, apesar da dolorosa revelação do seu segredo, escondido durante quinze anos. Jackson ou Maria Madalena contava com 22 anos e Carmem Lúcia com 20 anos de

---

<sup>109</sup> Ver a respeito: CAULFIELD, S. *Getting into Trouble: Dishonest Women, Modern Girls, and Women-Men in the Conceptual Language of Vida Policial, 1925/1927*", In SIGNS, Autumm, 1993., pp. 146-177.

<sup>110</sup> Jornal *Última Hora*, 27 de julho de 1962. Agradeço ao professor James Green, por ter me enviado esse artigo.

idade. A queixa de Jackson foi quanto à brutalidade da Polícia *exigindo que se despisse antes de entrar para o xadrez*. Jackson disse que se entregaria à ciência, porque queria viver feliz com seu verdadeiro sexo, *o masculino, pois tinha certeza, sou homem, sinto que o sou, desde pequeno não suportava vestidos sobre o corpo*.

O médico Otávio Martins, de Nova Iguaçu, que examinou Jackson, afirmou tratar-se de uma mulher normal *com todos os requisitos necessários a maternidade*. O diagnóstico final: *trata-se, evidentemente, de um caso de psiquiatria digno de estudo profundo*. Maria Madalena ou Jackson Marinho confessa que conseguiu uma certidão de nascimento falsa em Duque de Caxias, *passando a se identificar daí por diante como homem*. Ficou muito constrangida com a atitude da Polícia e estava envergonhada com os vizinhos, por isso, pretendia se mudar assim que o inquérito fosse concluído. Desde criança Jackson ou Maria Madalena sentia-se como homem. Sua paixão por Carmem Lúcia foi *súbita* e com ela *casou-se* quinze dias após terem se conhecido. Assumia uma *persona* masculina e chegou até a pensar em servir o Exército, não o fez porque descobriu que os recrutas ficavam nus durante os exames médicos.

O que nos garante que Jackson não seria apenas uma lesbiana, afetiva e sexualmente interessada por outra mulher, mas que, em função da norma heterossexual dominante, não conseguia se ver e se sentir como uma mulher em uma relação amorosa com outra mulher, ou mesmo que preferisse roupas consideradas masculinas? Por que Jackson escolheu uma *persona* masculina para viver seu amor? Essas e muitas outras questões são difíceis de serem respondidas, entretanto, parece que não havia no período outras possibilidades de relacionamento entre duas mulheres, a não ser que se confinassem nos padrões do modelo tradicional do casal heterossexual.

Embora as lesbianas fossem tratadas como doentes e nocivas ao convívio social, encontramos algumas que buscaram formas alternativas de relacionamento, apesar da perseguição por parte da polícia, dos médicos e juristas. Portanto, o que podemos perceber é uma polissemia discursiva, como também, linhas de fuga para tais práticas amorosas e sexuais.

A construção desse aparato discursivo é discutida no próximo item, no qual procuro perceber como ele atingiu a figuração que as lesbianas criaram para si mesmas, ora incorporando, ora recusando esses códigos nominativos restritivos, informados pela norma heterossexual. De acordo com essa elaboração, elas foram divididas a partir do binômio sexo/gênero, como elemento explicativo para suas relações amorosas. Em outra direção, aponto como os trabalhos recentes desconstruem esse padrão a partir da análise das práticas homoeróticas femininas<sup>111</sup>.

---

<sup>111</sup> CARVALHO, Tamara. *Caminhos do Desejo: uma abordagem antropológica das relações homoeróticas femininas em Belo Horizonte*. Tese de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1995; AQUINO, Luis Octávio R. *Discurso Lésbico e Construções de Gênero*. In Revista Horizontes Antropológicos. Ano 1, n. 1. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995, pp. 79-94..

## Corpos que escapam, sinais que se multiplicam

*As teorias feministas, em sua pluralidade, vem analisando os processos e procedimentos de transformação do corpo da mulher num sexo, amálgama que resulta em práticas de subordinação e assujeitamento.*

*Tania Navarro Swain*<sup>112</sup>

A discussão sobre as várias configurações discursivas, criadas pelo pensamento dominante para refletir a respeito das práticas amorosas entre mulheres, transformadas em práticas tão somente sexuais, permite perceber como o corpo foi elaborado a partir de um esquema binário, pautado por implicações hierarquizantes e assimétricas<sup>113</sup>.

Neste sentido, é possível perceber uma série de classificações, definições, nomeações pautadas por essa divisão binária, pela qual elas são percebidas em pólos opostos, informados pela heterossexualidade: a ativa, a masculina da relação, e a passiva, a feminina, submetida à outra, numa evidente transferência deste padrão para as infinitas formas de amor existentes.

O que destaco como fantasmas do lesbianismo são os rótulos, marcas, signos que estigmatizaram e identificaram uma única elaboração para as relações afetivas e sexuais entre mulheres. Parto do pressuposto de que é necessário, em um primeiro momento, apresentar essa construção, à medida que existem poucos trabalhos que discutem as relações homoeróticas femininas, a fim de evidenciar como essas acabaram por se transferir às relações afetivas e sexuais que elas construíram para si mesmas, sobretudo, nos segmentos com menor poder aquisitivo. Em seguida, busco desconstruir essas figurações

---

<sup>112</sup> SWAIN, Tania N. *Quem tem medo de Foucault? Feminismo, Corpo e Sexualidade*. In CARRERO, Vera Porto & CASTELO BRANCO, Guilherme (orgs.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2000 b, pp. 138-158.

<sup>113</sup> SWAIN, T. Op. Cit. 2000 b.

normativas, ou seja, desnaturalizar os corpos das configurações sexuais e das práticas sociais a eles incorporados, mostrando que existe entre tais figurações uma multiplicidade de formas de relacionamentos.

Engendrar uma análise da historicidade das práticas discursivas, neste caso, mostra *a contingência das representações sociais, da inteligibilidade instituída em imagens de corpo, em funções definidas, em papéis sexuados cuja objetivação constrói a realidade que supostamente refletem*, pela qual os corpos são constituídos como sujeitos, pelos efeitos do poder, no sentido que *o indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão*<sup>114</sup>.

Desta maneira, parece imprescindível desnaturalizar o sexo e a heterossexualidade enquanto constructos definidores das identidades sociais, ou da subjetividade, à medida que várias teóricas feministas questionam como a binariedade do sexo emerge como uma categoria construída, fundada em um sistema social de gênero heteronormativo, pautado na reprodução, o que levou a lesbiana a ser considerada a outra do homem e, ao ser assim constituída, tornou-se imediatamente invisível<sup>115</sup>.

Esse preâmbulo enseja não apenas situar o campo teórico do qual esse trabalho se apropria, mas, também, apresentar como os indivíduos constituem a si mesmos, ou não, a partir desses discursos instituintes, não somente dos seus corpos, mas também dos seus prazeres e das suas paixões.

---

<sup>114</sup> SWAIN, T. Op. Cit. 2000 c, p. 142.

<sup>115</sup> ST. HILAIRE, Colette. A Dissolução das Fronteiras do Sexo. In: Textos de História. Revista de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. Feminismos: Teorias e Perspectivas. SWAIN, Tania (org.). vol. 8, n.1/2, 2002 a.

A década de 1950, no Brasil, pode ser percebida como um período que ocultou as várias possibilidades de manifestação dos atributos femininos ao associá-lo ao casamento e à maternidade <sup>116</sup>. Em consequência disso, houve um grande investimento social sobre as relações homoeróticas femininas, consideradas genericamente nocivas, uma ameaçava à constituição da família nuclear burguesa.

A imagem criada por esse discurso apresentava as mulheres lesbianas como verdadeiras cópias dos homens, pessoas agressivas, que, por um lado, necessitavam de tratamento médico para serem curadas por serem consideradas uma aberração sexual e, por outro, eram vistas como delinqüentes, criminosas, perigosas ao convívio social.

Em certa medida, essas imagens cristalizadas pelo discurso aderiram ao corpo e aos gestos de algumas lesbianas, sendo essas não apenas percebidas pelo senso comum como masculinas, mas que fizeram do seu corpo um lugar no qual encenam uma resistência à heterossexualidade dominante e, por isso, rejeitam qualquer atributo do universo feminino.

A resistência não é percebida unicamente como uma negação, ela é também um processo de criação. Criar e recriar no sentido de transformar uma situação, de participar ativamente do processo de construção, isso é resistir <sup>117</sup>.

A análise visa cartografar a construção histórica a respeito das práticas sexuais homoeróticas, pelas quais se estabeleceu um vocabulário específico, informado pelo referente heterossexual. Provavelmente, dada a inexistência de uma linguagem que pudesse designar a multiplicidade de figurações lesbianas, foi criada uma dicotomia entre essas e as práticas sexuais entre mulheres, divididas grosseiramente em *fanchonas*, *sapatões* – entre

---

<sup>116</sup> BONNET, Marie-Jo. As relações entre mulheres: o impensável? [1]. Tradução Tania Navarro Swain. In *labrys*, estudos feministas, n. 3, janeiro/julho 2003.

<sup>117</sup> FOUCAULT, Michel. *Uma entrevista: sexo, poder e a política de identidade*. In *Revista Verve 5*. Revista Nu-Sol. Núcleo de Sociabilidade Libertária. Puc-São Paulo, 2004, p. 268.

vários outros adjetivos, considerada a masculina, a que tem uma postura ativa durante o ato sexual; e a *lady, sapatilha*, a que supostamente tem uma performance feminina, passiva no ato sexual.

Apesar dessa elaboração difundida nos anos 1950 ter se tornado o vocabulário referencial discursivo para se falar do amor entre mulheres, é provável que a inexistência de uma linguagem própria, em relação à norma heterossexual, impossibilitou a invenção de múltiplas representações de suas práticas, sobretudo, nos segmentos sociais pouco intelectualizados. Esta análise é realizada por Lillian Faderman<sup>118</sup>, da qual me aproprio para refletir como as mulheres lésbicas que viveram nos anos 1950 e 1960 no Rio mencionam e interpretam suas relações.

Entretanto, é preciso lembrar que essas categorias são relacionais e negociáveis, não estão engessadas no corpo e na experiência de si, dizem respeito à maneira como se exteriorizam as configurações de gênero entre elas, de forma estereotipada, mas não exatamente como acontece na prática sexual, como foi desenvolvido no trabalho de Tamara Carvalho:

*Nem sempre o gestual feminino corresponde a um papel mais feminino na relação sexual. Há mulheres com visual masculino ou andrógino que podem assumir ora um papel mais feminino, ora um mais masculino nas relações sexuais*<sup>119</sup>.

Nesta direção, apresento como esse vocabulário é utilizado pelas próprias lésbicas através da sua auto imagem em contrapartida à classificação que indica haver dois modelos

---

<sup>118</sup> FADERMANN, Lillian, *Surpassing the love of men. Romantic friendship and love between from the Renaissance to the present*. New York: QuillWilliam Morrow, 1981.

<sup>119</sup> CARVALHO, T. Op. Cit. 1995, p. 140.

nas práticas homoeróticas: *o tradicional e o moderno*<sup>120</sup>. Para as que inscrevem suas relações no modelo tradicional, importam as noções de *ativa / passiva* pelas quais se reconhecem, à medida que se construíram subjetivamente a partir dele, principalmente, aquelas de menor poder aquisitivo. Para as que estão alicerçadas no modelo moderno, não importam mais aquelas funções, mas a troca e a afetividade.

Abarcar diferentes dimensões do imaginário que se construíram historicamente, sobretudo nos anos 1950 e 1960, a respeito das práticas afetivas e sexuais entre mulheres é uma tarefa que requer alguns recortes, a despeito de uma visão generalizada de que essas mulheres não poderiam se satisfazer sexualmente com outra mulher. No sentido que se torna uma forma de relacionamento não aceita, não compreendida, não discutida. Não havia lugar para elas, à medida que esse sentimento, esse desejo, era considerado um mal passageiro, curado com diagnóstico precoce e tratamento adequado<sup>121</sup>.

O que pretendo desenvolver é a relação que se estabeleceu, historicamente, entre esse olhar discriminador, difundido pelo discurso dominante, e a maneira como as próprias lesbianas perceberam os seus sentimentos por outra mulher, e como elas se construíram subjetiva e corporalmente informadas em alguns casos por tal discurso.

A maneira como o homoerotismo feminino foi definido em termos patológicos criou uma estigmatização da figura da *lésbica* que passou a ser vista como sinônimo de imoralidade. Talvez pela existência desse discurso disciplinador, algumas lesbianas criaram uma interdição do seu próprio corpo, negado por elas à medida que rejeitavam o olhar masculino sobre ele, não queriam ser desejadas, amadas. Surge, assim, a imagem das *lésbicas ativas*, as que assumem um papel masculino na relação, as que penetram sua

---

<sup>120</sup> FRY, P. & MACRAE. Op. Cit. 1984.

<sup>121</sup> DOYLE, Iracy. Contribuições ao estudo da homossexualidade feminina. Rio de Janeiro: Imago, 1956.

companheira, que em geral é a feminina, a *passiva*, que não age, modelos estes muito fortes nas décadas de 1950 e 1960.

Apresento as diferenças conceituais entre as chamadas *passivas e as ativas*, porque entendo que essa conceituação se aproxima do modelo heterossexual, como se elas incorporassem os padrões de gênero tradicionais no interior de suas próprias relações. Em outra perspectiva, aponto, nas características da performance corporal dessas mulheres, uma espécie de caricatura do gênero masculino, através da figura da *mulher-macho* e da sua sociabilidade que, na maioria das vezes, se restringe aos *guetos*, ou a grupos de homossexuais militantes. Os guetos são locais específicos de sociabilidade de pessoas com os mesmos interesses, ou os mesmos estigmas sociais, um lugar para conversar, dançar, estar entre amigos <sup>122</sup>.

A expressão gramática corporal<sup>123</sup> compreende a maneira de vestir e falar que, por um lado, recusa a imitação do modelo masculino e, por outro, nega a adoção do modelo feminino típico, caracterizado pela mulher fatal, aquela que usa roupas colantes, muita maquiagem e acessórios exagerados. Há vários tipos de corporalidade e de figurações entre as lesbianas, justamente porque não existe um padrão único, como se todas fossem iguais, pelo contrário, é um universo a ser investigado pela multiplicidade de tipos e figuras que emergem quando se inicia uma pesquisa<sup>124</sup>.

Os anos 1950 foram um período de grande perseguição aos *gays* e às *lésbicas* nos Estados Unidos, em função do florescimento de uma subcultura surgida em vários bares na

---

<sup>122</sup> MACRAE, Eduard. A Construção da Igualdade. Identidade Sexual e Política no Brasil da 'Abertura'. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

<sup>123</sup> Ver ÀRIES, P. *Reflexões sobre a história da homossexualidade*. In Sexualidades Ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>124</sup> PERRIN & CHETCUTI. Op. Cit. 2002.

periferia de algumas grandes cidades. Em função dos discursos normativos sobre o homoerotismo feminino. Muitas lesbianas se afastaram do convívio social e criaram também uma subcultura por meio de comunidades, o que permitiu conciliar seus interesses sociais e sexuais que não poderiam obter fora desses limites.

Faderman afirma que havia *várias subculturas lésbicas* relacionadas especialmente à classe e à idade e não apenas uma. Operárias e jovens lesbianas experimentaram e construíram para si mesmas uma forma de relacionamento muito diferente daquelas pertencentes à classe alta e das mais experientes. Entre essas, as relações foram pautadas nas *amizades românticas* e nos *casamentos de Boston* que, até o final do século XIX, eram aceitos por aqueles círculos sociais.

A inexistência de referências para as mais jovens, que servisse como uma guia, pois elas não tinham uma história, um espaço geográfico, onde pudessem encontrar-se. Como minoria, eram desprezadas socialmente, por isso os bares tornaram-se um espaço de socialização e de encontro entre iguais. Nos lugares públicos teriam sua privacidade garantida e sua segurança preservada, pois havia grande perseguição policial. Por isso, os bares foram espaços muito importantes para sua sociabilidade, eram chamados de *bar do mal homossexual*, localizados geralmente na periferia, *em lugares lúgubres, sinistros, melancólicos*, e que se tornarem uma importante instituição, pois não havia modelos ou referência para elas.

O aparecimento dos bares permitiu que um significativo número de mulheres pudesse expressar juntas sua identidade social de lesbiana, por meio de vários modelos. Enquanto para as mulheres de classe média o *casamento entre iguais* era possível, ou seja, duas mulheres com performance feminina poderiam viver juntas, para as operárias isso não era vislumbrado, pois, entre elas, suas relações afetivas e sexuais se baseavam no sistema

de gênero tradicional, a feminina/lady, ou a masculina/fanchona. A justificativa se dava em função da hostilidade da sociedade, por isso não criaram novas regras para seus relacionamentos. Esta conduta era um indicador importante de pertencimento ou não, *aquelas que recusavam esta dicotomia não eram bem recebidas no grupo.*

Havia hostilidade contra aquelas que não se decidiam, chamadas por elas pejorativamente de *kikis*, que apresentavam um comportamento indefinido. Quem não se definisse não poderia frequentar um bar gay: *quem não correspondia aos estereótipos butch/ masculina ou femme/feminina era desprezada e considerada uma pessoa sem opinião.* Acreditavam que essa dicotomia servia como uma forma de sobrevivência entre elas, e que ter um comportamento *butch* não significava uma negação do ser mulher, mas uma forma de se sentir mulher, dentro de uma roupa masculina. Isto também pode ser considerado uma segurança em relação ao olhar masculino, de não ser desejada, de ser vista como igual, *uma estratégia de proteção.*

A manutenção dessas estratégias de sobrevivência e de construção subjetiva, e que se desloca temporalmente, pois foi apresentada por Perrin & Chetcuti, a partir de entrevistas com um grupo de lesbianas da França e da Suíça na década de 1990, mostra como a performance masculina foi utilizada como defesa ou proteção em relação ao olhar masculino:

*Antes eu me escondia atrás de roupas largas. Uma imagem de caminhoneira era verdadeiramente uma carapaça, eu sabia que os caras não iriam me chatear, eu me sentia mais forte, de não ter que me fazer de mulher, enfim de não exercer o papel de mulher. Hoje, eu não tenho mais vontade de ter este papel de 'butch', eu não tenho vontade de pertencer a um papel particular explícito, a não ser aquele de lésbica. Por outro lado, em uma situação em que eu tenho vontade de me proteger, eu serei mais como uma 'butch'.*

*Quando eu estou com lesbianas, eu não tenho necessidade de colocar minha armadura*<sup>125</sup>.

O estereótipo aqui não significa o lugar ocupado na relação sexual, não há uma correlação entre parecer masculina e atuar neste sentido durante o ato sexual. As identidades sociais não são exatamente as sexuais, que possuem um caráter negociável, poderiam dar-se meramente como um código que uma pessoa poderia seguir, caso quisesse participar daquele jogo, como aponta Faderman: *Os papéis não eram definitivos, eram reversíveis em certas circunstâncias, era possível ser butch em uma relação e femme em outra, dependendo das preferências da parceira.*

Lota e Bishop pertenciam a segmentos altamente elitizados, sua relação se constituiu no espaço privado diferente da relação que outras mulheres têm com esse mesmo espaço, muitas vezes marcado pelo assujeitamento e submissão. Pode-se pensar que elas se apropriaram de um estilo de vida particular e intensificaram-no justamente para não precisarem se expor ao olhar constrangedor da sociedade conservadora.

As mulheres lesbianas das camadas altas da sociedade, quando se vestiam com roupas masculinas, eram geralmente consideradas extravagantes e exóticas. Talvez por terem maior autonomia na ocupação do espaço público em função da sua condição econômica privilegiada. Já as mulheres com menor poder aquisitivo, que adotaram um comportamento masculino, operavam com as noções de gênero que elas reconhecem, mas também porque com essa conduta elas conquistam o espaço público nos ambientes que elas ocupam, ao serem aceitas como diferentes. Neste sentido, percebe-se que não há um bloco homogêneo quando se reflete sobre o homoerotismo feminino. No entanto, algumas

---

<sup>125</sup> Idem, *ibidem*.

expressões são reconhecidas como pertencendo a um tipo específico de lesbiana, por exemplo, a *sapatão*, *caminhoneira*, *fanchona*, *mulher-macho*, que prefere ternos, tênis, às saias, vestidos, maquiagem, usadas pela *lady*, *sapatilha*, *femme* <sup>126</sup>.

Os fantasmas que se construíram historicamente dizem respeito a essa elaboração discursiva permeada por atributos pejorativos para a relação afetiva e sexual entre duas mulheres. Palavras e expressões que serviram para identificar uma prática sexual e não os sentimentos, os desejos, o auto conhecimento provocado por essa relação, serviram, pelo contrário, para marginalizar e estigmatizar.

As prescrições relativas à homossexualidade feminina, longe de se opor ao saber e ao poder, foram, pelo contrário, incluídas em sua rede e até mesmo produzida por ele, o que permite compreender como e quanto o saber e o poder estão presentes nas práticas discursivas, fazem parte das forças difundidas na linguagem e funcionam como um jogo complexo de produção de subjetividade. Uma parte fundamental desse jogo faz os indivíduos se perceberem dotados de uma certa sexualidade, legítima ou não, aceita ou não, e a buscarem nela a verdade de seus desejos, a sua verdade enquanto sujeitos <sup>127</sup>.

Nesta direção, o discurso da homossexualidade enquanto perversão volta-se ao corpo do indivíduo, nada do que ele sente ou faz escapa, está na sua conduta, no seu olhar, ele tornou-se uma espécie a ser estudada, a ser vigiada. Isto favoreceu, também, a configuração de um determinado imaginário e a constituição histórica de um sujeito dessa homossexualidade, criando um indivíduo perverso, e não um sujeito que se constrói a partir de práticas refletidas e autônomas. Um discurso que está acima do sujeito e que, no entanto, define sua conduta, seus sentimentos e determina suas mais diferentes ações, quer o

---

<sup>126</sup> PERRIN & CHETCUTI. Op. Cit. 2002.

<sup>127</sup> FOUCAULT, M. Op. Cit. 1997, pp. 43-44.

indivíduo as realize, quer não<sup>128</sup>. Uma espécie de amálgama, que generaliza, confunde e junta elementos díspares em algo único, indissociável. Como se existisse uma única forma de amor entre mulheres que amam mulheres, aquela que traz prejuízos à constituição da família, pessoas perigosas, uma generalização que foi prejudicial à saúde física e psíquica de muitas mulheres, obrigadas por sua família a casar, ter filhos, ser uma esposa respeitável e não uma *perdida*.

A sensação de exclusão social, de considerar-se de fato uma doente, uma pessoa nociva, para a qual aquele tipo de sentimento deveria desaparecer, pois somente ela e mais ninguém seria capaz de tão absurdo desejo, foi algo que perseguiu a grande maioria das mulheres lesbianas que viveram nos anos 1950 e 1960. O discurso penetrou no olhar que criaram sobre si, sentiram-se inadequadas, incorretas, que precisavam esconder seus sentimentos.

Um depoimento que reflete as atitudes de um grupo maior, de amigas íntimas, permite visualizar como isso aconteceu com elas, que, para tranquilizar a família, casaram e tiveram filhos e, quando ficaram *mais velhas*, e economicamente independentes, se separaram do marido, o que não quer dizer que seja algo *normal* em suas vidas:

*Entre nós, há muitas que já foram casadas e até tiveram filhos, pois a gente considerava que o sentimento por uma mulher era algo passageiro, não ia durar, um dia isso vai acabar, e como a família forçava a casar, eu me casei e tive uma filha, depois que estudei e tive uma profissão, resolvi me separar, mas até hoje não se fala sobre o assunto na minha família. Eu me casei porque não tinha uma profissão e tinha aquela coisa de idade de casar (Antonieta, 67 anos)<sup>129</sup>.*

---

<sup>128</sup> FOUCAULT, M. Op. Cit. 1997.

<sup>129</sup> Entrevistas Rio: Dezembro de 2003 e Junho de 2004.

O medo que as perseguia era grande, pois ser considerada uma *mulher-homem* significava ter sobre si o olhar acusador da sociedade, por isso se mantinham no casamento enquanto durasse a dependência econômica: em decorrência disso, as relações tinham que ser muito camufladas. Diz outra:

*Meu primeiro relacionamento aconteceu quando eu estava casada, foi aquela paixão difícil de esconder, mas nós resistimos e só nos encontrávamos quando dava, pois ela também era casada, éramos praticamente da mesma família, íamos aos mesmos lugares, evitávamos nos olhar, pois tínhamos certeza que se alguém visse ia descobrir, então seria um escândalo. Ela tinha mais medo do que eu, que arrumei emprego e quando tive condição me separei, ela não, até hoje está casada e não suportei o medo dela, queria alguém que tivesse mais opinião*<sup>130</sup>.

Foi possível perceber que muitas mulheres, sobretudo as de setores menos privilegiado economicamente, tiveram que se submeter à autoridade masculina, do marido ou do pai, antes de assumir seu desejo por outra mulher. Algumas entrevistadas afirmaram que casar era uma espécie de *destino natural*. Mesmo tendo interesse ou curiosidade por mais intimidade com uma mulher, não sabiam e tinham medo de assumir essa vontade, sentiam-se excluídas, solitárias, marginalizadas.

No entanto, é possível pensar em formas singulares de construção do homoerotismo feminino, formas essas que escapam aos discursos homogeneizantes da produção das subjetividades. O que nos leva a refletir sobre o que está sempre em construção, em devir, que não está acabado, mas que se constitui na pluralidade das experiências, ao longo da existência, permitindo escapes, linhas de fuga em relação à norma. Uma construção que pode ser pensada a partir de devires, que seriam, resumidamente, práticas de

---

<sup>130</sup> Depoimento Lúgia (63 anos), Rio, 2003.

desterritorialização dos sujeitos, à medida que se afastam das identidades institucionais, marcadas e nomeadas pelo poder normativo.

A identidade lesbiana foi fabricada por um discurso homofóbico, que a inscreveu em categorias identitárias engessadas, que travam qualquer interpretação que possa se dar para além delas. Como nos advertiu Butler: *as categorias de identidade tendem a ser instrumentos de regimes regularizadores, tanto se atuam como categorias normalizadoras de estruturas opressivas, como se servem também de pontos de encontro de uma oposição liberadora dessa mesma opressão*, no sentido que a afirmação da homossexualidade é em si mesma uma extensão do discurso homofóbico. Não havendo nada em comum às mulheres em relações homoeróticas, *a não ser talvez que todas elas conhecem em maior ou menor medida o modo em que a homofobia atua contra as mulheres*<sup>131</sup>.

A ênfase maior aqui é tentar romper com a visão de uma sexualidade única para as relações emocionais, afetivas e sexuais entre mulheres, pois não se trata de algo igual para todas, em todos os tempos e lugares, mas de um leque de possibilidades, uma multiplicidade de estilos de vida. Não há um bloco homogêneo e, apesar das muitas classificações, trata-se de pessoas e não das suas práticas sexuais <sup>132</sup>.

A questão do afeto como elemento de aproximação entre duas mulheres é muito valorizada, na qual as primeiras relações são descritas com intenso romantismo, pela singularidade, pelo sentimento inusitado, por sentirem que somente elas teriam vivido algo semelhante: *Eu acho que não é uma coisa ligada ao sexo diretamente. É uma coisa ligada ao sentimento, à energia da outra pessoa* <sup>133</sup>. O sexo é menos importante que o carinho, o

---

<sup>131</sup> Butler, Judith. *Imitación e insubordinación de género*. In Revista de Occidente, n. 236. Las Intervenciones Humanitarias. Zapatero, Virgilio (org.). 2001, pp. 85-109.

<sup>132</sup> FRY, P. & MACRAE, E. Op. Cit. 1984.

<sup>133</sup> SBARDELINI, Teresa. Op. Cit. 1979, p. 121.

afeto, a emoção, o entendimento recíproco, o companheirismo; ele aparece como consequência e não como causa, pelo qual o prazer sexual está relacionado a uma interação superior. Assim, a relação sexual pressupõe um necessário envolvimento afetivo e emocional entre as parceiras.

Luis Mott mostra a resistência à palavra *lésbica* por um grupo organizado de lesbianas, que a consideram pejorativa e discriminatória, e relacionada à construção da sua imagem pelos discursos dominantes, por isso, elas o questionam. O *Coletivo de Lesbianas de Barcelona* define uma *lésbica* em oposição ao que era difundido pelo discurso dominante sobre elas:

*Que é uma lésbica? A lésbica é a mulher que se identifica como mulher, que se erige como sujeito e objeto de sua própria sexualidade, que se reivindica mulher em função de si mesma, que subverte todos os esquemas e papéis que deram lugar a normas sexuais estabelecidas. Em definitivo, a lésbica é a mulher que de qualquer forma e sob qualquer circunstância se rebela contra as limitações e opressões impostas pelo papel considerado o mais inferior da sociedade: o papel feminino*<sup>134</sup>.

Judith Butler defende que é necessária a visibilidade do lesbianismo enquanto uma decisão e uma necessidade política, à medida que não se pensa e não se fala sobre ele e, assim, está fora do campo das matrizes de inteligibilidade cultural, e a lesbiana, um ser politicamente inexistente, no sentido que, uma coisa é estar fora do discurso e outra, estar dentro dele de forma falseada, o que significa estar permanentemente eclipsada pelo discurso:

*Se o lesbianismo não está proibido explicitamente é em parte porque nem se quer pode entrar no campo do pensável, do imaginável, essas coordenadas de inteligibilidade cultural que regulam o real e o nomeável. Como então ser lesbiana, em um contexto político onde a lesbiana não existe? [...] Uma coisa é ser*

---

<sup>134</sup> MOTT, Luis. O Lesbianismo no Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

*eliminado do discurso e outra distinta é estar presente no discurso como uma falsidade permanente. Portanto, existe a necessidade política de tornar visível o lesbianismo*<sup>135</sup>.

Os questionamentos e interrogações colocados pela epistemologia feminista sugerem que as relações humanas sejam repensadas para além do sistema sexo / gênero, ou seja, das matrizes de inteligibilidade que informam os lugares específicos dos sujeitos a partir de definições corporais e propõem pensar em um não lugar, *um lugar que se inventa em espaços outros, práticas e teorias que atuam nas representações de gênero e fora delas*, o que desestabiliza as evidências modeladas *pela biologia e pela heterossexualidade como prática sexual por definição*<sup>136</sup>.

Deste modo, é possível pensar em uma transformação das relações humanas, e talvez da própria percepção identitária dos indivíduos em sua materialidade. No lugar de visualizarmos um significante do ser mulher, ou do ser lesbiana, podemos perceber uma *constelação de situações e comportamentos constitutivos de um ser inserido em um social, histórico e espacialmente determinado*. Podemos perceber em um sujeito que se constitui a partir de experiências múltiplas em oposição às representações colocadas pelas tecnologias de gênero que, em certa medida, forjaram uma imagem estereotipada *da mulher, ou da lesbica*, o que permite pensar que essas representações instituem certas realidades, das quais os indivíduos se assujeitam ou não.

Entretanto, sabemos que esses regimes de verdades são formadores de sentidos e significados sociais para os corpos e as figurações sociais, constituindo mapas interpretativos do mundo e, neste sentido, essas matrizes criam aquilo que deveriam estar

---

<sup>135</sup> BUTLER, Judith. Op. Cit. 2001, p. 96.

<sup>136</sup> SWAIN, Tania. As teorias da carne: corpos sexuais, identidades nômades. In labrys, estudos feministas, n. 1-2, julho/dezembro, 2002 a.

explicitando, em sua própria enunciação e repetição. Assim, os sujeitos se elaboram a partir desses enunciados e transgredir ou escapar a esses sentidos significa fazer do próprio corpo um lugar de contestação.

A experiência de constituir uma estética corporal alicerçada no estereótipo masculino, ou seja, negar os atributos do feminino para se apresentar ao mundo e assim legitimar sua diferença foi uma estratégia criada por mulheres que ousaram amar mulheres, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960. Neste sentido, fizeram do seu corpo um instrumento de contestação, para romper com o significante *da mulher*, vista em sua singularidade. Isto porque as táticas sociais fazem do corpo da mulher uma superfície pré-discursiva para o exercício do poder, como nos advertira Foucault: *O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos, enquanto que a linguagem os marca e as idéias os dissolvem, lugar de dissociação do Eu, que supõe a quimera de uma unidade substancial, volume em perpétua pulverização*<sup>137</sup>.

Apesar de toda explicação histórica das experiências compartilhadas pelas mulheres que amaram mulheres, localizo, na discussão das teóricas feministas, a percepção de que é preciso *reinventar o imaginário instituidor do real, desfazer as representações sociais criadoras de identidades, deslocar relações ancoradas na tradição e na norma*, para poder libertar ou liberar os sujeitos de identidades limitadores:

*O que importa é a não fixação de caminhos absolutos de verdade: afinal, a realidade tal como se apresenta, fragmentada, exige atuações diversificadas, se o objetivo é transformá-la. Estar consciente da materialidade da experiência que nos cria em identidades e corpos, que nos designa lugares de fala, mas procurar excedê-los, perseguindo direções múltiplas, pois a*

---

<sup>137</sup> SWAIN, T. Op. Cit 2002 a.

*vastidão do horizonte é como o arco-íris, sempre em vista, sempre distante...*<sup>138</sup>

As mulheres lésbicas com maior poder aquisitivo possivelmente elaboraram para si mesmas um estilo de vida diferenciado, pois suas condições financeiras privilegiadas permitiram formas de sociabilidade e de convívio não pautados pela auto discriminação, talvez por estarem protegidas nas suas conquistas profissionais. No entanto, sua invisibilidade pode ser percebida como arma de proteção e estratégia de sobrevivência. Refugiar-se em uma casa ou manter-se atrás de portas fechadas pode ser uma tática calculada como uma maneira de melhor enfrentar a sociedade.

O sexo e a sexualidade, tantas vezes confundidos e imbrincados <sup>139</sup>, não são, em geral, o ponto de passagem para o acesso à sua própria inteligibilidade, à totalidade do seu corpo; a profissão aparece, na maioria das vezes, em primeiro plano. As formas de auto reconhecimento não estão ancoradas na sexualidade, à medida que há outras formas de conhecimento de si e privilégios de classe que permitem a elas romperem com as regulações de gênero por outras vias. No caso das mulheres entrevistadas, poderiam dirigir carros modernos, ter seu próprio apartamento para seus encontros amorosos, viajar para outros países desacompanhadas, locomover-se com maior liberdade:

*Viajar era uma forma de sair da opressão e do olhar acusador da sociedade, principalmente para outro país, o que dava uma sensação de liberdade, de não precisar usar a roupa adequada no momento certo, a gente podia comprar roupas que aqui no Brasil ainda nem eram vendidas, calças de tecidos finos, aqui só tinha de tergal, aquela coisa dura, masculina, feia, sem nenhuma elegância*<sup>140</sup>

---

<sup>138</sup> Idem, ibidem.

<sup>139</sup> SWAIN, T. Op. Cit. 2000 a.

<sup>140</sup> Entrevista Rio. Dezembro 2003 e Junho 2004. Lúcia, 71 anos.

A possibilidade de morar fora do país, como uma forma de viver sua orientação sexual longe da família e do grupo de origem, foi um recurso para algumas com condições financeiras e culturais. Tal característica aparece como linha de fuga ao qual elas recorreram, em função da terrível repressão da sociedade conservadora, uma prática que uma entrevistada que mora em Berkeley nos Estados Unidos, narra que foi muito utilizada por várias lesbianas que se conheceram em meados dos anos 1960<sup>141</sup>.

Em contrapartida, as mulheres com menor poder aquisitivo não tiveram outra estratégia para enfrentar a sociedade misógina, a não ser delimitar sua diferença através do seu corpo. Acreditavam que parecer masculina diante da sociedade lhes garantia um maior respeito de todos, principalmente dos homens, que as tratavam como iguais. O travestismo surge como uma forma de resistir e de contestar, e não excentricidade. A expressão do próprio corpo aparece como instrumento de negociação; elas negavam qualquer traço de feminilidade, por um lado, para não ser desejada pelos homens e, por outro, para se igualar a eles, negando o feminino socialmente imposto.

Como observa Judith Butler, a norma heterossexual força sua representação como sendo a original, a real, o que implica que ser lesbiana é sempre uma espécie de imitação, um esforço que estará sempre condenado ao fracasso. Entretanto, a heterossexualidade também está imersa em um processo imitável por meio da idealização de si mesma e que pode também fracassar. Para ter êxito, esse processo é levado a repetir-se infinitamente, a fim de naturalizar-se como o original, na tentativa de consolidar o imperativo do homem e

---

<sup>141</sup> Entrevista com Cristiana (63 anos). Berkeley, junho de 2005.

da mulher, que são efetivamente efeitos teatralmente produzidos, mas que pretendem ser os fundamentos, a medida normativa do real<sup>142</sup>.

As identidades homossexuais provavelmente não agem no sentido de copiar a heterossexualidade. Ao contrário, parecem expor esta como uma incessante imitação de sua própria idealização naturalizada. O que nos leva a pensar que a norma heterossexual está constantemente fabricando a si própria, talvez pelo perigo iminente de se ver implodida. Em função disso, ela exclui aquilo que ameaça a sua coerência tornando a homossexualidade secundária ou tentando erradicá-la.

Embora seja preciso considerar que as normas heterossexuais reaparecem na construção das identidades gays e lesbianas, elas não estão, por esta razão, determinadas por sua estrutura. O que existe é uma repetição da suposta normalidade, o que coloca em relevo o caráter totalmente construído do suposto original. Por trás da repetição, não há um sujeito que decida qual o gênero que adotará em um certo momento. O ser do sujeito não é idêntico por si mesmo que o ser de qualquer gênero; por isso o gênero não é uma atuação que um sujeito prévio constrói, ele é performativo e se expressa através da repetição.

A categoria gênero, definida a partir de um sistema binário em oposição ao sexo, ao explicitá-lo, ela o desconstrói, pois o gênero é teorizado como independente do sexo e, enquanto tal, torna-se um operador flutuante: assim, masculino e feminino podem ser significados para além do corpo biológico. Isto se configura no que Butler descreve como corpo performativo que, ao encenar a ligação sexo biológico / gênero social, desmascara seu aspecto ilusório.

---

<sup>142</sup> BUTLER, J. Op. Cit. 2001.

Neste sentido, a sexualidade, nome que se dá para um constructo histórico, nunca se expressa totalmente em uma atuação ou prática, assim, haverá ladies / sapatilhas passivas e ativas, sapatões / fanchonas femininas, ambas categorias e outras mais servirão para descrever padrões mais ou menos estabelecidos no anatômico.

Ocorre, assim, um total embaralhamento daqueles padrões e estereótipos de gênero, alicerçados na heterossexualidade compulsória, não havendo um modelo único entre a aparência e a prática sexual. Uma lesbiana feminina, que nos termos brasileiros é definida como a sapatilha ou lady, pode comportar-se ativa sexualmente, enquanto a sapatão, identificada ao masculino, a que supostamente toma a iniciativa na relação sexual, pode se construir como a mais frágil e dependente da relação <sup>143</sup>.

Entretanto, a construção da imagem da *sapatão* é permeada por profundos estigmas de gênero, pois ela é a própria antítese da feminilidade, por se afastar do que a norma espera do comportamento feminino. Ela personifica uma ameaça para a sociedade conservadora, por isso foi nomeada como uma aberração. Um discurso que, em certa medida, colou ao corpo e as práticas das mulheres das camadas sociais mais baixas, mas não somente. As palavras que designam a sapatão enfatizam o seu caráter masculino: *bota, botão, coturno, lesbica, mulher aranha, mulher-homem e mulher-macho* <sup>144</sup>.

No final da década de 1960, estabeleceu-se um vocabulário que somente os que pertenciam àquele segmento reconheciam, surgindo a expressão *entendida, no sentido da igualdade ou simetria*. As palavras *entendida e gay* foram utilizadas como sinônimo de *lésbica* entre *entendidos*, sobretudo entre as camadas médias e altas do universo

---

<sup>143</sup> AQUINO, L. O. *As Derivas do Desejo. Processos de Construção, Manutenção e Manipulação de Identidades Lésbicas em um Conjunto de Mulheres de Porto Alegre*. Tese de Mestrado em Antropologia Social. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

<sup>144</sup> PARKER, Richard. *Corpos. Prazeres e Paixões. A cultura sexual no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Best Seller, 1991, p. 88.

homossexual brasileiro<sup>145</sup>. O termo entendido emerge de forma codificada entre homossexuais, que tanto identifica os indivíduos, como os lugares de encontro reconhecidos entre eles, o que supostamente manteria os não entendidos de fora, ao não compreenderem a dinâmica daquela referência.

De certa maneira, o termo também funciona como uma forma de auto proteção; por meio de uma linguagem secreta, permitia-se obscurecer a vida dupla que levavam: assim, somente os que entendiam, compreenderiam o que estava em jogo. Isto garantia uma certa segurança perante aos não homossexuais, pois o reconhecimento poderia levar a uma estigmatização social, à perda do emprego e até ao constrangimento das pessoas de famílias conhecidas e respeitáveis; uma modificação nas designações de gênero a fim de disfarçar as identidades das pessoas envolvidas em uma relação é, enfim, uma maneira de embaralhar os códigos heteronormativos<sup>146</sup>.

A expressão *entendida* foi assim tomada dos homossexuais masculinos e difundida entre as mulheres de classe média para se auto designar e, neste sentido, é um termo que opera um recorte de classe, em contraposição aos termos utilizados pelos grupos de classe baixa, como *caminhoneira ou sapatão*, os mais popularizados, que designam uma mulher masculinizada em contraposição à *entendida*, que não possui como característica a imagem masculina, e marca o vocabulário mais utilizado pelas camadas altas e médias da sociedade: *Uma aura de intelectualidade, bom gosto, refinamento e cultura envolve o qualificativo entendido*<sup>147</sup>.

---

<sup>145</sup> FRY, Peter. *Identidade e Política na Cultura Brasileira*. In Para Inglês Ver. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 104. Ver GREEN, J. Op. Cit. 2000.

<sup>146</sup> GUIMARÃES, Carmem. *O homossexual visto por entendidos*. Tese de Mestrado. Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro 1977, p. 130.

<sup>147</sup> AQUINO, L, Op. Cit. 1992, p. 292.

Recorrer à performance masculina seja nas roupas, ou no estilo de vida que adotam, pode ser uma maneira de se sentir mais mulher, com a roupa que se reconhecem. É preciso considerar que, para além da elaboração pautada no senso comum, existem figurações que se relacionam a concepções diferenciadas do ser homem e do ser mulher e que, portanto, os esquemas classificatórios instituídos pela heterossexualidade não dão conta das múltiplas possibilidades de constituição de si que emerge entre elas, levando-nos a desconstruir as noções pautadas no modelo da passiva e da ativa, como formas explicativas das práticas sexuais entre mulheres.

O desprezo delas pela expressão *lésbica* pode ser percebido como uma rejeição à homogeneização imposta pela norma, que institui um sujeito único, com práticas dicotomizadas naquele padrão, não dando conta das *diferenças, mutabilidades, flexibilidades e contradições que permeiam e constroem as representações de gênero e de si mesmas*.

Nota-se uma recusa à imitação dos modelos masculino e feminino para os segmentos mais elitizados, porque elas se perceberam a partir de formas múltiplas de auto elaboração, e não pautadas no modelo normativo. Neste segmento parece haver uma forte tendência a recusar o paradigma da mulher masculinizada. Há uma preocupação com a escolha da roupa, a fim de evitar o risco de se reproduzir a divisão de gênero clássica, masculina ou feminina, buscando mais uma relação de complementaridade à submissão. Os critérios que distinguem os vários grupos sociais das *entendidas* têm a ver com o poder aquisitivo, tipo de lazer, estilo de vida e faixa etária.

A recusa ao modelo masculino pode também estar associada à imagem negativa construída pelos meios de comunicação, pelos relatos literários e nas explicações teóricas da homossexualidade, o que provoca um desejo de isolamento, de não falar sobre si

mesmas, em virtude do discurso pelo qual elas não se identificam. A consequência desses relatos negativos pode ter levado a introjeção de uma visão negativa sobre si mesmas.

Entretanto, não incorporar esse sentimento negativo depende muito da *disponibilidade de modelos alternativos*, que afirmem a validade da existência das práticas e de um estilo de vida lésbiano, fora do campo da anormalidade, da doença, do desvio. O acesso a performances diferenciadas não depende especificamente da condição econômica, como em muitos momentos esse texto talvez tenha sugerido, mas das condições de possibilidade históricas nas quais os sujeitos estão inseridos.

Talvez Lota e Bishop não tenham pautado suas relações nos estereótipos tradicionais de gênero. Embora seja apenas uma suposição à medida que seus contemporâneos não podem responder a uma especificidade tão subjetiva. Talvez lutassem pelo reconhecimento do seu trabalho, proficuamente produzido nos anos que viveram sua relação amorosa. Talvez sua história mereça ser reconhecida pelo fato de assumirem seu amor, considerando que ainda se discute entre as próprias lésbicas: *Você é ativa ou passiva?* Uma pergunta, uma multiplicidade de respostas.

Isso tudo conduz às seguintes reflexões: teria havido nos anos 1950-1960 uma mudança nos costumes sociais ou o fato de pertencerem à elite permitiu a elas tal relacionamento? Como elas conseguiram ser respeitadas e aceitas pela sociedade do seu tempo? O fato de terem vivido praticamente reclusas durante mais de dez anos na casa de Samambaia, visitadas apenas por amigos íntimos, teria permitido a elas uma maior proteção dos preconceitos reinantes na sociedade daquele tempo? Essas questões que serão problematizadas e discutidas nos próximos capítulos.

## Capítulo II. Peregrinações em busca de um personagem

*Uma mulher miúda, franzina, de temperamento forte, apaixonada, que foi capaz de realizar seu sonho: "transformar um monte de entulhos em um grande jardim".*

*Projeto Riomar*<sup>148</sup>

Ao elaborar as narrativas sobre Lota, desejo evidenciar as condições de produção de cada uma dessas memórias, buscando confrontá-las, para depois trabalhar as suas lacunas e os seus silêncios. São memórias que em sua heterogeneidade apresentam a mesma biografia. Os discursos se cruzam, porém, não estabelecem nenhuma crítica às suas posturas, quer sejam elas autoritárias ou democráticas. Em diferentes circunstâncias uma multiplicidade de vozes se unem para formar um consenso: a sua disposição para os desafios. Neste sentido, a produção de memórias póstumas parece *parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas*<sup>149</sup>.

Na rede de memórias que se tece sobre Lota procuro pensar que a memória enseja a vida e a história. E a história, em um movimento de reconhecimento, ajuda a memória a não ser esquecida, ainda que sob o risco de cristalizá-la. Reconheço os perigos das armadilhas discursivas, embora procure trabalhar esses documentos na perspectiva ensinada por Foucault: não interpretá-los, não determinar se eles dizem a verdade, mas sim trabalhá-lo no seu interior<sup>150</sup>.

Ao investigar a teia discursiva que se produz sobre Lota, noto que se constituem imagens conflituosas e contraditórias: por um lado, as que denotam a percepção de uma

---

<sup>148</sup> Projeto Riomar. Parque do Flamengo. Idéia e criação de uma mulher. Dona Lota Macedo Soares. s/d. In Biblioteca do Instituto Pereira Passos. Rio.

<sup>149</sup> NORA, Pierre. *Entre memória e história. A problemática dos lugares*. In Projeto História. São Paulo, 1993, n. 10, p. 22.

<sup>150</sup> FOUCAULT, M. Introdução. In *A arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 07.

mulher inovadora e vanguardista; por outro, a autoritária, dominadora, que brigou com todos que criaram obstáculos na execução dos seus projetos, sobretudo dos que dizem respeito às obras do Parque do Flamengo, o que lhe conferiu maior visibilidade.

Procuo não esquecer que as práticas discursivas não são neutras, e que o discurso não é um reflexo do real e que, ao serem evocados, instituem figuras sociais, *constroem identidades e objetivam o fato histórico, dando-lhe visibilidade e imprimindo-lhe um sentido determinado*<sup>151</sup>. O desafio maior é não reduzir os vários discursos sobre a personagem nas suas ações, ou mesmo explicar as palavras enunciadas como supostamente reais.

Lota Macedo Soares nasceu em 1910 em Paris, em virtude dos constantes exílios políticos de seu pai José Eduardo Macedo Soares. Em 1930, o exílio levou a família para a Bélgica, quando ela estudou em um colégio de freiras. Não possuía um diploma universitário e nem um trabalho remunerado, apesar de seus amplos conhecimentos estéticos, sendo a arquitetura sua grande paixão. Estudou muito, de maneira autodidata, principalmente os modernos, como Le Corbusier e Miers van der Rohe; entre os urbanistas, o norte-americano Lewis Mumford e o grego Constantin Doxiadis, estavam entre os seus preferidos. Na década de 1930, o arquiteto francês Le Corbusier esteve no Rio de Janeiro, para proferir palestras aos jovens arquitetos brasileiros, e consta que ela fazia parte do grupo<sup>152</sup>. Foi considerada por seus contemporâneos uma arquiteta autodidata, em virtude dos seus conhecimentos na área, adquiridos em seus estudos e nas constantes viagens para outros países. A fonte de renda que lhe permitia dedicar-se aos seus interesses pessoais,

---

<sup>151</sup> RAGO, Margareth. As Marcas da pantera: Foucault para Historiadores. In Revista de Cultura Resgate. Campinas: Centro de Memória da Unicamp/Papirus, n. 05, 1993, pp. 22-32.

<sup>152</sup> ENTREVISTA, Rosinha Leão. Projeto Portinari. Programa Depoimentos, 04 de setembro de 1984, PUC-Rio de Janeiro.

provinha da herança que recebera da família da sua mãe, constituída por grandes proprietários de terras na região de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro.

A independência financeira possibilitou-lhe a dedicação em tempo integral aos seus projetos, relacionados com pintura, arte e arquitetura. Os investimentos nos estudos permitiu-lhe manter-se atualizada sobre esses assuntos, em um momento em que os cuidados com a casa pareciam ser as únicas ocupações possíveis para as mulheres. Lota parece escapar do feminino socialmente imposto naquele período, por exemplo, construiu casas, supervisionando as obras em função das suas condições financeiras privilegiadas.

Busco percorrer os vários espaços e projetos pelos quais Lota se dedicou e esteve envolvida, principalmente os que se constituem nas obras por ela realizadas ou nas quais colaborou. Sua participação em certas atividades seja nos estudos realizados com o pintor Cândido Portinari, entre os anos de 1935 e 1939, seja com a proposta de organizar uma mostra de artistas brasileiros em Nova York, na década de 1940, podem ser percebidos como uma forma de ela ocupar-se profissionalmente. Nos anos 1950, ela construiu uma casa em Petrópolis, considerada um exemplo de arquitetura moderna, e entre os anos de 1961 e 1965, o projeto maior, que lhe conferiu grande visibilidade, o Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro.

Esses projetos são vistos como uma maneira de ela dar-se a ver, no sentido de mostrar-se aos outros, pois os executava sem fazer alarde, sem chamar a atenção, foi uma forma de ocupar-se e de colocar em prática seu talento e sua capacidade criativa. Assim, percebo que foi através do seu trabalho que ela constituiu uma relação consigo mesma <sup>153</sup>. Neste sentido, Lota parece se inventar por meios dos seus projetos, pois é a partir deles que

---

<sup>153</sup> FOUCAULT, M. Op. Cit. 2004, p. 301.

percebo sua atuação política. Embora fosse uma mulher da elite, preocupava-se com projetos que buscassem a preservação do patrimônio público e alternativas para atividades culturais e de lazer para as camadas sociais menos privilegiadas, à exemplo do Parque do Flamengo. Investigo a maneira como ela aos poucos se apresenta através dos seus projetos, na sociabilidade criada na casa de Samambaia por ela e sua companheira Bishop, bem como nas conseqüências das suas atividades públicas.

Na década de 1930, o pintor Cândido Portinari, ensinava artes plásticas na Universidade do Distrito Federal <sup>154</sup>, no Rio, um curso livre freqüentado por pessoas interessadas. Esse projeto entusiasmava a todos, pelo caráter inovador proposto pelo grupo e pelas soluções alternativas do pintor. Maria Portinari, viúva dele, comenta como ele gostava daquela turma, da qual Lota fazia parte. Para evitar os empecilhos com a burocracia, pois o material pedido para o curso demorava a chegar, ele incentivava o grupo a se organizar e comprar o que fosse necessário com seus próprios recursos, o que permitia a todos trabalhar e as aulas a acontecerem efetivamente, o que não se dava com os demais cursos. Ela lembra uma ocasião em que Anísio Teixeira, ministro da Educação, esteve na faculdade, e apenas as aulas do Portinari funcionavam. Diz ela:

*O Portinari achou que estavam perdendo tempo em esperar o material e fizeram uma vaquinha para comprar. Despachou um para comprar chassis, outro para comprar tela, outro para comprar cola...Daqui a pouco a turma toda estava trabalhando. Tanto que uma vez o Anísio Teixeira foi visitar a escola e a única aula que estava funcionando era a dele. Os outros estavam esperando o material, que não chegava<sup>155</sup>.*

---

<sup>154</sup> PORTINARI, Maria. In Projeto Portinari. Programa Depoimentos, novembro 1982 e janeiro 1983, PUC-Rio.

<sup>155</sup> Idem, ibidem.

Este curso contava com a participação de várias mulheres da elite carioca, entre elas Diana Bárberi, que o pintor julgava ter muito talento; Rosalina Leão, *que não mostrava suas pinturas e Lota que era muito interessada* comenta Maria Portinari. Todos que participavam eram muito dedicados, mas, de repente, sem serem avisados, a Universidade foi fechada. Diz ela:

*Um dia chegaram professores e alunos, e haviam fechado a universidade. Tinham acabado com ela sem aviso prévio, sem nada. Fecharam simplesmente. Os alunos foram procurar o ministro e pedir para que não acabasse com a universidade. O Capanema disse para os alunos que seriam aceitos na Escola de Belas Artes, mas eles não quiseram, pois queriam o Portinari<sup>156</sup>.*

No início da década de 1940, um grupo de alunos remanescentes dos tempos das aulas livres na Universidade foi estudar na casa do pintor no Leme, no Rio. De acordo com Maria Portinari, ali o pintor dava aulas para Lota, Rosalina Leão, Oscar Simon, e para Jorginho Guinle, que às vezes aparecia, eles *iam lá, para bater papo sobre arte; era mais isso do que outra coisa*. O envolvimento com Portinari levou Lota a ser convidada para trabalhar com ele na confecção do mural do Palácio Capanema, no Rio. Ela e a amiga Rosalina Leão acompanharam os trabalhos, mas não atuaram efetivamente no projeto, elas iam lá para ter aulas com ele no interior das obras, para participarem daquele marco arquitetônico e cultural, para se inserirem no importante projeto. Diz Rosalina:

*Ele convidou eu e a Lota, mas, era pare ele nos dar aulas lá dentro. Nós ficávamos sentadas, tínhamos uma porção de tijolos, copo com tinta. Ele arrumava a natureza-morta e nos deixava pintar. Depois ele dizia: 'Larga, larga, pega outro'. Nós não ajudamos na confecção dos afrescos [...] ficamos próxima [...] era tudo muito animado [...] foi um grande privilégio para nós duas. Ele era um amigo fabuloso<sup>157</sup>.*

---

<sup>156</sup> Idem, ibidem.

<sup>157</sup> Entrevista Rosinha Leão. PP. PD. 04 de setembro de 1984. PUC-RIO.

Em 1946, o pintor realizou uma mostra em Nova York que foi muito elogiada pelos democratas norte-americanos, pois eles valorizavam o lado social e crítico da pintura dele, o que gerou o convite para fazer o painel para a ONU. Entretanto, ele não pôde ir visitá-la, pois era filiado ao Partido Comunista no Brasil e não recebeu visto de entrada no país. Lota, que morava na cidade naquela época e Rosalina que foi visitar a exposição, tentaram conseguir convites para a inauguração, mas não os obtiveram por uma espécie de boicote que a embaixada brasileira fez ao acontecimento<sup>158</sup>.

Nesse período que morou em Nova York, Lota conheceu toda a equipe do Museu de Arte Moderna. Elodie Osborn, diretora das Exposições Circulantes do Museu, ficou sua amiga e com ela resolveu organizar uma mostra de artistas brasileiros em conjunto com aquele setor<sup>159</sup>. Para a organização dessa exposição que deveria circular por todo os Estados Unidos, sob os auspícios do Museu, ela recorreu ao escritor Mário de Andrade. Escreveu para ele cartas muito entusiasmadas sobre o projeto incentivando-o a ajudá-la, mandando a lista de artistas brasileiros que eles fizeram quando pensavam em montar o Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro. Diz ela:

*Eu falei naquela lista que um dia nós fizemos, de artistas brasileiros (pintores, escultores, arquitetos), quando pensávamos fundar o nosso Museu. Você sabe que estou cavando aqui, estudar organização de Museu e depois (o negócio está muito bem encaminhado). O que é que você acha? Escreva-me para o Brazilian Consulate 10 Rockefeller Plaza, Nova York, me ajudando com o seu coração e o seu crânio<sup>160</sup>.*

Na volta ao Brasil, em fevereiro de 1942, ela afirma em uma carta ter deixado *muitas coisas engatilhadas* para a montagem de um museu. Quando chegou, ela ficou

---

<sup>158</sup> Entrevista Rosinha Leão. Projeto Portinari. 04 de setembro de 1984. PUC-RIO.

<sup>159</sup> FOUNTAIN & BRAZEAU. Op. Cit. 1994, p. 151.

<sup>160</sup> Carta de Lota para Mário de Andrade, Nova York, 03 de setembro de 1941. In AMA- IEB-USP.

sabendo que o pintor Misha Reznikoff *tinha mandado a filha da pintora Maria Martins de avião para cavar com o Nelson Rockefeller um MAM no Rio de Janeiro, Misha guardou um segredo danado disto*<sup>161</sup>. As pessoas que estavam interessadas em criar um Museu no Brasil ficaram desconfiadas com as atitudes de Misha. Em função disso, ela sugere que Mário fizesse o papel de detetive e descobrisse os motivos de tantos segredos:

*Naturalmente como acho muito cacete já começar a desconfiar e a sabotar trabalho dos outros, gostaríamos que você fizesse o bicho vomitar o que ele tem realmente no papo, e assim nos esclarecer um pouco.*

O interesse de Lota neste projeto levou-a a dar uma entrevista ao jornal *Diário de Notícias*<sup>162</sup> contando sobre os caminhos que deveriam ser percorridos para que a mostra acontecesse. É provável que, em função dessa visibilidade, Misha acabou oferecendo a ela *a direção e a organização da coisa aqui, enquanto ele dirige isto em Nova York.*

Lota fica praticamente subsumida às obras e aos projetos dos quais participou. O projeto do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro foi iniciado por ela, pelo seu contato com o pessoal que dirigia o Museu de Arte Moderna de Nova York. No entanto, seu nome não é mencionado entre as personalidades da sociedade carioca que incentivaram a implantação e a construção do Museu<sup>163</sup>.

Maurício Parada observa que a primeira menção ao Museu de Arte Moderna do Rio foi como uma das agências organizadoras de uma exposição de Alexander Calder no

---

<sup>161</sup> Carta para Mário de Andrade, Rio, 11 de fevereiro de 1942. AMA- IEB-USP.

<sup>162</sup> Entrevista com Lota Macedo Soares. *Diário de Notícias*, 27 de fevereiro de 1942. AMA-IEB-USP.

<sup>163</sup> PARADA, Marcela B. A. *A Fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a elite carioca e as imagens da modernidade no Brasil dos anos 1950*. In *Revista Brasileira de História*. 1954-1964. São Paulo: ANPUH & Marco Zero, vol. 14, n. 27, 1994.

Ministério da Educação em 1948. O que existia no grupo que deu origem ao Museu era o interesse por *arte moderna* que congregava indiscriminadamente as vanguardas artísticas.

Na liderança do grupo estava o empresário carioca Raimundo Castro Maia que investia em obras de arte e outros nomes como Rodrigo de Mello Franco, Niomar Moniz Sodré e Roberto Marinho. Em 1949, o grupo ocupa o último andar do Banco Boavista e inaugura uma exposição que contava com doações dos colecionadores e alguns empréstimos de obras de pintores conhecidos, como Henry Matisse, Juan Miró e Pablo Picasso, reunindo um grupo heterogêneo e pouco definido do que os fundadores intitulavam *arte moderna*. Uma arte internacional e abstrata que não incorporava o que estava sendo produzido no país, *em momento algum se menciona os trabalhos de Cândido Portinari, Emiliano Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Lasar Segall ou Volpi*. Essa escolha demonstrava que os políticos e empresários que fundaram e dirigiram o Museu tinham interesse em manter contatos com os capitais norte-americanos que investiam no país. Uma elite preocupada em estabelecer seus negócios comerciais e de construir para si uma aura de modernidade, *ligada à vanguardista arquitetura moderna brasileira*. Havia no grupo os grandes advogados e burocratas; os donos de jornais e os banqueiros, que ocuparam posições dentro do governo e negociavam recursos em conjunto com governos estrangeiros, especialmente os Estados Unidos.

O Museu de Arte Moderna do Rio estabeleceu-se assim como uma instituição fomentada pela iniciativa privada, simbolizada pela interferência do empresariado carioca e dos seus interesses no processo de crescimento econômico. Desde o início do seu funcionamento em 1949, a repercussão do Museu junto ao público foi muito baixa, dado o seu caráter elitista.

As cartas de Lota ao escritor Mário de Andrade apresentam também a sua proposta de um Museu para o Rio, numa tentativa de dar visibilidade ao que estava sendo produzido por artistas brasileiros naquele tempo. A criação de um espaço público, de uma política cultural pública em detrimento de um espaço privado referendado por uma minoria elitista, como aconteceu com a implantação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Durante as obras do Parque do Flamengo Lota se comunicava com o Governador Carlos Lacerda através de cartas<sup>164</sup>, constituindo-se estas em documentos nos quais ela apresentava suas diretrizes para o projeto que estava engavetado há alguns anos. É possível perceber nessa escrita o seu envolvimento com essa obra bem como o modelo de Parque que ela almejava, voltado para o lazer do maior número de pessoas em função da carência desse setor na cidade.

## **Edificando a própria existência**

A preservação do patrimônio histórico e arquitetônico da cidade do Rio de Janeiro contou com a participação de Lota, pois foi ela que interferiu junto aos órgãos competentes para a manutenção do Parque Lage, que estava em vias de ser destruído por interesses financeiros e corporativistas.

Ainda durante a campanha para o governo da Guanabara, Carlos Lacerda prometeu devolver o Parque à cidade. O terreno no qual o Jardim Botânico se encontra, no Rio, foi destombado pelo serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o que valorizou a área na qual havia um projeto aprovado para a construção de vários blocos residenciais. A solução encontrada foi a desapropriação do Parque e o pagamento aos proprietários em

---

<sup>164</sup> Arquivo Carlos Lacerda –Universidade de Brasília (ACL – UnB).

terrenos. No entanto, havia a possibilidade dos *proprietários começarem as obras a qualquer momento, pois o alvará de construção estava aprovado*. O Governador pede a Lota que estude *a questão com os proprietários* para desfazer o impasse e resolver o problema. Ela deveria interceder quanto as soluções que estavam sendo encaminhadas para aquela área, bem como conversar com Roberto Marinho e propor uma solução para o entrave, no qual ele se mostrava disposto a colaborar. Nos dois projetos apresentados previa-se a destruição do Parque e a construção de prédios de apartamentos, oito blocos com 21 andares cada um, o que levou o Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rodrigo de Mello Franco, a colocar o Estado na cobertura para que o Parque fosse preservado.

Acirradas discussões ocorreram em 1963, na Assembléia Legislativa da Guanabara, a respeito da preservação do Parque, pois havia uma grande vantagem financeira para o Grupo Roberto Marinho, proprietário do jornal *O Globo*, que criticava o Governo de Carlos Lacerda e com tal vantagem *teria que defendê-lo porque estaria devendo um favor ao Governo*.

Depois de intensos debates ocorre a decisão final, a volta do Parque para as mãos do Governo e seu tombamento pelo Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, que passou a ser administrado pela Fundação Otávio Mangabeira. Os interesses da Fundação para os usos do Parque não eram compactuados por Lota, pois ela acreditava que aquela área deveria ser transformada em um Centro Cultural Universitário. Ela não concordava com as finalidades que a Fundação propunha para o Parque: *saraus, tertúlias literárias, desfiles de modas, futuras feiras da Providência e chás de caridade*.

Lota e o Governador Carlos Lacerda continuaram divergindo quanto aos usos que estavam efetivamente sendo feitos do Parque. Um centro estudantil permitiria que fosse

preservado o conjunto arquitetônico e paisagístico, e também teria uma utilidade prática para que ele se mantivesse vivo. A realização desse projeto foi encaminhada para a arquiteta Lina Bo Bardi, convidada para organizar e dirigir o Centro. Um trabalho que, nas palavras dela, *preencheria uma lacuna na estrutura universitária do País*<sup>165</sup>.

O empenho de Lota na efetivação desse projeto a levou a escrever uma carta inconformada ao Governador, elencando os motivos pelos quais toda a execução estava comprometida, pois não faltava apenas dinheiro, mas vontade política para que se concretizasse. Segundo ela, seria preciso que as pessoas envolvidas mostrem efetivamente que buscam recursos para a obra, pois um joga para o outro e ninguém decide, por isso ela escreve: *Governador resolva, já não sei mais como segurar a tina!*<sup>166</sup>.

Lota viajou para São Paulo e convenceu a arquiteta Lina Bo Bardi a fazer o projeto, que foi ao Rio apresentar a planta arquitetônica. Lota escreve ao Governador: *A Bo Bardi já está no Rio, você poderia nos receber por dez minutos amanhã a qualquer hora?*<sup>167</sup> Entretanto, um ano após o início das obras, de já ter esboçado as finalidades das construções existentes, a arquiteta demiti-se do projeto. Inconformada com o pouco interesse do Governador, ela escreve uma carta apontando os motivos da sua desistência:

*A Fundação Mangabeira, açambarcando o Parque põe-me diante de uma realidade incontestável: não se pode fazer cultura com incultura, trabalho intelectual com indigência intelectual, expor idéias e esbarrar em objeções primárias, querer executar e tropeçar em limitações mesquinhas, em afobados interesses, disfarçados sob a capa da resistência passiva, da má fé. Apenas queria comunicar, com a necessária correção profissional, minha decisão de desistir do Parque Lage. Não sou "difícil", não sou "agitada"; a minha profissão não o permite; não sou inquieta, mas desprezo profundamente o conformismo e acredito com firmeza que*

---

<sup>165</sup> BO BARDI, Lina. Carta do dia 14 de outubro de 1965. ACL- UnB.

<sup>166</sup> Carta de 18 de agosto de 1965. ACL-UnB.

<sup>167</sup> Carta de 15 de dezembro de 1964. ACL-UnB.

*só o inconformismo é que arrasta faticosamente para a frente a humanidade. O inconformismo ao status-quo*<sup>168</sup>.

A ruptura da arquiteta com o projeto deixou Lota inconformada, pois todos os esforços para convencer Bo Bardi da importância do projeto, simplesmente foram ignorados pelo Governador. Por isso, além de criticar as ações da Fundação Mangabeira, como os saraus literários para um seleto grupo de senhoras da sociedade, ela escreve *com a maior raiva e decepção*:

*Vamos Governador, você tem tempo de fazer uma forcinha e salvar a situação e afinal de contas tanta luta e tantos gritos do seu lado e tanto trabalho e paciência do nosso para no fim voltar tudo para o Globo, é o fim da picada!*<sup>169</sup>.

Depois de meses de discussão chegou-se a um veredicto, com uma excessiva vantagem financeira para o Grupo Roberto Marinho. O grupo trocou o Parque por uma valiosa propriedade na Avenida Presidente Vargas, no centro do Rio de Janeiro. O Parque foi efetivamente tombado e atualmente funciona nas suas dependências a Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Antes de atuar no Governo de Carlos Lacerda, Lota havia construído um projeto de grandes dimensões arquitetônicas entre os anos de 1951 e 1957: uma casa moderna idealizada por ela e projetada pelo arquiteto Sergio Bernardes, que ganhou o prêmio da II Bienal de São Paulo de 1954, para arquitetos abaixo dos quarenta anos pelo projeto<sup>170</sup>. Entre a comissão que julgou os trabalhos estava Walter Gropius, um dos precursores da arquitetura moderna, fundador da Escola Bauhaus. Gropius coloca a arquitetura em base

---

<sup>168</sup> Carta de Lina Bo Bardi, para o governador Carlos Lacerda, 14 de outubro de 1965. ACL-UnB.

<sup>169</sup> Carta de Lota para o governador Carlos Lacerda, 15 de outubro de 1965. ACL-UnB.

<sup>170</sup> BISHOP, E. Op. Cit. 1995, p. 304.

moral e pensa que a profissão de arquiteto é, antes de tudo, dever social e responsabilidade coletiva<sup>171</sup> e não interesses puramente estéticos.

A casa de Lota está situada no alto de uma imponente cadeia de montanhas em Samambaia, Petrópolis. A construção impressiona pela radicalidade industrial do seu tratamento: telhado de alumínio pousado sobre treliças metálicas; planos diversos separam a área social da íntima, ligados por uma *longa e elegante rampa de concreto*; passarelas cobertas ligam volumes e emolduram a natureza, enquanto caixas de vidro permitem visualizar outros espaços da casa e as montanhas<sup>172</sup>.

Lota mentalizou o projeto que necessitava de medidas e cálculos corretos, que apenas um arquiteto com propostas inovadoras e ousadas seria capaz de executar. Por isso ela recorreu ao amigo que poderia entender exatamente o que ela pretendia. Uma casa construída com materiais diversos em meio à montanha, à vegetação densa e às rochas imensas. Carmen Oliveira descreve a casa assim:

*Quería pousar um objeto retilíneo e enxuto no meio das formas ornadas e sinuosas da natureza. Ali coexistiram a rigidez do ferro e o quebradiço do vidro, o polido do artefato e o tosco das pedras do rio. Diferentes texturas, volumes e planos colocariam o observador sempre diante de ângulos imprevistos, animando-o, por causa da beleza, a aceitar o que transgredia o padronizado. A casa resumia as idéias apaixonadas de Lota sobre arquitetura moderna<sup>173</sup>.*

Na década de 1970, o arquiteto Sergio Bernardes proferia uma palestra quando foi questionado por um estudante sobre o uso de telhado de alumínio, em uma região com alto índice de temporais, como Petrópolis. Argumentava o jovem que devia fazer um grande

---

<sup>171</sup> GROPIUS, W. Bauhaus: novarquitectura. São Paulo: Perspectiva, 1972, pp. 20-33.

<sup>172</sup> Guia de Arquitetura Brasileira (1928-1960), Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

<sup>173</sup> OLIVEIRA, C. Op. Cit. 1996, p. 20.

ruído em chuvas torrenciais. Bernardes pensou um breve momento, fitou o público e bradou sorrindo: *Sim, mas a Lota adorava aquele barulho*<sup>174</sup>.

Nos primeiros anos, Lota e Bishop viveram sem luz elétrica, água encanada, obras acabadas, em condições mínimas de habitação. Mudavam no interior da própria casa de acordo com a finalização de partes da construção, em um clima de improvisação que Bishop descreve aos amigos parecendo muito feliz por estar entre mariposas, camundongos e bichos-pau que circulam pela casa durante a noite<sup>175</sup>.

Para a execução do projeto foram anos de sacrifício vivendo na altitude, no frio e na umidade de Petrópolis, ao lado de Bishop, a quem prometera uma casa, um estúdio, enfim, *um lar de verdade*, como ela escreveu para a amiga Pearl Kazin: *Só espero que você não tenha que chegar aos 42 anos para se sentir verdadeiramente em casa*<sup>176</sup>.

O clima de constante canteiro de obras aparece em muitas cartas escritas por Bishop nos primeiros meses de sua vida no novo continente. Uma das imagens de Lota nessas cartas é a de uma pessoa muito envolvida com o trabalho, que, ainda de roupão, logo pela manhã, supervisiona a explosão de um pedregulho, escreve ela: *hoje eu olhei pela janela, às sete da manhã, e vi minha anfitriã de roupão de banho supervisionando a explosão de um pedregulho imenso com dinamite*<sup>177</sup>.

A Lota, que emerge nas descrições de Bishop, estava sempre às voltas com a obra imensa e tem um relacionamento peculiar com pedreiros, jardineiros e outros funcionários da casa. Para construir a piscina foi necessário dinamitar blocos de pedra e canalizar a água que descia da cachoeira. A estrada que dava acesso a casa foi outro grande investimento,

---

<sup>174</sup> Guia de Arquitetura. Op. Cit.

<sup>175</sup> BISHOP, E. Op. Cit. Carta para Ilse e Kit Barker, 02 de fevereiro de 1952, p. 240.

<sup>176</sup> Idem, ibidem. Carta para Pearl Kazin, 25 de abril de 1953, p. 272.

<sup>177</sup> Idem, ibidem. Carta para doutora Baumann, 28 de julho de 1952, p. 248.

necessitando abrir um corte na montanha, o que fez Bishop escrever que tinha a impressão de que a estrada ia acabar competindo *com a Via Apia e a Via Amalfi quando ficassem prontas*, referindo-se às estradas italianas.

As dificuldades nas obras pareciam conduzir a disposição de Lota em aplicar seus conhecimentos e se envolver com o trabalho. A casa foi projetada para ser também um espaço de convívio entre amigos, com a valorização da área social na concepção arquitetônica. Por isso construíram uma sociabilidade marcada pela convivência entre um grupo eclético, em termos culturais e econômicos. Os funcionários da casa também usufruíam aquele espaço; um exemplo foi quando Lota e Bishop foram passar uns dias no Rio e deixaram a casa para a lua de mel da cozinheira e do pedreiro. Diz ela: *Vimos para o Rio mais para poder deixar a cozinheira em lua de mel com o jardineiro – eles se casaram alguns dias atrás*<sup>178</sup>. A casa se tornou também lugar de referência para pessoas intelectualizadas, de discussões acirradas entre profissionais competentes, como o Governador Carlos Lacerda, o jornalista Antonio Callado e a escritora Rachel de Queiroz.

Institui-se naquele lugar uma sociabilidade do espaço privado, de visitas constantes e de encontro de amigos: um lugar onde seus habitantes criaram suas próprias normas e inventaram o seu cotidiano. Formou-se em Samambaia um tipo de família diferenciada, não pautada por laços de parentesco, mas pelo interesse em conviver, em dividir as experiências cotidianas. O tema da família eletiva tem o propósito de perceber o que tornou essas vidas diferenciadas das demais de seu tempo, pelas práticas cotidianas compartilhadas com pessoas de diferentes segmentos sociais. Pretendo dar visibilidade a essas experiências que parecem indicar que havia entre eles uma ética distinta, seja pelo respeito pela diferença, seja pelo hábito de criarem rituais publicizados entre seus participantes.

---

<sup>178</sup> BISHOP, E. Op. Cit. Carta para doutora Baumann, 16 de setembro de 1952, p. 251.

Pergunto: Será possível pensar que Lota e Bishop formaram uma família eletiva? Ou o fato de pertencerem à elite permitiu a elas experiências que escaparam aos modelos tradicionais? Entretanto, quando Bishop sugere em suas cartas que Lota era a *vovó* e ela a *titia* das crianças que visitavam a casa, ela não estava repondo o padrão tradicional?

### **Família eletiva – laços afetivos**

Lota e Bishop construíram vínculos afetivos entre as pessoas do seu convívio cotidiano que defino como família eletiva. Pessoas que compartilharam numerosos prazeres e de melhor qualidade, fora do qual é preferível a solidão. São sentimentos superiores que envolvem essas relações, como o amor e a amizade, a cumplicidade entre aqueles que se escolhem, atitudes tão conhecidas, mas que permitem uma vida de melhor qualidade.

Outros trabalhos apontaram a necessidade de redimensionar o conceito de família ao tratar-se das relações homoeróticas femininas. Carvalho utiliza o conceito de *família ampliada*, como discutido por Pollack, quanto às relações homoeróticas masculinas<sup>179</sup>. Há também o termo *família homossexual aumentada*, como prefere Muniz, na sua pesquisa sobre homossexualidade feminina no Rio, nos anos 1980<sup>180</sup>. Entretanto, não considero que estas acepções abarquem o que pretendo anunciar. No caso de Lota e Bishop houve uma escolha deliberada de quem compunha o seu grupo, aqueles com os quais se sentiam seguras no ambiente íntimo e privado da casa, anunciado aqui como espaço lesbiano. A estrutura criada em Samambaia foi um tipo de refúgio para duas mulheres em um

---

<sup>179</sup> POLLAK, Michel. *A Homossexualidade Masculina ou: a Felicidade no Ghetto?* In ÀRIES, P. & BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1987. Apud: CARVALHO, Tamara. Op. Cit., 1995, p. 93.

<sup>180</sup> MUNIZ, Jacqueline de Oliveira. *Mulher com Mulher dá Jacaré*. Uma abordagem Antropológica da Homossexualidade Feminina. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1992.

relacionamento amoroso. Embora um espaço privado, ele se diferencia pela relação que outras mulheres do seu tempo têm com ele. Neste sentido, criou-se em torno delas um universo particular, não ausente de conflitos, não distante de tantos outros, mas por comportar uma espécie de publicização do privado.

Apesar da exaltação dada às mulheres burguesas que se dedicavam às tarefas domésticas, o fato de Lota e Bishop terem se mantido durante anos naquele universo particular não significa que agiram nos moldes tradicionais. Elas não parecem ter se construído a partir da domesticidade e da submissão. Não internalizaram esse dispositivo histórico pautado na fragilidade feminina, no medo de enfrentar o desconhecido, o que impediria a elaboração de um conhecimento de si mesmas aprisionado em formas de auto-representação, caracterizadas por um sentimento de inferioridade.

Entretanto, por representarem um segmento social restrito, o de mulheres solteiras da elite, que viveram suas vidas para além do universo doméstico tradicional, talvez isso tenha permitido a elas explorarem certos privilégios e escaparem às rígidas estruturas demarcadas pelas identidades de gênero tradicionais. Estarem voltadas para atividades típicas do privado não significava que seu cotidiano se restringisse tão somente em dirigir uma casa, pois, no caso de Bishop, ela se dedicava também à literatura e à poesia. Exercícios mais subjetivos e mais lentos, à medida que não se produz um conto, um poema, com a mesma desenvoltura destinada à execução de um bolo de chocolate, ou na preparação de um suflê, como ela se orgulhava de ter feito no aniversário de Lota de 50 anos, em março de 1959: *fiz um suflê gelado de nozes com enfeites de chantilly etc. Parecia um trabalho quase profissional, pelo menos à luz das lanternas*<sup>181</sup>.

---

<sup>181</sup> BISHOP. Op. Cit. Carta para Robert Lowell, 30 de março de 1959, p. 401.

As funções que Lota exercia na casa instruindo a explosão de blocos de pedra, decidindo a altura do telhado, coordenando a construção de uma lareira, levaram seus contemporâneos a se referirem a ela como uma mulher masculinizada, de atitudes enérgicas, pouco comum entre aquelas do seu meio. Como observa Carmen Oliveira comentando os percursos de Lota, porque ela se diferenciava de outras mulheres do seu do seu tempo, pela ousadia em enfrentar o desconhecido, por não omitir sua orientação sexual:

*O fato é que Lota resolveu tomar seu próprio rumo e foi morar sozinha. Naquele tempo não era nada comum uma moça morar sozinha. [...] Aí resolveu fazer a casa pequena na Samambaia. Caloca desenhou para ela. Aquela altura já tinha se convertido na pessoa forte que seduzia a todos. Ou quase todos. Havia quem interpretasse aquela força como prepotência, arrogância<sup>182</sup>.*

No entanto, como ensinam as teóricas feministas, os corpos não existem antes da sua criação e esses se materializam (ou não), de acordo com as práticas normativas, pelas quais se define um corpo sexuado, ou seja, realizar determinadas atividades e ser identificada como masculina afirma uma normalidade que apaga a multiplicidade e naturaliza o binário como a única forma de expressão possível. Definir Lota como masculina delimita uma interpretação das múltiplas possibilidades de existência que ela inventou para si, pois toda definição delimita e, assim, cria novas exclusões.

Esse olhar que relacionou sua personalidade forte e determinada com disposição para enfrentar o desconhecido, difundido na época como característica masculina, aparece na descrição dela feita pelo funcionário da casa, Antônio Palma: *Era uma dona de muita disposição, parecia um homem, não tinha medo, chegava, conversava, só andava de calça, bota e jipe. Nunca vi ela (sic) de vestido, nem uma vez<sup>183</sup>.*

---

<sup>182</sup> OLIVEIRA, C. Op. Cit. 1996, p. 48.

<sup>183</sup> FELINTO, M. Op. Cit.

Desconstruir esse discurso que normatizou essa relação amorosa me parece importante para que se possa visualizar as múltiplas práticas de si que elas inventaram em seu cotidiano. Viveram isoladas em um mundo que estruturaram ao seu redor. O que não significa que estivessem sozinhas, mas como isso possibilitou um auto conhecimento sobre si mesmas em um lugar privilegiado para enfrentarem certos desafios. Em uma casa em construção em um lugar nada prático, no qual viviam duas mulheres acostumadas ao luxo e às facilidades de cidades como Paris, Nova York, lugares em que viveram anteriormente.

Lota se aplicava duramente na construção da casa, pois, entre outras coisas, foi preciso dinamitar montanhas de pedra para construir a piscina ou mesmo a estrada de acesso à casa. A recatada Bishop, que vivera em ambientes sofisticados desde os anos que cursara o *Vassar College* submeteu-se a conviver durante anos no interior da construção de uma *casa moderna, grande e sofisticada*, em uma área cujo acesso era dificultado pela *encosta de granito negro, ao lado de uma cascata*, escreve ela, admitindo que viviam *meio acampadas, usando lampiões de querosene*<sup>184</sup>. Um desafio e uma ruptura em relação ao que vivera anteriormente, por se propor a encarar certas dificuldades e reinventar-se, descobrindo novas possibilidades de existência para si mesma.

A casa teve um significado especial para Bishop, como lugar para o exercício da sua individualidade que ela sentia constantemente ameaçada. Samambaia permitiu a ela viver seus sonhos, dar asas aos seus devaneios e sentir naquela privacidade a sua integridade pessoal. Ali ela retornou ao seu passado e o trouxe de volta, fragmentado, carregado de lacunas que ela preencheu com a sua imaginação através dos seus escritos. Nas suas cartas ela apresenta esse espaço de criação de um estilo de vida tecido em uma rede de referências através dos personagens presentes no seu cotidiano.

---

<sup>184</sup> BISHOP, E. Op. Cit. Carta para Kit e Ilse Barker, 07 de fevereiro de 1952, p. 240.

Apesar da *casa estar inacabada*, das condições de vida serem totalmente improvisadas, de haver uma presença constante de insetos por toda parte, *mariposas aos milhares, camundongos e caranguejos pretos grandes que parecem de verniz*, ela reconhece que não quer ir embora e admite que *a idéia de viajar, de sair desse lugar está cada mais distante dos seus planos*<sup>185</sup>.

Bishop comenta que *Lota ficava sempre feliz quando alguma coisa estava em obras*, por exemplo, quando elas foram construir a garagem, o que implicava *desmontar um morro e colocar a terra dentro de um vale*. Num tom bem humorado, ela completa a descrição da nova obra dizendo que estavam *instalando umas vidraças* e que pretendiam também *fechar a casa um dia e quem sabe até, colocar uma porta na frente, com campainha e tudo*<sup>186</sup>.

Os funcionários da casa acabaram se tornando parte da família eletiva que elas construíram ao seu redor, fazendo desse pequeno mundo uma forma de existência particular, marcada pela intimidade, pela profundidade das emoções, pela surpresa diante de sutilezas imperceptíveis em outras circunstâncias.

Adentro esse modo de vida criado por elas, apresentando-o como uma prática de vida singular a partir da reelaboração de um modelo tão conhecido. As diferenças neste caso foram o elemento propulsor da convivência diária e a troca de experiências, motivo de encantamento recíproco, de respeito e de transformação.

O grupo de pessoas que circularam nesse cotidiano não parece ser o do descanso emocional para adultos insatisfeitos com as agruras do mundo do trabalho. Mas, o de indivíduos que se associaram por afinidades eletivas: profissionais, pessoais e afetivas. O desejo de compartilhar as práticas cotidianas, cozinhar, lavar, limpar, construir: uma casa,

---

<sup>185</sup> Idem, ibidem. Carta para Marianne Moore, 03 de março de 1953, p. 244.

<sup>186</sup> Idem, ibidem. Carta para a doutora Baumann, 22 de maio de 1958, p. 384.

uma piscina, um estúdio, uma estrada. Indivíduos de diferentes estratos sociais como os funcionários internos da casa: cozinheira, arrumadeira, jardineiro, e outros ligados às obras de construção. Havia entre eles uma constante e recíproca cooperação, talvez por viverem em condições nada práticas <sup>187</sup>.

Bishop admite em muitas cartas que, no Brasil, parece haver uma maior naturalidade no tratamento dos adultos com as crianças. Algo com o qual se encantou e que a fez admitir que possuía grande interesse em educar, ensinar, participar ativamente no processo de construção dos pequenos. Isso parece ter sido possível durante alguns anos, sobretudo, quanto à relação com os filhos de Kylso, filho adotivo de Lota.

A permanência das crianças com elas durante longas temporadas foram momentos de troca cultural e de aprendizado com a diferença. Bishop fez dessa convivência uma maneira de recordar e praticar os hábitos da sua própria infância, embora pautados por novos significados. Uma experiência transformadora que ela relata aos amigos Kit e Ilse Barker sem se incomodar em parecer coerente, inteligente: escreve livremente sobre assuntos variados. Ela que era tímida e reservada parece uma tagarela no texto. Às vezes inicia com um desabafo sobre as dificuldades financeiras, assumindo que não poderia viajar, para depois admitir sua felicidade no convívio com as pessoas do país, sobretudo, a relação com as crianças:

*Há duas semanas que a mulher do filho adotivo de Lota está aqui, com a filha dela. A menina tem só um ano, chama-se Maria Helena, o apelido é 'Nené'- uma gracinha, e muito mansa. Os brasileiros lidam com crianças pequenas com muito mais naturalidade do que nós americanos – até eu estou me dando melhor com bebês, eu acho – realmente, não pude resistir à Nené, que levantava os bracinhos e mostrava todos os dentes e me*

---

<sup>187</sup> Idem, ibidem. Carta para Kit e Ilse Barker, 07 de fevereiro de 1952, p. 240.

*chamava de tia! Ela chama a Lota de vovó, o que a deixa meio desconcertada – afinal, ela é da minha idade*<sup>188</sup>.

Essa primeira narração do contato com as crianças demonstra o interesse de Bishop em participar mais ativamente dessa relação. É assim que pede livros sobre educação para o casal Barker; receitas nutritivas para sua tia Grace e descreve com detalhes esse cotidiano com as crianças: os filhos dos funcionários; de Kylso e dos amigos que freqüentavam a casa nos finais de semana ou no verão, época em que recebiam muitas visitas que se refugiavam em Petrópolis, lugar de clima mais ameno do que o Rio. Uma relação que proporciona uma intimidade agradável, pois o Brasil é de longe o lugar mais democrático que já conheceu<sup>189</sup>.

O fato de acreditar que no Brasil *ninguém saber fazer nada direito* não a impede de se dedicar cada vez mais às crianças, uma relação que aos poucos vai se intensificando e sem que ela perceba acaba por se envolver completamente com esses cuidados. Talvez por considerar que elas são mais alegres que as americanas ou pela maneira mais natural que os brasileiros lidam com elas<sup>190</sup>.

As lições de como educar, tomadas com os amigos por meio das cartas, a deixam orgulhosa, pois se encanta como com a beleza e os modos da filha da cozinheira. Com as roupas coloridas que os pais a vestem, com a satisfação que ela e Lota sentem, quando *os homens que trabalham na casa vêm ver a menina e perguntam o que é que damos para ela comer*, e assume satisfeita *porque somos nós que supervisionamos a alimentação, os banhos etc.*

---

<sup>188</sup> Idem, ibidem. Carta de 05 de fevereiro de 1954, p. 305.

<sup>189</sup> Idem, ibidem. Carta para o casal Barker, 26 de fevereiro de 1954, p. 310.

<sup>190</sup> Idem, ibidem. Carta para Marianne Moore, 01 de julho de 1955, p. 323.

Ao mesmo tempo em que destaca o envolvimento delas com os cuidados dessa criança, ela admite sua decepção em não ser a mentora espiritual da menina, ou seja, a madrinha, por ser protestante, assim, o melhor a fazer é *cuidar do bem-estar físico da criança em primeiro lugar*. Apesar de se ressentir de não poder cuidar mais enfaticamente da educação da pequena, Bishop identifica seu interesse em relação à criança que deseja ver com saúde e bom desenvolvimento, algo que me parece uma experiência especificamente brasileira, ou seja, uma prática que foi possível aqui, diante das circunstâncias subjetivas às quais ela estava inserida. Uma relação mais íntima e direta com os funcionários e seus filhos, muito difícil de ser praticada, por exemplo, nos Estados Unidos, em função da distância social entre as pessoas de diferentes estratos sociais.

Neste sentido, essas práticas de si são percebidas como uma ação pela qual os indivíduos se transformam e se aperfeiçoam para poderem alcançar uma outra forma de ser. Modificar-se continuamente e de se constituir numa série infinita e múltipla de subjetividades. A experiência com a família eletiva transforma a puritana Bishop, que se vê envolvida com esta intimidade. A casa delas no verão costumava ter a presença de muitas crianças, escreve ela: *Estamos aqui às voltas com um bando de crianças*<sup>191</sup>. Kylso, o filho adotivo de Lota teve dois filhos e quatro filhas e elas cuidavam de todos, incluindo a filha da cozinheira. Em certos momentos a confusão era tamanha, pois tinham que salvar as crianças de situações inusitadas: das unhas do gato, dos dentes do cachorro ou do bico do tucano<sup>192</sup>.

A família eletiva de Samambaia possui uma nostalgia que conduzirá Bishop à sua infância em Great Village. Um período da sua vida que ela resgata por meio dos escritos de

---

<sup>191</sup> Idem, ibidem. Carta para Marianne Moore, 13 de janeiro de 1958, p. 378.

<sup>192</sup> Idem, ibidem. Carta de 27 de janeiro de 1956, p. 322.

memória que reconstrói a partir da experiência brasileira. Um trabalho de (re) invenção de um passado por meio do arranjo de múltiplas lembranças que são reorganizadas e dispostas de forma a conferirem significado na sua trajetória de vida. A escrita como um exercício que faz emergir um elo emocional com aquele passado distante, através da qual as ausências serão preenchidas com novos signos poéticos a partir do contato com a família eletiva. A observação atenta aos hábitos cotidianos, ao mundo infantil, à educação das crianças, aos bichos de estimação que cercavam seu cotidiano, como o tucano Sam e o gato Tobias, que são também objetos de afeição e apreciação estéticas, descobertas fundamentais para ela reencontrar sua própria infância e reconstruí-la com novos significados, sob novas perspectivas.

De certa maneira, a família eletiva permitiu a recriação da família originária e contribui para a construção de um novo olhar sobre si mesma. Um processo subjetivo marcado por uma nova consciência de si, um novo modo de existência fora dos campos do poder, das formas tradicionais de conhecimento de si e que extrapola o campo do saber, que tenta penetrar e apropriar-se do poder. Bishop parece escapar a esses mecanismos ao se permitir ser invadida pela familiarização do seu cotidiano e fazer dele um outro modo de subjetivação a partir da relação consigo, uma maneira de experimentar uma forma de existência mais livre.

A relação profunda com a educação das crianças foi tema de uma carta para o crítico literário Randall Jarrell, na qual ela comenta o convívio em meio aos pequenos e também sua beleza, comparando os traços delicados das meninas, com duas fases das obras do pintor espanhol Pablo Picasso. Admite que viver em meio a muitas crianças não era nenhum problema, pelo contrário, elas parecem se envolver com esses cuidados:

*Em matéria de criança eu até passei a sua frente – virei avó prematuramente, ou pelo menos tia-avó. A Lota tem um filho adotivo que tem seis filhos pequenos (ela é da minha idade), e os dois mais velhos estão passando uns tempos aqui. Tenho também uma xará negra, 'Maria Elizabeth', com dezenove meses de idade (filha da cozinheira), e com mais a Helena (três anos) e a Paulinha (dois) isto aqui virou um maternal. A menorzinha é quase bonita demais para a gente olhar [...] olhos grandes e trágicos, românticos demais – a mais velha tem uma beleza latina clássica, e as duas juntas parecem duas fases de Picasso*<sup>193</sup>.

A atenção à beleza das meninas permite visualizar um certo desnudamento de Bishop, no sentido de se permitir admirar o belo por meio da diferença, seja pela cor exótica das roupas, pela tonalidade da pele, pelo sorriso contagiante. A beleza das funcionárias que se revezavam nos cuidados com a casa também foi motivo de sua apreciação estética, pois considera as moças *lindíssimas, uma delas, é de uma beleza estonteante*, escreve ela, relatando *o batizado do filho do pedreiro*<sup>194</sup>, eventos nos quais elas se envolviam na resolução dos problemas que se tornavam o centro de suas vidas.

Destaco essas questões cotidianas com as quais essas duas mulheres se envolviam por entender que elas se preocupavam com o bem estar das pessoas com as quais conviviam, à medida que se apropriam e solucionam qualquer tipo de impasse que possa desestabilizar o grupo. Havia um constante entrosamento entre as patroas e os funcionários, observados nas pequenas atitudes, nos cuidados com as crianças, na atenção às necessidades próprias da cultura daquelas pessoas que elas respeitavam e auxiliavam.

Lota conheceu o escultor Alexander Calder no período em que morou em Nova York, na década de 1940, e, desde então, mantiveram uma grande amizade. Calder quando vinha ao Brasil, ficava hospedado em Samambaia, de maneira que também fazia parte

---

<sup>193</sup> BISHOP. Op. Cit. Carta de 07 de outubro de 1956, p. 346.

<sup>194</sup> Idem, ibidem. Carta para May Swenson, 25 de novembro de 1956, p. 351.

daquela família, pois tinha total liberdade com suas anfitriãs. Em uma dessas visitas, Bishop surpreende Calder, que era obeso e adorava sambar, ela o descreve: *Calder ficou sambando no terraço, com uma camisa de um laranja-vivo que parecia uma calêndula ao sabor da brisa*<sup>195</sup>.

Bishop não se sentia muito à vontade entre os brasileiros em virtude de sua personalidade *tímida e esquiva*, como escrevera a amiga Lúcia Miguel Pereira<sup>196</sup>. Quando ocorreu a morte de Lúcia e seu marido Otávio Tarquínio de Souza em dezembro de 1959, em um acidente aéreo na Baía de Guanabara, ela descreve de forma fria esse acontecimento triste e trágico, no qual admite que Lota perdera *amigos que faziam companhia para ela nos finais de semana*<sup>197</sup>, ou seja, ela não parece tocada por essa perda.

No início de 1961, Lota foi convidada pelo Governador eleito da Guanabara, Carlos Lacerda, para trabalhar no seu Governo. Ela escolhe supervisionar as obras de construção do Aterro do Flamengo, um projeto que vinha sendo executado há algumas décadas<sup>198</sup>. O mar naquela região foi aterrado, com as terras provenientes do desmonte do Morro Santo Antônio. Foram mais de um milhão de metros cúbicos que deram origem ao maior parque construído ao ar livre e à beira mar no país. Quando Lota assume a presidência do *Grupo de Trabalho para a Urbanização do Aterro*, um órgão destinado a urbanizar aquela região, a vida delas sofre uma grande transformação. Inicialmente elas passavam a semana no apartamento do Rio e os finais de semana em Petrópolis. Entretanto, com o aumento do trabalho de Lota, elas mudaram-se definitivamente para o Rio. Lota entrega-se avidamente

---

<sup>195</sup> Idem, *ibidem*. Carta para Howard Moss, 08 de setembro de 1959, p. 404.

<sup>196</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Elizabeth Bishop*. In *Jornal O Estado de São Paulo*, 06 de outubro de 1958.

<sup>197</sup> BISHOP. Op. Cit. Carta para Robert Lowell, de 22 de abril de 1960, p. 415.

<sup>198</sup> Na década de 1920 iniciou-se o primeiro plano de "Remodelação e Embelezamento do Rio", que influenciou os desmontes dos morros do Castelo e Santo Antônio, mas foi na gestão do prefeito Henrique Dodsworth, de 1937 a 1949, que se ampliaram os jardins da Glória e do Flamengo. AGC-Rio.

ao projeto do Parque e isso, aliado à distância que se estabelece entre elas, vai deflagrar a crise no relacionamento que termina tragicamente com a morte de Lota em setembro de 1967.

Provavelmente Lota e Bishop não freqüentavam nem mesmo a alta sociedade carioca dos anos 1950 e 1960. Permaneceram na serra, ausentado-se apenas em situações temporárias. Costumavam ir ao Rio para resolver questões burocráticas.

Bishop tinha uma grande vontade de conhecer Ouro Preto, Lota a levou para conhecer a cidade histórica, barroca e mineira, em abril de 1953. Lota não gostava de viajar pelo país, justificada por ela pela ausência de boas rodovias. O encantamento de Bishop com a cidade levou-a a adquirir uma casa lá, embora Lota não gostasse do lugar e não a tenha incentivado nesse empreendimento.

De toda a correspondência de Bishop, as cartas endereçadas ao casal de amigos Kit e Ilse Barker são as mais ricas em informações pessoais, e sobre o cotidiano em Samambaia. Em uma delas, escrita durante vários dias, Bishop comenta diferentes assuntos: os contos que estava escrevendo; o hábito de ler e escrever cartas; a paixão de Lota por carros; a beleza das flores de Samambaia; o relacionamento com os amigos de Lota:

*No início eu sentia essa tensão, principalmente no Rio. Lota queria que os amigos dela gostassem de mim, me admirassem, e aí falava tão bem de mim que quando as pessoas me conheciam ficavam meio decepcionadas, e eu não falava – e ainda não falo – português, de modo que era difícil para elas ficar falando em inglês ou francês a noite inteira etc. [...] Mas aos poucos as coisas foram melhorando; estão me aceitando mais (como os amigos adoram a Lota, era de se esperar que tivessem um pouco de ciúme de mim por isso também). Seja como for, cada vez estou ligando menos e compreendendo as pessoas melhor<sup>199</sup>.*

---

<sup>199</sup> Idem, ibidem. p. 294.

A escritora Rachel de Queiroz foi amiga pessoal de Lota e se referia a esta como *a fidalga-camponesa de Samambaia*<sup>200</sup>, forma de tratá-la nos anos que Lota se manteve afastada da sociedade carioca. Consta que Rachel gostava de ir à Samambaia e de passar horas cozinhando com Bishop. A escritora conheceu Lota através de Alfredo Lage, nos tempos em que os intelectuais se encontravam na Livraria José Olympio, no Rio. Algum tempo depois o encontro aconteceu na casa da família Leão. Havia naquela casa uma legião de amigos, intelectuais e artistas, e *Lota era a figura principal e querida entre esses e os filhos da Dona Tita, a dona da casa que tratava a todos com um ar meio boêmio, para deixá-los à vontade.*

Ao conhecer Lota, a escritora sentiu um certo impacto com sua personalidade forte e decidida, pois ela, que se sentia tímida e provinciana, ficou deslumbrada com a segurança daquela mulher, com sua *inteligência muito clara e amor das coisas bonitas*. Com a crescente convivência, ela sentia mais afinidade por Lota:

*A lealdade e a capacidade de ser amiga. Uma simplicidade essencial naquele ser, contudo tão complexo. O respeito pelos valores da inteligência. A arte de dizer as coisas justas na hora certa, a graça – meu Deus ela sabia ser a pessoa mais graciosa do mundo. E a inteligência que faiscava, ah, que mulher tão inteligente que até dava nervoso nos outros.*

Algumas pessoas estiveram mais próximas, por razões pessoais e profissionais, como o jornalista Antonio Callado, que esteve algumas vezes em Samambaia. Callado acompanhou Aldous Huxley, sua esposa e Bishop em uma viagem pela Amazônia e Brasília em 1958. Também o arquiteto Sérgio Bernardes, que fez o projeto da casa de

---

<sup>200</sup> QUEIROZ, Rachel. *Para Lota*. In *O Jornal*, Rio de Janeiro, 08 de outubro de 1967. BN-Rio de Janeiro.

Samambaia e acompanhava a obras estava sempre presente, o poeta norte-americano Robert Lowell se hospedou na casa delas.

Elizabeth Leão, de oitenta e dois anos, participou de várias reuniões em Samambaia. Suas lembranças são aqui percebidas no sentido dado por Ecléa Bosi, em seu trabalho sobre memória de velhos<sup>201</sup>. Para esta, o relembrar ocorre de acordo com as condições em que se vive na atualidade, com o lugar social que se ocupa no momento da narração, e não com as lembranças da infância, porque as pessoas já não são as mesmas e o que se lembra é o que a percepção pode alcançar de acordo com os seus juízos de realidade.

Percebo na narrativa dessa senhora, a emoção presente naqueles encontros que aconteciam todos os meses em tardes que se prolongavam com discussões animadas entre pessoas cultas, viajadas e que gostavam de se reunir para conversar sobre temas polêmicos, novidades artísticas. Disse ela:

*Uma vez por mês nos reuníamos em Samambaia para um almoço com os amigos. Eu ia com Tidice (Teófilo Aristides Leão, filho mais novo da família Leão) e com meus filhos ainda pequenos, elas adoravam crianças. Fazia parte do grupo Oscar Simon, Rosinha e Magu, Lucia Miguel Pereira, seu marido Tarquínio de Souza e Décio de Souza, que depois foi psiquiatra de Lota, quando ela ficou realmente doente, muito deprimida<sup>202</sup>.*

Estive atenta não apenas ao que ela falava, mas também ao que o seu corpo, os seus gestos e o seu olhar expressavam. Nesse *campo de subjetividades*<sup>203</sup>, desejo compartilhar essa recordação respeitando o fluxo da sua narrativa. Ao me contar sobre os encontros ocorridos em Samambaia, os olhos dela se iluminaram, as alegrias daqueles dias voltaram

---

<sup>201</sup> BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos. São Paulo: T.A. Queiroz/USP, 1987, p. 17.

<sup>202</sup> Entrevista. Elizabeth Leão. Rio, 08 de junho de 2004.

<sup>203</sup> AUGRAS, Monique. *História oral e subjetividade*. In SIMSON, Olga R. (org.). Os desafios da história oral. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.

por meio da emoção que transborda nos seus gestos. Durante nossa conversa, ela se lembrou de uma discussão dura e polêmica sobre divórcio, uma tema muito delicado naquele momento, entre o futuro governador Carlos Lacerda e Lota:

*Estávamos todos na varanda da casa quando começou uma discussão fascinante entre a Lota e o Lacerda sobre divórcio, duas pessoas cultas com opiniões contrárias sobre o tema. Lacerda estava na sua fase católica e era contra, Lota muito inteligente e que falava muito bem, era a favor. Todos pagavam para ver a discussão que acabou com os dois completamente afônicos, não tinham mais como argumentar, faltou voz.*

Uma das observações dessa senhora trata-se das diferentes personalidades de Lota e Bishop. Ela notava que as duas pareciam se entender com um simples olhar, uma espécie de código do silêncio. Bishop era muito tímida e calada na presença dos amigos. Diz ela:

*Lota era uma pessoa inteligente, culta, elegante, gentilíssima, possuía muito calor humano. Ela mantinha um ambiente agradável e tinha o dom de fazer tudo brilhar em torno dela. Bishop era muito americana, a mais provinciana da relação, conversava pouco em português e não gostava do Brasil e dos brasileiros. Samambaia foi para ela uma espécie de Shangrilá, um paraíso no Brasil. Lota estava sempre de braços abertos e com eles, abraçou Bishop, a envolveu completamente.*

O momento mais marcante da nossa entrevista foi quando ela descreveu o seu último contato com Lota, foi em sua casa durante um jantar. Bishop estava nos Estados Unidos e Lota estava sozinha nessa reunião, parecia muito triste e deprimida, *não dava para reconhecê-la:*

*Lota era uma pessoa muito sofisticada. Estava com um vestido preto e um casaco de 'madraste', uma seda hindu em diversos tons de azul. Seus cabelos compridos pretos com mechas brancas estavam presos com um coque banana, que prendia com o grampo de prata, feito para ela pelo escultor (Alexander) Calder. Era requintadíssima e possuía imensa classe. Tinha uma maneira especial de se vestir, calças e camisas finas, era totalmente anti-*

*brega, anti-perua. Passou a noite no canto da sala, quieta, muito deprimida com a viagem de Bishop. Não tinha mais interesse por nada. Como ela adorava carros, pedi a meu filho que conversasse com ela. Então passaram a noite toda falando de carros. Mas, não era mais a Lota que nós conhecíamos.*

O olhar atento da amiga que convivia com Lota há muitos anos, incomoda à medida que nos dá uma dimensão nova para o processo que a conduziu a uma sofrida depressão e ao fim da vida. Entretanto, este é um tema que será discutido apenas no capítulo final, antes é preciso ainda conhecer o projeto maior da vida de Lota, o Parque do Flamengo.

Visualizo essa obra como sua memória e sua poesia para a cidade que tanto amava, tanto criticava e que marcou seus últimos anos de vida, tal como comenta sua amiga Elsie Lessa: *a obra que fora a menina dos seus olhos, a paixão e a glória dos seus últimos anos de vida*<sup>204</sup>.

As mudanças políticas pelas quais passou o Rio de Janeiro, quando deixou de ser a capital federal do país em 1960, são apresentadas sucintamente para que possamos compreender em que se baseou a nova estrutura arquitetônica proposta pelo Governador Carlos Lacerda e a importância do projeto do Parque do Flamengo nessa nova cartografia urbana da cidade em transformação.

## **Uma viagem pela Guanabara**

Juscelino Kubitschek com sua euforia desenvolvimentista construiu Brasília no período recorde de quatro anos, entre 1956 e 1960. Transferiu a capital do país para as terras inóspitas do cerrado, no centro do território nacional. O projeto arquitetônico contou

---

<sup>204</sup> LESSA, Elsie. "Lota Macedo Soares". In O Globo, 06 de outubro de 1967.

com a assinatura dos arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, um ícone da arquitetura urbana contemporânea.

Nos anos 1950, as transformações aconteceram de forma avassaladora em vários aspectos da vida, econômica, política, social e cultural do país. O presidente *bossa-nova* Juscelino Kubitschek empregou uma maneira mineira de governar: abriu o país para o capital estrangeiro, permitiu a entrada das indústrias automobilísticas estrangeiras, rompeu com o Fundo Monetário Internacional, por imporem medidas restritivas ao desenvolvimento brasileiro. Um presidente que assumia a grandiosidade da nação e incentivou, como nenhum outro até então, a modernização do país. Construir Brasília foi uma maneira, dizia ele: *de liquidar a sonolência de uma sociedade que parasitava ao longo das praias, como caranguejos ou como se quisesse ir embora*<sup>205</sup>.

Com a intenção de fazer cumprir a Constituição Brasileira de 1891, que previa a transferência da capital federal para o planalto central, no dia no dia 21 de abril de 1960, Juscelino Kubitschek atingia seu maior objetivo, inaugurava Brasília, no coração do país, a despeito das críticas, dos custos astronômicos, das divergências políticas, eis a cidade.

O Rio de Janeiro perdeu, a partir dessa data, a majestade de ser a capital do país. O cargo de primeiro governador da Guanabara foi ocupado provisoriamente pelo Chefe da Casa Civil da Presidência da República, Ministro José Rodrigues Sette Câmara.

Depois de uma acirrada disputa pelo controle da antiga capital, Carlos Lacerda foi eleito, em 03 de outubro de 1960, e tomou posse, em 05 de dezembro de 1960, por um período de 05 anos. A vitória dele, com menos de 2% dos votos a mais que Sérgio Magalhães, seu adversário, ocorreu pelos votos obtidos em Copacabana e no Leme, região

---

<sup>205</sup> SANTOS, 1998, p. 27.

habitada pela elite carioca, pois sua performance eleitoral nos subúrbios cariocas se mostrou extremamente sofrível:

*Lacerda venceu porque foi o candidato que pôde exibir um capital pessoal com o maior grau de força política. Venceu porque encarnou o equilíbrio entre a promessa de mudança – fazer da Guanabara um Estado – e a certeza da continuidade – manter o Rio de Janeiro como 'cabeça do país'. Venceu, enfim, porque conseguiu construir uma relação positiva entre duas identidades em construção, a sua própria e a do novo Estado<sup>206</sup>.*

Os dois primeiros anos do governo de Carlos Lacerda foram de adaptação visando à modificação da administração municipal para a de governo estadual. Entretanto, sua atuação foi marcada pela continuidade das tradições pertencentes à condição de ex-capital federal, *em detrimento da estadualização da Guanabara*, uma característica do seu Governo que será acentuada em 1963, quando Lacerda assume sua intenção de ser candidato à presidência da República.

Nesse período houve uma crescente preocupação com o desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro e, para tanto, foi criado um órgão, a CEDUG – Comissão Executiva do Desenvolvimento Urbano do Estado da Guanabara. Era um grupo que deveria supervisionar e de trabalhar em conjunto com outros órgãos, fornecendo dados dos problemas urbanos da cidade.

Carlos Lacerda investiu na personalização do Governo, chamando a si a responsabilidade pelas decisões e se fazendo presente no contato direto com a população. Não escolheu para secretários de seu governo nomes de peso político no cenário nacional, mas, pessoas que ele considerava pessoalmente competentes. Três metas do governo não só mereceram especial atenção do Governador, bem como são as que até hoje lhe dão um

---

<sup>206</sup> MOTTA, Marly Silva. Saudades da Guanabara. Rio de Janeiro: FGV, 2000, pp. 48-53.

lugar especial na memória política carioca: *a ampliação do sistema escolar, o abastecimento de água e esgoto e a ordenação do espaço urbano da Guanabara.*

Outras características marcantes do seu Governo foram a remoção de muitas favelas, localizadas no centro da cidade; a abertura de túneis e a construção de viadutos, por isso, foi incluído na relação de *prefeitos-engenheiros*, tal como Pereira Passos, Paulo de Frontin e Henrique Dodsworth. Entre as transformações urbanas no Rio de Janeiro, contam também o arrasamento final do Morro de Santo Antônio, que se localizava no centro da cidade, na área onde se encontram atualmente os prédios da Pétrobras e do Banco Nacional de Desenvolvimento Social. As terras provenientes da destruição do morro foram utilizadas para o aterramento do mar, entre a praia de Botafogo e a Glória, que deram origem ao Parque do Flamengo. Para esta área havia um projeto aprovado em 1958, no qual seriam construídas pistas de alta velocidade ligando o Centro à Zona Sul, para resolver antigos problemas de trânsito naquela região.

Quando assumiu o Governo em janeiro de 1961, Carlos Lacerda sugeriu ao engenheiro Djalma Landim, diretor da Superintendência para o Saneamento e Desenvolvimento da Guanabara na época, *que consultasse Maria Carlota de Macedo Soares sobre tais projetos.* Lota tinha 50 anos de idade, era proprietária da fazenda Samambaia em Petrópolis e vendera para Carlos Lacerda – antes de ele ser Governador – o terreno da sua casa de campo em Petrópolis. O amigo que se tornara governador, tinha uma admiração particular por ela, por sua maneira de assumir seus projetos:

*Era admirada por ele por sua inteligência, cultura, franqueza e energia, assim como pela criatividade que demonstrava no trato das propriedades em Samambaia. A imprensa a chamava de amiga*

*de poetas e artistas; era fumante inveterada e colecionadora de quadros e objetos de arte*<sup>207</sup>.

Entre as muitas obras executadas pelo Governador Carlos Lacerda, abertura de ruas, túneis e avenidas; remoção de morros e favelas; o que nos interessa especialmente são as transformações urbanas caracterizadas pela implantação do Parque do Flamengo.

Devo lembrar como a atuação feminina na década de 1960 era tratada pelos meios de comunicação. Algumas mulheres passaram a ocupar o mercado de trabalho, sobretudo em profissões consideradas masculinas, sendo o Rio de Janeiro a cidade com o maior número de engenheiras<sup>208</sup>. A revista *Manchete*, de grande circulação na época, afirmava em suas páginas que a atuação delas era muito profissional e que *nenhum de seus colegas nega que elas sejam excelentes engenheiros*. Exemplos de pioneiras nessa área foram: Carmen Portinho, engenheira chefe de carreira, terceira engenheira civil do país e Bertha Leitchic que trabalhou com Lota no Parque. O artigo da revista observa a especialidade de Bertha nos cálculos matemáticos e em estruturas de concreto para os túneis em construção:

*Bertha foi um dos nossos melhores especialistas em cálculos de estrutura de concreto, acaba de calcular as abóbadas de revestimento e sustentação do Túnel do Pasmado, quando foi nomeada Chefe do Serviço de Estudos e Projetos do Departamento de Obras da Prefeitura*<sup>209</sup>.

Embora comandassem grandes obras em funções consideradas masculinas na época, nas fotos que aparecem na revista, as mulheres se vestem de maneira delicada: sandálias de

---

<sup>207</sup> DULLES, John. Carlos Lacerda: a vida de um lutador. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 100. (1ª edição, 1992).

<sup>208</sup> Revista Manchete, 24 de maio de 1952. AEL- Unicamp.

<sup>209</sup> Idem, ibidem.

salto alto, tailleur e bolsas elegantes, em meio a entulhos e pedras. Parecia um disparate, mas tinham que manter a feminilidade, severamente cobrada pela sociedade.

A grande maioria dessas mulheres se casou com colegas da mesma profissão, o que demonstra a ênfase da colaboração masculina nos projetos realizados por elas, de acordo com a revista, o que parece pressupor que sozinhas talvez não apresentassem a mesma competência profissional. Uma maneira de evidenciar que, apesar de serem excelentes profissionais, a aparência feminina e o casamento tradicional estavam preservados. Profissionalmente competentes também eram capazes de preparar *quitutes maravilhosos*.

No início da pesquisa conversei com vários frequentadores do Parque do Flamengo e percebi que a grande maioria não o reconhecia como sendo um projeto executado por Lota. Grande parte da sociedade carioca reconhece como sendo uma obra do paisagista Roberto Burle Marx. Como assinalado anteriormente, trata-se de um projeto do arquiteto Afonso Reidy com o *Grupo de Trabalho para a Reurbanização do Flamengo* sob a supervisão de Lota e o escritório de Burle Marx. Lota esteve à frente das obras entre os anos de 1961 e 1965. Seu envolvimento nesse empreendimento, os obstáculos para sua execução, os jogos de interesses entre as personalidades envolvidas no projeto, são os objetivos desenvolvidos no próximo item.

## Parque do Flamengo – Poesia Arquitetônica

*É a sua obra mais popular, aquela que interessa diretamente a todos (Zona Leste e Zona Sul) já que vai proporcionar divertimentos a todos os membros da família, com o mínimo de despesas. Nem um grande Clube pode apresentar a variedade de coisas a ver e fazer no Aterro.*

*Lota Macedo Soares<sup>210</sup>*

Quando Carlos Lacerda venceu as eleições para o Estado da Guanabara, em 1960, Lota foi convidada para participar do governo realizando algo de que gostasse e com o qual pudesse contribuir. Ela escolheu construir um Parque a céu aberto, em um lugar destinado a ser um corredor para os automóveis. Seu objetivo era a criação de uma área de lazer para a população carioca tão carente de atividades ao ar livre. Neste sentido, ela insiste pela modificação do projeto original, que previa para aquela área a construção de oito pistas de automóveis. Ela quer que seja implantado ali um Parque para que as pessoas possam usufruir a vista, por sua localização privilegiada, ponto de confluência entre o Centro e a Zona Sul da cidade, facilitado pelo acesso de ônibus, carro, ou mesmo caminhando.

A escritora Rachel de Queiroz escreveu sobre a atuação de Lota à frente das obras. Seu entusiasmo e envolvimento pessoal com o trabalho e sua dedicação a ele, modificando a paisagem daquela região da cidade planejada para o bem estar da população e a criação de novos hábitos. Diz ela:

*Pensando no drama do carioca – que não tem áreas para a sua diversão - se organizou uma comissão destinada a defender a última área livre da cidade do Rio, o aterro da Glória, recém-tomado pelo mar. [...] É a comissão urbanizadora do aterro, presidida por uma mulher muito inteligente, muito viajada, de muito bom gosto: Lota de Macedo Soares, e formada por arquitetos, engenheiros, técnicos de alto gabarito. [...]. Os jardins*

---

<sup>210</sup> Carta de Lota para o governador Carlos Lacerda, ao assumir as obras, 20 de fevereiro de 1963. ACL-UnB.

*serão de um dos maiores paisagistas do mundo, para mim talvez o maior vivo: Roberto Burle-Marx. A obra é de responsabilidade da Sursan. E a finalidade única do parque será esta: o descanso e o divertimento do carioca*<sup>211</sup>.

Lota comanda uma equipe de profissionais, arquitetos, engenheiros, técnicos, em um projeto de transformação geográfica e urbana de proporções gigantescas como foi o Parque. Derrubar pequenos morros; dragar areia do mar e criar uma praia nova; construir pistas para automóveis; passagens subterrâneas; *playgrounds* para as crianças. Quadra e campeonato de *pelada* para os adultos, ocupação do espaço urbano através do lazer. Não um lugar para olhar, mas para passear, estar junto com outras pessoas, em *uma cidade tão triste e sem atrativos*<sup>212</sup> justificava tal empreendimento.

O Parque pode ser visto como uma imagem bela e inesquecível no interior de uma cidade projetada para ser *maravilhosa*. Uma imagem que se fixa na memória, que serve para educar os sentidos não pode ser simples, deve ter o poder de provocar questões: por onde entro; o que busco; o que de fato esse lugar me provoca? Imagem, poesia e memória de uma mulher para a sua cidade. Uma memória construída com muita ousadia, por meio de muitas rupturas, muito desgaste físico e emocional.

Lota entregou-se ao trabalho com tal intensidade que, como disseram alguns de seus amigos, *acabou se confundindo com ele*. Suas relações pessoais romperam-se diante dos obstáculos à construção do seu projeto. Seus esforços foram até o fim, ou até o seu próprio fim, pois lutou para ver as obras concluídas e para o seu tombamento pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como monumento arquitetônico da cidade. Exigia que suas características fossem mantidas e por elas brigou até ser afastada da direção da Fundação e

---

<sup>211</sup> QUEIROZ, Rachel. *O Aterro da Glória*. In Revista *O Cruzeiro*, 29 de outubro de 1961. AEL-Unicamp.

<sup>212</sup> Carta de Lota para o governador Carlos Lacerda, 20 de fevereiro de 1961. ACL-UnB.

entrar em profunda depressão no final de 1965. Não queria construções que obstruíssem a vista dos pedestres e daqueles que transitassem pela orla marítima entre Botafogo e a enseada da Glória.

No epistolário que ela manteve com o Governador Carlos Lacerda durante as obras, emerge certos detalhes da sua personalidade que evidenciam suas atitudes para ver seu sonho edificado. Uma mulher que parece diferenciada das outras que viveram naquele mesmo tempo. Não respeitava as estruturas hierárquicas e não agia de acordo com interesses políticos. Não gostava de aparecer dando entrevistas em jornais ou fazendo publicidade do Governo ou de si mesma. Diz ela:

*Me nomeie já sozinha. Estou indo muito bem só, não quero publicidade, para não levantar casos, e posso ir chamando quando for necessário mais gente para resolver os problemas quando forem se apresentando...Vocë não acha? Já cortei várias tentativas de sair nos jornais! Isto só atrapalha – o Aterro é seu, para a glória do seu Governo<sup>213</sup>.*

Sua atuação foi no sentido de chamar para si todas as responsabilidades ligadas à obra, para que os colegas que participavam do Grupo não se colocassem uns contra os outros. Por isso pede para ser nomeada sozinha ou com uma comissão, pois assim ela poderia comandar o grupo e evitar problemas entre os colegas ou devaneios arquitetônicos que eles pudessem apresentar, comenta na carta que apresenta ao Governador a comissão criada por ela com os respectivos profissionais que a auxiliaram na execução do projeto:

*Creio que a coisa já está engrenada e podemos se você estiver de acordo nomear a tal Dona Maria Carlota ou sozinha ou com uma comissão – não sei o que você acharia melhor – a idéia básica é que eu pudesse mandar na comissão para evitar aos arquitetos por exemplo, que eles se indispussem com os seus colegas*

---

<sup>213</sup> Carta de 23 de fevereiro de 1961. ACL-UnB.

*escolhendo-os ou não, e jogando a culpa para cima de mim – e também segurasse estes artistas nos seus vôos à la J.K.*

Lota assume os trabalhos e nomeia uma equipe de profissionais que considerava altamente competentes nas suas respectivas especialidades. Não escolheu amigos para os cargos, não praticou a política da *troca de favores* - em que se nomeiam conhecidos para cargos públicos, com vantagens pessoais - mas um grupo de pessoas que chamou de *comissão de notáveis* para auxiliá-la nos trabalhos de execução das obras. Escreve ao Governador após sua nomeação como Presidente do *Grupo de Trabalho para a Urbanização do Aterro*, na qual apresenta os membros da comissão:

*Comissão: Roberto Burle-Marx, arquiteto paisagista; Jorge Moreira – arquiteto; Affonso Eduardo Reidy – urbanista; Manuel Azevedo Leão – engenheiro; Barreto Filho – advogado<sup>214</sup>. Não falei com o Manuel esperando o seu palpite, mas no meio dos engenheiros ele é considerado um dos maiores, e se agora está ocupado com petróleo, entende muito bem de "ventos e marés", o que nos interessa.*

Além desses arquitetos e engenheiros havia outros que colaboraram diretamente nos trabalhos e que se mantiveram por mais de 12 horas diárias no barracão, respeitando as diretrizes apontadas pela presidente. Dentre esses profissionais alguns eram ainda pouco conhecidos no Brasil, e, no entanto, já possuíam reconhecimento internacional, como a recreacionista Ethel Bauzer Medeiros. Lota convidou-a após consultar órgãos internacionais que a indicaram como a melhor na sua área. Profissionais que se envolveram na execução das obras do maior Parque construído ao ar livre na cidade do Rio. Não parece ter sido fácil reunir tantas pessoas interessadas em trabalhar até 16 horas por dia e concluir uma obra de tamanha dimensão em uma cidade com tantos problemas estruturais. No Rio

---

<sup>214</sup> Carta de 20 de fevereiro de 1961. ACL-UnB.

desse período havia escassez de água, de gás, de eletricidade, de escolas, de esgotos, de ruas e avenidas.

O Parque do Flamengo compreende a urbanização de uma área de 1.200.000 m<sup>2</sup>, ou seja, vinte e cinco alqueires geométricos que foi conquistada ao mar pelo material proveniente da remoção do Morro de Santo Antônio equivalente a sete milhões de metros cúbicos de terra. Emoldurada pela baía da Guanabara e o inconfundível contorno dos morros cariocas, aquela área exigia uma solução paisagística das mais apuradas. Além desse majestoso Parque, ganhou o Rio uma praia artificial de 1.500 m de extensão com a largura média de sessenta metros, tendo sido nela empregados 600.000 m<sup>3</sup> de areia, dragada da baía de Guanabara <sup>215</sup>.

Ao assumir o cargo, Lota conheceu o projeto aprovado em 1958, do qual já haviam sido realizadas as obras de enrocamento, aterro, pistas e passagens de pedestres no aterrado da orla marítima. Ela estudou esses projetos e pretendia fazer alterações, principalmente, quanto ao número de pistas para automóveis. Depois de analisá-lo detalhadamente, ela anuncia que pretendia manter do projeto de 1958 e quais as mudanças que considerava importantes. Detectava a necessidade de se corrigir alguns problemas do plano inicial dos quais discordava, enviando um estudo minucioso para análise do Governador Carlos Lacerda e para os membros da Sursan e da Secretaria de Viação <sup>216</sup>.

Um dos seus objetivos era o de oferecer ao carioca uma área de lazer que não existia igual na cidade. Além de preservar a magnífica vista da orla marítima e permitir que as pessoas se deleitassem com tal imagem podendo caminhar pelo Parque a qualquer hora do dia ou da noite. Diz ela:

---

<sup>215</sup> Revista Módulo, n. 37, agosto 1964. BN- Rio de Janeiro.

<sup>216</sup> Carta de 20 de fevereiro de 1961. ACL-UnB.

*A idéia geral é de se entregar ao povo do Rio uma área arborizada com restaurantes, playgrounds, cafés, pistas de dança, coreto para banda militar e pequenas orquestras. Para aproveitar as suas qualidades únicas nada que se poderia construir em outro local deverá ser construído no aterro, como por exemplo: construções fechadas como teatros, boates, campos de esporte, etc. Essa área arborizada dará ao carioca a possibilidade de passar confortavelmente com toda a sua família os seus dias de folga, já que ele terá o uso de diversões para todas as idades, lugares para comer, etc. Estas construções baixas serão escondidas entre as árvores de modo a não perturbar a paisagem ou impedir a brisa marítima*<sup>217</sup>.

Apesar do embelezamento e do lazer trazidos pela obra, havia um outro problema. Um dos objetivos da construção do Parque era desafogar o trânsito entre a zona sul e o centro da cidade, por isso, o número de pistas no projeto inicial era de oito pistas para automóveis, o que gerou muita discussão entre Lota e a Secretaria de Viação. Ela se coloca radicalmente contra e argumenta porque poderiam ser apenas duas pistas de cada lado, pois isso preservaria o Parque enquanto uma área de lazer, o que não seria possível se mantivessem o número de pistas original. Diz ela:

*No projeto anterior, com as quatro pistas e suas entre-pistas a área remanescente daria uma faixa tão estreita que nela não se poderia desenvolver um parque [...]. As obras de urbanização do Aterro, além das facilidades do tráfego oferecidas pelas novas pistas, visam incorporar à cidade um importantíssimo elemento para uso e gozo das populações que residem em bairros que não dispõem de áreas adequadas para o uso do lazer e a recreação*<sup>218</sup>.

Demonstra um amplo conhecimento dos aspectos relacionados à urbanização daquela região, enfatizando a necessidade de tornar aquele lugar uma área de lazer para a população carioca. Outro argumento dela contra o projeto inicial diz respeito às passagens

---

<sup>217</sup> Idem, ibidem.

<sup>218</sup> Carta para a Assembléia Legislativa, justificando as mudanças no projeto, em função dos ataques proferidos pelo deputado Carvalho Neto no dia 22 de maio de 1963. Rio de Janeiro, 12 de junho de 1963. ACL-UnB.

subterrâneas para pedestres, que poderiam obstruir *a vista do mar e conseqüentemente dos jardins que serão feitos a beira mar*. A sugestão é manter as passagens que já estão feitas – embora discorde da solução, mas quer evitar mais gastos – propõe *a passagem de pedestres por cima na parte não realizada e que coincide com a faixa mais larga e que será usada por maior número de pessoas*.

Elaborava uma crítica ao projeto da Superintendência para o Desenvolvimento da Guanabara já em execução, de escavar longas passagens por baixo das pistas para os pedestres chegarem ao Parque, dizendo que *praticamente eram erradas, pois obstruíam a vista e davam um caráter pouco civilizado de que o homem é menos importante do que a máquina*. Recomendava a utilização de passagens por cima das pistas. Sugeriu que estas fossem duas pistas em lugar de quatro, deixando espaços que poderiam ser preenchidos por jardins ou gramados. Considerava que futuramente seriam necessárias quatro pistas. Sugeriu um *censo do tráfego* argumentando que os novos túneis, em particular a ligação Rio Comprido-Lagoa, tornaria menos necessário o trânsito à beira-mar no trecho do Aterro. Insistiu na necessidade de serem feitos estudos da enseada projetada de modo a fixar em definitivo seu futuro formato.

Ocorreram muitos embates entre vários órgãos, principalmente, entre a Secretaria de Viação e os membros da Sursan. O número de pistas para os automóveis foi reduzido. Aos domingos as pistas de veículos no sentido Centro/Zonal Sul e vice-versa ficam bloqueadas ao tráfego, transformando o Parque de importante via de escoamento de trânsito à categoria de área de lazer<sup>219</sup>. Enaldo Cravo Peixoto, diretor da Sursan na época, queria apenas quatro quadras de futebol. O argumento de Lota foi de que o futebol é uma atividade de recreação

---

<sup>219</sup> "Aterro do Flamengo". Arquivo Geral da Cidade – Rio.

no Brasil e, portanto, o número deveria ser de oito quadras, pois essas seriam mais procuradas, vencendo sua sugestão.

O órgão responsável pelo aluguel das quadras informou que elas estão alugadas durante 24 horas, todos os dias da semana, o ano todo. No período da madrugada, quem joga são os que trabalham na noite da cidade, garçons, porteiros e até motoristas de táxi têm seus times totalmente organizados.

A criação de uma praia artificial necessitava de estudos estratégicos, pela quantidade de areia que seria dragada ao mar, o tipo de draga que seria usada, como e em que condições transferir a areia do fundo da baía. Lota encomendou a *vinda de especialistas em praias do Laboratório Nacional de Engenharia de Lisboa* que indicaram a utilização da mesma draga das obras do Canal do Panamá<sup>220</sup>.

Havia muita resistência por parte de vários setores e de diferentes profissionais. A chamada esquerda brasileira criticava o aspecto *faraônico* da obra e o próprio Governador Carlos Lacerda em muitos momentos criticou Lota que brigava muito se demitia do cargo para no dia seguinte aparecer na porta da casa dele defendendo o projeto. Assim o Governador Carlos Lacerda descreve as atitudes apaixonadas de Lota na defesa do Parque:

*Você fica com essa porcaria desse negócio de esgoto, de água e de não sei o quê, você pensa que alguém vai se lembrar de você por causa disso? No dia em que puxarem a descarga da privada e sair água, ninguém vai se lembrar de você; quando o sujeito tiver filho na escola, nunca mais se lembrará que essa escola foi feita por você. Água e escola são fatos naturais que todo governo tem obrigação de fazer. A única coisa de que vão lembrar é que você fez o parque do Flamengo<sup>221</sup>.*

---

<sup>220</sup> DULLES, J. Op. Cit. 2000.

<sup>221</sup> Idem, *ibidem*, p. 101.

Outra grande discussão e que causou muitos debates nos jornais por serem consideradas abusivas economicamente foram as soluções para a iluminação do Parque. Lota recorreu a organismos internacionais para buscar os melhores profissionais da área, embora tenha havido vários debates entre os membros do Grupo de Trabalho para pensarem em soluções alternativas <sup>222</sup>. A conclusão foi pelo nome de um especialista: Richard Kelly, e os postes de iluminação com 45 metros de altura! Parecia um disparate ter que importar lâmpadas e tecnologia para algo considerado tão simples: iluminar. Escreve ela: *Já chegamos a uma conclusão sobre os postes para iluminação do Aterro – Felizmente os mais baratos são os melhores – gostaria de mostrar a você*<sup>223</sup>.

Tratava-se da criação de um sistema que permitisse aos pedestres ver além: toda a orla da praia, o mar, o Pão-de-Açúcar e manter a segurança daqueles que quisessem caminhar a noite, ou jogar futebol no interior do Parque. Ela faz um resumo das cartas enviadas por Kelly ao governador e o encantamento dele com o projeto:

*O homem é absolutamente fabuloso! Pode-se facilmente iluminar o Pão de Açúcar, garante efeito extraordinário. Está deslumbrado com o que poderia fazer no Flamengo. Vai ficar inacreditável e sublime Governador*<sup>224</sup>.

Tal obra não se realizou sem constantes brigas entre Lota, membros do Grupo de Trabalho, a Sursan e outros órgãos públicos envolvidos no projeto, além de uma campanha contra as extravagâncias da *Presidente do Grupo* que exigia um gasto excessivo para a iluminação<sup>225</sup>. As lâmpadas utilizadas nesse sistema são de mil watts, embora mais caras, foram exigidas por Richard Kelly, por apresentarem *uma melhor qualidade de material*,

---

<sup>222</sup> Ver a respeito. Documentos IPHAN, Pasta Parque do Flamengo.

<sup>223</sup> Carta de 05 de dezembro de 1965. ACL –UnB.

<sup>224</sup> Carta para o governador Carlos Lacerda. s/d. ACL-UnB.

<sup>225</sup> BURLE-MARX, R. In jornal Correio da Manhã, 21 de outubro de 1965. AEL-Unicamp.

*duram mais, iluminam mais, o que dá economia de postes, fios etc*<sup>226</sup>. Não havia no Brasil tecnologia para o empreendimento, por isso, as lâmpadas foram importadas. O que gerou uma grande polêmica, pois consideravam ser este um luxo desnecessário. O primeiro poste foi colocado com muita dificuldade, de acordo com o general Salvador Mandim, secretário de Serviços Públicos naquele momento:

*A dificuldade para a colocação do primeiro poste foi de se encontrar o centro de gravidade exato, e a colocação do guindaste que levanta o poste, pois esse vai servir de modelo aos cinquenta e nove restantes. Os postes são os maiores do mundo, com quarenta e cinco metros de altura. Seu diâmetro é de 1.13 metros e pesa dezessete toneladas cada. Na sua parte superior serão colocadas, em forma de estrela, seis lâmpadas de mercúrio corrigido de mil watts cada uma. Dona Lota considera importante que os primeiros pontos a serem iluminados devam ser a praia e os campos de futebol, para que o povo possa utilizá-los à noite, durante o verão*<sup>227</sup>.

A fim de preservar o projeto original do Parque que não previa construções, estátuas, ou qualquer obstrução à vista dos pedestres, Lota estuda o projeto de criação da Fundação Parque do Flamengo, órgão que teria autonomia administrativa. Ela argumenta sobre a necessidade da Fundação, não como um *requinte*, ou *perfeccionismo*, mas como condição de que a obra ficaria pronta em 1965, o que justificaria os gastos vultosos do projeto:

*É a garantia de que um projeto que foi planejado para funcionar como uma unidade não venha a se arruinar com o desmembramento dele. É a obrigação do Governo de garantir-lhe esta unidade, justificando os bilhões gastos nele, assegurando ao povo que o tempo das leviandades já passou, que as promessas feitas a ele são para valer*<sup>228</sup>.

---

<sup>226</sup> Carta s/d. ACL-UnB.

<sup>227</sup> MANDIM, Salvador. Jornal Correio da Manhã, 20 de outubro de 1964. BN-Rio de Janeiro.

<sup>228</sup> Carta para o Governador Carlos Lacerda, 15 de julho de 1965. ACL-UnB.

A necessidade de um órgão exclusivo para o Parque foi discutida na Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara. Lota não tinha leveza em suas palavras quando se tratava de defender os interesses do Parque. Ela se dirigia ao Governador de maneira direta e não ameniza seus sentimentos indignando-se e exigindo que ele atuasse. Enfatizava que os interesses em salvar o projeto e mantê-lo de acordo com as características previstas pelo Grupo eram de total competência dele, sendo ele o indicado a *defendê-lo*:

*Não tem o menor cabimento, que eu passe estes últimos meses, negligenciando o meu trabalho, tentando angustiosamente, sem meios, tempo, e talento organizar um 'movimento de opinião' para salvar o Parque. Não tenha a ingenuidade de pensar que este bilhete, é para convencê-lo de mudar de idéia e entrar em acordo com a Assembléia por causa da Fundação – você não precisa de conselhos, porque faz isto muito bem, quando o caso lhe interessa. É só para que você saiba que amizade não é sinônimo de burrice, e que o considero totalmente responsável pelo sucesso ou fracasso da lei sobre a Fundação, na Assembléia.*

A partir de setembro de 1965, durante a campanha eleitoral para a disputa do Governo da Guanabara, os problemas tomaram dimensões incalculáveis. Lota se desgastava física e emocionalmente, passava por *um mau pedaço*, observa Bishop<sup>229</sup>. Havia muitas opiniões divergentes em relação às obras do Parque; alguns consideravam a obra desnecessária e custosa para o Governo e outros que apoiavam suas conclusões. Bishop comenta que acreditava que a Fundação seria aprovada, a não ser que os deputados estivessem *completamente malucos*. A resistência era maior do que o esperado e o projeto da Fundação na Assembléia foi derrotado, aumentando os desentendimentos e,

---

<sup>229</sup> BISHOP, E. Op. Cit. Carta para Ashely Brown, 02 de setembro de 1965, p.479.

conseqüentemente, a dedicação de Lota às obras que chegava a trabalhar nesse período *dezoito horas por dia*<sup>230</sup>.

Previendo a possibilidade da derrota do seu candidato, o Governador Carlos Lacerda sancionou uma lei criando a Fundação à revelia das decisões tomadas pelos deputados na Assembléia. Não bastassem os problemas com a implantação da Fundação, nesse mesmo momento começam os conflitos entre Lota e o paisagista Roberto Burle-Marx por questões relacionadas às obras do Parque. Os jornais deram ampla cobertura aos argumentos do paisagista que indicava as atitudes de Lota na presidência do *Grupo de Trabalho* como autoritárias. Um mal entendido profissional entre duas personalidades da elite carioca que disputavam, provavelmente, os sucessos e os infortúnios relativos ao projeto do Aterro. Lota foi publicamente detratada, chamada de *prepotente e autoritária* por Burle-Marx.

Com a vitória de Negrão de Lima, candidato da oposição, foi aprovado um projeto de lei que criava um órgão autônomo para administrar todos os parques e jardins da cidade. Após muitas discussões e Mandados de Segurança que tramitavam nos órgãos competentes, a *Fundação do Parque do Flamengo* foi definitivamente extinta e ficou a cargo da *Sursan* e mais tarde do *Departamento de Parques e Jardins* sua administração e conservação. Atualmente aos cuidados do *Departamento de Monumentos e Chafarizes*.

Ainda assim Lota tentava manter os trabalhos e concluir as obras. Sua amiga Elsie Lessa comentou que ela andava com as pastas do Parque debaixo do braço como um bem precioso, o qual teimava em defender até o fim. Ela foi uma das últimas pessoas a estar em companhia de Lota antes do seu embarque para Nova York em setembro de 1967:

*Ficou umas três horas sentada ali naquela poltrona de couro, folheando a sua pasta sobre a Fundação daquele aterro dos seus*

---

<sup>230</sup> Idem, ibidem. Carta para a doutora Baumann, 09 de novembro de 1965, p. 481.

*sonhos, que lhe encheu de alegria e desgostos os últimos anos de vida. Comeu-lhe os nervos, degustou-lhe as energias físicas e psíquicas. Era a última coisa que queria fazer pelo seu “Aterro do Flamengo”, a Fundação que lhe garantisse a existência desimpedida dos entraves burocráticos, para que florescessem e frutificassem afinal todos os seus sonhos. Por duas vezes vi-a botar a mão diante do rosto e soluçar por ele nessa tarde. Acabara de entregar a grande pasta de recortes que acompanhara o processo de defesa da Fundação do Aterro, já em mãos do Supremo Tribunal Federal. E era, a última coisa que fazia por ele<sup>231</sup>.*

A especialista em recreação Ethel Bauzer Medeiros, que trabalhou no projeto do Parque junto com Lota, afirmou que entre os objetivos da criação da Fundação do Parque estava o direcionamento das atividades a serem desenvolvidas nele. O projeto previa a contratação de profissionais especializados, pois ele não foi projetado para *ser apenas um local para os freqüentadores darem vazão às suas tensões acumuladas no dia-a-dia*. Continua ela:

*Seu propósito era mais amplo, qual seja, o de contribuir para melhorar a qualidade da vida atuando como fonte de educação permanente ou de educação continuada. Este objetivo não pode ser alcançado, pois a Fundação não conseguiu efetuar-se<sup>232</sup>.*

Procuro evidenciar os diferentes argumentos de várias pessoas que trabalharam com Lota durante as obras de construção do Parque. São opiniões divergentes em relação às acusações do paisagista que raramente comparecia às obras. Os interesses pessoais e financeiros de Roberto Burle-Marx parecem ter tido maior peso que os profissionais neste conflito. Algumas questões podem ser levantadas, a fim de apresentar o cenário no qual esses debates se expressaram: quais foram as razões do conflito, que acabou por romper com a amizade entre Lota e o paisagista? Quais os problemas que Lota enfrentou durante as

---

<sup>231</sup> LESSA, Elsie. Op.Cit.

<sup>232</sup> MEDEIROS, E. Pasta Parque do Flamengo, In DMC, Rio de Janeiro, 1983.

obras do Parque? Que mudanças aconteceram em função da sua atuação à frente do projeto do Aterro? Como a vida pública refletiu na sua construção subjetiva? O que aconteceu com a relação amorosa entre ela e Bishop com a mudança para o Rio de Janeiro?

## Silêncios e Interditos

*O Parque é obra de um grupo, sob a liderança de uma pessoa que defendeu esse Parque e o realizou com dedicação, lealdade e bravura. Apedrejá-la agora em vez de defender a criação de uma Fundação para defender o Parque, é uma indignidade.*

*Governador Carlos Lacerda*<sup>233</sup>

O governador Carlos Lacerda escreveu ao paisagista Roberto Burle Marx defendendo Lota das acusações públicas feitas por ele nos jornais. Procura adverti-lo de que os seus interesses pessoais suplantaram os profissionais, sobretudo no momento em que decidiu começar a atacar Lota. Justamente quando a criação da Fundação foi negada pela Assembléia e o Governo perdera o controle do Estado, com a vitória da oposição, diz ele: *você não poderia ter escolhido pior ocasião para manifestar seu oportunismo.*

As declarações do paisagista pareceram inoportunas ao Governador, pois ele parecia preocupado em vender plantas e não em defender um projeto pelo qual se esperava que estivesse envolvido; pelo que representava para a cidade e não por um suposto orgulho dele que, ao ver seus propósitos pessoais modificados, resolveu atacar diretamente a pessoa mais voltada na preservação daquela obra ainda inacabada.

Lota e Burle Marx foram considerados por seus contemporâneos de temperamento forte, de atitudes intempestivas, que brigavam por seus interesses e não mediam esforços para verem suas opiniões serem aceitas e respeitadas. A polêmica discussão em torno das

---

<sup>233</sup> Carta do Governador Carlos Lacerda ao paisagista Roberto Burle-Marx. Arquivo Carlos Lacerda, UnB.

decisões tomadas por Lota remete, por um lado, à maneira como uma mulher, em um cargo de liderança, poderia ser alvejada quando contrariava interesses corporativistas; por outro lado, o que parece estar em jogo é exatamente a autoria do projeto do Parque.

Quando Lota assumiu o cargo de presidente do *Grupo de Trabalho*, ela convidou o arquiteto Afonso Reidy, para retomar o antigo projeto aprovado em 1958 para aquela área. Após estudar detalhadamente a planta arquitetônica, ela pede ao arquiteto para remodelar o original, com as inovações propostas por ela e acatadas por ele.

Roberto Burle Marx começou a estudar arquitetura, mas não pôde continuar os estudos em virtude dos seus problemas congênitos na visão, por isso, dedicou-se à pintura e depois ao paisagismo, pelo qual tornou-se famoso e reconhecido. Sua intensa agenda de trabalho não permitia que se dedicasse integralmente às obras do Parque. O paisagista foi convidado por Lota para compor o grupo por se tratar do maior profissional da área no país. Na volta de uma de suas incontáveis viagens ao exterior para dirigir seus projetos, ele escreveu ao governador Carlos Lacerda contando como havia ficado satisfeito em participar da equipe que faria as obras. Diz ele:

*Depois de tantos anos sem realizar coisa alguma no Estado da Guanabara, surgiu você para me prestigiar, dando-me a oportunidade de fazer o parque do Aterro, obra que contará imensamente na minha vida de paisagista. É também de grande importância para mim estar trabalhando com esse grupo de amigos encabeçado por Lota de Macedo Soares que tem uma paixão e uma honestidade a toda prova, e que está dando todo o esforço para que a obra se realize*<sup>234</sup>.

Como observado anteriormente, as obras do Parque foram discutidas e decididas por um grupo chefiado por Lota e não aleatoriamente estabelecidas de acordo com os seus

---

<sup>234</sup> Carta de Burle Marx para o Governador Carlos Lacerda, de 21 de setembro de 1962. Vale lembrar que as obras foram iniciadas em fevereiro de 1961. ACL-UnB.

critérios pessoais. Entretanto, como supervisora da obra, ela cuidava dos orçamentos e concorrências, visto tratar-se de um patrimônio público.

Em outubro de 1965, o paisagista envia uma carta para Lota na qual esclarece as razões da sua discordância quanto a algumas decisões tomadas por ela *à revelia* do grupo. Nesta carta ele lamenta que não tivessem conversado antes sobre certos problemas existentes no Parque, certas atitudes tomadas por ela que levaram à extinção do grupo. De acordo com ele, por atitudes que foram desgastando a equipe. Alguns se afastaram, outros se demitiram, e os que restaram *apenas obedeciam às ordens da Presidente*. Diz ele:

*Esperiei ver restabelecido, depois de uma crise que julguei passageira, o critério, justo e certo, que sempre orientou as deliberações tomadas em conjunto, pelo Grupo de Trabalho e por mim, ou seja, de acordo com a opinião da maioria, após o mais amplo debate, ouvidos os demais interessados no assunto. Infelizmente, isso não aconteceu. Você começou a entender de tudo, a impor a sua vontade e, conseqüentemente, a afastar-se das pessoas capazes, amigas e, como você, também dedicadas à obra, mas cuja honestidade profissional – não permitia que se subordinassem ao seu arbútrio. Assim, gradativamente foi se esfacelando o Grupo de Trabalho*<sup>235</sup>.

A carta escrita em tom de desabafo contém muitas informações que procuro resumir. A intenção é tentar compreender as questões profissionais e pessoais que revestiram esse desentendimento que parecem estar além das decisões quanto ao tipo de planta a ser usada, ou o preço da grama vendida pelo escritório do paisagista. Um problema mais abrangente relacionado à contratação de uma recreacionista para elaborar os *playgrounds* do Parque. Os outros desentendimentos vêm à reboque desse, como conseqüência pelo fato de Burle Marx ter sido preterido por Lota.

---

<sup>235</sup> BURLE MARX, Roberto. *Arbútrio nos jardins do Aterro leva o paisagista Burle Marx a romper com Lota de Macedo Soares*. Jornal Correio da Manhã, 20 de outubro de 1965. AEL-Unicamp.

Lota entregou o projeto dos *playgrounds* para uma profissional da área de recreação, Ethel Bauzer Medeiros. Nesta carta, o paisagista retoma esse ressentimento e insiste no projeto mal elaborado por Ethel, pois, de acordo com ele, não há uma integração com o restante do Parque:

*Sempre insisti, e você bem o sabe, em que os playgrounds fossem projetados por mim, a fim de que o parque não perdesse a unidade. O resultado lá está. Será que não se poderia encontrar uma solução em planos diferentes para criar espaços que não dessem a impressão de campos de concentração?*<sup>236</sup>

Em seguida, o paisagista envia uma carta ao Governador Carlos Lacerda, reafirmando sua insatisfação diante das deliberações tomadas por Lota sem consultar os profissionais envolvidos, *que vêm comprometendo de modo grave o meu projeto*. Continua a carta:

*Reconheço o esforço feito por ela para realizar a obra do Aterro; se antes esse esforço era dirigido de acordo com a opinião da maioria de um grupo de pessoas capazes e também altamente dedicadas à obra, hoje é exercido de forma ditatorial, como se Dona Lota fosse a autora do projeto e entendesse de tudo.[...] Lamento sinceramente o ocorrido, mas se não fizesse sentir agora o meu protesto e dele não desse conhecimento a Vossa Excelência, arcaria sempre, profissionalmente, com o ônus dos erros cometidos à minha revelia no Parque do Flamengo, deturpando o projeto que todos sabem aqui e no estrangeiro, ser de minha autoria*<sup>237</sup>.

Ethel Bauzer Medeiros foi contratada por ser uma das maiores especialistas em recreação. Ele afirma na carta publicada, que Ethel poderia entender muito da sexualidade de crianças de quatro anos, e não de playgrounds, e que, portanto, o projeto apresentado por

---

<sup>236</sup> Idem, ibidem.

<sup>237</sup> Carta de Burle Marx para o Governador Carlos Lacerda, 18 de outubro de 1965. ACL-UnB.

ela não se harmonizava com o resto do Parque, parecendo mais uma favela, sem graça e sem fantasia:

*Os playgrounds são desprovidos de graça, de fantasia e não têm unidade. Obedecem à orientação de você e dessa senhora, sua assessora no assunto, sempre muito preocupada com a vida sexual das crianças de quatro anos e que o entanto concordou em fazer um Village, que corresponderá, brevemente, em português, a uma favela. No demais, excetuados os pavilhões do Reidy, tudo refletirá, por certo, o ponto de vista da referida Senhora, que poderá ser uma ótima professora de educação física, mas tem um mau gosto encardido*<sup>238</sup>.

A justificativa da recreacionista quanto as soluções adotadas no projeto foram no sentido de atender as diferentes pessoas que poderiam freqüentar o lugar, e não especificamente crianças de quatro anos. Um Parque mais aberto com atividades para diferentes faixas etárias, que não ficasse especializado em um grupo, que tivesse árvores baixas que não obstruíssem a vista dos pedestres. Um lugar onde as pessoas teriam grandes espaços e não se sentissem intimidadas, ficassem bem ao ar livre e esquecessem que estavam no meio de um corredor de automóveis, um lugar enfim, que pudesse dar maior liberdade de locomoção para seus freqüentadores e um lazer para ser praticado em tempo integral:

*O Parque é um lugar para um lazer mais humano, e não mais um lugar para passear de carro. Sendo servido por transporte coletivo, ele pode atender a muito mais gente e a todas as camadas sociais. Como por ele passam ônibus vindos de muitas zonas da cidade, sua função social parece bem preenchida*<sup>239</sup>.

---

<sup>238</sup> Carta publicada no Jornal Correio da Manhã, 20 de outubro de 1965. AEL-Unicamp.

<sup>239</sup> BAUZER, Ethel. In Monografia de Curso de Arquitetura, apresentada à Faculdade Bennett, Rio, 1983. DMC-Rio de Janeiro.

Lota convidou Ethel para que ela acompanhasse e aconselhasse os projetos que seriam implantados no Parque. Ethel resume assim sua interferência naquele trabalho: *Todo e qualquer proposta de interferência no Parque deve ser feita levando em conta que este deverá ser sempre um local de lazer e recreação da população.*

A profissional ficou surpresa com o convite feito por Lota, pois não era uma prática comum no Brasil buscar especialistas para estudar soluções antes da execução do projeto. Elas não se conheciam pessoalmente. Quando Lota telefonou perguntando se ela gostaria de participar, pareceu-lhe inusitado uma pessoa em tal cargo recorrer a profissionais especializados: *Acreditando na necessidade de recorrer a especialistas, a Lota teve este gesto pioneiro em nosso meio: chamar um educador desde o início do planejamento do Parque.*

De acordo com Ethel, foram utilizados nas obras do Parque o que havia de mais moderno e inovador em termos de recreação e lazer. Seu objetivo era ser *um parque ativo, onde as pessoas fossem levadas para um tipo determinado de recreação e não um parque contemplativo* <sup>240</sup>. Houve na época uma grande repercussão internacional pelas soluções inovadoras adotadas e pela preocupação em dar à população diferentes tipos de lazer em um mesmo espaço. Objetivando os usos de diversos grupos sociais, faixas etárias e interesses, observa ela:

*A Internacional Recreation Association, entidade filiada às Nações Unidas, dedicou um artigo em que focalizava o Aterro como uma solução fora do comum, inovadora. Esta necessidade da cidade dar à população áreas com variadas perspectivas de recreação, onde todas as pessoas de todas as idades encontrem divertimento.*

---

<sup>240</sup> Idem, ibidem.

O que estava em questão no conflito entre Lota e o paisagista referia-se, de acordo com Lota, ao preço astronômico da grama cobrado pela empresa do paisagista que a fornecia ao Parque. Depois de realizar uma licitação com outras empresas, ela descobriu que os preços da grama que vinha sendo compradas com o escritório do paisagista eram excessivamente caros. Ela avisa aos órgãos responsáveis pelas compras para suspender e contratar outro fornecedor. Em parte, encolerizada pela exposição pública à qual foi submetida, ela envia uma nota para os jornais na qual afirma que *o senhor Roberto Burle-Marx nunca pertenceu ao Grupo de Trabalho Para a Urbanização do Aterro*, criado pelo decreto 607, de 04 de outubro de 1961 e continua:

*Este projeto de ajardinamento nada tem a ver com os outros projetos do parque. As diversas e extensas viagens do senhor Burle-Marx não lhe permitem naturalmente conhecer estes projetos. Quanto à prepotência da presidente do Grupo de Trabalho, ela hoje manifestada, naturalmente depois das eleições, vem do fato que consultada pela Sursan no começo deste ano, opinei em ofício que se procurasse outras firmas para fornecer grama para o Parque, já que a firma Roberto Burle-Marx Ltda, propunha preços astronômicos por metro quadrado. Esta prepotência deu ao Estado uma economia de mais de cem milhões (cruzeiros na época), o que naturalmente mudou a opinião que tinha o senhor Burle-Marx do meu temperamento, antes tão apreciado<sup>241</sup>.*

Lota escreveu a Burle-Marx antes do início desse conflito explicando-lhe os motivos pelos quais não compraria com a empresa dele e a decisão de contratar outros serviços com preço muito menor e o trabalho mais eficiente, pois o Renato, sobrinho de Burle-Marx, deixava *os caminhões de grama ao longo das quadras de pelada, contradizendo evidentemente o argumento dele de que qualquer preço mais baixo lhe daria*

---

<sup>241</sup> Nota publicada no jornal Correio da Manhã, 22 de outubro de 1965. AEL-Unicamp.

*prejuízo*<sup>242</sup>. Ela esclarece os motivos que estavam por trás da campanha acionada pelo paisagista contra ela, *nos jornais, na televisão e entre amigos*, por meio de um documento que entregou ao Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rodrigo de Mello Franco, e ao Instituto dos Arquitetos do Brasil, do qual transcrevo alguns trechos. Considero ser esse um documento esclarecedor de certas situações que mostram o descontentamento de Lota em relação ao paisagista:

*Os motivos que aborreceram o Roberto são quatro e bem definidos: o primeiro foi que eu recusei a entregar para ele o planejamento dos playgrounds. De acordo com os outros membros do Grupo, resolvemos entregar o trabalho à melhor técnica que temos no Rio, Ethel, que trabalhou totalmente supervisionada pelo Reidy. A segunda razão foi a reclamação que lhe fiz num bilhete, quando lhe escrevi que o 'livro dele era muito bonito, mas o que não era bonito é que ele tinha suprimido totalmente o Grupo de Trabalho nas páginas em que apresenta o Parque, sobretudo quando os componentes eram todos amigos dele. Roberto ficou furioso, mas como sentiu que a reclamação era unânime, escreveu uma carta ao Bardi, pedindo que se incluísse o Grupo na segunda edição*<sup>243</sup>.

Outro motivo da discordância de opiniões entre eles diz respeito à contratação do arquiteto Júlio Pessolani. O paisagista pediu a Lota que aceitasse o arquiteto que havia dirigido o escritório dele por nove meses para trabalhar no Parque, porque não teria projetos para ele enquanto estivesse fora do país durante seis meses em 1965. Na volta desta viagem ele quis que ela o demitisse por motivos pessoais, o que ela não o fez, por considerar satisfatório o trabalho dele.

A suspensão da compra da grama à firma Roberto Burle-Marx Ltda representou um enorme prejuízo para ele, o que Lota considera um aspecto importante da contrariedade à qual o paisagista foi exposto. Depois de comentar as razões objetivas pelas quais ele

---

<sup>242</sup> Arquivo Técnico e Administrativo do IPHAN. Fundação Parque do Flamengo, 1965. Rio. ATA-IPHAN.

<sup>243</sup> ATA-IPHAN-Rio, 20 de outubro de 1965.

começou a denunciá-la por desmandos nas obras do Parque, ela conclui a carta anunciando o quanto teve que lutar para que as obras fossem concluídas:

*Nestes cinco anos de trabalho, para fazer esta obra, as lutas com o Carlos e com o Governo foram tremendas! Só quem trabalhou com o Carlos pode ter uma noção do que elas representam. O Carlos não queria grama, não queria arquitetura, não queria chapéus de sol na praia, não queria a praia em Botafogo, mandou parar três vezes a passarela do Museu (de Arte Moderna), etc, etc. e quem agüentou sozinha estas brigas, fui eu – nenhum membro do Grupo de Trabalho teve jamais o aborrecimento, nem com o Carlos, nem com a administração.*

A recusa de Lota em pagar os altos preços à empresa do paisagista levou-a a contratar duas empresas para manter o plantio. Para assegurar sua decisão, ela enviou um documento ao Instituto dos Arquitetos do Brasil a fim de esclarecer esse problema e à Sursan – órgão responsável pelas obras do Parque – para suspender o contrato com a empresa:

*Advirto pois a Sursan não somente não aceitar o preço proposto, e que se tornou supérfluo por culpa dela mesmo, quanto também a rescindir o contrato de manutenção da mesma firma, que não tem sido executado a contento.*

Na tentativa de restabelecer um diálogo com o paisagista, Lota envia a ele uma carta notificando sua decisão junto à Sursan e esclarece-lhe sobre o fato de ter contratado outros serviços: *Quanto a mim estou um pouco velha para sofrer influências nefastas, nem ninguém precisa me ensinar que um gramado porcamente plantado com mais capim do que grama é uma beleza.* Essas foram algumas das circunstâncias históricas nas quais esse debate se estabeleceu e não foi devidamente esclarecido, pois se manteve restrito aos personagens que dele participaram. As opiniões favoráveis a ela não apareceram na mídia. Talvez por se tratar de uma mulher dirigindo um grande projeto e por ela ser amiga pessoal

do Governador. Lota se colocava contra a política clientelista tão conhecida na cultura brasileira, principalmente nos meios políticos. Assim, apresento a conclusão da carta dela dirigida ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e ao Instituto dos Arquitetos do Brasil:

*Não posso considerar 'louvável' o fato de ter poupado o Grupo que escolhi, os aborrecimentos que sofri durante cinco anos e dos quais todos tinham conhecimento. Sempre ficou clara a constante covardia de Jorge (Moreira), Bertha (Leitchic), de Roberto (Burle-Marx) e até do Reidy (Affonso) [...]. O que peço, é que as poucas pessoas por quem tenho respeito e admiração, como você Rodrigo (Melo Franco) acreditem em mim!.*

Os profissionais que trabalharam com Lota apresentaram uma carta ao Instituto dos Arquitetos do Brasil esclarecendo sua satisfação na realização de suas atividades no Parque em oposição ao que afirmava o paisagista nos artigos publicados nos jornais.

A recreacionista Ethel Medeiros foi uma profissional que não pretendeu intrometer-se nas decisões nas quais não se julgava competente, disse ela. Sua função foi assessorar os projetos de Educação do Grupo e por isso foi diretamente atingida pelas declarações. Diz ela:

*Não obstante todas as restrições que o senhor Burle-Marx me faz nessa carta, solicitou minha modesta opinião sobre dois projetos seus; um Centro Infantil em Buenos Aires e equipamentos para recreação em Caracas. Planejar escolas ou centros de recreação sem o assessoramento de educadores é o mesmo que projetar hospitais sem ouvir médicos. Fazer jardins é uma coisa. Programar um parque com instalações para recreação de crianças e adolescentes é outra, para o que não basta bom gosto. Sei, entretanto, que não é de bom tom investir contra o nome dos outros sob o pretexto de zelar pelo próprio.*

Outros profissionais escreveram um documento defendendo a presidente do Grupo das acusações *levianas* realizadas pelo paisagista. O arquiteto Julio Cesar Pessolani Zavala,

que foi sócio do escritório de Burle-Marx durante nove anos e se demitiu para ingressar no Grupo de Trabalho, foi um desses arquitetos a se colocar contra aquelas acusações. Como acompanhou os trabalhos desde o início, ele afirma no documento não estar de acordo com as declarações do paisagista feitas aos jornais de que a equipe estaria deturpando ou modificando o projeto original. Os arquitetos foram contratados pela Sursan e seguiam um projeto discutido previamente. Eles não necessitavam seguir as ordens da Presidente do Grupo, *já que podem sair daquele trabalho sem perder o emprego.*

A arquiteta Maria Laura Osser pronunciou-se contra as acusações do paisagista. Menciona que, em suas freqüentes visitas ao Parque nunca encontrou o paisagista. Lembra que o trabalho da recreacionista Ethel Medeiros, o qual ele considerava de *um mal gosto encardido*, visava auxiliar o projeto quanto aos usos do Parque, o que não interferia nos aspectos estéticos. Além disso, dizia que prestava serviços a uma empresa que era seu cliente e que, portanto, obedecia aos interesses do cliente:

*Em relação à frase da carta do senhor Burle-Marx que diz que o Grupo de Trabalho se transformou "em outro onde todos se esforçam em estar de acordo com os desejos da sua Presidente", quero frisar o seguinte: a minha concordância com os desejos de meus clientes (ou discordância deles), é ditada pela integridade da obra que aspiro fazer, e meu sucesso profissional depende do que consigo de fato realizar. Neste momento, o Grupo de Trabalho é meu cliente e dele dependo na medida em que cada arquiteto depende de seu cliente.*

O arquiteto Carlos Werneck de Carvalho declarou que acompanhou as obras e os projetos do Parque desde o início e que seria impossível, em uma obra de tal extensão, que certas modificações não ocorressem durante sua execução, mas, que não comprometessem o traçado original. Como o arquiteto era funcionário da Sursan, foi requisitado para trabalhar na Secretaria de Saúde do Estado e precisou afastar-se do Grupo com o

consentimento de D. Lota, presidente do Grupo. Ela considerou natural sua requisição para outros serviços e ele manteve sua assistência visitando as obras todas as semanas: *Achei grosseira e inoportuna a publicação da carta do senhor Roberto Burle-Marx em todos os jornais da cidade. Será que confunde vontade férrea, ação e amor ao Parque com prepotência?*

O auxiliar técnico Sérgio Rodrigues e Silva, estudante do último ano de arquitetura, prestava serviços ao Grupo desde 1962. Comenta que nada foi modificado do projeto inicial quanto ao paisagismo, que tudo seguiu o plano previamente traçado e que alterações que por ventura foram realizadas o foram no escritório do senhor Roberto Burle-Marx e seus associados e não pelo Grupo. Além disso, como funcionário da Sursan, poderia ter se transferido para outro órgão, caso estivesse insatisfeito com a maneira como a presidente dirigia os trabalhos do Grupo:

*Quero lembrar que sou funcionário da Sursan e poderia ter pedido transferência para outra seção, sem ter de perder o emprego, caso não estivesse de acordo com os desejos da presidente. Faço questão de dizer que se o Parque do Flamengo é hoje uma realidade isto se deve unicamente à "prepotência" de Dona Lota Macedo Soares.*

Nessa teia discursiva socialmente investida do poder de evocar, testemunhar e eternizar o passado, minha intenção foi fragmentar as unidades e desnaturalizar a personagem. Pois acredito que essas são interpretações dentro de tantas outras evocadas não no sentido de revelar um sujeito, mas de mostrar a sua produção e possível perpetuação.

Neste mesmo período, Elizabeth Bishop acompanha de perto os problemas políticos da cidade e escreve cartas aos amigos explicando o quanto elas estavam se desgastando

com as discussões e desentendimentos e que em certos momentos ela pensou *que as duas iam acabar morrendo por conta do Parque; antes que a obra terminasse*. Diante de tantos problemas, Bishop não consegue mais se concentrar e nesse ínterim recebe convite para lecionar na University of Washington nos Estados Unidos, por um semestre na cidade de Seattle, o qual aceita, apesar do descontentamento de Lota. *Ela não gosta nem um pouco da idéia de eu ir para lá – muito simpático da parte dela, ela anda tão ocupada que só sente mesmo a minha falta na hora do jantar e nos fins de semana*, diz Bishop.

Bishop decidiu viajar em 27 de dezembro de 1965. Antes de partir, escreveu para uma amiga confessando seu descontentamento com a política brasileira e quanto as divergências políticas internas atingiram a ela e a Lota:

*Meu Deus, como passei a odiar a política nos últimos quatro anos depois das últimas coisas que aconteceram por aqui. Seja como for, a coisa tem sido um pesadelo para ela, e não me agrada abandoná-la desse jeito, mas não posso fazer nada por ela, e quase não a vejo mais, de modo que o melhor que eu faço é ir para aí e ganhar um pouco de dinheiro<sup>244</sup>.*

A saúde de Lota foi prejudicada pelo desgaste físico e emocional sofrido nos últimos meses do ano de 1965. Ela entrou em um processo depressivo que lhe consumiu todas as energias, necessitando passar por sessões de sonoterapia para recuperá-las. Permaneceu internada por quase três meses em uma Clínica em Botafogo, no Rio.

Quando o Governador Negrão de Lima, opositor de Carlos Lacerda, assumiu o governo da Guanabara em dezembro de 1965, a Fundação do Parque foi definitivamente extinta. O Parque foi tombado como Patrimônio Histórico e Arquitetônico em 20 de abril

---

<sup>244</sup> Idem, ibidem. Carta para Frani Blough Muser, 20 de dezembro de 1965, p. 485.

de 1965 e inaugurado oficialmente em 12 de outubro. Trinta anos após sua inauguração em 12 de outubro de 1995, houve uma solenidade na qual foi prestada uma homenagem a Lota:

*Uma milionária excêntrica, visionária, inteligente e avançada para sua época – teve um relacionamento amoroso com a poeta americana Elizabeth Bishop – foi a idealizadora do Parque do Flamengo, e não o paisagista Roberto Burle-Marx como pensa a maioria dos cariocas. Ontem, nas comemorações dos 30 do Parque do Flamengo, Lota de Macedo Soares, sua criadora, teve seu pioneirismo resgatado por escritoras, políticas e amigas presentes. Mulheres de projeção, como Rachel de Queiroz, instalaram uma placa com o nome de Lota no Teatro de Marionetes. Também homenagearam Mônica Morse, sua neta de criação, com a Medalha Pedro Ernesto, concedida pela Câmara Municipal<sup>245</sup>.*

A relação de Bishop com o país no qual viveu por quase vinte anos e as transformações subjetivas pelas quais passou nesse período, que a modificaram a ponto de dizer aos amigos que *virou uma pessoa que topa qualquer coisa*, são os temas discutidos no próximo capítulo.

---

<sup>245</sup> Jornal do Brasil, 13 de novembro de 1995.

### Capítulo III. Subjetividade e Escrita de Si em Elizabeth Bishop

#### *"Geografia misteriosa"*

Natalie Zemon Davis responde, em uma entrevista recente, sobre quais são, para ela, as preocupações do/da historiador/a ao tratar de uma determinada época. Argumenta que considera fundamental compreender o mundo, as emoções, as conversas e os gestos para se ter, então, a sensação de conhecer as pessoas sobre a qual se estuda <sup>246</sup>.

Utilizando essa perspectiva, a de mergulhar nos sentimentos subjetivos de um certo personagem, é que percebo, por um lado – como outros críticos também já o fizeram – como a cartografia é um elemento fundamental da construção poética de Elizabeth Bishop, quer se trate das suas cartas, dos contos ou poemas. Por outro lado, procuro evidenciar as contradições entre os fatos da sua trajetória pessoal, seus problemas físicos e emocionais; os conflitos, com a dificuldade de produzir seus textos. Enfim, as tensões entre a vida pessoal, íntima e os projetos profissionais, as realidades sociais e políticas do período no qual ela viveu entre o Rio de Janeiro e Petrópolis.

Bishop chegou no Brasil em 1951, um momento histórico marcado por padrões de comportamento muito enrijecidos, no qual um grande número de mulheres se ocupava com as atividades da vida privada, apesar de muitas profissionais liberais já atuarem em setores prioritariamente masculinos. Um exemplo dessas ocupações femininas, iniciadas no final dos anos 1930, no Rio, foi a ação de quatro engenheiras cariocas – Berta Leitchic; Carmem Portinho, Clara Perelberg e Lícia Prado Lopes – que fundaram a Associação de

---

<sup>246</sup> DAVIS, Nathalie Zemon. *L'histoire tout feu tout*. Paris: Flamme, 2004, p. 15.

Engenheiras e Arquitetas no Rio de Janeiro <sup>247</sup>. Entretanto, a participação feminina no mercado de trabalho, principalmente entre as representantes das camadas médias e altas, era notada ainda pelo pensamento conservador como uma possibilidade de desestabilização da ordem social, o que poderia ameaçar a harmonia familiar, instituição na qual se baseava a modernização do país.

Durante esse período, as revistas e jornais da grande imprensa dirigidos ao público feminino lembravam que a mulher moderna deveria encarar a possibilidade de participação no mercado de trabalho, mas sem esquecer da educação dos filhos e dos cuidados com a casa e a atenção ao marido<sup>248</sup>. Entretanto, algumas mulheres abandonaram casamentos bem estruturados para conquistar sua autonomia, a exemplo da carioca Adalgisa Néri, que se destacou por sua participação política e pelo interesse com que defendeu os princípios socialistas no país <sup>249</sup>. Foi uma importante articulista política que utilizou sua coluna no jornal *Última Hora* para expressar suas opiniões, como a crítica à ordem social e à ética na política, além de seus combates frequentes contra o Governador da Guanabara, Carlos Lacerda.

Elizabeth Bishop veio de um outro contexto político, social e religioso, o americano da década de 1950. Embora mais moderno que o contexto brasileiro, havia, ainda assim, um grande incentivo ao casamento e à maternidade como ideais de realização feminina, apesar de um crescente estímulo para a profissionalização e a inserção das mulheres no mercado de trabalho. A mídia desse período apresentava imagens de mulheres felizes com seus

---

<sup>247</sup> SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital (orgs.). Dicionário Mulheres do Brasil. de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. Fundada em 1937.

<sup>248</sup> BASSANEZI, C. Op. Cit. 1996.

<sup>249</sup> Coluna Retrato sem Retoque, Jornal Última Hora, Rio. Escrita entre os anos de 1954-1966. Biblioteca Nacional- Rio de Janeiro.

aventais em torno de máquinas de lavar potentes, aspiradores de pó ultramodernos e fogões eficientes, atividades restritas ao espaço doméstico.

Contudo, nem todas que viveram nesse período estavam satisfeitas com as instituições sociais que as cercavam, nem se realizavam com os mecanismos forjadores de uma suposta felicidade feminina. Algumas queriam mais, queriam poder falar de si e se perceberem como portadoras de suas próprias histórias. O desejo de satisfação pessoal para essas se dava por outro percurso, como a realização profissional.

Deve-se considerar que o processo de construção subjetiva das mulheres não é visto aqui como essência ou modelo de identidade, mas como uma complexa multiplicidade de representações agenciadas por elementos que percorrem todo o corpo social, como as instituições nas quais todas as pessoas estão envolvidas, as quais formam e informam as condutas e os procedimentos aceitos e válidos socialmente<sup>250</sup>. Para os anos 1950, a família, o casamento, a maternidade e a conduta correta das mulheres, mantendo-se reservadas, aparece como uma exigência social, mesmo que muitas tivessem escapado desses dispositivos controladores da emancipação feminina.

Transgredir ao que a tradição projetava foi uma atitude ousada de algumas mulheres, que pagaram um ônus excessivamente caro. Entre essas, o destino final de suas vidas talvez sirva para ilustrar como sua trajetória de lutas e conquistas praticamente se eclipsou com o tempo. Cito a atriz Luz del Fuego, nascida Dora Vivacqua, que foi brutalmente assassinada por um pescador, na ilha em que vivia rodeada por suas cobras de estimação. Os assassinos da atriz justificaram perante o juiz que ela estava atrapalhando seu trabalho, pois ela procurava dissuadi-los de pescar na época da desova, o que parecia muito complicado para aqueles homens pouco informados.

---

<sup>250</sup> GUATTARI, F. & ROLNIK, Suely. Op. Cit. 1986.

Lota e Bishop parecem ter construído para si mesmas um estilo de vida diferenciado em relação às mulheres da sua geração: por terem vivido durante quase uma década em uma casa em construção; por compartilharam suas afinidades eletivas com um grupo eclético de pessoas, selecionando quem tinha acesso ao seu universo privado, sobretudo considerando que a casa recebia muitas pessoas para conhecerem o ousado projeto arquitetônico.

Apesar da ocupação feminina no mercado de trabalho nas décadas de 1950 e 1960, a modificação do comportamento feminino, ou seja, não casar, não reproduzir não era algo bem aceito em termos sociais. As mulheres lésbicas entrevistadas, que pertenceram a uma elite intelectual, apontaram a mudança para outros países como linha de fuga face ao conservadorismo da sociedade brasileira, a exemplo de algumas brasileiras que foram morar em São Francisco nos Estados Unidos na década de 1960. Um depoimento de uma evidência essa característica entre um segmento mais intelectualizado:

*Estou nos Estados Unidos desde 1966. Não me enquadrava nos moldes da minha família, por isso vim para cá para estudar e acabei ficando. Tinha um grupo grande de lésbicas vindas da América do Sul: colombianas, venezuelanas e brasileiras. Criamos em São Francisco um grupo e formamos uma rede de amigas. Estávamos distante da família e podíamos assumir nossa homossexualidade, o que no Rio, onde vivia minha família, seria mais difícil<sup>251</sup>.*

Outra entrevistada, da elite paulistana, mas que vivia no Rio nos anos 1950, foi viver na Europa nesse período. Voltou ao Brasil, casou e teve um filho, antes de aceitar ou de assumir seu interesse afetivo e sexual por mulheres. Ela narrou casos de famílias conhecidas que mandaram internar suas filhas por usarem calças compridas e admitirem

---

<sup>251</sup> Entrevista realizada em Berkeley nos Estados Unidos, no dia 08 de junho de 2005. T.A. 63 anos.

que gostavam de mulheres. Entre esses casos, há um especialmente intrigante. Trata-se de uma jovem, de aproximadamente dezoito anos, que o médico sugeriu à família a cirurgia de ablação do clitóris, para solucionar o que consideravam um problema. Quando já estava internada, a jovem informou-se sobre o procedimento cirúrgico. Sua reação foi a fuga do hospital e seu desaparecimento, a família jamais soube do seu destino <sup>252</sup>.

O exemplo mais conhecido diz respeito à escritora Cassandra Rios, pseudônimo de Odette Rios<sup>253</sup>. Entrevistada por jornais feministas, gays e lésbicos da década de 1980, a autora mais censurada no país conta as dificuldades das práticas homoeróticas nos anos 1950, sobretudo diz ela, *para as mulheres era muito mais difícil pela sua educação*<sup>254</sup>. A escritora que viveu exclusivamente dos seus direitos autorais teve mais de quarenta títulos censurados. Foi processada por atentado à moral e aos bons costumes por um livro publicado em 1952, que se encontrava na 22ª edição. Os motivos da sua condenação, que parece ter sido traumática, pois ela se recusou a falar do título do livro e prometeu aos censores jamais publicá-lo novamente, foi por ter dado um final feliz ao romance protagonizado por uma lesbiana. Diz ela:

*No livro, a homossexual é simplesmente aquilo que ela quer ser: ela enfrenta seus problemas, que todo o mundo os tem, mas no final é feliz. Então discutiram (os censores) comigo: "não é possível escrever um negócio desses".*

O pensamento conservador mostrou sua atuação em relação à autora, colocando grande parte de sua produção fora do mercado. O que evidencia o quanto a norma dominante procurava manter as assimetrias entre os gêneros. As mulheres de

---

<sup>252</sup> Entrevistas: São Paulo, junho de 2002 e setembro de 2004.

<sup>253</sup> MORAES, Eliane e LAPEIZ, Sandra. Cassandra Rios, popular e maldita. In Mulherio, ano III, n. 14, julho/agosto 1983. AEL – Unicamp.

<sup>254</sup> TREVISAN, João Silvério et alli. In jornal Lampião da Esquina, Rio. Ano 1, n. 5, outubro 1978, *Cassandra Rios ainda resiste*. In AEL – Unicamp.

comportamento independente, como a protagonista do livro de Rios, ameaçavam a organização familiar, portanto, um tipo de informação que não deveria circular socialmente.

O trabalho de Carla Bassanezi aponta como a educação feminina destinava-se aos afazeres domésticos e à estruturação da família nuclear burguesa, sobretudo à reprodução, portanto, maternidade e casamento eram vistos como atributos *naturais*, escapar a essa dupla função social de esposa e mãe, quando se trata das jovens da alta sociedade, tornava-se um dilema insuportável<sup>255</sup>. A autonomia profissional era percebida como transgressão aos atributos especificamente femininos, o que poderia provocar marginalização social, pois o exercício de uma profissão qualificada constitui desqualificação social. Será preciso esperar as transformações produzidas pelo feminismo e pelos movimentos sociais do final dos anos 1960 para alterar essas características na sociedade brasileira, principalmente com a entrada das mulheres nas universidades.

Lota e Bishop viveram como um casal de mulheres, em um momento histórico em que muitas brasileiras da elite mudaram-se de país para viver seu amor por outra mulher. Apesar das fontes consultadas, da busca nos arquivos no Rio e em São Paulo, cidades mais modernas e cosmopolitas, a referência às mulheres lesbianas, quando aparece, é, sobretudo como caso de polícia<sup>256</sup>. Obviamente as personagens desse estudo não foram as únicas, nem criaram uma sociabilidade inovadora, pois os salões, compostos por lesbianas no início do século XX em Paris, evidenciam que essas práticas já aconteciam há tempos. No entanto, no Rio, nos anos 1950, Lota e Bishop foram as mulheres que viveram sua relação amorosa entre um grupo de pessoas e não estavam completamente alheias à sociedade. Pois manter-

---

<sup>255</sup> BASSANEZI, Carla. Op. Cit. 1997.

<sup>256</sup> Jornal Última Hora, 27 de julho de 1962. AEL- Unicamp.

se no privado pode ter sido também uma maneira de viver a relação, face a forte repressão social do período.

De acordo com a entrevistada Elizabeth Leão, que conviveu com elas em Samambaia, a relação amorosa era reconhecida por todos os amigos. Embora não fosse discutido naqueles tempos, parece ter havido uma aceitação da sociedade com a qual elas conviveram. Ainda assim por ser um grupo elitizado culturalmente, constituído por pessoas das camadas altas da sociedade, que viajavam muito para outros países e por isso, possivelmente, não compartilhavam como a maioria da sociedade de certos preconceitos. É possível também pensar que o fato de todos pertencerem à mesma classe social criava entre eles alguns códigos e determinadas cumplicidades, como a frequência na casa de duas mulheres que viviam juntas, como amantes.

Esta convivência com pessoas selecionadas aparece nas cartas escritas por Bishop, nos anos que viveu no Brasil. Interessam aqui as que permitem perceber certas mudanças em seu trabalho e que refletem também uma transformação subjetiva, quando afirma como é bom trabalhar, pois há alguns anos que não conseguia <sup>257</sup>. Para tanto, acompanho a reflexão de outros autores, que notaram como a escrita de cartas pode refletir uma espécie de sociabilidade, pois, ao se enviar uma carta, de certa maneira se reintegra o correspondente no cotidiano de quem a envia<sup>258</sup>. Robert Giroux, editor de Bishop, observa que suas cartas são uma espécie de autobiografia, embora não tivessem sido escritas com esse objetivo, apresentam muitos aspectos subjetivos, como o grande amor da sua vida:

*Num certo sentido, suas cartas constituem sua autobiografia,  
ainda que não fosse esta sua intenção ao escrevê-las; não estava*

---

<sup>257</sup> BISHOP, E. Op. Cit. 1995, p. 255.

<sup>258</sup> GALVÃO, Walnice & GOTLIB, Nadia Battle (orgs.). Prezado Senhor. Prezada Senhora. Estudos sobre Cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

*registrando sua vida, mas apenas mantendo contato com seus amigos e correspondentes ela fala abertamente da grande paixão de sua vida, que durou quinze anos e terminou em tragédia*<sup>259</sup>.

Em seguida, trabalho com os escritos poéticos, dos quais emerge uma mudança subjetiva, percebida no impacto com a cultura brasileira e com a vida reclusa em Samambaia. As práticas cotidianas vividas nesse período refletem-se na sua escrita, sobretudo em dois contos autobiográficos: *Na aldeia*, publicado em 1953, e em *A Ratinha do Campo*, de 1961, e no poema *Banho de Xampu* de 1955, este último, uma homenagem a sua relação amorosa com Lota.

Na discussão da cartografia emocional percebo um imbricamento entre a beleza natural da serra de Petrópolis, onde a poetisa viveu durante dez anos consecutivos, e sua produção poética. Foi esse o período que considerou como o *mais feliz da sua vida* e também aquele em que produziu mais contos e poemas; no qual enfrentou suas dificuldades pessoais e assumiu suas mudanças: gravar poesias; traduzir poetas brasileiros e aceitar o cargo de professora.

### **Exercícios poéticos – mudanças subjetivas**

Bishop chegou ao Brasil aos 41 anos de idade. Embora vinda de outro contexto, foi aqui que encontrou as condições favoráveis para escrever sua poesia, para falar do seu passado, para assumir seu amor por uma mulher e viver os anos mais felizes de sua vida. Mesmo com um discurso dominante voltado para a satisfação pessoal através do casamento, ela e Lota criaram um estilo de vida pautado por algumas diferenças em relação a outras mulheres, lesbianas ou não, que viveram no mesmo período. Fizeram da casa um

---

<sup>259</sup> BISHOP, E. Op. Cit. 1995, p. 06.

espaço de sociabilidade, formado por um grupo eclético: pedreiros, cozinheiras, músicos e escritores norte-americanos e parte da intelectualidade carioca.

A poetisa pertencia à geração de mulheres norte-americanas brancas, burguesas, da década de 1950, que foram educadas nos colégios tradicionais para meninas da elite, como ela no Vassar College. A timidez e o recato aparecem entre elas como uma barreira à sua autonomia, pois foram ensinadas a cultivar o hábito da boa discrição e por isso tinham uma grande dificuldade de expressar suas vontades. É provável que ela procurava se transformar, o que pode ser percebido por suas constantes mudanças de cidade, culminando com a sua permanência por quase vinte anos no Brasil. Aqui ela parece ter encontrado o espaço para a sua emancipação, local onde irrompeu uma subjetividade que a permitiu construir-se a si mesma de forma mais autônoma em relação aos rígidos padrões nos quais esteve inserida anteriormente. Nas terras altas da serra de Petrópolis no Rio, ela escreve sobre sua tumultuada infância, sobre o lugar que sentiu ocupar na casa dos avós paternos quando criança. Somente quando mergulha em si mesma é que consegue produzir, trabalhar de verdade, talvez porque seu grande tema fosse a sua própria subjetividade, sua história pessoal que ela tanto receava ser publicada<sup>260</sup>.

Em um certo sentido, a educação calvinista que ela recebeu de seus avós maternos, que freqüentavam a Igreja Batista pela manhã e a Igreja Metodista à tarde, parece ter-lhe bloqueado não apenas a exposição de si, enquanto se manteve nas terras do norte, mas também assumir abertamente, em meio ao seu próprio grupo social, sua preferência por relações afetivas e sexuais com mulheres. Esta interessante observação foi realizada por

---

<sup>260</sup> PRZYBYCIEN, Regina Maria. *Feijão Preto e Diamante: O Brasil na obra de Elizabeth Bishop*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1993. A autora comenta o horror de Bishop aos escritos confessionais, que ela chamava de "escola da angústia".

Regina Przybycien, que analisou como o período em que ela viveu no Brasil influenciou profundamente sua produção poética e a construção de si.

Ao provar o fruto exótico, ocorre a conhecida alergia ao caju, motivo de sua permanência temporária no país e depois uma escolha deliberada. Com a alergia, manifestação física na puritana protestante do norte, seu rosto tornou-se vermelho, repleto de eczemas, suas mãos perderam o formato natural, ficaram inchadas, doloridas, as crises de asma sucederam-se ininterruptamente. Um apelo do seu corpo para uma transformação que se mostrava latente: a declaração do amor de Lota por ela e a difícil decisão de assumir que desejava viver em meio a hábitos tão diferentes, bem como o amor por uma mulher.

Bishop tinha horror ao que se convencionou chamar de poesia confessional, muito utilizado nos Estados Unidos a partir da década de 1960. Como o próprio nome insinua, é uma espécie de confissão do poeta para os seus leitores, através da qual desnuda sua intimidade, empregando na escrita todas as angústias, traumas, dores e privações de sua vida privada. Ela não admite que faça poesias confessionais, somente quando se fixa no Brasil, ao iniciar seus escritos de temática confessional, exemplificados nos seus contos.

Essa postura levou-a a criticar os autores que recorreram a esse recurso como material poético. Entretanto, é Robert Lowell, seu amigo mais próximo, quem inaugura essa tendência. São bastante conhecidos dos críticos os usos que ele faz das cartas de sua ex-esposa Elizabeth Hardwick, por ocasião de um divórcio doloroso. Quando o amigo envia para ela os manuscritos do poema *The dolphin* de 1972, que trata dessa passagem na vida dele e da ex-mulher, ela imediatamente sugere que ele não publique citações tão pessoais, pois se trata de pessoas vivas, o que poderia magoá-las. O poeta é resistente aos comentários de Bishop, talvez por considerá-los muito próprios de quem estava sempre se escondendo por trás dos escritos, resistindo a admitir o cunho autobiográfico da sua

produção poética. Apesar disso, Lowell foi severamente criticado por essa indelicadeza.

Comenta Przybycien:

*Ele não deu ouvido e sofreu, mais tarde, os ataques da crítica norte-americana, cujas resenhas mais generosas o acusaram de confundir poemas com fofocas, enquanto as mais duras falavam de seu ego incomensurável que o fazia delirar a ponto de julgar que tudo que dizia respeito à sua vida privada pudesse ser transformado em arte*<sup>261</sup>.

Bishop menospreza todo e qualquer tipo de história pessoal nos escritos dos autores considerados sérios. No entanto, quando começou a narrar sua própria trajetória, suas dores, angústias e perdas, foi que produziu seus melhores contos e iniciou vários poemas, no primeiro ano no Rio, em 1953. Ela, que não falava da sua relação com a mãe, da perda do pai quando bebê, da experiência na casa dos avós maternos e paternos, começa a partir de então, a escrever sobre a sua infância e sobre o seu tumultuado passado.

A recusa de Bishop em assumir o lado confessional de sua própria escrita aparece em uma carta que ela escreveu a Robert Lowell, na qual demonstra sua resistência aos poetas confessionais, chamando-os ironicamente de *escola da angústia*. De acordo com Przybycien:

*Se eu fosse um crítico inteligente, acho que gostaria de fazer um estudo da 'Escola da Angústia'- Lowell (sem dúvida o melhor), Roethke e Berryman. E também seus descendentes, como Anne Sexton e Seidel, cada vez com mais angústia e menos poesia. Nunca, em nenhuma época, a poesia foi tão confessional – e acho que não gosto disso – embora admire Lowell porque consegue fazê-la um pouco mais universal, menos autocomplacente – ou será porque o conheço e sei da sua coragem, etc?*<sup>262</sup>

---

<sup>261</sup> PRZYBYCIEN. Op. Cit. 1993, p. 114.

<sup>262</sup> *Idem, ibidem*. Carta de Bishop a Robert Lowell. Arquivos R. Lowell.

Usar informações pessoais no processo da escrita seria para ela também uma espécie de abuso, um desnudamento insuportável. No caso das pessoas que já morreram, muitas mentiras poderiam passar a ser tratadas como verdades, o que se tornaria uma espécie de dano moral irreversível.

Bishop parece sim muito contraditória, pois resistia a admitir que seus contos se tratavam de histórias pessoais condensadas. Przybycien observa que ela não mencionava em suas cartas certos sentimentos que a afligiam, como a solidão, o alcoolismo e o lesbianismo, a não ser de forma sutil e velada. Parece que sua educação calvinista e seu temperamento tímido não permitiram que ela fizesse qualquer especulação sobre sua vida privada. Em função da dificuldade em assumir seus problemas mais íntimos, ela acredita que a casa de Samambaia funcionou como uma espécie de paraíso do seu exílio voluntário e, ao mesmo tempo, o lar sempre buscado, lugar da segurança e da tranquilidade, o sonho realizado. Diz Przybycien:

*É fácil entender por que o sítio da Samambaia se tornou um refúgio contra as agruras do mundo, um porto seguro onde podia ancorar após uma vida de constantes mudanças. Paradoxalmente, seu exílio se tornou um lar, o único que conheceu até então. Segura nesse refúgio, ela pode observar o mundo em volta e extrair dele o pitoresco, sem se comprometer com os seus dramas, pelo menos no princípio*<sup>263</sup>.

Ocorre uma oposição entre a felicidade sentida ao lado de Lota, a partir do final de 1951, e a angústia vivida nos anos 1949 e 1950, quando fora indicada para o cargo de consultora de poesia. A desconfiança em relação à sua competência profissional provocara nela uma crise de ansiedade, isolando-se em uma colônia de escritores em Yaddo. Além disso, esse foi um período marcado por constantes crises alcoólicas e de autocomiseração,

---

<sup>263</sup> Idem, *ibidem*.

nas quais ela assume seu medo de enfrentar o cargo e de decidir qualquer coisa na sua vida. Muito diferente da mulher que no ano de 1952, afirma estar trabalhando como nunca. No trecho abaixo de uma carta relata sua extrema angústia, seu estado mental deplorável, sua dificuldade em decidir o que fazer:

*O problema é que eu não sei nada, só sei que tenho vontade de morrer o mais depressa possível [...]. Esta é a carta que eu já rasguei duas vezes, mais ou menos, de modo que é melhor mandá-la logo de uma vez, por mais vergonhosa que seja. Eu estou tão nervosa com... não sei o que fazer, e tenho de fazer alguma coisa. [...] Toda a minha vida está um caos, roupas, papéis, objetos pessoais, trabalho – e não consigo sair desse caos e estou com medo, medo, medo, medo, medo. [...] Ah, Loren, me ajude [...]. Resolvi também que nunca vou tentar escrever uma resenha, fazer uma gravação nem voltar a fazer leituras de poemas, e que não vou aceitar aquele emprego [...]*<sup>264</sup>.

As contradições presentes nessa carta são evidentes, ao mesmo tempo em que afirma que nunca mais vai beber, conta que acabou de tomar um porre, não um porre colossal, mas apenas um melancólico. Assegura que não vai aceitar o cargo em Washington, para logo depois dizer que vai aceitar o emprego, se bem que as outras decisões ainda estejam de pé, embora sem muita certeza. Uma pessoa em conflito que se entrega ao álcool como uma espécie de salvação e não como um ritual de socialização, hábito bastante utilizado entre escritores e intelectuais. Afinal, a colônia de descanso de escritores em Yaddo mais parece uma hospedaria de alcoólatras, tantas são as vezes que ela comenta sobre os seus próprios porres e de outros, um deles chegou a ir parar na cadeia, depois de um porre terrível<sup>265</sup>.

---

<sup>264</sup> BISHOP, E. Op. Cit. 1995. Carta para Loren MacIver, 03 de julho de 1949, p.190.

<sup>265</sup> Idem, ibidem. 1995, p. 197.

No Brasil, Bishop parece ter encontrado certas condições de desprendimento: aqui ela parece ter se livrado das dificuldades que lhe impediam de escrever: a mulher frágil, alcoólatra, asmática, sem uma estrutura familiar, passa a construir para si mesma um outro olhar, uma outra memória, volta à sua infância para, enfim, compor outros significados para os períodos mais difíceis da sua história pessoal. Produz novos poemas, novos contos, um trabalho que passou a considerar digno de ser apresentado, publicado. Em uma carta para a sua médica ela comenta como está conseguindo controlar o consumo de álcool sem culpa:

*O consumo de álcool diminuiu para mais ou menos uma noite ou duas por mês, e eu paro antes de ficar muito mal, creio eu. É claro que mesmo uma ou duas vezes por mês é muito, mas o melhor de tudo é que eu não fico mais pensando nisso, nem tenho mais aquelas crises de remorso*<sup>266</sup>.

Além do autocontrole sobre a bebida, ela também modificou sua relação com o trabalho, algo sempre muito doloroso pelo qual constantemente entrava em crise, duvidando da sua capacidade e qualidade. Em outubro de 1952, escreve aos amigos mais íntimos, Kil e Ilse Barker, para dizer-lhes como está produzindo contos, o que não conseguia fazer há muito tempo. Diz ela:

*Para minha grande surpresa – acho que há uns dez anos que eu não conseguia terminar um conto -, de repente comecei a escrever vários, já acabei três – dois estão por terminar. É engraçado – eu venho para o Brasil e começo a lembrar de tudo o que me aconteceu na Nova Escócia – pelo visto, a geografia ainda é mais misteriosa do que a gente pensa. [...] é uma maravilha a gente conseguir trabalhar, não é? Porque há muitos anos que eu não conseguia.*

Em uma carta dirigida ao seu editor Paul Brooks, ela mostra não apenas o quanto estava trabalhando, nesse período de um ano no país, como também expressa a segurança

---

<sup>266</sup> Idem, *ibidem*. Carta para a doutora Baumann, 16 de setembro de 1952, p.250.

que sentia ao escrever sobre sua produção. Comenta sobre seus novos escritos, depois que mudou para o Hemisfério Sul, e como gostaria que o novo livro fosse organizado, sugerindo inclusive alternativas para a apresentação final do trabalho:

*Eu creio que o livro está bastante coerente, e que, depois que me mudei para o Hemisfério Sul e comecei a fazer várias coisas muito diferentes, o trabalho que estou fazendo agora representa uma nova fase [...]. Nunca trabalhei tanto quanto nesses últimos seis meses, e estou com vários projetos<sup>267</sup>.*

A respeito do livro e dos contos que está escrevendo, ela explica para a poetisa Marianne Moore – a quem respeitava profundamente nos aspectos pessoal e profissional, pois fora ela que incentivara Bishop a tornar-se escritora –, que está muito satisfeita com sua produção e que esperava vê-los publicados em breve. É preciso lembrar o quanto ela descreditava do próprio trabalho e a insegurança em mostrá-los, ou mesmo em falar sobre, o que evidência sua mudança<sup>268</sup>.

Bishop sempre teve problemas com seu corpo, criticava as fotos nas quais aparecia ao lado dos amigos intelectuais, e também se sentia estranha em relação à definição que era feita sobre a precisão e a frieza da sua poesia. Pela primeira vez na sua correspondência, ela comenta sobre o seu trabalho, e assume tratar-se de uma leitura dos escritos das poetisas, o que ela sempre se negara a ser, e sim poeta, pois ela considerava que a escrita poética não tem sexo.

Para ela a sensibilidade poética não tem gênero, por isso resistia a ser classificada como poetisa. Os críticos da sua obra atentaram para o fato de sua poesia versar sobre temas masculinos: viagens, espaço geográfico delimitado e não a esfera do privado, do

---

<sup>267</sup> Idem. Ibidem, Carta para Paul Brooks, 02 de janeiro de 1953, p. 260.

<sup>268</sup> Idem, ibidem, Carta para Marianne Moore, 11 de abril de 1953, p. 265.

íntimo, em geral associada à produção feminina <sup>269</sup>. Pode-se discordar dessa interpretação, sobretudo se considerarmos suas cartas, nas quais emerge uma pessoa extrema falante em relação à timidez que normalmente demonstrava e a descrição de aspectos íntimos do cotidiano.

Contudo, é preciso lembrar que a linguagem não é um elemento neutro, à medida que ela não apenas expressa a individualidade, mas também é um dos meios pelos quais ocorre a construção da subjetividade. A linguagem permite exprimir as experiências, compreender e explicar os pensamentos, identificar os diferentes meios de interagir socialmente. Neste sentido, ao apresentar ao mundo público os seus textos, Bishop afirma a linguagem como um espaço de elaboração de si, lugar de conhecimento e, ao mesmo tempo, instância onde sua subjetividade é construída <sup>270</sup>.

A grande maioria dos seus críticos analisa sua produção a partir da beleza estética dos poemas, da sofisticação na escolha das palavras certas e da elaboração refinada. Talvez por admitirem a qualidade de sua poesia, acreditavam que ela escrevia muito bem e por isso atentaram para a constituição da sua escrita e não para a especificidade da construção de gênero. Neste sentido, suas mudanças subjetivas e como essas apareceram nos seus escritos não foram questionados por eles, apenas a beleza dos versos:

*Poetas e críticos detiveram-se nos aspectos formais de sua poesia: louvaram a beleza lapidada dos seus versos, a clareza de suas imagens, o seu trabalho de artífice. Pareciam sugerir que finalmente uma mulher era capaz de escrever quase tão bem quanto os homens* <sup>271</sup>.

---

<sup>269</sup> PRZYBYCIEN. Op. Cit. p. 117, 1993.

<sup>270</sup> VIANNA, Lucia Helena. *Poética Feminista: poética da memória*. Texto apresentado no Seminário Fazendo Gênero. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, outubro 2002.

<sup>271</sup> PRZYBYCIEN. Op. Cit. 1993, p. 117.

Procuro entender a escrita de Bishop a partir da perspectiva apontada por Lucia Castello Branco, que analisa o feminino não como algo que se restringe a uma leitura sexualizante da escrita, o que tornaria o termo feminino restritivo e redutor. Portanto, ao dizer feminino para um certo tipo de escrita, admite-se a existência de algo relativo às mulheres, mas não deve ser entendido como produzido por mulheres<sup>272</sup>.

Certas especificidades da escrita como *a inflexão da voz, a respiração em geral simultaneamente lenta e precipitada, o tom oralizante da escrita* podem ser apontados como características de textos escritos por mulheres. Mas também são notados em autores como Marcel Proust, Guimarães Rosa e mesmo James Joyce, quando *completamente tomados pela magia e pelo excesso de linguagem faziam-se ouvir assim, femininamente*.

O que parece distinguir a escrita feminina para essa autora é a inserção do corpo no discurso. É como se houvesse um privilégio nessa ausência e ao mesmo tempo presença do corpo na escrita, *buscando fazer disso uma apresentação, em lugar de uma representação*. Ao procurar trazer para a cena textual a apresentação das coisas, ocorre, de uma certa maneira, uma corporificação, pela qual se prioriza mais a voz e o som, do que o sentido, *mais o como se diz que o que se diz, mais a coisa que o signo. É especialmente aí que o feminino e a mulher se seccionam, uma vez que na mulher e na escrita feminina o corpo ocupa lugar privilegiado*.

O privilégio do corpo na escrita aparece no poema *Banho de Xampu*, escrito como celebração ao ritual amoroso e uma espécie de ode amorosa. No poema, um momento possivelmente vivido, o ato de lavar os cabelos da amada Lota é apresentado como uma metáfora para o ato sexual.

---

<sup>272</sup> BRANCO, Lucia Castello. O que é escrita feminina. São Paulo: Brasiliense, 1991.

A presença corporal nos escritos de Bishop talvez possa ser associada a uma maior aceitação com o seu próprio corpo. Ela tinha grandes dificuldades em assumir sua altura, seu peso, e mesmo seu desejo pelas mulheres, o que se torna um problema na maneira em que este corpo será apresentado socialmente: magra, elegante, ou despojada? Com uma relação mais tranqüila com sua aparência física, nota-se também uma mudança interna. Neste sentido, procuro relacionar essa transformação externa, com outra, mais sutil e subjetiva, a maneira como as pessoas se dirigem umas às outras no Brasil.

Há uma carta em que isso se manifesta com muita evidência. Não sabe ao certo se é pela franqueza dos brasileiros, ou se pelo fato de estar mais velha e tolerante, mas admite ser mais fácil conviver com as pessoas aqui do que na Nova Inglaterra. A carta escrita em um tom muito divertido mostra sua capacidade de conviver com a diferença e de conseguir ver nessa algo que a encanta, que a faz achar engraçado a mistura de sinceridade e uma certa ignorância presente em algumas pessoas e situações:

*Deixei a Lota no meio de uma tremenda discussão com o José [...]. A Lota acha que um ângulo de quinze graus nos canos não é suficiente, e gritava a plenos pulmões: 'José, você sabe muito bem que isso basta para xixi, mas para xixi junto com cocô [...] etc. É assim que falam os portugueses e os brasileiros, e estou me acostumando perfeitamente'<sup>273</sup>.*

Simplicidade, gestos banais de um cotidiano vivido em meio a pessoas tão diferentes cativam a mulher recatada, tímida e de poucas palavras. Entretanto, essa economia textual se transfigura por meio da escrita, na qual os detalhes da construção do banheiro se tornam alegres, ao serem pronunciados por seu punho, pelo ouvido atento de quem pouco sabe a língua, mas compreende o significado das relações e das diferenças

---

<sup>273</sup> BISHOP, E. Op. Cit. Carta para os Barker, 13 de julho de 153, p. 284.

sociais. Essa atenção aos costumes do universo privado talvez tenha sido um dos motivos do seu encantamento pelo livro *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley<sup>274</sup>.

Bishop foi apresentada a esse livro, publicado sob esse pseudônimo, escrito por uma senhora elegante, rica e muito bem casada, que vivia no Rio de Janeiro, chamada Alice Dayrell Caldeira Brant<sup>275</sup>. Ela resolveu publicar, para as suas netas, o seu diário, escrito entre os seus 13 e os 15 anos de idade. Sua primeira edição é de 1942, mas recebeu sucessivas reedições, bem como a tradução para o inglês, realizada por Bishop e para o francês por Marlyse Meyer.

O diário retrata o cotidiano de uma menina de 13 anos em Diamantina, Minas Gerais, entre os anos de 1893 e 1895, a própria autora. Trata-se do resultado dos conselhos do pai que a incentivara a anotar o que se passava ao seu redor e também da necessidade de escrever redações escolares diárias para um professor da Escola Normal. O pai era um minerador descendente de ingleses que viviam naquela região. Alice casou-se em 1900 com Augusto Mario Caldeira Brant, teve seis filhos e jamais publicou outro livro.

Helena Morley ou Alice Brant era uma menina em idade de transformação no período em que escreveu seu diário. Persistia nela as características de uma criança rebelde que a tudo e a todos contestava, fascinante pela sua narrativa, independente e atenta aos detalhes do cotidiano. Mas é também uma menina em processo de transição, o que em si mesmo apresenta uma certa particularidade no seu olhar minucioso. O interessante artigo de Britta Fischer, *As experiências de liberdade de Helen Morley*<sup>276</sup>, procura discutir as

---

<sup>274</sup> MORLEY, Helena. *Minha Vida de Menina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942. Trata-se do diário escrito por Alice Dayrell Caldeira Brant, quando tinha entre 13 e 15 anos e vivia em Diamantina em Minas Gerais.

<sup>275</sup> A autora nasceu em Diamantina em 1880 e morreu no Rio em 1970.

<sup>276</sup> FISCHER, Britta. *Novos Estudos Cebrap*. n. 51, julho de 1998, pp. 175-188.

mudanças nas ações de Helena presentes em seu diário, a partir da inclusão das categorias de gênero e idade a fim de iluminar esse estado transitório.

A atenção de Bishop nesse diário parece nos revelar elementos de sua própria subjetividade, na medida em que sua leitura teve um impacto forte para ela, pois tratava-se exatamente daquilo que ela jamais vivera<sup>277</sup>. O arrebatamento da recatada Bishop por esse livro merece algumas considerações, principalmente pelo fato de ela ter mergulhado na sua tradução e insistido para que fosse publicado nos Estados Unidos, pois o considerava uma *jóia*, uma espécie de *achado literário*<sup>278</sup>.

As observações cotidianas presentes no diário foram elaboradas com tantos detalhes e minúcias, que parece ter sido esse um dos elementos da sedução dela por ele, pois emerge no texto a presença de uma multiplicidade de atores sociais: os familiares ingleses; os agregados que trabalhavam na casa e na mineração; pessoas da sociedade local que a freqüentavam em dias festivos e finais de semana; amigos da Escola Normal, vizinhos e outros de passagem pela cidade.

Um relato organizado com naturalidade e leveza por uma menina em transformação, deixando aos poucos a infância, mas já com desejos e ansiedades de uma jovem que vivia em liberdade em uma pequena cidade do interior do final do século XIX. Neste lugar as relações eram mais próximas e, por isso, mais íntimas também, onde as pessoas socializavam suas dificuldades e se ajudavam reciprocamente. De modo que usar um vestido cerzido não parecia uma dificuldade para aquela menina, muito diferente do que poderia sentir uma menina da mesma idade que vivia em uma grande cidade.

---

<sup>277</sup> SCHUMAHER. Op. Cit. 2000, p. 260.

<sup>278</sup> BISHOP, Op. Cit. 1995, p. 286.

Nos registros daquele mundo privado aparecem as festas de família e as da comunidade, como o carnaval e as festas juninas; as visitas em caso de doença ou para almoços e jantares; os passeios ao campo, à mineração, ao rio; os trabalhos realizados por cada um dos personagens; as atividades escolares, cansativas, trabalhosas e difíceis para Helena que reprovou no primeiro ano na Escola Normal; as relações sociais e afetivas entre os familiares e os agregados. Havia nessa narrativa um forte sentimento de pertencimento, a pequena de 13 anos sente que faz parte daquele pequeno universo e compartilha com o leitor as dificuldades e alegrias dos seus dias de infância.

Como enfatizado anteriormente, Bishop não convivera com seus pais, não guardara uma memória de alegria na convivência com sua mãe; sentia não pertencer a lugar algum, portanto, não conhecia a emoção de compartilhar a vida em uma comunidade, ou mesmo em uma família. Percebo que para ela essa narrativa deve ter causado um forte impacto, pois tratava-se da sociabilidade e da intimidade entre pessoas que dividiam suas mazelas diárias e suas histórias de vida. Um outro fator é que, ao descrever essas práticas, surge também uma reflexão na narradora acerca de si mesma, das suas atitudes, como das prescrições referentes às experiências femininas daquele tempo.

O exercício de voltar-se para si mesma, presente no livro, pode ter provocado em Bishop uma reação semelhante, levando-a a uma imersão nos seus sentimentos, nas suas sensações, nos seus valores, sempre pouco partilhados. Talvez por desejar uma história de vida tão rica em personagens, tão diferente da sua, marcada por ausências e perdas, como a vergonha que sentia de se expor, de aparecer, preferindo ocultar-se por trás de seus escritos, da sua inteligência, preferindo agir nos bastidores a assumir uma posição de destaque; a sensação de não ter coragem para enfrentar desafios, lembrando a crise que se lançou

quando teve que assumir um cargo de liderança como consultora de poesia de Biblioteca do Congresso em Washington em 1950.

O *diário de Helena* provavelmente levou Bishop a um mergulho em sua história íntima e pode ter sido esse um dos elementos que a permitiu olhar para sua trajetória com outras lentes, construindo a partir desse exercício uma outra relação consigo mesma. Não mais negar o seu passado, mas nele se aprofundar para perceber o que ela já não era mais, resignificando os dias tristes da infância. Ao relatar aquele período nos contos autobiográficos, ela de certa maneira se liberta de um olhar de perda e angústia que a acompanhava e se permite uma nova elaboração do passado que a transforma no presente, um exercício que foi possível através da escrita de si.

Algumas passagens do diário permitem elucidar essa perspectiva de uma quase obsessão de Bishop nessa tradução, considerando que ela pouco conhecia sobre a língua portuguesa, mas que se colocou a traduzir com afinco e não desistiu enquanto não concluiu sua versão para o inglês e o publicou<sup>279</sup>.

Na primeira edição de 1942, sua autora apresenta resumidamente as motivações que a levaram a escrevê-lo, como adquiriu tal hábito e o porquê do seu interesse em publicá-lo tantos anos depois. Ela queria mostrar para suas netas outras maneiras das meninas viverem em uma outra época. Uma espécie de conselho para pessoas que nasceram em um tempo em que não existem tantas dificuldades materiais, onde tudo parece pronto e de fácil resolução. Por isso, adverte que a vida difícil em termos econômicos não significava inferioridade, parecia haver muita felicidade naquele jeito simples e rústico de se viver, talvez fruto da visão romântica da jovem de treze anos de idade:

---

<sup>279</sup> PRZYBYCIEN. Op. Cit. 1993, p. 181.

*Em pequena meu pai me fez tomar o hábito de escrever o que sucedia comigo. Na Escola Normal o Professor de Português exigia das alunas uma composição quase diária, que chamávamos de 'redação' e que podia ser, à nossa escolha, uma descrição, uma carta ou uma narração do que se dava com cada uma. Eu achava mais fácil escrever o que se passava em torno de mim e entre a nossa família, muito numerosa. Esses escritos enchem muitos cadernos e folhas avulsas, andaram anos e anos guardados, esquecidos. Ultimamente pus-me a revê-los e ordená-los para os meus, principalmente para as minhas netas. Nasceu daí a idéia, com que me conformei, de um livro que mostrasse às meninas de hoje a diferença entre a vida atual e a existência simples que levávamos naquela época*<sup>280</sup>.

Uma maneira simples e delicada de mostrar que a pobreza não significa tristeza e que pode haver muita riqueza na sociabilidade, na troca de sentimentos, na busca pela superação das dificuldades do cotidiano. Escreve para que as netas e certamente as leitoras da obra não sintam pena da ausência de conforto material, pois havia outras alegrias, como a harmonia familiar:

*Agora uma palavra às minhas netas – vocês que já nasceram na abundância e ficaram tão comovidas quando leram alguns episódios da minha infância, não precisam ter pena das meninas pobres, pelo fato de serem pobres. Nós éramos tão felizes! A felicidade não consiste em bens materiais, mas na harmonia do lar, na afeição entre a família, na vida simples, sem ambições – coisas que a fortuna não traz, e muitas vezes leva*<sup>281</sup>.

Pode-se imaginar o impacto que palavras tão ternas e profundas tiveram sobre uma mulher que vivera a maior parte de sua vida em busca de um lar, de uma família, de um lugar em que sentisse ser seu, ou ao menos, que pudesse juntar seus pertences? O conselho para as netas e leitoras do diário pode ter provocado em Bishop uma nova experiência na relação consigo, pois ela já estava fazendo a tradução desse livro quando escreve seus contos autobiográficos, como *Na aldeia*, publicado pela primeira vez em julho de 1953.

---

<sup>280</sup> MORLEY, Helena. *Minha Vida de Menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 13.

<sup>281</sup> Idem. *Ibidem*, p. 14.

Escreve aos amigos U.T. e Joseph Summers sobre a descoberta do diário e sua tradução, dizendo que sentia tratar-se de uma preciosidade literária e que talvez interessasse a algum editor americano:

*Resolvi fazer uma tradução. É um livro que virou uma espécie de clássico brasileiro – o diário de uma menina, dos treze aos dezesseis anos – criada numa família bem brasileira, numa cidadezinha muito atrasada, que vivia da mineração de diamantes, uns sessenta anos atrás. É mesmo uma maravilha – totalmente autêntico, e dá uma visão extraordinária da vida naquela época [...] Não sei, mas tenho a impressão de que ser for bem editado, com umas notas explicativas, faria bastante sucesso nos Estados Unidos*<sup>282</sup>.

Seu entusiasmo e interesse fizeram-na ter coragem de sugerir ao seu editor *Paul Brooks* a publicação do diário em julho de 1953. O seu conto *Na aldeia* tinha sido publicado em junho e fora muito bem recebido pela crítica. Aliás, nessa carta ela também teve a ousadia de assumir que gostaria de ter um livro com seus contos, em função dos elogios que recebera. Não parece possível imaginar que ela teceria comentários tão favoráveis a si própria em anos anteriores, quando passara por crises de angústia e depressão, mas, agora, até admitia seu desejo por um novo livro e pela publicação dessa tradução:

*Estou traduzindo um livro [...]. Ou muito me engano ou trata-se de um verdadeiro 'achado' literário, uma 'jóia' etc. (e olhe que sou muito exigente), e merece ser conhecido fora do Brasil. É o diário autêntico de uma menina brasileira na década de 1890, numa região que vive da extração de diamantes, de uma família grande, muito pobre, muito religiosa, e cheia de vida. Ela escrevia muitíssimo bem; as personagens, os criados negros, a avó velha etc. são muito bem apresentados, e o livro é engraçado [...]. O livro não tem nenhuma afetação, e evoca lindamente toda uma forma de vida que não existe mais etc*<sup>283</sup>.

---

<sup>282</sup> BISHOP, E. Op. Cit. Carta de 17 de setembro de 1952, p. 253.

<sup>283</sup> Idem, ibidem. pp. 286-287.

Seu fascínio pelo diário não se limita aos personagens e à descrição detalhada de suas atividades cotidianas, mas é completado pela observação de que se trata de uma raridade quanto a se conhecer um modo de vida já extinto e elaborado de uma maneira tão divertida. Przybycien destaca como Bishop se sentira ao encontrar algo que julgara tão valioso:

*Como uma arqueóloga que descobre uma peça rara ou como uma etnógrafa que se depara com a última espécie de um mundo irremediavelmente perdido. Queria, portanto, divulgá-la para o mundo, colocando-se como intermediária entre a obra e o público estrangeiro para o qual a tradução é dirigida*<sup>284</sup>.

Tratava-se para Bishop de um interesse tão grande que resolveu conhecer a escritora no Rio de Janeiro. O poeta Manuel Bandeira, seu conhecido de longa data, foi quem a apresentou a Alice Brant: *Uma senhora rica que mora no Rio; o marido dela virou presidente do Banco do Brasil, creio eu [...]*<sup>285</sup>.

Przybycien analisa a relação de Bishop com o diário indicando-a como a tradução de uma infância que ela não conheceu e, ao mesmo tempo, como a apropriação para si mesma da vida familiar e comunitária de Helena, algo que ela não vivera, daí seu encantamento com um mundo cheio de presenças tão oposto às limitações do seu próprio universo. O retrato de uma família numerosa e unida, completamente oposta à sua. Uma menina imersa na vida familiar e no seu grupo social. Bishop não sentia pertencer a nenhum grupo especificamente, em oposição à vida daquela garota que transmite alegria de viver, contentamento com coisas simples do cotidiano. Assim, ela acredita que Helena, a narradora do conto, é o alter ego da outra, da norte-americana, tão sem história, cujas

---

<sup>284</sup> PRZYBYCIEN. Op. Cit. 1993, p. 184.

<sup>285</sup> BISHOP, B. Carta para o editor Paul Brooks, 28 de julho de 1953, p. 287.

presenças em sua vida se diluíram antes mesmo de ganharem existência: o pai, quando ela tinha oito meses; a mãe desequilibrada em uma clínica psiquiátrica. Diz Przybycien:

*Por isso Helena é o seu alter ego: é uma criança despreocupada, cheia de vida e totalmente imersa no seu mundo, enquanto ela própria é a escritora que Helena poderia ter sido. Essa identificação a aproximou do universo do diário, permitindo-lhe tomá-lo como modelo para a recriação poética da própria infância*<sup>286</sup>.

O diário simboliza, de certa maneira, a volta ao seu próprio passado para dele extrair novos significados e assim construir para si mesma uma nova imagem. Ao se desfazer desse personagem repleto de dificuldades, ela reinventa-se e cria novas práticas para si. Identifico o ato de escrever como uma atividade etho-poética, como autoformação e autotransformação de Bishop ao executar um exercício que a modifica, à medida que ela passa a se visualizar de outra forma a partir da escritura de si<sup>287</sup>.

## **A escrita epistolar como prática libertária**

*A correspondência pessoal de uma pessoa é, portanto, um espaço definidor e definido pela sua sociabilidade. É por meio dela que as pessoas, mesmo distantes fisicamente, podem trocar idéias e afetos.*

*Giselle Martins Venâncio*<sup>288</sup>

Elizabeth Bishop escreveu milhares de cartas, que cobrem cinquenta anos da sua vida, desde 1928, quando tinha 17 anos e já era poeta, até sua morte, em outubro de 1979. Seus escritos relacionados às suas experiências cotidianas e à sociabilidade vividas na casa

---

<sup>286</sup> PRZYBYCIEN, R. Op. Cit. 1993, pp. 183-184.

<sup>287</sup> FOUCAULT, Michel, A Escrita de Si. Lisboa: Veja, 1992

<sup>288</sup> VENANCIO, Giselle Martins. *Sopros de Sociabilidade. Troca de Livros, intercâmbios intelectuais e práticas de correspondência nos arquivos privados de Oliveira Vianna*. BASTOS, Maria Helena, CUNHA, Maria Teresa Santos & MIGNOT, Ana Chrystina. Destino das Letras. História, Educação e Escrita Epistolar. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2002, p. 223.

onde habitava com Lota, foram uma maneira de manter outras relações afetivas, com amigos íntimos, agentes literários, poetas, escritores e artistas, o círculo social que perdurou ao longo dos anos, que a manteve próxima deles, mesmo estando tão distante geograficamente. As cartas são documentos que nos permitem conhecer seus interlocutores, suas fontes de inspiração. Por isso, esse pode ser um espaço de troca de idéias, de inspiração para outros escritos.

A edição brasileira da sua correspondência abrange o período de 1934 a 1976 e possui também cartas inéditas que estão nos seus arquivos no Vassar College<sup>289</sup>, além de outras que se encontram na Biblioteca Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro.

A arte da epistolografia foi uma constante em sua vida, uma atividade que praticou de maneira mais cotidiana e livre do que a poesia. Além de escrever muitas cartas - certo dia escreveu mais de quarenta - ela também adorava ler esses documentos. Na sua biblioteca havia uma infinidade delas de *escritores elisabetanos, George Herbert, Jane Austen, Oscar Wilde, Virginia Woolf, entre outros*. Essa paixão foi transformada em um curso em Harvard, que aparece no catálogo do período de 1971-72: *Inglês 2902. Cartas. Leitura de correspondências pessoais, famosas e infames, do século XVI ao século XX*.

Esse exercício foi também uma maneira de não perder de vista os amigos que viviam distantes, afinal, com tantas mudanças de endereço: Nova York, Paris, México, Key West, Washington e Rio de Janeiro, foi necessário criar alguma forma de vínculo afetivo e esse foi o meio utilizado por ela. Focalizo primeiramente em sua correspondência as transformações subjetivas pelas quais ela passou no período em que viveu no país, o que

---

<sup>289</sup> Special Collections Vassar College. Apud: FERREIRA, Armando. Op. Cit. 2003.

permite ver a escrita das cartas como uma prática de si, pela qual permitiu ser vista pelos olhos daqueles que estavam distantes, amigos, parentes, críticos literários<sup>290</sup>.

A singularidade das cartas está no fato de não ser um documento produzido com a intencionalidade de dar suporte à pesquisa historiográfica, pois seus sentidos são múltiplos e muitas vezes escapam, pois são lampejos de experiências plurais que se constroem na intertextualidade desses papéis, frágeis, delicados, e ao mesmo tempo capazes de estabelecer intensa cumplicidade entre o remetente e o destinatário. Nesses fragmentos emergem múltiplas formas de sobrevivência, pois, ao representar o cotidiano vivido, se produz uma pluralidade de sentidos e de formas de apropriação.

Além de ser uma prática constante de reinvenção de si, escrever cartas também é um ato de libertação, pois permite a superação de desencontros, de rivalidades, de expectativas frustradas e a possibilidade de construção de novos significados para a própria existência. Uma forma de narrativa marcada por um tempo descontínuo, fragmentado, o tempo da experiência, não quantificável, não mensurável, um tempo construído pela memória que se elabora no narrar e no rememorar quando o destinatário nela penetra, fazendo desse uso uma prática para além dos objetivos aos quais ela foi destinada, por isso são experiências plurais, não se igualam, não se equivalem, criam outras, fluídas, diáfanas...

As cartas apresentam uma extensa gama de temas, desde aspectos subjetivos como a extrema felicidade que sente ao lado de Lota, tantas vezes evocada para diferentes correspondentes e outros mais objetivos, como estar mais magra, trabalhar mais, conhecer a elite intelectual brasileira, até sutilezas do cotidiano, como a relação delas com os funcionários da casa.

---

<sup>290</sup> FOUCAULT, Michel. Op. Cit. 1992.

A fotógrafa Rollie McKenna, renomada por suas fotos de escritores e artistas famosos, passou alguns dias na casa de Samambaia em 1956 e fez algumas fotos de Bishop, embora soubesse que ela detestava ser fotografada. Foram feitas fotos excelentes dela durante essa estadia e, entre essas, encontram-se provavelmente as imagens mais conhecidas dela, as que foram efetivamente publicadas.

Bishop escreve para agradecer o trabalho profissional realizado por McKenna e, para dizer como estava se sentindo mais bonita nos últimos anos, como emagreceu e adquiriu uma aparência mais saudável e feliz. Entretanto, apesar de toda essa alegria, ela insistia em dizer que nunca ficava bem nas fotos, seja por estar com o rosto inchado em virtude do consumo de cortisona, um medicamento conhecido por seu efeito colateral, de provocar transformações físicas em quem os ingere, seja pelo inchaço muitas vezes causado também pelo consumo excessivo de bebida alcoólica. Para lembrar que não queria que as fotos fossem publicadas e confirmar que jamais se apreciava em fotos, escreve ela:

*As fotos que você tirou aqui são excelentes – animadas, fiéis – todas as qualidades que tornam uma foto boa. [...] Nos últimos anos perdi treze quilos, voltei ao meu peso normal de 52 quilos, que era o que eu pesava antigamente, e estou com um ar de felicidade – e realmente não quero perpetuar a minha aparência e o modo como me sentia numa época ruim, da minha vida*<sup>291</sup>.

Na conclusão da carta, ela comenta que talvez nós não tenhamos *direitos sobre a própria vida e a própria aparência*, mas que contava com a colaboração dela em não publicar aquelas fotos que ela não considerava dignas da imagem que tinha de si mesma naquele momento.

O fato de sentir-se mais bonita no Brasil aparece em uma carta para sua tia Grace, irmã mais velha da sua mãe, na qual pede para que ela observe a fotografia que acompanha

---

<sup>291</sup> BISHOP, E. Op. Cit. Carta para Rollie McKenna, 19 de dezembro de 1956, p. 349.

a carta, para a tia perceber o quanto ela está mais magra, parecendo até uma sílfide. Nesta carta, ela escreve sobre o *Prêmio Pulitzer* que ganhou em 1956 e como a imprensa brasileira foi generosa com ela nesse momento, o que a divertiu muito. Apesar de ter enviado para a tia os recortes dos jornais, considera que não saiu nada bem nas fotos, mas que tem se sentido muito melhor. O que parece comprovar que se sentia mais bonita, depois de algum tempo no país, talvez pelo menor consumo de álcool e por um maior cuidado de si: *Não saí nada bem nas fotos, mas a biblioteca da Lota ficou ótima etc. Além disso, quero que a senhora veja que estou uma sílfide – 53 quilos*<sup>292</sup>.

Havia nela um desejo intenso de partilhar com os amigos distantes todo o clima novo e envolvente que encontrara no país. Em um trabalho recente, ainda não publicado, Armando Ferreira comenta sobre a sedução que esses documentos provocam no leitor, talvez pela mudança brusca de temas, ou pelo constante humor da missivista, sempre envolta em situações pitorescas:

*A ânsia de Elizabeth Bishop em compartilhar as novidades, que a leva a promover mudanças bruscas e constantes de assunto, talvez seja a principal responsável pelo poder de sedução de suas cartas. Também sua vivacidade diante do novo, o humor fino e perspicaz, sempre atraem o leitor e o transformam em confidente ou comparsa*<sup>293</sup>.

Esse tipo de documento também pode ser visto como uma das etapas da produção poética, momento de lapidação dos seus contos e poemas, à medida que gostava de procurar as palavras que transmitissem os sentimentos certos para uma determinada situação, trabalhando minuciosamente na busca da expressão certa, daquela que transmitisse uma melhor sonoridade.

---

<sup>292</sup> Idem, ibidem. Carta para a tia Grace, 05 de julho de 1956, p. 339.

<sup>293</sup> FERREIRA, A. Op. Cit. 2003, p. 09.

Regina Przybycien observa que suas cartas se apresentam como um poderoso material de pesquisa, à medida que mostram o exercício de maturação das palavras tão conhecido nela, não somente pela lentidão da escrita, mas também pela busca incessante de uma expressão mais rica, o sentido mais denso, o poema se constituindo em um exercício de substituição constante, com uma nova palavra sempre sendo testada. Diz ela:

*As cartas também mostram os poemas sendo esboçados na mente, frases atiradas, aqui e ali, que tempos mais tardes (às vezes anos mais tarde) comporiam um poema. Além disso, no seu conjunto, elas contam a história de uma vida e representam uma época. As duas décadas em que a poeta viveu no Brasil estão retratadas de forma muito viva, mostrando a relação difícil, mas também fascinante, com o país<sup>294</sup>.*

A escrita de cartas foi uma espécie de elo vital pelo qual reintegrava o correspondente na intimidade do seu cotidiano. Por vezes descreve seu estado físico e emocional de maneira que acaba *por convocar fisicamente o leitor, buscando estabelecer com ele uma outra forma de cumplicidade*<sup>295</sup>. Por meio da escrita praticava uma forma especial e singular de sociabilidade, em função da impossibilidade da conversação. A escrita pode ser vista como prática social, pois ocupava o lugar do diálogo, o desejo de falar de si com os amigos. Neste sentido a correspondência aparece como um lugar possível das relações pessoais e como fonte de desvelamento destas relações. Uma prática social, uma experiência pessoal que se concretiza na troca epistolar<sup>296</sup>.

O hábito da escrita de cartas substituía a ausência de convívio com os amigos: desta maneira, em algumas circunstâncias, ela afirmava que estava escrevendo porque sentia uma

---

<sup>294</sup> PRZYBYCIEN. Op. Cit. 1993, pp. 12-13.

<sup>295</sup> MORAES, Eliane Robert. *A cifra e o corpo: as cartas de prisão do Marques de Sade*. GALVÃO, W. N. & GOTLIB, N. (orgs. ) Op. Cit. 2000, p. 58.

<sup>296</sup> VENANCIO, G. M. Op. Cit. 2002.

enorme vontade de conversar com os amigos. Os amigos Kit e Ilse Barker foram os correspondentes mais assíduos nas cartas publicadas. Em uma delas, ela assume que estava gostando tanto de morar aqui: *que a toda hora penso que morri e fui para o céu, um prêmio totalmente imerecido*. Nesta mesma missiva ela comenta como gostaria de tomar um chá com os amigos, por isso a escrita como um tipo de conversa: *Bem que eu gostaria que vocês pudessem me mandar chá – aliás, como eu gostaria de tomar um chá com vocês agora mesmo, porque como dá para perceber estou com muita vontade de conversar*<sup>297</sup>.

Bishop não foi capaz de aprender a norma da língua portuguesa, pois ela considerava o português *uma língua difícilíssima*<sup>298</sup>, de maneira que pudesse conversar com as pessoas do seu meio social. Conversava apenas com os funcionários da casa, o que considero como uma espécie de autodefesa, pois, não tendo aprendido a língua formal, ou seja, a norma culta, talvez tivesse medo de se arriscar a falar com a elite intelectual que freqüentava a sua casa. Entretanto, a língua coloquial empregada pelas pessoas simples parecia-lhe mais fácil e ela não corria o risco de ser corrigida, algo que provavelmente detestaria, dado o seu caráter perfeccionista, sua personalidade exigente consigo mesma e, sobretudo, sua enorme fragilidade.

Depois que a casa ficou finalmente pronta, em 1957, ela e Lota passaram seis meses em Nova York. Bishop ficara praticamente cinco anos ausente do país. Nesse retorno ela percebe o quanto estava modificada e como sua convivência com as pessoas simples no Brasil lhe permitiram sentir-se bem consigo mesma. Escreve para a poeta Isabella Gardner em Nova York, depois que ela e Lota a visitaram, sobre o fato da anfitriã ter se sentido à vontade com elas, e ela também, apesar da sua excessiva timidez, mas assume que essa

---

<sup>297</sup> BISHO, E. Op. Cit. Carta para os Barkers, 12 de outubro de 1952, pp. 254-256.

<sup>298</sup> Idem, ibidem. Carta para Arthur Gold e Robert Fizdale, 05 de maio de 1953, p 274.

mudança estava relacionada à sua experiência com os costumes brasileiros, mais espontâneos que os norte-americanos: *Gostei de saber que você se sentiu 'à vontade' conosco. Sempre fui tão tímida que fico achando, naturalmente, que as outras pessoas nunca são. Mas com você não me senti tímida, não – em parte porque a maior naturalidade dos costumes no Brasil me ajudou muito, creio eu*<sup>299</sup>.

As cartas, enquanto documentos íntimos, exercem também um fascínio quase voyeurista para seus leitores, momento no qual se capta uma intimidade fulgaz; elas também produzem memórias de modo que o escrevente e o destinatário unem-se em torno daqueles momentos subjetivos e inscrevem suas respectivas trajetórias a partir das sutilezas da vida cotidiana.

Essas pequenas e sutis idiossincrasias do mundo privado emergem desses papéis, por exemplo, quando se refere ao convívio com os funcionários da casa e seus filhos, ou quando comenta sobre os hábitos de sua anfitriã, tão diferentes dos seus. Entretanto, escreveu para a poetisa norte-americana Marianne Moore *que ela não estava fazendo nada*, sem nenhum constrangimento, o que seria um comentário considerado desqualificado, na medida em que escrevia para a sua mentora intelectual, ou seja, para a pessoa que a estimulou a assumir-se como poetisa. Diz ela: *Você me pergunta o que estou fazendo aqui, e a resposta é: nada, só vivendo muito feliz na serra e trabalhando na minha tradução e em alguns poemas e contos – e, quanto aos trabalhos domésticos, me encarregando da cozinha*<sup>300</sup>.

Cartas são também uma espécie de documento testamental, extremamente revelador das alegrias, das angústias e dos ressentimentos do missivista, embaraçosamente reais, de

---

<sup>299</sup> Idem, ibidem. Carta do dia 01 de maio de 1957, p. 357.

<sup>300</sup> Idem, ibidem. Carta de 01 de julho de 1955, p. 322.

uma realidade desconcertante à medida que desvendamos um outro sutilmente eclipsado por suas próprias palavras. Palavras que, no entanto, tornam aparente certas contradições do dia a dia: queixas, ameaças, acusações, raiva, desprezo, orgulho, sentimentos negativos muitas vezes não mostrados às pessoas próximas, mas que se evidenciam, quando distanciadas espacial e temporalmente. Parecem permitir um revelar-se, não no sentido de querer aparecer como se é aos olhos do outros, mas de deixar sua fragilidade se manifestar, pois a distância serve como um escudo protetor, um amálgama para o que não se quer deixar ver.

Apesar de ver no ato da escrita de uma missiva um momento em que o escrevente se dá a conhecer ao outro, compactuo com a sugestão de Michelle Perrot, quando observa que: *não há nada menos espontâneo do que uma carta; nada menos transparente do que uma autobiografia, feita para ocultar tanto quanto para revelar*<sup>301</sup>.

Compreendo o aparente como aquilo que importa ser compartilhado, a experiência de si publicizada. À medida que é narrada ao amigo distante, contrariamente oculta-se o que não muda, o que não provoca reflexão, transformação, o que não surpreende, aquilo que não importa dar-se a conhecer. Entretanto, destaco a escritura de cartas como uma maneira de ela se colocar à frente do outro, daquele que a recebe, de uma forma quase física, como o faz Foucault, em *A Escrita de Si*, quando diz:

*Quando escrevemos, lemos o que vamos escrevendo exatamente do mesmo modo como ao dizermos qualquer coisa ouvimos o que estamos a dizer. A carta enviada, atua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como atua, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe*<sup>302</sup>.

---

<sup>301</sup> PERROT, Michelle. Op. Cit. 1993, p. 11.

<sup>302</sup> FOUCAULT, M. Op. Cit. 1992, p. 145.

O hábito da escritura de cartas não é simplesmente uma maneira de informar aos amigos distantes os hábitos do cotidiano, as surpresas com as visitas, o encantamento com as crianças, com a natureza, mas, também, um ato de mostrar-se àquele que a recebe. Bishop considerava esse costume um ofício tal como um trabalho, mas também um prazer, uma maneira de se abrir ao olhar do(s) outro(s), de fazer sobre si mesma, um exercício de introspecção, no sentido de abertura de si mesma e não simplesmente como uma decifração de si.

Nestas cartas encontram-se variados aspectos da vida cotidiana na casa de Samambaia: as doenças das crianças e dos funcionários, as agruras na construção da estrada ou da explosão de um imenso bloco de pedras para construir a piscina, entre tantos outros detalhes pitorescos de quem viveu durante anos em uma casa em construção, que aqui são destacados:

*Não por causa da importância dos acontecimentos que teriam podido marcá-lo, mas justamente na medida em que ele nada tem para deixar de ser igual a todos os outros, atestando assim, não a relevância de uma atividade, mas a qualidade de um modo de ser<sup>303</sup>.*

A singularidade de uma vida que é igual a todas as outras, mas que se diferencia pela narrativa de si que ela contém, pela descrição minuciosa de sensações subjetivas, pelo olhar atento aos aspectos que escapam àqueles que passam rapidamente e não se detêm nos detalhes que marcam a diferença. Ainda uma última observação sobre a prática epistolar, ela permite uma coincidência entre o olhar do outro e aquele que se volta para si próprio quando se aferem as ações cotidianas às regras de uma técnica de vida.

---

<sup>303</sup> Idem, *ibidem*. 1992, p. 155.

Apesar de acreditar, como outros críticos e estudiosos, que a experiência com a cultura brasileira tenha influenciado parcialmente a escrita de Bishop, considerada como uma prática de construção de si mesma, concordo com a análise de Michelle Perrot quando afirma que: *A influência cultural não é sinônimo de prática de vida privada. E (que) elementos isolados, mais ou menos naturalizados, não chegam a formar um estilo de vida. Mas, mesmo assim, é difícil não tomá-los em consideração*<sup>304</sup>.

Neste sentido, a convivência com a afetividade do país, tantas vezes destacada em suas cartas, deixou marcas profundas na puritana bostoniana. No recanto de Samambaia, ao lado do seu amor, ela encontrou os elementos que permitiram livrar-se do passado negativo, sombrio, de perdas e sofrimentos e (re) constituir uma memória mais livre, ousada até para si mesma. Um exemplo dessa transformação aparece em uma carta escrita à poetisa Marianne Moore, na qual destaca as leituras de suas poesias para Lota durante várias noites na casa em construção, nos primeiros meses de sua chegada ao país. Ato impensável em outras condições, mas, por algum motivo, aqui ela achou mais fácil<sup>305</sup>.

O exercício de leitura dessas cartas ilumina um aspecto da sua biografia, aquele que está relacionado à sua experiência durante os anos que permaneceu no Brasil. Uma espécie de cartografia emocional parece tê-la envolvido no cotidiano vivido em Samambaia, uma experiência que a remeteu à sua infância, permitindo que escrevesse seu primeiro conto no país de temática totalmente autobiográfica. Procuro relacionar o impacto que este novo cenário físico e afetivo causou nos seus escritos e, principalmente, na sua estrutura emocional e na (re) construção da sua memória.

---

<sup>304</sup> PERROT, M. Op. Cit. 1991.

<sup>305</sup> BISHOP, E. Op. Cit. Carta para Marianne Moore, 03 de março de 1952, p. 245.

## Cartografia Emocional

*É engraçado - eu venho para o Brasil e começo a me lembrar de tudo o que me aconteceu na Nova Escócia – pelo visto, a geografia ainda é mais misteriosa do que a gente pensa.*

*Elizabeth Bishop*<sup>306</sup>

Os poderes ocultos da natureza e, sobretudo, da formação geográfica onde Bishop se encontrava, entre montanhas, vegetação fechada, que lembrava uma floresta intocada. A neblina que atravessava a janela de seu quarto no sítio de Petrópolis, foram estímulos que a fizeram retornar à sua infância em Great Village, na Nova Escócia, quando vivia com os avós maternos. A memória da infância é evocada com o objetivo de detectar os motivos subjetivos que a fizeram aqui permanecer, no qual o relacionamento amoroso com Lota figura como marco fundamental nas transformações pelas quais ela passou durante os anos em que viveu no país.

Durante praticamente dez anos, entre 1951 e 1961, Bishop e Lota se mantiveram nesta casa. Entre os anos de 1951 e 1957, ocorreram as obras de sua construção, que foram descritas em muitas cartas. O projeto era visto por ela como uma ousadia do ponto de vista arquitetônico, por estar situada em uma região de certa forma inóspita e de difícil acesso. Entretanto, essas dificuldades que poderiam provocar a falta de estímulo a qualquer estrangeiro menos avisado, fascinaram a tímida poetisa, o que a fez assumir seu amor por Lota e sua decisão que lentamente vai se delineando de permanecer no país ao lado da companheira, diz ela: *a idéia de viajar está cada vez mais distante dos meus planos*<sup>307</sup>.

---

<sup>306</sup> Idem, ibidem Carta a Ilse e Kit Barker, de 12 de outubro de 1952, p. 255.

<sup>307</sup> Idem, ibidem. Carta para Marianne Moore, 03 de março de 1952, p. 244.

Outro momento marcante da sua correspondência refere-se ao período de construção do Aterro do Flamengo, entre os anos de 1961 e 1965, quando a relação delas sofre um desgaste, em função da fragilidade da saúde de Lota: os problemas envolvendo o cargo dela na supervisão das obras do Parque; as crises de alcoolismo de Bishop e, por fim, a tragédia previamente anunciada da morte de Lota.

Bishop passou a maior parte de sua vida mudando de cidade, de continente e de endereço. Como ela mesma disse, em uma entrevista, o fato de sua mãe pertencer a uma família canadense a fez sentir, durante a maior parte de sua vida, que estava sempre em outro país. Em função disso, notava que seu *estado de espírito normal era o de hóspede*<sup>308</sup>.

O histórico da vida de Bishop talvez explique em alguma medida sua constante busca por um lugar no qual sentisse ser seu, aquele que a faria assumir que estava onde queria e deveria estar, como ela escreveu, lembrando mais uma vez o quanto gostava de morar no país: *O que há é que, pela primeira vez em milênios, o lugar onde estou morando e o que estou fazendo são exatamente tal como eu gostaria que fossem*<sup>309</sup>.

Falar de Bishop implica necessariamente lembrar sua trajetória pessoal, marcada por perdas desde os oito meses de idade, quando seu pai William Bishop morreu e sua mãe passou a sofrer surtos psicóticos por causa dessa perda e permaneceu internada em clínicas psiquiátricas, o que provocou nela uma constante procura por um porto-seguro, uma casa.

Em busca dessa paz interior tão desejada, realizou várias mudanças geográficas. Meses seguidos em Paris em 1937; México em 1943; nove anos entre 1938 e 1947 em Key West, um famoso vilarejo de artistas e intelectuais no sul da Flórida; Haiti em 1949 e,

---

<sup>308</sup> *Elizabeth Bishop: Exílio de la poesia*. In Revista *O Cruzeiro Internacional*. Janeiro/abril de 1963. BN-Rio de Janeiro.

<sup>309</sup> BISHOP, E. Op. Cit. 1995. Carta para os Summers, 09 de dezembro de 1953, p. 301.

finalmente, em novembro de 1951, Santos, Rio de Janeiro, Petrópolis, no alto da serra a casa de Samambaia.

Depois de anos viajando, praticando experiências de si mesma que dessem algum sentido à sua existência e a tranquilidade que tanto ansiava, eis o tão sonhado *lar de verdade*, eis o porto-seguro desejado para escrever sua poesia.

O poeta e tradutor brasileiro Paulo Henriques Britto comenta que a viagem que a trouxe ao Brasil foi praticamente uma necessidade na vida dela, em virtude de toda a crise que sofrera no ano de 1950, quando ocupara o cargo de consultora de poesia da Biblioteca de Washington. Desde criança ela sonhava conhecer a América do Sul, assim, pretendia passar pela Terra do Fogo e voltar aos Estados Unidos pelo Oceano Pacífico. Parecia haver em Bishop algo como uma aversão pelo norte, pela frieza, pela sisudez, pelo puritanismo. Essa aversão parece estar associada à sua dificuldade em aceitar seu amor por mulheres, traduzido na sua busca incessante pelo sul, pelo calor, pelos trópicos, uma imagem relacionada provavelmente à luz e às cores dessas regiões, nas quais pudesse finalmente assumir sua paixão:

*As sucessivas viagens ao sul seriam para Bishop tentativas de procurar, em paragens mais cálidas e permissivas, um ambiente mais propício à afirmação de sua sexualidade do que o norte frio e calvinista de sua infância e adolescência*<sup>310</sup>.

Os passeios pelo país, a amizade amorosa de Lota, a amizade familiar com os funcionários da casa e seus filhos, são vistas aqui como exercícios de si que agiram sobre o seu corpo permitindo a ela a tão almejada serenidade. São essas diferentes práticas de si: a convivência, o amor, a amizade que permitiram também uma *escrita de si*. A escrita como

---

<sup>310</sup> BRITTO, Paulo Henriques. *Bishop no Brasil*. Elizabeth Bishop. Poemas do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 09.

um exercício subjetivo, como uma prática do sujeito se construir, se transformar, se relacionar com o outro, no sentido de que a subjetividade se constrói também em um espaço intersubjetivo, o sujeito percebe a si mesmo no contato com o outro<sup>311</sup>.

A escrita não é simplesmente um reflexo do seu passado, mas é um momento em que ela o reinscreve e o ressignifica. A escrita não é apenas uma representação, ela é uma construção de si, elaborada como um contraponto ao seu passado sombrio. Esses são alguns dos aspectos que elenco para correlacionar a geografia brasileira com a memória involuntária que se processa em Bishop. Volta seu olhar para o passado para dele extrair novos significados, constatados na elaboração de contos e poemas em que o tom confessional parece inquestionável. Talvez tenha sido essa a estratégia utilizada por ela para falar de si, a ficção, a literatura, a arte da escrita, para assim se deixar ver por aqueles que do seu texto se apropriam.

A escrita pessoal parece operar também uma dupla ação – uma carta, um poema, um conto – é um exercício de subjetivação daquele que escreve, no sentido que unifica os fragmentos heterogêneos de suas experiências cotidianas; mas, é também, um treino de si, um exercício do pensamento<sup>312</sup>.

As experiências pelas quais a poetisa passou no Brasil a modificaram profundamente, permitindo-lhe uma maior atenção a si: quanto ao consumo de bebida alcoólica, ao peso excessivo, às roupas que usava. Como atitudes práticas, ela renova seu guarda-roupa e passa a beber eventualmente. Esses são temas sobre os quais escreveu afirmando que já não tinha peso na consciência quando bebia; emagreceu e se sentia mais bonita. Transforma-se por meio desse cuidado de si que começou a exercer no Brasil, que

---

<sup>311</sup> FOUCAULT, M. Op. Cit. 2004.

<sup>312</sup> FOUCAULT, M. Op. Cit. 1992, p. 150.

são também exercícios práticos através dos quais se modifica e torna sua existência singular, pelas escolhas subjetivas de autovalorização de si e também pela maior produção poética<sup>313</sup>.

A paisagem de Samambaia evocou na memória de Bishop a lembrança de sua infância em uma aldeia de pescadores na Nova Escócia onde viveu com os avós maternos. A experiência em Great Village, apesar de todo carinho e conforto emocional, deixou marcas psíquicas profundas dos últimos contatos da pequena com sua mãe Gertrude Balmer Bishop. Uma convivência difícil e tumultuada, o que a levou a escrever seu primeiro conto assumidamente autobiográfico, *Na aldeia*<sup>314</sup>. Trata-se de uma obra que remete a uma circunstância memorialística profunda da vida da autora, como destaca Regina Przybycien, ao descrever uma pequena síntese dessa prosa poética:

*Relato de uma das crises de loucura da mãe e seu internamento definitivo num manicômio, quando a poeta tinha cinco anos. A menina é o centro de consciência da história e, portanto, os acontecimentos nos chegam vagos, filtrados pela sua percepção. Como nos poemas, também aqui as sensações são contidas pelo rígido controle formal. As palavras são como teias tecidas sobre o abismo do interdito, do não dito, do impossível de se explorar: a demência da mãe*<sup>315</sup>.

A escrita do conto marca um momento de ruptura, o último contato dela com a mãe, algo que estava inscrito na sua memória e que ela entrega ao leitor pelo uso da linguagem. Neste sentido, procuro identificar como o uso da memória pode ser uma característica da *poética feminista*. Uma categoria desenvolvida por Lúcia Helena Vianna, pela qual procura relacionar as narrativas femininas com o uso da memória. Aponta como o lugar ocupado

---

<sup>313</sup> FOUCAULT, M. Op. Cit. 1994, pp. 11-15.

<sup>314</sup> O Conto Na Aldeia (*In the Village*) foi publicado, pela primeira vez, pela revista *The New Yorker*, em 19 de dezembro de 1953.

<sup>315</sup> PRZYBYCIEN. Op. Cit. 1993, p. 122.

por esta se manifesta com um relevo especial no que se refere à estratégia de apresentação. Funda-se, no discurso, em textos referenciais voltados para o registro histórico e cultural das várias manifestações sociais. Existe neste caso uma grande busca em transformar manifestações do vivido em experiências individuais e coletivas.

A recorrência à memória apresenta-se como ponto de resistência à volatilidade do mundo atual, onde o recordar foi eclipsado pela imagem, pelo instantâneo, pelo efêmero, por aquilo que escapa porque já não é mais. Parece haver uma presença constante das lembranças nos escritos de mulheres:

*Nas narrativas femininas, em especial nos contos de escritoras brasileiras, recordações e reminiscências, lembranças e esquecimentos manifestam ora explicitado, ora de forma escamoteada, sob diferentes ardis estratégicos, a permanente intervenção do material memorialístico na matéria narrada*<sup>316</sup>.

É desta perspectiva que percebo nos contos de Bishop o quanto o material escrito, que aparenta ser uma invenção ou a narração de uma ficção, tem sua origem na sua memória. Memória que ficou trancada por tantos anos, mas que as condições de vida no Brasil fizeram emergir. Vianna adverte que a memória pode *trapacear o sistema de consciência e deslizar* e, assim, o *secreto da individualidade se desrecaça*, o que pode promover um amálgama entre o pessoal, o social e o cultural, que passa a ser visto como invenção.

O conto é visto como um tipo de escrito privilegiado para esse processo de memória e invenção, pois é marcado por uma economia textual, cujo eixo temático estrutura sucintamente as cenas passadas, tornando sua relação com a memória ainda mais visível: *Quando se constata a onipresença da memória nas produções discursivas, fica difícil*

---

<sup>316</sup> VIANNA, Lucia Helena. Op. Cit. 2002.

*pensar a invenção, seja poética ou teórica, nascida do nada, do zero absoluto, de um ponto original.*

Como as autoras brasileiras da década de 1960, de acordo com as análises de Vianna, Bishop utiliza material mnemônico para a produção de seus contos e apresenta aos leitores as idiossincrasias de uma norte-americana que escolheu viver nos trópicos durante vinte anos. Bishop admite que, *Na aldeia*, trata-se da memória condensada de alguns anos de sua infância. Ela comenta em uma carta o tom confessional do seu conto, que foi escrito inspirado na geografia brasileira, remetendo-a à sua infância ao lado dos avós maternos: *In the village é totalmente, e não em parte, autobiográfico. Só fiz comprimir um pouco a escala temporal e talvez juntar dois verões num só, ou mudar um pouco a seqüência dos eventos – mas é tudo verdade*<sup>317</sup>.

A escrita deste conto pode ser vista como uma conseqüência do cuidado sobre si que ela praticou no Brasil, uma ocupação consigo que a transformou: seja pela diminuição do consumo de álcool, seja por conseguir escrever sobre seu passado, como neste conto que é considerado pelos críticos *um poema em prosa sobre uma infância idílica*<sup>318</sup>. Um registro do medo que uma criança – ela própria – sentiu ao ouvir o último grito de sua mãe e o refúgio que encontra no som *lindo e puro – plém* – produzido pelo ferreiro Nate com sua bigorna<sup>319</sup>.

No lugar do grito da mãe suspenso na memória, ela parece escolher para sua vida adulta o som do ferreiro, a limpeza emocional da bigorna de Nate, ao som agudo internalizado durante anos e que agora se reveste de outro significado. Um grito que ao ser

---

<sup>317</sup> BISHOP, E. 1995. Carta para os Summers, 20 de outubro de 1967, p. 525.

<sup>318</sup> Idem, ibidem GIROUX, R. Introdução p. 10.

<sup>319</sup> BISHOP, Elizabeth. *Na aldeia (1953)*. Apud. Esforços do Afeto. Op. Cit. 1996, p. 305.

capturado na forma é também exorcizado na palavra e, finalmente, transformado, ressignificado em roupagens menos dolorosas, possíveis de serem mostradas, lembradas: *Situada entre o 'Brazil' e 'outros lugares', a história 'In the Village' estabelece, metaforicamente, uma ponte entre a geografia de sua maturidade e a de sua infância, entre o Brasil e o Canadá*<sup>320</sup>.

Este exercício de aperfeiçoamento de si, de maior habilidade para compreender seu próprio passado, pode ser percebido através de uma análise mais detalhada desse famoso conto. Busco neste exercício, que também é subjetivo, à medida que o interpreto a partir das minhas próprias perspectivas, perceber as transformações subjetivas sofridas pela autora, que lhe permitiram olhar para a sua infância e sobre ela escrever, apesar de toda dor, sofrimento e horror que essas lembranças poderiam lhe causar.

Ao escrever o conto *Na aldeia*, Bishop elabora uma nova leitura do seu passado, não um passado pronto, acabado, no sentido de que se debruçar sobre o que já foi implica em um gesto de edificar o que ainda é, o que virá, ou poderá vir a ser<sup>321</sup>.

A trama do conto apresenta os sons, as cores, os odores, os encontros e desencontros entre pessoas que viviam em uma aldeia de pescadores na Nova Escócia. A narrativa se desenvolve entre as personagens que experimentavam uma situação nova e conflituosa no seu cotidiano: uma criança de 05 anos, suas tias, seus avós e uma estranha mulher há pouco chegada de Boston, carregada de caixas, vestidos, chapéus, era a mãe da criança. O conto é uma pequena síntese narrativa de uma experiência da infância, visualizada pela mulher adulta que vive em um outro continente.

---

<sup>320</sup> Idem, *ibidem*, p. 122.

<sup>321</sup> BRANCO, Lúcia Castello. *A Traição de Penélope*. São Paulo: Annablume, 1994, p. 26.

O conto descreve o cuidado da família em poupar a criança que estava assustada com a mudança de hábitos e pela intranqüilidade causada pela presença da mulher estranha, a mãe. Assim mesmo, a criança ouve os gritos que às vezes se transformam *numa espécie de gemido prolongado*, como fica ressaltado em uma passagem do conto. Todos parecem se manter em suspenso, em um clima tenso, como se algo fosse acontecer a qualquer momento. E acontece. A mulher, a despeito dos cuidados da família, não apresenta melhoras. Em uma noite tumultuada, com barulhos de carroça, de gente chorando, porta batendo, algo fora do normal está acontecendo. De manhã a casa está em silêncio e *o quarto da frente está vazio*. Ninguém mais dorme lá. *Nele penduram-se roupas*, nos avisa a narradora <sup>322</sup>.

No dia seguinte, as tias voltam de Boston para onde a tinham levado. Todas as semanas, a criança vai ao correio com um pacote feito pela avó. Dentro estão frutas, bolos e compotas. No pacote, o endereço da Casa de Saúde, escrito com a letra da avó. No caminho para o correio, *todas as tardes de segunda a criança passa pela ferraria com o pacote debaixo do braço e esconde o endereço do hospital com a outra mão*. Não se ouve mais o grito, apenas o *plém* do ferreiro Nate. Na volta do correio, apenas aquele *som lindo e puro* e constata que, *sem dúvida ela foi-se embora, para sempre*, conclui a narradora no final do conto.

Durante essa leitura vários elementos permitem perceber que se trata de uma experiência vivida pela narradora, distante no tempo, mas próxima na memória daquele acontecimento vivido com profundidade, cujas marcas foram retomadas pela mulher aos 42 anos de idade. Em uma passagem fica explícita a relação da criança com aquela pessoa, sua mãe, uma estranha, que ao chegar com suas *coisas* modificou o comportamento dos

---

<sup>322</sup> BISHOP, Op. Cit. 1996, p. 302

moradores daquela casa. A criança as experiências dolorosas e somente quando adulta sua memória permite retomá-las. Conforme o relata no conto:

*As coisas vieram de Boston, presentes da sogra da mulher. Antes de ela chegar com minha tia mais velha, vi minha avó e minha tia mais moça desembalando as roupas dela, as coisas dela. Haviam finalmente chegado, em baús, em barris, em caixas, de Boston, onde eu e ela morávamos antes. Tantas coisas ali vieram de Boston; até eu viera de lá. Porém eu não me lembrava de ter morado em outro lugar que não aqui, com minha avó<sup>323</sup>.*

A narrativa marca o último contato da criança com sua mãe, na casa dos avós maternos. A escrita aparece como um jogo da memória da mulher, através do qual realiza um mergulho aos tempos de sua infância: volta ao ano de 1916, aos 05 anos de idade, e recupera a maneira de ver e sentir da criança. Em um novo continente, em uma nova geografia, um outro passado se estabelece.

O espaço da casa atravessa distâncias temporais e emerge como centro simbólico, como espaço existencial e sagrado, no qual se constrói uma nova memória. É também o centro da vida, o lugar do seu destino, onde se tornou possível refazer seu próprio itinerário e nele vislumbrar novos horizontes, novos olhares e um novo tecido para uma roupagem já velha e gasta pelas andanças pelo mundo, a busca de algo capaz de integrar seus pensamentos, seus sonhos e seus desejos mais secretos. Esse lugar é aquela casa, não a casa da sua infância, mas a que a conduziu àquela direção e dela retornou modificada.

Foram muitas as transformações que os anos vividos no Brasil causaram na construção poética e subjetiva de Bishop. A mulher frágil, incapaz de falar de si, que habitava o mundo das sombras, como no famoso relato platônico, vê sua imagem refletida

---

<sup>323</sup> Idem, ibidem. 1996 p. 283.

no espelho: a casa, o estúdio, a relação amorosa o que lhe permite o desabrochar de um eu mais poético, menos sofrido, mais aberto às mudanças. Como analisa Przybycien:

*Mais solto, mais complacente consigo mesmo, capaz de encarar seus abismos sem neles mergulhar. Nos poemas da memória, ela consegue a síntese, de dois mundos dialéticos que no passado a atraíam em direções diferentes: o Brasil e a Nova Inglaterra. Traduzindo um no outro, ela percorreu a trilha que gradativamente a conduziu às suas origens canadenses<sup>324</sup>.*

A escrita do conto *Na aldeia* é identificada como um primeiro passo, um instante eternizado que pela escrita no qual se vislumbra a transformação interna que se operava nela. Permite falar de si, desencadeando escritos autobiográficos que têm a função de uma verdadeira catarse pessoal: falar de si para, enfim, reencontrar-se mais livre, assumindo seu amor por uma mulher e sua capacidade de viver em um país estrangeiro, como ela, também, uma estrangeira de si, sempre em busca de sentidos outros para sua existência, até então frágil, sem atrativos, tão insignificante face à vida dos grandes poetas.

À medida que construiu um conhecimento sobre si, ela produziu escritos de memória que acompanharam um certo fazer e desfazer de si mesma, exercícios que são, ao mesmo tempo, um movimento de subjetividade e uma forma de tecnologia de si que realizou sobre seu corpo, suas dúvidas e suas certezas e que lhe permitiram alcançar uma certa felicidade:

*Um certo número de operações sobre o seu corpo e sua alma, pensamentos, condutas, ou qualquer forma de ser, movimentos subjetivos, portanto, que permitiram uma autotransformação, com a finalidade de alcançar certo estado de felicidade, sabedoria ou pureza<sup>325</sup>.*

---

<sup>324</sup> PRZYBYCIEN. Op. Cit. 1993, p. 273.

<sup>325</sup> EIZIRIK, Marisa. *Ética e Cuidado de Si: Movimentos de Subjetividade*. Educação, Subjetividade e Poder. n.04, v. 04, 1997, p. 41.

De acordo com essa perspectiva, escritores que fazem da experiência de vida a sua matéria literária refletem sobre a memória e revelam o que motiva sua escrita. Nesse sentido, a memória não se trata de um resgate do passado, mas de uma reconstrução desse passado, condicionada pelo presente no qual ela estava inserida. É uma operação seletiva, pois que é, ao mesmo tempo, uma ação de lembrar e de esquecer.

De acordo com Paul Ricoeur, o poeta, quando toma o tempo como enredo para a composição da sua obra, acaba por ficcionalizar o vivido, produzindo a *identidade-narrativa* como uma forma de identidade possível, um movimento incessante de construção e de desconstrução, de fazer e desfazer: *Ao abrir o passado através do ato de evocar lembranças, a narrativa constrói incessantemente sentidos e significados novos, alterando a compreensão do que foi vivido, do tempo presente e do futuro*<sup>326</sup>.

Este é o sentido que a cartografia de si mesma, dos seus desejos, dos seus sonhos emanam em sua construção poética e trazem de volta uma memória dos tempos de sua infância, o que provoca uma alteração imediata no tempo presente, de como se visualiza e como nele se inscreve.

As referências à geografia e à paisagem são inúmeras nas cartas, nos contos e nos poemas. Entretanto, o que importa de fato são as referências aos aspectos emocionais, aqueles que modificaram sua escrita, na prática desta como um exercício de autotransformação.

Retorno à importância que Bishop dá aos elementos da natureza na descrição de determinadas paisagens, uma característica da sua escrita muito comentada por seus críticos e tradutores, que reconheceram tratar-se de um aspecto fundamental da sua arte de narrar,

---

<sup>326</sup> RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. Tomo III. Campinas: Papirus, 1997, p. 43.

sempre permeada de minúcias que evocam imagens muitas vezes idílicas dos locais mencionados.

Para o crítico Luiz Costa Lima, nos escritos de Bishop emerge a criação de alguém cujos olhos e percepção tem antes a ver com a geografia do que com a história. É a geografia o elemento fundamental da sua narrativa, o cotidiano apreendido que testemunha seu encanto pelo país que adotou, é na *própria vida vivida e na daqueles que conheceu* que retira material para suas cartas. Bishop escreve sobre aquilo *que se move e combina na natureza, sobretudo os pássaros e as cores ou os grupos plásticos que formam, em suma, o marginal que ainda não se homogeneizou pelo espetacularizado*<sup>327</sup>.

A paisagem que se descortina diante dela é realmente das mais inusitadas para uma americana que sempre viveu em ambientes urbanos: Boston, Nova York, Paris, México, embora preferisse lugares calmos e tranqüilos, como foi sua experiência de nove anos em Key West na Flórida. A serra de Petrópolis devia possuir nos anos 1950, um aspecto próximo ao de uma floresta intocada. Isso certamente encantou a bostoniana que encontrou naquele lugar o refúgio para sua privacidade, uma relação amorosa estável, e, mais que isso, um lugar especial para escrever sua obra poética.

Como disse Virgínia Woolf, em *Um teto todo seu*<sup>328</sup>, Bishop tinha a chave da porta do seu estúdio construído especialmente para que pudesse se dedicar totalmente à sua poesia. As descrições desse lugar aliada à paisagem que se descortina ao redor dele, também podem ser inscritas como um momento em que a relação amorosa, a poesia e a geografia estão imbricadas, possibilitando-lhe visualizar uma mudança, uma superação das dificuldades, a conquista de uma maior segurança profissional e emocional.

---

<sup>327</sup> LIMA, Luiz Costa. *Bishop: a arte da perda*. Suplemento Literário: Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 03 de fevereiro de 1992.

<sup>328</sup> WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985 (1ª edição, 1928).

## **"Da Janela se descortina a Serra"**

*O estúdio está quase pronto, e estou tão emocionada que sonho com ele toda noite [...] Garanto que vou entrar nele e ficar chorando de felicidade semanas a fio, sem conseguir escrever nada.*  
*Elizabeth Bishop*<sup>329</sup>

Lota pediu para que Bishop ficasse no Brasil em 20 de dezembro de 1951, data que estava marcada no anel que ambas usavam e, nesta época, prometeu construir um estúdio. A atenção que a companheira demonstrou ao declarar seu amor e prometer-lhe certos cuidados foi um momento único para a mulher em busca de si mesma, aquele que seus amigos mais íntimos sabiam o quanto significava para ela que passara a maior parte de sua vida em busca de si, de uma casa, de uma família. O gesto de Lota foi simplesmente tudo, disse ela aos seus amigos: *Lota não apenas pediu a Elizabeth que ficasse com ela mas também disse-lhe que tomaria conta dela e construiria um estúdio perto da casa no qual ela poderia dedicar-se a sua poesia*<sup>330</sup>.

O estúdio foi construído de maneira que ela pudesse se dedicar com tranquilidade à sua poesia. Em um cômodo único no alto de uma pedra, à esquerda da casa, com uma cascata ao lado. Localizava-se em um terreno enorme e muito íngreme, pontilhado de granito, do qual se descortinava uma bela vista dos picos do outro lado do vale. No seu interior, a vista era bloqueada por uma parede, para garantir a concentração no trabalho.

A construção visava preservar o processo criativo, de forma que as visitas da casa e suas atividades ficavam distantes geograficamente, para não incomodar a concentração da

---

<sup>329</sup> BISHOP, E. Op. Cit. 1995. Carta para Pearl Kazin, 10 de dezembro de 1952, p. 258.

<sup>330</sup> Idem, ibidem, p. 13.

escritora. As descrições desse lugar, aliadas às transformações na sua escrita, parecem fundamentais, à medida que, em menos de um ano no país, ela escreve uma série de contos autobiográficos e inicia alguns poemas, como *Banho de Xampu*, considerado uma ode ao idílio amoroso, uma homenagem à amada Lota, *um dos momentos mais altos da sua arte*<sup>331</sup>.

Na produção poética realizada por ela anos 1950, Paulo Henriques Britto observa a presença constante de *uma atmosfera de ternura e proteção, que se reflete num punhado de poemas de intenso lirismo*. Nestes poemas, a geografia de Samambaia é representada como: *um éden amoroso, onde predominam imagens fortemente carregadas de uma sexualidade terna e feminina. Casa, rocha, plantas e animais se integram harmoniosamente, formando um universo completo que as nuvens isolam das agruras do mundo exterior*.

A descrição do estúdio acompanhada dessa composição do lugar como uma espécie de paraíso amoroso permite vislumbrar a felicidade que Bishop sentiu nos primeiros meses no país, pela conquista de um espaço no qual reuniu seus pertences: *Pela primeira vez em dez anos, consegui juntar todos os meus livros, papéis*<sup>332</sup>.

A fim de enfatizar a relação entre a tranqüilidade adquirida no país e a confiança no trabalho, denotada pela produção de contos e poemas, Bishop escreve ao diretor da editora Houghton Mifflin, Paul Brooks: *Nunca trabalhei tanto quanto nesses últimos seis meses, e estou com vários projetos, entre eles provavelmente um de textos sobre o Brasil*.

Retomemos a concepção de que a escrita possibilita a construção de diferentes imagens de si, ou de múltiplas formas de existência, à medida que uma carta é dirigida para um destinatário específico. O escrevente remete sua imagem ao destinatário e, assim, um

---

<sup>331</sup> BRITTO. Op. Cit. 1999, p. 15.

<sup>332</sup> BISHOP, E. Op. Cit. 1995. Carta para a doutora Baumann, 28 de dezembro de 1952, p. 259.

rostro próprio é construído para esse sujeito. Neste sentido, tento avançar nessa análise e pensar também em outros tipos de escrita, como contos e poemas, que não são elaborados para uma única pessoa, mas, contém em si mesmo, o nome, ou, se quisermos, a subjetividade de quem o escreve, a marca sutil do que escrevente.

Neste sentido, o exercício de escrever cartas é percebido como um lugar de transformação de si, pois uma pessoa, extremamente tímida, pode apresentar uma outra elaboração de si – e para si – em uma troca epistolar: por exemplo, a Bishop falante que emerge nas cartas em oposição à Bishop tímida que ela demonstrava no cotidiano.

O que se busca, ao analisar outros escritos de Elizabeth Bishop, é, sobretudo, a singularidade que se constitui nessa prática, no sentido que pretendo desconstruir a imagem da poeta frágil, indefesa e insegura e apresentar uma personagem que também pode ser vista como alguém que construiu para si uma trajetória própria, singular, criando um estilo de vida mais autônomo e feliz em relação à pessoa triste que aqui chegara em 1951.

Paulo Henrique Britto adverte que Bishop retirava da sua própria experiência individual, e, portanto, subjetiva, a matéria prima para a sua poesia e como a maioria dos artistas, ou *como todo artista maior*, ela criava obras *cujo interesse vai além do puramente autobiográfico e pessoal*.

A subjetividade, e não a sujeição, pode ser vista como uma marca da poesia norte-americana da década de 1950, apesar da crítica de alguns poetas ao uso do material subjetivo nos seus escritos, e da própria Bishop que recriminava tais situações. Entretanto, essa característica adquire um sentido maior e mais profundo nos escritos dela a partir dessa década, pois foi nesse período que ela encontrou o lar que tanto procurava, e este foi ao lado de Lota, *e com ela conheceu a paixão amorosa que se tornaria o elemento central de sua vida emocional adulta*.

Embora pertencesse a uma geração de poetas que criticava o uso de material íntimo e pessoal na construção poética, como Marianne Moore, para quem *a subjetividade é quase uma forma de vulgaridade ou mesmo de obscenidade*, a poesia de Bishop evoluiu nessa direção. Neste sentido, a casa de Samambaia e a vida com Lota foram uma espécie de encontro com o lar perdido e consigo própria:

*A casa de Lota em Samambaia representa ao mesmo tempo o reencontro do lar perdido – a Nova Escócia de seus avós maternos - e a realização da paixão amorosa, uma combinação de domesticidade e sexualidade que ela jamais tinha vivenciado. É somente no Brasil que Bishop conseguirá escrever sobre suas experiências pessoais de modo mais direto*<sup>333</sup>.

A experiência em Samambaia gerou também uma série de poemas que *figuram entre as suas melhores obras*. O exemplo maior é o poema *Banho de Xampu*, dedicado à sua amada, no qual emerge uma imagem forte, um momento de consagração do amor, de comemoração do amor maduro entre duas mulheres com os fios dos cabelos começando a mostrar os sinais do tempo, as *estrelas cadentes* nos cabelos negros de Lota, os fios brancos marcando a *brevidade e a transitoriedade do tempo*, bem como a efemeridade da própria existência. É possível perceber uma característica introspectiva, intimista, utilizada como recurso para uma permanente viagem subjetiva, pela qual se nota essa consciência da transitoriedade das coisas.

*Banho de Xampu* foi escrito entre os anos de 1952 e 1955, pois o hábito de maturar as palavras durante anos era uma característica reconhecida por todos que conheciam o processo de construção poética de Bishop. É uma comemoração ao amor, no sentido que apresenta um ritual amoroso por meio da construção de significados múltiplos para um

---

<sup>333</sup> Idem, *ibidem*. p. 361.

delicado ato que se consolida no momento em que pede para a amada para lavar-lhe os cabelos: *Vem, deixa eu lavá-lo, aqui nesta bacia amassada e brilhante como a lua*<sup>334</sup>.

O sentido de comemoração é indissociável de um movimento de restabelecimento de marcas que, através de rituais diversos, ressignifica o passado. Uma experiência que, ao ser lembrada, emana novas emoções, novos sentidos, simbolizadas por aquele ritual eternizado na escrita<sup>335</sup>:

***Banho de Xampu***

*Os líquens – silenciosas explosões  
Nas pedras – crescem e engordam,  
Concêntricas, cinzentas concussões.  
Têm um encontro marcado  
Com os halos ao redor da lua, embora  
Até o momento nada tenha mudado.  
E como o céu há de nos dar guarida  
Enquanto isso não se der,  
Você há de convir, amiga,  
Que se precipitou;  
E eis no que dá. Porque o Tempo é,  
mais que tudo, contemporizador.  
No teu cabelo brilham estrelas  
Cadentes, arredias.  
Para onde irão elas  
Tão cedo, resolutas?  
- Vem, deixa eu lavá-lo, aqui nesta bacia  
amassada e brilhante como a lua*<sup>336</sup>

Outro momento em que o ato de escrever aparece como um lugar privilegiado, onde múltiplos significados são construídos, pode ser percebido no conto *A Ratinha do Campo*, concluído provavelmente em 1961. Um conto que descreve a experiência de uma criança de seis anos, a própria Elizabeth, com os avós paternos, John Wilson Bishop e Sarah Foster,

---

<sup>334</sup> BISHOP, Elizabeth. *Banho de Xampu*. Apud. BRITTO. Op. Cit. 1999, p. 93.

<sup>335</sup> MONTENEGRO, Antonio. *A Invenção das Comemorações*. Memórias Revisitadas: o Instituto Aggeu Magalhães na vida de seus personagens. MONTENEGRO, A. & FERNANDES, Tânia (orgs.). Rio de Janeiro: Fiocruz & Recife: Instituto Aggeu Magalhães, 1997, p. 12.

<sup>336</sup> BRITTO. Op. Cit. 1999, p. 93.

mais ricos e bem sucedidos, que a levaram para viver com eles, mantendo-se lá durante nove meses, período em que desenvolveu asma, eczema entre outros problemas de fundo emocional; assim se expressa a narradora: Primeiro teve prisão de ventre; depois, eczema outra vez; por fim, asma. *Eu tinha a impressão de estar morrendo*<sup>337</sup>.

Além dos problemas de saúde, o aspecto emocional também emerge na construção do conto, como no momento em que sua amiga de infância Emma pergunta sobre seus pais e a criança responde que não se lembra do pai, que morreu quando ela era ainda um bebê e que a mãe a abandonou, que ela morreu também, ou seja, ela mentiu e, dessa maneira, parece ter compreendido o poder do sentimentalismo, pois percebeu como sua amiga ficou impressionada e penalizada, com sua triste história, e continua:

*Minha mãe não havia morrido. Estava numa clínica psiquiátrica, pois uma vez tivera um prolongado 'colapso nervoso'. Eu não sabia, e até hoje não sei, se menti por vergonha ou por um abjeto desejo de compaixão, dramatizando o que havia de melancólico e romântico na minha situação.*

Durante a viagem que levou a criança da casa dos avós maternos, na Nova Escócia, para a dos paternos, em Worcester, várias situações inusitadas ocorre no trajeto feito de trem, que enchiam de curiosidade e encantamento a criança diante das novas circunstâncias.

Um detalhe particular da conversa da avó com a neta, no momento em que elas estão a sós, diz respeito aos hábitos designados a uma menina de seis anos de idade: toda menina deveria viajar acompanhada de sua boneca. A relação entre ter uma boneca e ser uma menina bem comportada foi algo novo e muito complicado para a criança. Devemos nos lembrar que estamos diante de uma mulher de 43 anos, que volta àquele momento

---

<sup>337</sup> Idem, ibidem, p.58.

específico da sua infância para narrar um aspecto muito particular ali experimentado pela primeira vez. Vejamos o que é narrado no conto quanto a essa experiência:

*Sim eu estava começando a me divertir um pouco; pena que vovó falava daquele modo que me confundia. Era quase como se estivéssemos brincando de casinha. Ela falava em 'vovó', 'pai', 'meninhas', 'bem-comportadas' – coisas que eu jamais havia considerado em termos abstratos, e raramente na terceira pessoa. Em particular, percebi que ser uma 'meninha' era algo muito mais complicado do que eu imaginava: esse pensamento estava começando a me deprimir*<sup>338</sup>.

A atenção destacada nessa passagem está na dificuldade de se ver, perceber, sentir e saber como uma menina, algo que não estava ainda elaborado para aquela criança. Contudo, quando a avó define o que considera uma atitude típica de menina, isso assusta a pequena que não se via nesta condição até aquele momento, afinal, jamais fora necessário pensar sobre isso.

Neste sentido, penso que o fato de ter assumido no Brasil seu amor por Lota e por tudo que cercava essa relação amorosa permitiu a ela evocar esse momento difícil e confuso e admitir que ser uma menina era algo de fato muito difícil. Novamente é possível perceber que as condições específicas de sua vida lhe permitiram olhar para o seu passado com todas as dores e angústias que isto poderia provocar, mas que, ao realizar esse exercício, consegue visualizar certas alegrias fugidias e, ao mesmo tempo, assumir mesmo que, metaforicamente, seu amor por uma mulher.

A narrativa deste conto está também cercada por elementos do que Michelle Perrot refletiu a respeito das práticas da memória feminina. As mulheres, ao registrarem o seu passado, o mundo material que circundava o seu cotidiano, destacam o vestuário como um importante relicário das lembranças. Embora *a moda exerça uma certa tirania sobre o*

---

<sup>338</sup> Idem, *ibidem*, p. 41.

*corpo das mulheres*, diz ela, ainda assim as roupas educam a memória e permitem um rememorar de uma certa situação: por um vestido que se usava, pela cor do echarpe, ou até mesmo, pelo formato de um chapéu <sup>339</sup>.

As roupas são assim vistas como uma espécie de vetores da subjetividade feminina, elementos estratégicos emergem com força e sentido para a construção de uma narrativa marcada pelo detalhe nos escritos autobiográficos. A descrição do vestido e dos acessórios usados por sua avó durante a viagem de trem que conduziu a pequena Bishop, é cercada por esse apego a certas minúcias: a cor, a espessura do tecido, a expressão corporal e facial da avó, especificidades do olhar, minúcias essas que narram a representação estética de uma época: *Vovó usava um vestido de seda cinzento e um chapéu, e tinha o véu levantado. Estava muito limpa, tesa e chique. A gola do vestido era forrada de um filó branco e fino, e uma pequena rede de filó, esticada em barbatanas, cercava-lhe o pescoço* <sup>340</sup>.

Um pequeno parênteses sobre a roupa como expressão de um certo momento da trajetória de vida das pessoas, pode ser destacada no texto *Sobre a Modernidade* de Charles Baudelaire, no qual dimensiona a sua concepção da beleza e indica como esta se relaciona com a moral e a estética de uma certa época, de um certo olhar que produz o feio ou o belo. Diz ele:

*A idéia que o homem tem do belo imprime-se em todo o seu vestuário, torna sua roupa franzida ou rígida, arredonda ou alinha seu gesto e inclusive impregna sutilmente, com o passar do tempo, os traços de seu rosto. O homem acaba por se assemelhar àquilo que gostaria de ser. Essas gravuras podem ser traduzidas em belo e em feio; em feio, tornam-se caricaturas; em belo, estátuas antigas* <sup>341</sup>.

---

<sup>339</sup> PERROT, Michelle. *Práticas da Memória Feminina*. Revista Brasileira de História. São Paulo. n. 18, v. IX, 1989, p. 14.

<sup>340</sup> BISHOP, E. Op. Cit. 1996, p.41.

<sup>341</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Coleção Leitura, 1997, p. 09.

Bishop descreve uma imagem quase bela da sua avó paterna, no sentido dado por Baudelaire. Uma senhora de idade avançada, porém, elegante nos seus gestos e no vestuário, embora considerasse a família do seu pai sisuda, rígida, pessoas que não demonstravam nenhuma forma de carinho e que por isso a faziam sentir na casa com a mesma posição do cachorro *Beppo*, o *Boston Terrier* da família <sup>342</sup>. Portanto, neste ambiente, a criança se sentia extremamente infeliz, pois tinha a sensação de ter sido raptada e de estar em um lugar que não queria, embora não falasse nada em função de sua excelente educação. Em uma passagem do conto, menciona que, ao chegar na casa dos avós, foi comprar roupas mais adequadas para aquela nova morada, mas que detestou tudo que lhe foi comprado, pois tudo era marrom, sapato, vestido, casaco:

*Eu e vovó fomos levadas direto à Stern's, para comprar roupas decentes para mim. Todas as peças que compramos eram marrons: o casaco de tweed, o chapéu de pele de castor com fitas, os dois pares de botas com cadarços, as meias compridas, tudo marrom. Detestei todas elas, mas não disse nada, por uma questão de tato*<sup>343</sup>.

O fato de estar em uma casa que não conhecia, com pessoas com as quais não tinha nenhuma afinidade, afligiu a criança, pois pressentia que não se adaptaria àquele novo lar, sobretudo porque fora levada para lá, para a casa onde seu pai crescera, sem ser consultada, como os adultos costumam fazer em relação às crianças: resolvem o que eles consideram melhor para o crescimento e desenvolvimento delas. A descrição dessa nova situação evidência o quanto certas atitudes dos adultos podem não ser muito sensatas, pois, no caso de Bishop, os problemas físicos e psíquicos que ela adquiriu com essa experiência

---

<sup>342</sup> BISHOP, E. Op. Cit. 1996, p. 47.

<sup>343</sup> Os contos de Bishop foram encontrados por seu editor Robert Giroux nos arquivos dela que estão em Vassar College e publicados após sua morte em 1979.

permaneceram durante toda sua vida. Ela foi levada pelos avós paternos para ter uma vida de melhor qualidade material, afinal, eles possuíam bens, ao contrário dos avós maternos, humildes, que viviam numa aldeia de pescadores.

O conto *Ratinha do Campo* se inicia com a viagem da Nova Escócia para Boston, em um vagão de trem de primeira classe, a passagem por Boston para comprar roupas para a criança e, finalmente, a chegada à casa, um lugar lúgubre, e todos que nela moravam pareciam nervosos e instáveis. Esta casa estranha, com moradores ainda mais estranhos, amedrontava e ameaçava a criança, pois sente que foi morar com pessoas que mal conhecia. Abaixo ela descreve a intenção dos adultos ao mudá-la de casa, dizendo que eles queriam lhe dar condições melhores, fugir da vida provinciana, pobre e sem atrativos:

*Eu havia sido trazida de volta, sem ter sido consultada e contra a minha vontade, para a casa onde meu pai nascera, a fim de ser salva de uma vida de pobreza e provincianismo, pés descalços, pudins de sebo, lousas escolares anti-higiênicas, talvez até mesmo dos erros invertidos da família de minha mãe. Com esse inesperado par de avós, os quais até algumas semanas antes para mim não passavam de nomes, uma vida nova haveria de começar.[...] A casa era lúgubre, não havia como negá-lo e todos que moravam nela pareciam nervosos e instáveis. Havia alguma coisa agourenta, ameaçadora, pairando no ar<sup>344</sup>.*

A narrativa apresenta o primeiro impacto da criança de seis anos com a nova situação a que fora submetida e a sensação de que, em apenas um dia, vivera mais emoções e sensações novas que em meses ou mesmo anos de sua curta existência. No conto, ela voltou aos seis anos de idade e àquele momento: *Esse dia parecia conter meses, até mesmo anos, todo um passado desconhecido que, conforme me davam a entender, eu já deveria conhecer, e um futuro estranho, imprevisível.*

---

<sup>344</sup> Idem, ibidem. 1996, p. 43.

A casa dos avós paternos, evocada neste conto, deveria figurar como um lugar marcado pela presença de objetos relíquias, aqueles que trazem a memória dos seus moradores, daqueles que por ela passaram. Entretanto, esse era um lugar marcado por uma mistura entre um passado remoto, pois havia a criação de animais, a produção de queijo, manteiga e ricota, além de uma imensa horta e ao mesmo tempo o presente, pois a propriedade estava completamente cercada pela cidade que crescera e que incorporara aquela que tinha sido outrora uma pequena propriedade rural. O que poderia encantar uma criança, pois diferentes universos ali se mesclavam, se manifestava apenas na descrição das árvores, preservadas a todo custo como os dentes do vovô<sup>345</sup>.

O final do conto marca um encontro da mulher olhando para o seu passado, com a criança que iria completar sete anos no dia 14 de fevereiro de 1918. Uma espécie de revelação lhe ocorreu no momento em que ela está na sala de recepção do dentista, esperando sua tia Jenny, folheando uma revista datada de fevereiro de 1918. Naquele momento ela percebeu que era uma pessoa, como uma daquelas que estavam ao seu redor, ela existia e teria que suportar isso pelo resto dos seus dias. Escreve no final do conto:

*Você é você, algo me disse. Como você é estranha, de dentro olhando para fora. Você não é Beppo (o cão), nem a castanheira, nem Emma (sua amiga); você é você e vai continuar sendo você o resto da vida. Era como deslizar por uma encosta abaixo, esse pensamento, só que muito pior, e rapidamente ele se chocou contra uma árvore. Por que eu era um ser humano?*<sup>346</sup>.

A dificuldade de se perceber enquanto uma pessoa com uma história marcada por perdas, por danos irreparáveis, se manifesta na mulher diante de uma nova geografia. Volta o olhar para o passado e dele arranca novos signos que lhe permiti entender que a existência

---

<sup>345</sup> Idem, ibidem. p. 44.

<sup>346</sup> Idem, ibidem, p. 60.

é transformadora e, portanto, a memória da dor pode se modificar e até levar ao mais absoluto esquecimento. A dor desperta a memória, mas essa se transfigura com o tempo, que cruza com outras experiências e provoca um olhar mais liberto sobre si, sobre suas práticas, sobre seus próprios questionamentos.

A família do pai é algo impossível de penetrar, sóbria e sombria, distante e dissonante, já a família da mãe, carinhosa, porém sem condições materiais de educar a criança inteligente. A tia Maud, irmã da mãe leva-a para morar em Boston para tentar amenizar o sofrimento da pequena.

O desejo de ter pertencer a algum lugar se realizou na casa de Samambaia. Esse espaço se edifica na memória das pessoas que a freqüentavam como de múltiplas experiências: discussões intelectualizadas e polêmicas; convivência com culturas diferentes; os vários idiomas confundindo o seletivo grupo, como os viajantes estrangeiros; escritores, jornalistas, fotógrafos, engenheiros, arquitetos.

No entanto, a vida de Lota e Bishop se transforma quando Lota assume as obras do Parque e elas mudam para o Rio. Nas cartas de Bishop, o país idílico, palco de deslumbramento pela natureza e pelas pessoas simples e afetuosas, se transforma em um lugar de gente ignorante, sem estilo, sem classe. O que até este momento era considerado belo e tranqüilo se torna triste e sem esperança. Enquanto viveram protegidas na serra, tudo parecia conspirar a favor da relação, mas, quando ocupam o espaço público no Rio, as diferenças entre elas emergem lentamente. Bishop sente falta da calma de Petrópolis e da companheira, que está agora envolta com os problemas da construção do Parque. Aos poucos, ela assume seu desejo de abandonar essas terras, que lhe pareciam tão mágicas, mas que se tornaram agora indesejáveis, pois não consegue trabalhar, não sabe mais como se relacionar com Lota, que passou a se dedicar intensamente ao trabalho.

O processo que levou Bishop de volta aos Estados Unidos, inicialmente, para ensinar por seis meses e, depois, involuntariamente por sugestão do médico de Lota, é uma passagem da vida delas na qual me detenho no próximo item, a fim de propor novas leituras para o fim trágico da história de amor, de amizade, de cumplicidade dessas duas mulheres, ocorrida no dia 25 de setembro de 1967, quando a médica de Bishop, doutora Anny Baumann, anuncia que o coração de Lota parou de bater no entardecer da cidade de Nova York. Era um domingo.

Em contrapartida, busco refletir sobre as práticas afetivas e sexuais entre mulheres lésbicas nos anos 1950 e 1960. Pergunto: havia códigos específicos que somente elas conheciam? Quais espaços ocupavam? Qual a importância que esses espaços tiveram na construção da subjetividade dessas mulheres? É possível pensar na casa de Samambaia como um espaço lésbico, do privado, do íntimo, das amizades compartilhadas?

#### **IV. Lésbico e Artes de Viver**

##### **Invenções de Si sob o céu de Samambaia**

As mudanças estruturais ocorridas no Rio de Janeiro, nos anos 1950 e 1960, nos aspectos que envolvem a arquitetura urbana tornam a cidade mais cosmopolita. Essas transformações levaram um número maior de mulheres ao mercado de trabalho ocupando posições diferenciadas como as engenheiras, que tiveram uma função relevante nas mudanças em curso quanto ao planejamento urbano da cidade. No entanto, isso não significava que as estruturas tradicionais baseadas na família como ideal de conjugalidade tenham se modificado, pelo contrário, a mídia forjava a manutenção desse padrão, pautado em relações assimétricas e hierarquizadas quanto às relações sociais.

Apresento, em um primeiro momento, como a persistência dessas características impediu uma maior emancipação das atividades femininas. As mulheres solteiras e sem diploma universitário encontravam dificuldades de atuar profissionalmente, o que poderia torná-las economicamente dependentes reforçando a assimetria das relações.

No entanto, as protagonistas dessa história, Lota e Bishop parecem ter reinventado a si mesmas no período de sua intensa relação amorosa. Estabelecidas durante uma década na casa de Samambaia, elas criaram nesse lugar uma forma de sociabilidade diferenciada dos modelos normalmente praticados, uma espécie de família eletiva, composta por pessoas com as mesmas afinidades, que tinham em comum um intenso desejo de compartilhar suas vidas e suas práticas cotidianas, como já exposto anteriormente.

A casa torna-se um espaço privilegiado de interpretação da construção subjetiva das personagens, que extraem do convívio cotidiano com um grupo bastante eclético, novas formas de conhecimento de si, permitindo uma total transformação tanto na relação com os outros, quanto consigo mesmas. A trajetória de suas vidas, percebida a partir do momento em que iniciaram seu relacionamento amoroso, permitiu a elas resgatarem sonhos adormecidos, como a vontade de construir um lar e de ter uma família. Uma casa como lugar de tranquilidade, proteção, ninho que aquece e torna mais fácil suportar as adversidades do mundo exterior, enfim, como aconchego, muro protetor do caos ameaçador do que vem de fora.

O Rio de Janeiro dos anos 1950 é uma cidade em transformação nos mais diferentes aspectos. No urbanismo, com uma intensa concentração imobiliária em Copacabana. Nas inúmeras formas de sociabilidade, nos quais os bares, boates e restaurantes passaram a ocupar lugar privilegiado de convívio social. Espaço de troca de experiências e,

principalmente, na construção de um imaginário marcado pelo signo do excesso, da ousadia.

Havia uma constante tensão entre o que era esperado socialmente das atribuições femininas, como dedicação à família, e o comportamento das mulheres que escaparam a essas experiências conservadoras, por criarem um estilo de vida transgressor em relação a essa norma. Por um lado, incentivava-se às mulheres a se tornarem mais aptas a modernização; por outro, mantinha-se o *status quo*, ou seja, seu lugar na manutenção e preservação da organização familiar. De certa maneira, os homens cederam espaço para uma maior participação das mulheres em função das pressões realizadas pelas feministas nas primeiras décadas do século XX. No entanto, apesar da conquista do voto pelas mulheres alfabetizadas, ou seja, brancas, burguesas, ricas, a discussão sobre a domesticidade feminina não foi alterada, muito pelo contrário, foi mantida e reforçada.

Face à dificuldade em se impor socialmente, em conquistar reconhecimento profissional por suas atividades e pela limitação de um mercado de trabalho que as remunerava muito mal em relação ao trabalho masculino, muitas mulheres acreditavam que seu trabalho familiar como boa mãe, aquela que cuida bem dos filhos, lhes garantia uma maior importância na sociedade, o que a maioria delas jamais havia tido.

Houve um grande incentivo para a profissionalização e educação feminina, mas, voltada para *missão sublime* de proteger a saúde, alimentar as mentes e formar o caráter dos futuros cidadãos. Entre os juristas, além de outros profissionais, como médicos sanitaristas, autoridades policiais, engenheiros e políticos, havia uma espécie de consenso quanto à honestidade feminina, um meio eficaz de proteção da moralidade das famílias. Para tanto, era preciso afastar as chamadas *classes perigosas*, evitando que elas entrassem em contato com as *famílias honestas*. Esses princípios nortearam a construção da imagem do Rio de

Janeiro; a cidade suja, infectada, banhada por brejos e rios lamacentos, se transformou em cidade maravilhosa, após as reformas urbanas do início do século XX, continuamente realizadas até os anos 1950. Tornou-se uma cidade que exprimia a imagem da nação, à medida que se mostrava como o cartão postal do país.

A despeito das transformações urbanas e da maior presença feminina na cidade, uma mulher desacompanhada no espaço público era sinônimo de pessoa não respeitável, sobretudo para os juristas que julgavam casos de violência sexual. Ir a bailes, ao cinema e a festas de carnaval desacompanhada não era considerado digno de uma moça de família, o que apontava uma liberdade excessiva, justificativa para aqueles doutores do direito do homem exercer seu desejo sexual sobre elas.

Não havia um lugar favorável para as mulheres solteiras no mundo público, praticamente vetado àquelas que procuravam manter uma conduta de pessoa de família respeitável, sobretudo as da elite. O que significava não circular sozinha nos meios urbanos, as que o fizeram foram identificadas como não respeitáveis e masculinizadas. As que conquistaram uma carreira profissional – mesmo em atividades que se ajustavam aos estereótipos femininos – sofriam de um sentimento de isolamento e de desrespeito social.

A despeito das mudanças em curso, manteve-se a prática de uma sociabilidade do espaço privado para os membros da elite, como havia sido durante o século anterior, com a privatização da família, tornando a casa o refúgio contra a pressão exercida pelo espaço público.

As protagonistas deste trabalho Lota e Bishop não freqüentaram as noites cariocas, os bares, boates e restaurantes. Mantiveram-se na casa de Samambaia e nela criaram uma sociabilidade que se confunde com a construção de um tipo de família eletiva, composta por pessoas amigas escolhidas para acompanhá-las ao longo da sua existência. Elas

consolidaram ali um pequeno núcleo social, no qual é possível ver-se anunciar modos específicos de viver e agir.

A sociabilidade anônima da cidade cosmopolita, apontada como um ambiente de estranhos, foi substituída por elas pelo convívio na casa, pelo aconchego do pequeno grupo formado por pessoas íntimas, que garantiram uma existência mais segura, sem os medos do espaço público burguês marcado por um olhar preconceituoso. Afinal, trata-se de duas mulheres vivendo uma relação amorosa, o que seguramente seria considerado uma ofensa aos costumes sociais em vigor. A convivialidade que as duas estabeleceram com as amigas e amigos foi a do privado, separado do público que o absorve ou reduz sua extensão. Consta que a relação amorosa de Lota e Bishop não era discutida entre os amigos que freqüentavam a casa, não se falava abertamente sobre o fato de elas viverem juntas, como observa Elizabeth Leão. Ela costumava ir às reuniões que lá aconteciam, em geral, uma vez por mês. Diz ela:

*É claro que todos sabiam do amor delas, nem precisa falar sobre o assunto, elas se olhavam de um jeito que não dava para não perceber. Eu não sei se era porque a família do Tídice (Aristides Leão) era muito reservada, ou se isso não tinha importância, porque eles gostavam muito da Lota, mas a verdade é que não se tocava no assunto*<sup>347</sup>.

A casa tornou-se uma referência para um grupo seleta, um lugar de troca de idéias entre pessoas intelectualizadas, de convivência entre artistas e escritores estrangeiros em visita ao país, como também pela presença de desconhecidos que lá aportavam para conhecer o premiado projeto arquitetônico. Em 1954, o arquiteto Sérgio Bernardes ganhara o prêmio pelo projeto, o que levou alguns jornalistas a subirem a serra para fotografar a

---

<sup>347</sup> Entrevista. Elizabeth Leão, viúva de Aristides Leão, irmão de Magu e Rosinha Leão, amigas íntimas de Lota e Bishop (Junho de 2004).

casa. Bishop refere-se a esse momento em uma carta, lembrando que as melhores soluções arquitetônicas tinham sido propostas por Lota, por isso, ela estava orgulhosa pela notoriedade momentânea:

*A Lota anda muito animada. A casa dela ganhou o primeiro lugar num concurso para arquitetos com menos de quarenta anos, ou coisa parecida. Gropius foi um dos juízes, e é claro que a Lota está orgulhosíssima porque ela sabe, e eu sei, e mais alguns amigos, que todas as idéias boas foram dela e não do arquiteto, por mais simpático que ele seja. [...] O fotógrafo fechou-se na sala e pôs todas as cadeiras na diagonal e botou as almofadas do sofá todas enviesadas. Fora isso, porém, as fotos estão ótimas<sup>348</sup>.*

Percebe-se que a sociabilidade da casa extrapolava a esfera do privado, pois ela se tornava um espaço quase público. Pode também ser vista como lugar de encontro sem o olhar de censura da sociedade tradicional. Afinal, nela viviam duas mulheres que compartilhavam com os amigos suas afinidades e afetividade. Um tipo de abrigo especial para duas mulheres elitizadas, que nela puderam permanecer por dez anos. Uma opção delas pouco provável para pessoas de uma classe social menos favorecida, pela necessidade óbvia de trabalhar fora e ter um salário para poder sobreviver.

Lota herdara propriedades da sua família, um patrimônio que lhe permitia viver sem trabalhar, ou seja, sem uma atividade remunerada. Bishop ganhara vários prêmios por seus poemas, contos, artigos e resenhas, o que permitia a elas uma vida de conforto. No entanto, Lota trabalhara arduamente na supervisão das obras da casa, entre os anos de 1951 e 1957, período em que elas pouco se ausentaram da serra, a não ser em viagens curtas a Ouro Preto, cidade histórica de Minas Gerais.

Apesar de pouco se ausentarem de Samambaia, um programa que elas parecem efetivamente ter realizado foi comparecer a Bienal de Artes de São Paulo. No ano de 1959,

---

<sup>348</sup> BISHOP, Elizabeth. Op. Cit. Carta para Ilse e Kit Barker, 05 de fevereiro de 1954, p. 304.

foram convidadas para a abertura. Aproveitaram a cidade por cinco dias, *pudemos relaxar à vontade e nos divertir à grande*<sup>349</sup>, escreve Bishop.

Entretanto, fora essas saídas, pouco se sabe sobre o contato delas com os ambientes públicos do Rio. Certamente elas participaram de muitos encontros artísticos e literários na cidade, pois Lota conhecia praticamente toda a intelectualidade carioca. O casal Lúcia Miguel Pereira, crítica literária, e Otávio Tarquínio de Souza, historiador, foram amigos íntimos e vizinhos delas, em Petrópolis. Nos anos 1950, eles costumavam acolher, em seu apartamento em Laranjeiras no Rio, as mais variadas correntes da inteligência brasileira. Provavelmente elas estiveram presentes nesses encontros.

Como assinala Alcir Lenharo, em seu trabalho sobre as cantoras e os cantores do rádio: *quase tudo se perdeu da memória dos bons tempos da década de 1950*<sup>350</sup>. Portanto, reconstruir essa época e seus espaços requer muito de suposições, sobretudo, ao tratar das relações homoeróticas femininas, que são ainda mais invisíveis. Embora tenha recorrido aos jornais, sobretudo às colunas sociais, nas quais pensava encontrar referências a respeito de mulheres solteiras, os artigos de Pomona Politis e de Jacintho de Thormes<sup>351</sup> evidenciam as mulheres casadas e os encontros sociais nos clubes e espaços públicos. Não se mencionam mulheres solteiras, a não ser as que transgrediram, como na década de 1960 a atriz Leila Diniz, que aparece freqüentemente simbolizando a emancipação e ousadia feminina. Nas revistas femininas, evidenciam-se os concursos de beleza, a moda, os cuidados com o corpo e a educação dos filhos.

---

<sup>349</sup> Idem, ibidem. Carta para Isabella Gardner, de Nova York, 1º de maior de 1957, p. 357.

<sup>350</sup> LENHARO, Alcir. Cantores do Rádio. A trajetória de Nora Ney e João Goulart e o meio artístico do seu tempo. Campinas: Editora da Unicamp, 1995, p. 17.

<sup>351</sup> Jornais Última Hora, Rio. Arquivo do Estado de São Paulo (AESP).

Recorri a entrevistas a fim de compor um cenário mais enriquecido para o período. O grupo compunha-se de advogadas, funcionárias públicas, enfermeiras e professoras, em uma faixa etária entre quarenta e oito e oitenta e cinco anos. Houve inicialmente um receio em falar, quiseram saber exatamente quais eram os meus objetivos e mesmo explicitando-os, várias ficaram caladas, consentiam com o olhar e os gestos. Afirmaram que havia muita sutileza nos seus encontros e que tudo era *muito camuflado*, por causa da intensa repressão. As que pertenciam às camadas mais altas da sociedade não freqüentavam os espaços públicos, não queriam ser vistas ou reconhecidas. Disseram que havia uma constante busca por espaços alternativos, privados: encontravam-se em casas de campo em algumas cidades próxima do Rio, como Petrópolis e Teresópolis<sup>352</sup>.

Através da análise sobre as múltiplas formas de sociabilidade praticadas na casa, busco perceber a constituição de um estilo de vida bem diferenciado, livre, feminino, diferente da maioria das mulheres heterossexuais de sua época e classe. Penso que o espaço da casa, do mundo privado, pode ser visto como um espaço lesbiano, pois pode-se considerar que as lesbianas apropriam-se e intensificam a vida particular para poder ter invisibilidade e viver sua relação amorosa. Certamente não se pode generalizar, mas, entre os setores mais privilegiados, essa é uma prática recorrente. Não se expor publicamente, manter-se afastada do convívio público para assim se preservar e viver seu homoerotismo distante do olhar social conservador e preconceituoso.

Quando Bishop chegou ao Rio, em novembro de 1951, Lota estava imersa nas obras da casa de Samambaia e queria uma companhia para viver com ela. Assim que se viu apaixonada por Bishop, convidou-a para viverem juntas. Prometeu-lhe construir um estúdio

---

<sup>352</sup> Entrevistas Rio, dezembro de 2003 e junho de 2004.

para que se dedicasse à sua poesia e, mais do que isso pensaram que poderiam fazer daquele lugar um lar, algo que ambas sonhavam.

Lota já vivia sozinha desde a separação dos pais na década de 1940, o que não era um hábito difundido socialmente, mesmo entre mulheres da elite. Mulheres lesbianas ou heterossexuais que viveram nesse período admitem que havia muita imposição familiar para que se mantivessem com a família. O final do casamento dos pais deixou Lota fragilizada, pois tinha grande paixão pelo pai, um sentimento ambíguo, pois não convivia com ele e se ressentia com os comentários maldosos feitos pela imprensa carioca sobre ele. Desde que saíra da casa da sua mãe, parecia haver nela um desejo incessante em ter uma casa que fosse um lar e foi com essa intenção que possivelmente convidou Bishop a permanecer no Brasil.

Bishop, por sua vez, almejava *ter um lar de verdade* durante toda sua vida, o que pode ser percebido por suas constantes mudanças de endereço, pelas ininterruptas viagens em busca de si mesma, de um lugar que sentisse lhe pertencer. Esse era o seu desejo e daí a decisão de permanecer no país ao lado de Lota; por isso, ela *manda buscar sua biblioteca, ou o que restava dela depois de zanzar de um lado para outro por dez anos*<sup>353</sup>.

Quando estavam entre amigos, comunicavam-se pelo olhar, uma espécie de silêncio compartilhado. Isso não quer dizer que não conversavam, pelo contrário, foi através dessa relação que Bishop começou a relatar a sua história pessoal e a escrever sobre ela. Gostavam de passar longas horas lendo nas noites chuvosas da serra. Havia entre elas uma sintonia no trato com os funcionários, na opção por uma vida reclusa, que foram fatores

---

<sup>353</sup> BISHOP. Op. Cit. Carta para Kil e Ilse Barker, 13 de julho de 1953, p. 282.

intensificadores dessa relação. Elizabeth Leão, que conviveu com elas na casa de Samambaia, comenta a maneira como Lota envolvia Bishop. Diz ela:

*Lota envolvia Bishop completamente, como estava sempre de braços abertos para ajudar todos à sua volta, usou esses braços para envolver a americana tímida, que a ela se entregou e dela ficou dependente. Elas não precisavam falar, para uma saber o que a outra pensava, bastava um olhar e a comunicação acontecia.*

Nos primeiros anos, Lota trabalhava com entusiasmo nas obras da casa. Bishop entregava-se inicialmente à observação da natureza idílica, tão presente em seus primeiros poemas escritos naquele lugar. A energia que Lota despendia naquele trabalho é um assunto constantemente retomado por Bishop em suas cartas. Destaco as diferentes atividades que ambas exerciam: Lota com a inspeção cotidiana do projeto em execução e Bishop por meio do hábito rotineiro da escrita, uma forma de estar no mundo e de enfatizar às pessoas próximas o quanto gostava de viver no Brasil.

Em várias ocasiões, Bishop comenta sobre sua felicidade: *estou gostando cada vez mais de morar aqui* e do trabalho incessante da companheira: *a Lota anda ocupadíssima com as obras – a 'ala leste' está ficando pronta.*

A constante atenção à natureza é um elemento fundamental nos escritos de Bishop. Suas cartas apresentam detalhes do crescimento vegetal, flores, árvores, pequenos arbustos, dos insetos que transitam pela construção, da parede emoldurada por mariposas; da profusão de beija-flores gigantes e de borboletas azuis no verão, enfim, espetáculos cotidianos que aparecem em várias cartas. A observação atenta à natureza levou-a à pintura, algo que praticava tão intensamente quanto a escrita. No entanto, seus críticos não mencionam esse interesse tão sutil e tão intensamente praticado no Brasil. Antônio Palma, antigo funcionário de Samambaia, relembra de Bishop diante do cavalete:

*Dona Elizabeth ficava aqui mesmo nesse escritório, desenhando o tempo todo. Ela gostava de desenhar. Às vezes ela botava aquela prancheta aqui fora e ficava pintando a paisagem. Inclusive (sic) ela escrevia muito também, com a máquina*<sup>354</sup>.

Regina Przybycien destaca como a natureza é um elemento recorrente em seus escritos. No poema *Canção do tempo das chuvas*, a água das chuvas constantes do verão de Petrópolis, da cachoeira que corre paralela ao seu estúdio, das brumas que invadem os aposentos e do orvalho sobre as flores nas manhãs frias envolve a casa numa aura de proteção e aconchego. Uma sensação de conforto que promovem sentimentos de leveza, de entrega ao desconhecido. Assim ela percebe a relação entre a casa e a construção poética de Bishop. Diz ela:

*A umidade que envolve tudo como uma estufa (ou um útero se nos dermos as interpretações psicológicas) convida a uma languidez dos sentidos, a um abandonar-se ao acaso da hora, a gozar as sensações que a vida oferece. As samambaias gigantes, os gordos sapos no cio, corujas, camundongos, mariposas, traças, fungo, todos habitam a grande casa aberta, tocada pelo bafo quente dos trópicos. Essas manifestações de vida, normalmente revestidas de conotações negativas, de sujeira ou deterioração, adquirem outra feição no poema: integram a atmosfera acolhedora do lugar. As nuvens e a neblina envolvem a habitação como uma película, protegendo-a da aridez do mundo e escondendo a sensualidade que abriga*<sup>355</sup>.

A casa fica no alto de uma colina, na rua Djanira 322, em homenagem à pintora, que também morou na mesma rua, afirma Marilene Felinto em texto que analisa as cartas de Bishop<sup>356</sup>. Lugar que legitima uma existência à margem do mundo que a circunda, onde as personagens praticam uma sociabilidade entre poucos. A casa é também um lugar de lembrança, que funda e integra os pensamentos e os sonhos daqueles que compartilharam

---

<sup>354</sup> FELINTO, Marilene. *Mapa de um amor brasileiro*. In Folha de São Paulo, 24 de setembro de 1995.

<sup>355</sup> PRZYBYCIEN, Regina. Op. Cit. p. 129.

<sup>356</sup> FELINTO, Marilene. Op. Cit.

experiências inusitadas, discussões acaloradas, momentos eternizados; ela é o centro daquelas vidas e também o destino. Domínio privado por excelência, a casa é também o fundamento material da família e o pilar da ordem social. Os artistas procuraram criar a imagem de uma casa total, centro de sociabilidade da elite e espaço de criação, que foi remodelada em casa moderna, modelo próprio das intimidades burguesas. Um cenário da vida privada e das aprendizagens mais pessoais, tópico das recordações da infância, a casa é o lugar de uma memória fundamental que nosso imaginário habita para sempre<sup>357</sup>. Um espaço no qual fixam o desejo de estruturar uma vida simples, porém requintada, entre pessoas humildes do convívio diário: pedreiros, jardineiros, os prestadores de serviço ligados a elas, que guardaram os segredos da vida íntima, que souberam do inconfessável, do que na vida ultrapassa o previsto pela regras sociais, foram assim observadores privilegiados daquele cotidiano<sup>358</sup>.

Além das pessoas mais sofisticadas da elite carioca, a casa recebia outras visitas, em geral, muito ecléticas. Desde pessoas interessadas apenas em conhecer o projeto arquitetônico, intelectuais estrangeiros em visita ao país, ou simplesmente um grupo de meninos de uma escola inglesa de Petrópolis. Bishop se encanta com *os doze menininhos que aparecem de repente*, vindos direto da escola<sup>359</sup>.

Um amigo de Lota se hospedou por alguns dias na casa em 1953. Bishop comenta que ele *passava o dia todo lendo* e, à noite, ele e Lota discutiam por causa de religião. Outra visita que mereceu destaque foi uma fervorosa defensora do casamento. Como elas eram a favor do divórcio, um tema polêmico na época, Bishop de repente se viu no meio da

---

<sup>357</sup> PERROT, M. *Maneiras de Morar*. In DUBY, Georges & PERROT, M. (orgs). Op. Cit. 1993.

<sup>358</sup> AZEVEDO, Maria Inês Castro. *Laço de Intimidade. Códigos do Afeto em romances do século XIX*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PUC, 1997.

<sup>359</sup> BISHOP. Op. Cit. Carta para Kit e Ilse Barker, Sexta-feira Santa, 1953, p. 267.

conversa com a mulher *gritando num inglês que foi deteriorando cada vez mais, até que no fim ela guinchava: 'Anulamentação! Minha cara, eu sei tudo sobre Anulamentação! Anulamento! – Vocês protestadores não entendem nada de anulamento!*<sup>360</sup>.

Lota e Bishop foram contrárias à construção de Brasília, a nova capital do país, que segundo a norte-americana fica *nos confins do interior*, em um lugar *onde antes não havia nem mesmo uma estrada*. Por sua vez, no Rio, a capital do país, faltava água encanada, gás, luz elétrica e asfalto na maior parte da cidade. Porém, Bishop tinha curiosidade de conhecer o projeto, concretizado em agosto de 1958 quando o escritor Aldous Huxley veio ao Brasil conhecer as obras da nova capital brasileira ela o acompanhou na viagem<sup>361</sup>.

A diversidade das visitas e o envolvimento delas com essas pessoas evidenciam a sociabilidade eclética e diferenciada do seu convívio. Esses encontros não foram apenas um momento diferenciado nas suas vidas, mas um marco para a lembrança daqueles que dele compartilhavam, um ritual desenvolvido por elas, uma maneira de se apropriarem dos espaços cotidianos e nele criarem um estilo de vida alternativo.

Entendo que houve nessa organização da vida delas uma relação diferenciada consigo mesmas e com os outros, uma maneira mais livre de construir suas práticas cotidianas, rompendo com as convenções sociais. Um exercício que permitiu a elas uma (re)invenção de si, um movimento de produção de subjetividade que atua na transformação dos discursos de verdade em práticas de existência, no governo de si por si. Permitindo, assim, o investimento em novas formas de sociabilidade e na criação de um estilo de vida singular.

---

<sup>360</sup> Idem, *ibidem*. Carta para Kit e Ilse Barker, 05 de setembro de 1953, p. 291.

<sup>361</sup> CALLADO, Antonio. *Viagem a Brasília e à Amazônia*. In *Correio da Manhã*, 28 de agosto de 1958. In AEL- Unicamp.

A construção de práticas cotidianas pautadas por uma intimidade era parecida com o que desejariam ter em uma família eletiva. São raras as situações em que os indivíduos se sentem livres, que podem experimentar-se, modificar-se, já que ocorre frequentemente serem capturados e despotencializados pelas malhas discursivas da instituição familiar tradicional. Essa instituição exige lugares específicos para os seus membros, como casar e ter filhos, sobretudo, nos anos 1950, uma condição pela qual as mulheres que amaram mulheres foram constantemente cobradas, pois seu comportamento escapava ao que a família almejava para elas.

Intento desestabilizar essas construções discursivas dirigidas ao corpo, aos gestos, às relações homoeróticas femininas, estabelecidas pelos discursos normativos. Apresento sutis rupturas aparentes na moda, na estética, nas performances femininas e lesbianas, o que provocou, em certo sentido, também um embaralhamento na construção das identidades sexuadas. Busco mostrar a relação entre a performance corporal que as mulheres lesbianas inventaram para si mesmas, primeiro como uma forma de enfrentar a misoginia reinante e, em um segundo momento, como uma escolha deliberada, a partir das roupas que usavam, como signo de libertação (ou não).

Neste sentido, volto à moda da década de 1920, atentando para o fato de que foi nesse período que surgiu uma moda mais andrógina, mais eclética, onde os signos relacionados às identidades sexuais se misturaram<sup>362</sup>. Surge um guarda roupa referendado na moda masculina, mas dirigido para as mulheres, inclusive no Brasil: calças, ternos, gravatas, saias sim, porém, alguns centímetros mais curtas, roupas esportivas e os acessórios, com ênfase para o monóculo pouco usado no Brasil, e o cigarro, que se tornou símbolo de emancipação para algumas mulheres. Nas revistas femininas de grande

---

<sup>362</sup> BARD, Christine. *Les Garçonnes. Modes et fantasmés des Années folles*. Paris: Flammarion, 1998.

circulação na década de 1920, no Brasil, sobretudo no eixo Rio e São Paulo, cidades mais cosmopolitas, nota-se que as roupas ficaram mais leves e confortáveis, dando mais liberdade de locomoção e de movimento, bem como, desafiavam a imagem tradicional relacionada ao recato. As cores usadas no vestuário eram também novas e berrantes: vermelhas, roxas e verdes. Desaparece o espartilho e sutiãs e calcinhas mais práticas surgem no seu lugar. A maquiagem torna-se acessório fundamental: cílios, sobrancelhas, lábios, tudo bem delineado, assim como as unhas esmaltadas, de preferência com uma cor que combinasse com a roupa<sup>363</sup>. O cabelo é drasticamente cortado na altura da nuca, à exemplo da *garçonne* francesa, tornada ícone e que, no Brasil, será copiada nas páginas das revistas femininas. Esta mudança foi vivida como uma experiência drástica sentida como ameaça à ordem constituída, pois foram vistas como sinal de rebeldia e imoralidade.

---

<sup>363</sup> Ver a respeito: Revista Feminina, 22 de dezembro de 1925. AEL- Unicamp.

## Vidas esculpidas a cinzel

*Recentemente se mostrou que a docilização de um corpo pode recorrer a tecnologias mais suaves, dispensando até mesmo a violência direta, física... Novas maneiras de moldar o corpo, modelá-lo, marcá-lo, excitá-lo, erotizá-lo, obrigá-lo a emitir signos.*

*Peter Pál Pelbart*<sup>364</sup>

Os signos correspondentes às práticas homoeróticas femininas foram historicamente marcados pela norma heterossexual, ou seja, duas mulheres juntas eram identificadas uma como masculina e outra como feminina. Um fenômeno relativamente recente na história humana e que se tornou o significante universal, determinando o verdadeiro masculino, o verdadeiro feminino<sup>365</sup>. Na história dessas práticas, esses signos serviram para marcar o corpo dessas mulheres a partir desses significados, cristalizando uma imagem pela qual se pressupõe a existência da *verdadeira lesbiana*, ou a *lesbiana clássica*.

Embora não se possa generalizar, foi possível perceber que as relações homoeróticas femininas foram construídas a partir de um assujeitamento à norma heterossexual, ou seja, conservadoras, pela qual duas mulheres juntas, ou um *casal*, foram historicamente designados em termos binários: a *butch*, *sapatão*, *masculina*, e a *femme*, *lady*, *feminina*. Esse modelo ou figuração incorporou-se aos relacionamentos entre mulheres, sobretudo às pertencentes aos setores sociais menos privilegiados, intelectual e socialmente. Diferente das que pertenciam aos setores mais elitistas da sociedade, tanto no Rio, no que se refere às fontes consultadas, quanto em algumas regiões dos Estados Unidos, como sugerem os trabalhos de Lillian Faderman e Carroll Smith-Rosenberg.

---

<sup>364</sup> PELBART, Peter Pál. O tempo não reconciliado. São Paulo: Perspectiva, 1998.

<sup>365</sup> SWAIN, T. Op. Cit. 2000 a, p. 17.

Talvez fosse bom lembrar que os sujeitos são constituídos e ao mesmo tempo assujeitados através de um discurso que, ao instituir um padrão, produz seres sexuados. A construção de signos que representam ou servem de matriz de inteligibilidade para o (re) conhecimento desses seres, acaba por aprisioná-los em formas de representação de si informadas pela normatividade regulatória das relações heterossexuais. Neste sentido, se os signos são construídos a partir de representações alicerçadas nessa norma, construir subjetivamente uma estética corporal, através das roupas e seus acessórios, para além dessa representação, é uma tarefa difícil, pois, ou se está de um lado, ou de outro.

A composição estética diz respeito à performance de gênero que duas mulheres podem exercer no seu relacionamento. De acordo com os sexologistas, entre duas lesbianas uma exerce a função ativa, masculina, e a outra a função passiva, feminina. Uma formação discursiva que informou as relações homoeróticas femininas, pela qual uma se constitui como a masculina e a outra a feminina, o casal lésbico em termos binários, a *butch*, *sapatão*, *masculina* e a *femme*, supostamente sua mulher <sup>366</sup>.

A vestimenta de uma pessoa não corresponde necessariamente ao lugar ocupado por ela na relação sexual. Uma mulher que usa roupas masculinas pode ser a mais delicada e frágil da relação, enquanto a que usa vestidos e sandálias pode ser a mais dominadora.

O que quero dizer é que existe, nos poucos estudos sobre as práticas homoeróticas femininas quase um consenso de que as roupas não correspondem especificamente às funções que elas exercem na relação sexual. No senso comum, uma *lésbica clássica* é aquela que tem uma performance masculinizada porque historicamente essa imagem se solidificou. O que poderia significar que ela é a provedora financeira da casa e a que toma a

---

<sup>366</sup> SWAIN, T. Op. Cit. 2000 a, p. 40.

iniciativa no ato sexual. Neste sentido, Lota seria a masculina e Bishop a feminina, de acordo com os depoimentos até aqui apresentados sobre elas. Penso que desnaturalizar essas divisões binárias e essas categorias que dividem os seres humanos, de acordo com suas práticas sexuais entre outras categorias, é o primeiro passo para compreender como as relações afetivas e sexuais entre mulheres foram instituídas social e culturalmente.

Os signos identitários foram manipulados pelas próprias mulheres que ousaram amar mulheres na construção da sua performance. Ao elaborar marcas exteriores sobre o seu corpo, a partir de significantes masculinos, pretenderam, por um lado, proteger-se do olhar desejanter dos homens e, por outro, recusar as definições normativas do feminino impostas socialmente. Portanto, aquelas que apresentassem uma aparência excessivamente feminina seriam vistas com desconfiança, como estando disponíveis aos homens, uma indefinição que poderia provocar desprezo.

A compreensão dos significados atribuídos aos corpos como algo exterior, mas do qual o próprio indivíduo participa da sua construção é marcado por uma infinidade de códigos, de adornos, de gestos e de comportamentos que permitem sua leitura somente no contexto de uma dada cultura, em um tempo e lugar determinado. Neste sentido, as denominações instituídas historicamente para se referir às relações homoeróticas femininas: ativa/passiva; sapatão/sapatilha são percebidas como marcas simbólicas infligidas por elas, ou pelo grupo social nos quais estavam inseridas que não se constituíram com neutralidade, pois produziram efeitos.

Na composição de uma história das práticas homoeróticas femininas, existe, por um lado, a incorporação do binário como elemento fundante da relação, sobretudo entre as mulheres de menor poder aquisitivo, o casal lesbiano clássico, a masculina ou sapatão e a feminina ou lady; por outro lado, entre as mulheres das camadas média e alta, essas

atribuições parecem não referendar suas relações, pois são códigos mais fluidos e negociáveis.

Um breve percurso pelas transformações produzidas pelas novas vestimentas adotadas pelas mulheres no começo do século XX, possibilita perceber uma ruptura estética e também a expressão dos anseios das mulheres pela emancipação feminina. Na busca dessa conquista, o próprio corpo foi acionado como instrumento, seja pela liberdade de movimento ou pela participação em novas atividades profissionais.

A moda esportiva, surgida na década de 1920, e os ternos e gravatas moldados para a silhueta feminina foram popularizados pelas atrizes de cinema Marlene Dietrich e Greta Garbo. Tornaram-se referências dessa nova imagem que aliava elegância, conforto e sofisticação em detrimento dos espartilhos e vestidos longos que dificultavam a liberdade de movimentos e de locomoção.

A moda popularizada pela *garçonne* francesa na década de 1920 encontrou adeptas e provocou uma enorme mudança na aparência feminina, mesmo no Brasil, exemplificada por Maria de Bragança e Mello, que freqüentava a roda de intelectuais da Confeitaria Colombo neste período, fumava, bebia, usava calças compridas e participava ativamente das discussões entre escritores e jornalistas<sup>367</sup>. Algumas mais ousadas livraram-se dos cabelos longos e adotavam calças compridas, apesar da má reputação inicial, que se tornou um símbolo de emancipação. Uma transformação que foi também uma revelação, pois, ao cortá-los, indicavam para suas famílias e para a sociedade seu desejo de mudança, de conquista por um novo espaço social. Houve com isso um embaralhamento dos sinais evidentes das identidades sexuais, sobretudo por confundir a imagem culturalmente

---

<sup>367</sup> VELLOSO, M. Op. Cit. 1996.

construída das diferenças sexuais a partir do vestuário, que assegurava o lugar de cada sexo nas manifestações da vida social.

O uso de trajes masculinos foi também um recurso acionado por muitas escritoras para serem aceitas profissionalmente, como George Sand, (pseudônimo de Aurore Dupin). Sand abandonou o casamento e foi viver sozinha em Paris, vestida com roupas masculinas, fumando charutos e proclamando a igualdade dos sexos. Contudo, em seus escritos, romances e cartas ela não propõe uma crítica à dominação masculina, pois nas cartas, escritas para sua filha Solange incita a preservação da feminilidade. A pintora Rosa Bonheur usava roupas masculinas porque queria ter maior liberdade de movimento, teve que solicitar uma autorização especial, pois era proibido, na França do final do século XIX, o traje masculino para mulheres. Nos salões destinados às discussões entre intelectuais, organizados pela norte-americana Nathalie Clifford-Barney e a escritora Gertrude Stein em Paris no início do século XX, várias mulheres usavam roupas masculinas. Nestes encontros compareciam artistas e escritoras estrangeiras que viviam na cidade, como também alguns escritores famosos. Gertrude Stein usava terno, gravata, fumava charuto, e tinha ao seu lado a dedicada Alice Toklas, sua companheira por mais de 40 anos. A escritora francesa Renée Vivien, amante de Barney, todas com roupas masculinas compunham a imagem da invertida, ou seja, uma masculina e a outra feminina, a divisão binária do casal lésbiano.

A sociabilidade praticada pelas mulheres lésbianas nos salões parisienses foram importantes locais de ruptura com a ordem estabelecida, além de serem pontos de encontro de intelectuais. No Rio da década de 1920, Laurinda Santos Lobo reunia escritores e artistas famosos na sua casa em Santa Teresa.

A importância de se destacar as mulheres lésbianas que usavam roupas masculinas visa mostrar que elas criaram também um estilo de vida diferenciado, publicizaram suas

experiências em um período conservador e se tornaram referências para outras mulheres em outros países.

Nos anos 1950 no Brasil, a escritora Cassandra Rios, pseudônimo de Odette Rios, escreveu os primeiros romances homoeróticos femininos<sup>368</sup>. Embora não usasse roupas masculinas nessa época em virtude da excessiva repressão, algumas décadas depois ela deu uma entrevista vestida de terno e gravata. Ao chegar para a entrevista brincou dizendo: *Eu vim assim para mostrar que o hábito não faz o monge*<sup>369</sup>.

No início do século XX, havia poucas condições de possibilidades históricas para uma construção subjetiva transgressora que não estivesse informada pela norma heterossexual. Como aponta Gayle Rubin<sup>370</sup>, o caráter social de toda atividade humana, incluindo a sexualidade e suas formas de manifestação, encontrava-se aprisionado ao sistema sexo/gênero, sobretudo em tempos de intensa repressão social. Entretanto, por mais que possam ser questionadas essas representações, elas abriram espaço para uma nova construção subjetiva, pela criação de um outro modo de se relacionar com o seu corpo e consigo mesmas, ou pela resignificação do feminino imposto.

A adoção de signos estéticos masculinos foram acionados por não haver outras referências a não ser o próprio corpo, o que também permitiu a ocupação do espaço público. Neste sentido, a desnaturalização dos papéis sexuais passava pela relação com seu corpo, por seus atributos, por sua aparência, pela maneira com se relacionavam com ele e pela criação de novos significados.

---

<sup>368</sup> No jornal feminista *Mulherio*, há duas entrevistas com a escritora. TREVISAN, J. S. et alli. *Mulherio* Ano 1, n. 5, outubro 1978; MORAES, Eliane R. e LAPEIZ, Sandra. *Cassandra Rios, popular e maldita*. In *Mulherio* Ano III, n. 14, julho/agosto de 1983. AEL- Unicamp.

<sup>369</sup> *Jornal Lâmpião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 29, maio 1980. AEL- Unicamp.

<sup>370</sup> RUBIN, Gayle. *The traffic in Women: Notes on the 'political Economy of Sex'*. In REITER, Rayna, R. *Toward and Anthropology of Women*, New York and London, Monthly Review Press. Trabalho clássico citado em várias fontes consultadas.

Na reflexão sobre as expressões clássicas, *butch/fanchona/sapatão e femme/lady/sapatilha*, termos binários, instituídos histórica e socialmente para as relações homoeróticas femininas, objetivo perceber como esses esquemas de percepção foram construídos e tentar desestabilizá-los, já que eles serviram na elaboração da performance social e sexual dessas mulheres, à medida que se identificavam como *sapatão* ou como *sapatilha*, ou tentaram romper com ela, não parecendo nem uma coisa, nem outra.

A expressão *butch* foi utilizada pelas americanas na década de 1950, para as mulheres performativamente masculinizadas, logo que almejavam uma *femme* como companheira. Entretanto, esses códigos são fluídos, pois são performativos, o que significa que podem se modificar de acordo com as circunstâncias e os interesses envolvidos em uma relação. O termo *fanchona* é o mais popular nesta década no Brasil, sendo substituído posteriormente por *sapatão*, a mesma correspondência para a performance feminina, *lady* ou *sapatilha*.

Acredito ser fundamental a compreensão da performance corporal pautada no modelo *butch/femme*, no sentido de desnaturalizar essa construção pautada na divisão binária dos gêneros. Com isso, seria possível refletir sobre outras formas de configurações de gênero, tantas quantas forem possíveis e não apenas duas, tanto para as relações heteronormativas quanto para as relações homoeróticas femininas.

Os corpos não são tábulas rasas que inscrevem acontecimentos, independente da cultura e do tempo onde estão inseridos. Eles *são inventados também, por tudo que – de fora – se diz ao sujeito, sobre o sujeito, para o sujeito*<sup>371</sup>. Assim, a referida definição, que é também uma forma de expressão dos corpos dos sujeitos correspondentes, passa pelos efeitos dos discursos criados e difundidos no interior da própria comunidade onde se

---

<sup>371</sup> LOURO, G. Op.Cit. 2003.

originou. Como também, naqueles que vêm de fora e que instituem como se dará a sua representação social, mesmo considerando que os sujeitos intervêm em seus corpos *para inscrever-lhes suas próprias marcas e códigos e, por vezes, escapar às normas estabelecidas*. A performance *butch/femme* é assim, tanto efeito como causa da construção de uma corporalidade, ou de uma performatividade, que tem no discurso o seu elemento fundante. No sentido de que essas práticas não são permanentes, elas se estabelecem de acordo como um jogo, no qual se escolhe o lado que se quer jogar.

Procuro inverter as evidências dos discursos sobre a performance *butch/femme* e percebê-la como uma escolha deliberada das práticas homoeróticas femininas, que podem ser mais fluídas e móveis, embora informadas por um sistema binário. Explicando melhor, os atributos masculinos e femininos são considerados irredutíveis à performance social e sexual entre duas mulheres em uma relação homoerótica. O que venho propor é que essa é uma informação do senso comum, pois, entre duas mulheres cultas e que tenham referências para além do modelo binário, esse padrão não se aplica. Os já citados trabalhos de Carvalho e Aquino, realizados respectivamente em Belo Horizonte e Porto Alegre, também concordam com essa reflexão, embora não evidenciem as diferenças entre setores mais elitizados em relação aos de menor poder aquisitivo. Não faço suposições, as entrevistas realizadas no Rio, com um grupo de aproximadamente vinte mulheres, permitiram chegar a essas informações. Há uma nítida diferença entre as que têm mais recursos financeiros e as que carecem dele.

Nos anos 1950, as mulheres lesbianas, jovens, pobres, negras ou brancas tinham pouco acesso ao espaço público de forma digna, sobretudo pelo olhar de exclusão a elas dirigido. Um depoimento de uma entrevistada do Rio mostra como essa performance foi acionada para a conquista do respeito entre as pessoas das classes baixas, seja pela

conquista profissional, seja pela masculinidade aparente. Além disso, o fato de terem um trabalho que fugia ao estereótipo feminino, como, neste caso, especializada em fotografia e conserto de máquinas fotográficas, isso lhe garantia um certo status. Os homens não a tratavam como uma mulher, mas como igual; a identificação com a masculinidade é acionada como recusa a uma feminilidade percebida como fragilidade, passividade: ela queria ter o direito de tomar decisões e construir sua trajetória de vida sem a presença masculina. Diz ela:

*Venho de uma família pobre que trabalhou muito, mas eu não queria viver como eles, queria mais [...]. Depois de vários empregos, comecei a trabalhar na ótica, faz muitos anos e fui aprimorando meu conhecimento [...] Hoje tenho apartamento próprio, não preciso do dinheiro de ninguém, ao contrário, eles é que precisam do meu, quando vou lá sempre tem alguém querendo alguma coisa, então eu ajudo. Isso faz eles me respeitarem, não que aceitem minha vida, sei que não aceitam. Sou respeitada pelos homens, eles me olham como igual, mas eu acho que é porque eu tenho uma boa situação financeira*<sup>372</sup>.

O respeito nessa situação passa pela estabilidade financeira, o que entre pessoas de classe baixa torna-se um sinal de conquista, de capacidade de enfrentar riscos e desafios, de “vencer” na vida, como salientou essa mesma entrevistada, aliás, fundamental por estar na fronteira entre as camadas alta e baixa da sociedade. Apesar de originária de uma família com poucos recursos financeiros, ela ascendeu socialmente, o que lhe permitiu conhecer a sociabilidade praticada por aquelas que tinham um alto poder aquisitivo. Conquistou a amizade de uma advogada, que se tornou sua amiga nos anos 1960, por isso, freqüentou festas elegantes e aprendeu, observando aqueles comportamentos. Diz ela:

*Eu achava que devia ser bem masculina para conseguir que alguma mulher olhasse para mim, porque os homens não me olhavam, só queriam saber de tirar minha virgindade. [...] Quando*

---

<sup>372</sup> Idem, ibidem.

*conheci essa advogada e ia nas festas elegantes, em casas chiques, com taça para vinho, essas coisas, eu olhava bem como era tudo e via que elas não eram assim, como um homem, usavam saia, camisa polo e mocassim, que foi um tipo de marca, que aprendi depois para reconhecer uma na rua. Aprendi também a gostar de coisas boas, boa comida, boa bebida, por isso trabalho muito*<sup>373</sup>.

Uma situação muito singular, pois, embora ela não tenha modificado sua performance, ela apreende novos significados e a percepção de si e do que a cerca traçando novos rumos para sua existência. Provavelmente, se tivesse permanecido em seu grupo de origem, não teria como acionar esses novos códigos. Não ocorreu para ela uma falta de referências para se reinscrever subjetivamente, diferente da situação descrita por Faderman, admitindo que *diante da hostilidade do mundo, não foi possível para aquelas mulheres jovens experimentar novos papéis*<sup>374</sup>. Entretanto, a composição do modelo *butch/femme* permitiu a algumas mulheres sentir que pertenciam a um grupo especial, com suas próprias normas e valores. Em contrapartida à sociedade conservadora, que lhes negava essa liberdade, compartilhando sentimentos diferentes das mulheres envolvidas em relações heterossexuais.

Na contramão da performance *butch/femme*, encontram-se as mulheres dos segmentos elitizados dos anos 1950, no Brasil. Embora não se possa generalizar, havia entre elas algo próximo às *amizades românticas*, tal como as encontradas por Carroll Smith-Rosenberg. Um relacionamento amoroso entre duas jovens, geralmente iniciada nos colégios internos, que se transformava quando elas acabavam os estudos e se casavam.

Outra forma de ruptura em relação à domesticidade heterossexual nesse segmento social, com mulheres independentes em relação a si, ao seu corpo e a sua sexualidade, são

---

<sup>373</sup> Idem, ibidem. Antonia, 60 anos. Entrevistada em junho de 2004.

<sup>374</sup> FADERMAN, L. Op. Cit. p. 167.

os casamentos femininos, denominados *casamentos de Boston*. Tais relacionamentos chegaram a ser aceitos entre os setores mais elitizados da sociedade, muito difundidos entre as *solteironas* ricas de algumas regiões dos Estados Unidos.

Citar essas formas de união entre mulheres da elite, mesmo tendo ocorrido em outro contexto no mesmo período, permite pensar que Lota e Bishop não inauguraram um tipo especial de relação amorosa. O que ocorreu entre elas pode ser associado a *um casamento entre iguais*. Duas mulheres da classe alta que não necessitavam do consentimento da família ou do respeito do mundo do trabalho para viverem juntas. Sua autonomia financeira garantia a constituição de um estilo de vida mais livre. Lota preferia atividades consideradas tradicionalmente masculinas, como dirigir uma obra arquitetônica de grande porte, no entanto, tinha uma paixão incondicional por louça finlandesa. Bishop adorava cozinhar, pintar, escrever. Como dizer que essas são preferências femininas ou masculinas?

Houve, neste período, um grande investimento em novas formas de expressão da feminilidade, com a difusão da imagem da mulher menos submissa à maternidade e aos deveres domésticos, mais voltada às atividades profissionais, em função do maior número de mulheres no mercado de trabalho e nas universidades. Apesar dessa aparente multiplicação das funções femininas, elas engendraram um novo ideal de feminilidade, relacionado à erotização do corpo, ou seja, o corpo torna-se o lugar privilegiado da beleza<sup>375</sup>. Uma beleza que desenvolveu um novo consumismo, pelo qual, mulheres altamente sexualizadas, como as atrizes de cinema Sophia Loren, Brigitte Bardot e Marilyn Monroe, tornavam-se alternativas ao da esposa e mãe dedicada.

Nesta direção, entendo que a elaboração da performance *butch/femme* significou uma resistência a esses novos atributos. As imagens veiculadas pela mídia reforçavam um

---

<sup>375</sup> SANT' ANNA, Denise. Op. Cit. 1994, p. 313.

ideal pautado na ultra feminilidade. A *nova* mulher proposta pelos meios de comunicação deveria cuidar do corpo, embelezá-lo e torná-lo mais sensual. Muito longe de constituir uma emancipação e, sim, um novo enquadramento ainda mais radical. Portanto, negar ou escamotear a beleza, parecer menos bonita e desejável, pode ser visto como uma forma de transgredir a esse feminino imposto.

Embora essa nova configuração tentasse sair de uma divisão muito rígida apresentando novas possibilidades de perfis femininos, ela estabelece um novo enquadramento, pela qual as mulheres foram erotizadas, aniquilando experiências e posicionamentos femininos que escapassem a essa prescrição. Nas pesquisas realizadas nas últimas décadas do século XX, a representação da *lésbica clássica* muito masculina nas roupas, *com anéis e colares enormes, sapatos grandes, cabelos curtos e nada de roupas femininas* é uma imagem muito difundida no senso comum. Uma figuração percebida de forma negativa pelos segmentos mais elitizados. É vista como uma característica estigmatizada socialmente, pela qual elas se desidentificam. Entretanto, usar roupa masculina pode ser uma maneira de romper com o feminino imposto e descobrir no traje masculino uma elegância que um vestido ou saia não permitiriam sentir, como no depoimento abaixo no qual a adoção de roupas masculinas foi uma maneira de se sentir mais feminina:

*Eu tomei consciência que eu era uma mulher quando eu saí do filme Victor ou Victoria, e que me vesti de homem. Eu tinha o sentimento pela primeira vez, de ser uma mulher vestida de homem. [...] Eu gosto de me vestir de homem, isto me cai bem porque eu me sinto muito à vontade neste gênero de roupa. Mas dito isto, em nenhum momento estar vestida de homem, significa que eu me sinta homem. [...] eu sou feminina vestida de homem*<sup>376</sup>.

---

<sup>376</sup> PERRIN & CHETCUTI. Op.Cit. 2002.

O que ocorre nesse caso é a aceitação do próprio corpo feminino com o uso da indumentária masculina. Uma maneira de descobrir qual o tipo de roupa a torna elegante, pois vestidos, saias e saltos poderiam provocar a sensação de estar travestida. A feminilidade excessiva é recusada porque, por um lado, atrai o olhar do desejo masculino e, por outro, não permite um reconhecimento imediato sobre qual dos pólos opostos aquela pessoa se encaixa, o que gera dúvida, desconfiança e, sobretudo, receio de aproximação por não ser vista como verdadeiramente lésbica. A feminilidade só é considerada um atributo positivo, quando se trata de alguém que possa representar os interesses das lesbianas na mídia, pois essa não tem sobre si o estigma social:

*Selecionou-se o critério masculinofeminino para enviar a pessoa. Eu mesma estou persuadida que se é uma mulher feminina lésbica que vai a televisão para testemunhar sobre sua vida, será melhor vista do que se ela é masculina.*

Estes trabalhos tornam-se elucidativos da busca por uma performance que não esteja pautada nas definições e na própria auto elaboração *butch/femme*, atualmente rejeitada. Há um crescente estímulo para escapar do estereótipo que estigmatizou e definiu campos muito estreitos de ação, ocorrendo a busca por um justo meio e uma crescente valorização para novas formas de expressão que possibilitem a construção de uma nova subjetividade aberta a devires, pois os significados dos corpos e de suas marcas não apenas deslizam e escapam, mas são também múltiplos e mutantes, no sentido que as formas pelas quais todos se apresentam são sempre inventadas e sancionadas por circunstâncias culturais.

A sociabilidade desenvolvida pelas operárias inglesas e norte-americanas, na década de 1950, foi praticada em espaços públicos, em bares e boates, lugares que elas desenvolveram como uma linha de fuga face à hostilidade reinante. Um lugar público onde puderam se encontrar, garantir sua privacidade e no qual não estavam expostas aos perigos,

como o de ser presa por estar usando uma roupa masculina. Lugares onde puderam exercitar novas concepções de sexualidade, de beleza e de sedução, inclusive uma nova estética corporal, reinventando-se, pelas roupas que usavam, pela maneira como estabeleceram suas relações entre si e consigo mesmas. Assim, tornava-se possível refletir sobre o que propõe Foucault, ao se referir ao movimento lésbico e à criação de uma sociedade fora do domínio masculino:

*Eu diria também, no que diz respeito ao movimento lésbico, em minha perspectiva, que o fato de que as mulheres tenham sido por séculos e séculos isoladas na sociedade, frustradas, desprezadas de várias maneiras, proporcionou-lhes uma possibilidade real de constituir uma sociedade, de criar um tipo de relação social entre elas, fora de um mundo dominado pelos homens<sup>377</sup>.*

Os bares representaram um espaço de intensificação das relações de si para consigo mesmas e com o outro, por meio de relações intersubjetivas. Lugar de prática social na relação com os outros, referenciado por um constante cuidado de si. Espaço de exercício de uma sociabilidade sem censura, positiva, legítima. Nos bares elas puderam construir uma relação consigo mesmas, mais livre e fluída, fora das convenções tradicionais do feminino e do masculino. Um lugar no qual podiam ser reconhecidas e valorizadas, para se verem e serem vistas, ser como gostariam e queriam ser, um espaço de transformação e de libertação de uma identidade imposta. Um lugar onde as mulheres com aparência masculina puderam sair do mundo reduzido e estigmatizado, assim, representavam-se como bem quisessem, ou seja, fora das convenções normativas. Um lugar onde desenvolveram os códigos de conduta próprio daquela comunidade, com um comportamento diferenciado ao qual a sociedade ou o mundo exterior recusava, o respeito, conseguindo então apresentar uma performance que hesitavam em apresentar fora desses espaços. Neste caso específico,

---

<sup>377</sup> FOUCAULT, M. Citado por RAGO, M. Op. Cit. 2005. Traduzida em português em Verve, n. 05, 2004.

a autora discute sobre a identidade da lesbiana masculina. Utilizo esse exemplo para refletir a respeito desse espaço como de troca e de comunicação, como lugar de constituição de si, para além dos padrões normativos que as lesbianas construíram para si mesmas, embora concorde que essa construção seja também uma armadilha, à medida que institui um estereótipo específico para as mulheres em relações homoeróticas.

Para muitas jovens que se sentiam marginalizadas socialmente, esses lugares significaram o reconhecimento das características que elas não encontravam fora desses ambientes. Funcionaram como aceitação dos seus próprios desejos, das suas paixões e da sua performance corporal.

Elizabeth Kennedy e Madeline Davis pesquisaram a representação dos estereótipos *butch/femme* no interior da comunidade lesbiana de Buffalo, nos Estados Unidos<sup>378</sup>. Elas mostram como esses códigos serviram como representação pública das suas relações. Argumentam que os papéis *butch/femme* foram uma maneira de organizarem-se contra o domínio heterossexual, constituindo-se assim em uma política de resistência. Nos anos 1950, enquanto um segmento da comunidade elabora uma aparência agressiva, pois, quando provocadas pela polícia, defendiam seu relacionamento e sua comunidade. Muitas jovens apanharam da polícia, levando-as a aprender a bater também, para serem reconhecidas.

Apesar da insegurança reinante, a determinação delas em estabelecer um lugar para poder estarem juntas como mulheres que ousaram amar mulheres, fez essa geração ser considerada a pioneira de um segmento social. Ao afirmar que o bar funcionava como uma casa, pode-se indagar que essas jovens restringiram sua sociabilidade a esses espaços.

---

<sup>378</sup> KENNEDY & DAVIS. *Oral History and the study of Sexuality in the Lesbian Community: Buffalo, New York, 1940-1960*. In *Feminist Studies*, vol. 12, n. 1, Spring 1986.

Utilizei essas referências para pensar a casa de Samambaia como um espaço lesbiano. Neste sentido, desvendar relações do privado torna-se uma tarefa árdua quando não existem diários ou outras formas de documento, o que permite apenas aferir hipoteticamente. Quando vivem juntas ou compõem uma união duradoura, as lesbianas pouco freqüentam os guetos, bares e boates, não gostam de *levantar bandeira*, ou seja, de chamar a atenção, sobretudo nos ambientes de trabalho, onde buscam sua valorização profissional.

As diferentes formas de sociabilidade tornam-se um elemento importante na aprendizagem de si próprias, por perceberem que não estão sozinhas, que existem outras pessoas que se vestem de maneira semelhante, que buscam uma relação com uma mulher, entre outras descobertas transformadoras, até mesmo no sentido da auto aceitação.

Os grupos de convívio constituem um espaço importante de constituição de novas práticas de si, que são formadas como técnicas da própria subjetividade, refletidas e estilizadas e que se desenvolvem através de práticas de liberdade. São exercícios de si em relação com o outro, portanto, relacionais, abertos à alteridade. A criação de uma cultura com modos próprios de ser e de se expressar, com uma linguagem própria, com códigos e estratégias reconhecidas somente entre os que compactuam com as mesmas afinidades, mais libertárias e menos violentas.

Os bares e boates eram lugares que possuíam uma clientela eclética, formada por pessoas que gostavam da vida boêmia, o que pode ser um dos motivos de Lota e Bishop não os freqüentarem, pois preferiam um estilo de vida voltado ao privado. Os pontos de encontro específicos para lesbianas se davam entre pessoas que se conheciam e que formavam uma rede de contatos. E isso, em geral, acontecia na casa de uma delas, e não em

bares, já que uma característica presente no Rio, era não haver um lugar específico, de acordo com uma entrevistada:

*Nos anos 1950 não tinha um lugar para a gente se encontrar, tudo era escondido, velado, ninguém podia saber, a não ser quem fosse igual e até a gente descobrir demorava muito. Nós sabíamos que aqui tinha uns lugares (não lembro o nome) para a gente conhecer alguém, mas nós tínhamos medo de ir e depois alguém comentar, ou encontrar algum conhecido. Nós íamos para o sítio, ou a casa de campo de alguma amiga perto do Rio para ficarmos com o nosso caso<sup>379</sup>.*

Em contrapartida, percebo a casa de Samambaia onde Lota e Bishop viveram tantos anos como um espaço heterotópico, na acepção de Michel Foucault. Um lugar onde se experimenta o mundo, dessacralizado, heterogêneo, de *invenção de lugares e de existências* é ele também o *espaço no qual decorre precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo, de nossa história*<sup>380</sup>. Um lugar que justapõe vários espaços, vários posicionamentos que são em si incompatíveis, lugares que são em si mesmos não lugares, ou lugares outros.

No entanto, essa morada protegida do que vem de fora, onde conviveram por dez anos consecutivos, vai deixar de ser o ninho protetor para a relação amorosa, quando Lota assume a supervisão das obras do Parque do Flamengo em 1961 elas mudam-se para o apartamento no Rio, o que modifica drasticamente o seu cotidiano. O envolvimento de Lota no trabalho e o conseqüente afastamento dos cuidados diários com a companheira causam uma sensação de desamparo em Bishop. Ela perde a serenidade duramente conquistada e a relação delas começa a sofrer intervenções de fora. Não há mais a tranqüilidade dos dias calmos em Samambaia. Lota se volta completamente para o seu trabalho, com reuniões intermináveis, telefonemas seguidos, dedicação absoluta ao projeto que parece ter sido a

---

<sup>379</sup> Entrevista Rio, dezembro 2003. Ruth foi a entrevistada de mais idade, 85 anos.

<sup>380</sup> FOUCAULT, M. 1984. Outros Espaços. Op. Cit. 2003.

razão dos seus últimos anos de vida. Entre os anos de 1961 e 1967, lenta e progressivamente o fim se anuncia. A vida de sonho em Samambaia transforma-se em pesadelo no Rio. Bishop vai lecionar em Seattle em 1966, e Lota, aos poucos, percebe que os anos dedicados às obras do Aterro transformaram sua vida, sua saúde, sua relação amorosa. Não é possível voltar o tempo e refazer o itinerário.

A obra arquitetônica da sua vida, o Parque, estava preservada com a criação da Fundação que o protegeria enquanto patrimônio da cidade. A outra invenção, o amor por Bishop, se desestruturava diante dos seus olhos. Bishop já não precisava mais da proteção e da segurança que Lota lhe oferecera. Aprendera a caminhar sozinha, tinha controle sobre a própria vida. Lota não suportava a certeza de que nada mais seria como antes, não havia alternativas para ela. Ela sabia disso.

## **Morte e Paixão, a negação do presente**

*Morrer é absolutamente falando, a iminência incessante pela qual,  
no entanto, a vida dura desejando.*

*Maurice Blanchot*<sup>381</sup>

A morte é um tema doloroso, temido, pois remete a uma circunstância que não quer ser dita, não quer ser ouvida, não quer ser lembrada. Fala-se dos mortos enquanto seres maravilhosos, jamais de suas intempestivas atitudes cotidianas, pouco dignas de serem lembradas, pois esse alguém não tem mais como se defender. O silêncio como resposta angustia os sobreviventes, que julgam os motivos da morte a partir de suas próprias idiossincrasias. Trata-se de um tema proscrito, pois inominável, desviante diante da busca

---

<sup>381</sup> BLANCHOT, Maurice. Apud: PELBART, Peter Pál. Op. Cit. 1998. Nota introdutória em homenagem a Gilles Deleuze.

incessante pela conservação da vida. Não se pode querer morrer, atitude indigna, mesmo quando já se está morto em vida. A pergunta constante é sempre: por que uma pessoa quer tirar a própria vida? Quando poderíamos pensar: por que certas pessoas se sentem praticamente mortas, mesmo quando seus corpos parecem vivos?

As protagonistas desse trabalho construíram para si mesmas uma vida singular durante anos no alto da serra, o que não significava, porém, um afastamento do convívio social, mas uma escolha deliberada por pessoas com as quais quiseram compartilhar sua existência. Contudo, quando desceram a serra e ocuparam o apartamento na cidade do Rio em 1961, momento em que poderiam estar cercadas por muitas pessoas, começaram a se sentir sozinhas. Uma solidão que acompanha os indivíduos quando não se modelam aos demais, que os leva a escolherem seus próprios caminhos, administrando uma existência marcada por incertezas e inseguranças.

Os anos que marcam a dedicação de Lota ao trabalho nas obras do Parque foram de intensas rupturas, pelos sintomas de uma doença irreversível, pela perda da direção das obras do Parque, pelo descontrole da relação amorosa. Motivos que ensejaram seu desejo pelo próprio fim, pela morte. Uma mulher que elaborou sua subjetividade para além dos modelos impostos socialmente não parecia querer se sujeitar à morte previamente anunciada. Portanto, a morte também pode ser vista como uma forma de preservação de si.

Não existia mais um lugar definido para Lota, um lugar que sentisse estar a salvo, que suportasse ficar só ou acompanhada. Parecia haver uma sensação constante de que os instantes fugiam, porque não tinha mais o que fazer e porque não sentia desejo de fazer coisa alguma, porque a única forma de suportar a angústia do fim de tudo que almejava: assim foi antecipando o seu próprio fim. Os últimos anos da relação amorosa de Lota e Bishop permitem visualizar essa transitoriedade, os momentos que antecedem os muitos

fins: da serenidade na casa de Samambaia; da própria relação amorosa; do trabalho de Lota; da vida de Bishop no Brasil, de Lota e desse trabalho.

Lota e Bishop viveram uma relação amorosa que pode ser considerada bem sucedida, entre os anos de 1951 e 1961. Entretanto, quando Lota assume as obras do Parque do Flamengo, a vida delas aos poucos se transforma: mudanças sutis ganham intensidade com o passar dos anos.

No início do trabalho em 1961, foram de reuniões intermináveis para discussão do projeto, apontando mudanças estruturais, soluções novas que alterariam os objetivos da obra, como desafogar o trânsito entre o centro da cidade e a zona sul, tentando, enfim, convencer os engenheiros de que a alteração do projeto seria viável. Seu objetivo maior foi o de criar um espaço de lazer para todos, sem distinção de classe, idade, e pensado para as pessoas que não tinham nenhum lazer na cidade, o que ali seria facilitado pelo acesso fácil, de ônibus ou mesmo a pé, como ela argumenta em uma carta dirigida ao Governador Carlos Lacerda, na qual resume todo o projeto quanto à sua utilização:

*Será, pois, um parque ativo, um parque que oferecerá atrativos aos seus freqüentadores, que lá poderão permanecer durante muitas horas, sem que nada lhes falte para o seu conforto*<sup>382</sup>.

Sua vida se consumia, se desgastava na defesa de um projeto que vislumbrava a criação de uma área de sociabilidade pública, em oposição aos espaços fechados, privados. No parque ela colocou em prática a cidade, aquela que não é somente lugar de passagem, mas de experiências múltiplas, de trocas subjetivas, de passantes que se reconhecem, se tocam, se falam, se olham. Um lugar para resgatar os hábitos próprios dos caminhantes, dos corpos que se locomovem aos cheios e aos vazios do *texto* urbano, que o delineiam,

---

<sup>382</sup> Carta de Lota para o Governador Carlos Lacerda, Arquivo Carlos Lacerda. Unb, s/d.

circunscrevem-no sem poder decifrá-lo. Uma cidade que se compõe de histórias múltiplas, sem autor, nem espectador se forma por meio de fragmentos, por espaços alterados, impossíveis de serem capturados, pois os indivíduos o transformam cotidianamente.

Recorro a Michel de Certeau para pensar a cidade que é metafórica, pois não permite decifrar-se, porque é plural, por isso não há simbiose entre o seu planejamento e a pluralidade que nela se configura. Embora seja uma maneira de organizar o espaço, ela se transforma sem cessar e se enriquece com novos atributos, novas intervenções, novas artes do fazer e do desfazer.

Lota idealizava um Parque para os caminhantes, mas este transforma o significado espacial ao seu redor em outra coisa. Embora efetive algumas possibilidades da ordem construída, ele também expande o número dos possíveis, ao criar atalhos ou desvios, novos trajetos, e também dos interditos, abrindo brechas nos territórios proibidos. Um espaço que se altera por suas práticas e se transforma pelas singularidades dos seus usos, das suas apropriações. As figuras que perambulam por ele introduzem novos percursos, criam uma floresta imóvel, *árvore de gestos* em movimento, de acordo com o poeta Rainer Maria Rilke. Embora pensado racionalmente, o espaço urbano se transmuta, se metamorfoseia, pois o caminhar torna a cidade um não-lugar, uma constante transumância, como define Michel de Certeau:

*Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação do lugar – uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas, compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, um lugar, mas é apenas um nome, a Cidade*<sup>383</sup>.

---

<sup>383</sup> CERTEAU, M. A Invenção do Cotidiano 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 183.

A cidade, enfim, é um lugar sem identidade, sem sinais definitivos, passagens fugidias marcadas pelo êxtase dos pedestres, sempre em circulação, sem moradas definitivas, que se manifestam tão somente pela aparência dos corpos em trânsito. Assim é o *parque de gestos* de Lota, uma cidade em movimento, mas isso é apenas um nome, impossível de capturar seus sentidos, múltiplos, em constante transformação. Conclui-se, enfim, que o desejo dela foi o de criar uma cultura do espaço público, em oposição ao espaço fechado, privado dos museus. Um lugar de convivência, uma cultura pública, que visa à construção de uma cultura política, da sociabilidade, uma construção ética coletiva, pela ruptura dos limites, entre público e privado. Ao desfazer esses limites ela coloca em prática suas idéias sobre arquitetura contemporânea, sobretudo as relacionadas ao caráter social desses projetos.

Bishop ficou muito entusiasmada com o sucesso de Lota nas reuniões em que a acompanhou; com o seu domínio dos termos técnicos entre engenheiros profissionais, de sua capacidade de convencê-los a realizar mudanças, dos argumentos usados na defesa das suas idéias e, principalmente, da alegria de vê-la, finalmente, colocando sua inteligência a serviço de uma obra pública. Assim, ela descreve a intensa energia e a enorme vontade de Lota no trabalho, com a mudança delas para o Rio:

*À noite ela fica em reunião com eles até uma ou duas da manhã; e no dia seguinte o telefone começa a tocar às sete da manhã. Mas ela está se saindo muito bem – não estou exagerando; todo mundo está muito impressionado com a capacidade dela. Mal pude acreditar quando fui a uma dessas reuniões, com oito ou nove engenheiros, etc., e Lota a única mulher – e ela faz todo mundo rir, convence todo mundo etc.*<sup>384</sup>.

---

<sup>384</sup> BISHOP, E. Op. Cit. Carta para Pearl Kazin, 23 de abril de 1961, p. 431.

O fato de Lota ser a única mulher em uma equipe formada basicamente por homens foi também motivo da pressão exercida sobre ela. Afinal, era vista por eles como excêntrica, que queria impor suas idéias sofisticadas em uma cidade que não tinha água encanada, esgoto, ruas e avenidas para a população. Em oposição aos interesses políticos, o desejo dela é de integrar a população à cidade, de permitir que os habitantes pudessem usufruir daquela beleza e, por isso, sentia-se tão entusiasmada com aquele trabalho, uma forma de colocar seu conhecimento e sua criatividade a serviço da cidade.

A dedicação de Lota foi tão grande que vários amigos e Bishop identificavam aquele projeto como *o parque dela*, que a consumia, mas que a ele se dedicava com esforço pessoal, não como trabalho, pois sequer era remunerada pelo cargo que exercia, porém, como objetivo de vida, no sentido de querer deixar na memória da cidade seu empenho no projeto, sua dedicação à população, seus conhecimentos. A amiga dos tempos da juventude Stella Pereira comenta como o Parque foi a realização de um grande sonho: integrar as pessoas, proporcionar lazer para todos os segmentos sociais, para todas as idades, um trabalho no qual colocou sua paixão pela arte em benefício da população:

*Era uma aristocrata pela sensibilidade, amava a beleza e a arte, era fundamentalmente uma artista. Amava o povo acima de tudo. Queria servi-lo e, ao fazer o parque do Flamengo, pode realizar a sua maior aspiração. Queria ver as crianças correndo, brincando, o povo jogando futebol, a alegria imperando na população menos favorecida. O aterro foi a sua razão de viver<sup>385</sup>.*

Lota trabalhava duro, colocava em prática suas idéias inteligentes e originais. Como *capataz terrível*, exigia que as pessoas envolvidas no projeto se dedicassem a ele como ela o fazia, pois acreditava no *potencial da equipe*<sup>386</sup> para finalizar partes da obra, como

---

<sup>385</sup> FELINTO, M. Op. Cit.

<sup>386</sup> BISHOP, E. Op. Cit. Carta para Arthur Gold e Robert Fizdale, 19 de outubro de 1962, p. 453.

objetivo dos festejos do 4º centenário da cidade, em janeiro de 1965. Esse desejo, ela demonstra ao Governador Carlos Lacerda, pedindo que ele se esforce e dê dinheiro:

*É uma obra de gabarito internacional. É a única obra indispensável aos festejos do 4º centenário. É a obra mais barata em relação ao sucesso produzido e os benefícios à coletividade. É a obra que 'garante' as outras obras sua. Dê o dinheiro nós acabaremos a obra para 65. Faça força Governador!*<sup>387</sup>

As mudanças provocadas pelo trabalho de Lota são assustadoras para Bishop, pois ela jamais imaginara que um dia estaria em um palanque ao lado da companheira e do Governador Carlos Lacerda. Há pouco tempo, Carlos era tão somente o amigo jornalista, tratado com intimidade por elas. Eram vizinhos em Petrópolis, dividiam conversas animadas nos finais de semana e, de repente, quando ele se torna Governador, Bishop se vê em uma situação inusitada, quando ela pede para Lota sorrir aos fotógrafos na inauguração do campo de aerodelismo, escreve indignada:

*Ontem às nove da manhã foi a inauguração dos campos de aerodelismo. A Lota desamarrou a fita e foi arrastada para debaixo dos refletores. Eu também estava no palanque, e havia milhares de pessoas. Foi engraçado ouvir os discursos cobrindo de elogios dona Maria Carlota Costellat de Macedo Soares como amiga das crianças e benfeitora da humanidade. No tempo em que o Carlos era jornalista e vinha almoçar com a gente no domingo e ficava conversando conosco, quem poderia imaginar que ele e a Lota iam acabar num palanque bambo assistindo a uma exibição de aerodelismo? O que virá depois disso?*<sup>388</sup>

O sucesso do Parque é comemorado com agradecimentos a Lota, contudo, o seu cansaço físico se manifesta e sua saúde começa a apresentar os primeiros sintomas da sua negligência, pois sua dedicação ao trabalho foi tão grande, que não percebeu que seu organismo dava sinais de fadiga. Não funcionava corretamente, seu intestino paralisara, o

---

<sup>387</sup> Carta de Lota para o Governador Carlos Lacerda, 20 de agosto de 1963. ACL-UnB.

<sup>388</sup> BISHOP, E. Op. Cit. Carta para Robert Lowell, de 26 de agosto de 1963, p. 458.

que a conduziu ao hospital, para uma cirurgia, *oclusão intestinal*. Ficou um bom tempo no hospital e quando voltou a trabalhar, antes do prazo obviamente, pegou febre tifóide, mesmo assim, escreve Bishop, *ela demonstrou uma coragem extraordinária*<sup>389</sup>.

Ao mesmo tempo que Lota fica doente, Bishop tem uma forte recaída com os problemas alcoólicos, controlados durante os anos vividos em Samambaia. No entanto, a distância da companheira, envolta nas obras do Parque, a dificuldade em viver no Rio, o fato de não conseguir escrever a angustiavam intensamente, por isso, enquanto Lota esteve no hospital, ela também se internou em uma clínica, escreve ela: *Semana passada entreguei os pontos e fui para um hospital que antigamente tinha boa reputação como 'clínica de repouso', administrado por adventistas do sétimo dia, no alto de um morro, Hospital do Silvestre*.

Elas não conseguem controlar o processo de mudança, seja pelo fato de ambas adoecerem, seja pela recaída de Bishop no consumo do álcool, provocada pelas ausências prolongadas da companheira que não podia se dedicar aos cuidados e a atenção dispensadas nos tempos de Samambaia. Bishop confessa que preferia a vida em Samambaia:

*A vida era muito mais agradável na serra. Queria muito voltar para lá e ficar. Eu vou ao meu apartamento para trabalhar, de manhã, aqui, o que é bom [...] a Lota trabalha demais e nós duas ficamos cansadas demais. Acho que vai demorar algum tempo para a gente se acostumar*<sup>390</sup>.

Apesar do desgaste físico e da distância entre elas pela excessiva dedicação de Lota ao trabalho, Bishop comemora as conquistas pelo sucesso que a obra alcança na cidade. Como a praia criada a partir da retirada da areia do fundo do mar, com a draga Esther, a mesma que fora utilizada na construção do Canal do Panamá. Lota passou a ser

---

<sup>389</sup> Idem, ibidem. Carta para Arthur Gold e Robert Fizdale, 10 de outubro de 1963, p.461.

<sup>390</sup> Idem, ibidem. Carta para Robert Lowell, 11 de outubro de 1963, p. 465.

reconhecida por pessoas comuns quando elas estão no trânsito, o que também provoca temor em Bishop. Diz ela:

*Uma draga enorme e velha, americana, vinda do canal do Panamá, veio aqui para a América do Sul, para dragar a baía. A Lota está ficando tão famosa e poderosa que chega a dar medo. Ela tem uma energia que é quase demais para o meu gosto*<sup>391</sup>.

Em outubro de 1964, Lota e Bishop fizeram uma viagem para a Itália. Um projeto que vinha sendo adiado há tempos e que Bishop finalmente conseguira convencer a companheira que era preciso parar de trabalhar, descansar, mudar de paisagem, tentar se desligar um pouco. No entanto, no início da viagem, Lota adoeceu e elas tiveram que voltar imediatamente, o que não a fez parar de trabalhar. Chegava em casa tão exausta que adormecia ainda vestida. Bishop começa a manifestar uma inquietação pelo trabalho exaustivo da companheira e admite que tem medo do que possa vir a acontecer:

*Ela chega em casa do trabalho todos os dias tão pálida e exausta que fico muito preocupada com ela. Eu queria que ela saísse e fizesse um pouco mais de exercício. Ela adormece às nove ou dez horas, às vezes ainda vestida etc. Não sei como ela vai conseguir aguentar este ritmo até abril. O Parque do Flamengo é um projeto maravilhoso, mas eu não quero que a Lota morra por causa dele*<sup>392</sup>.

Ao problema de saúde de Lota, pode se acrescentar as constantes discussões com políticos, o Governador, a imprensa, e celebridades cariocas, quanto à criação de uma Fundação para a preservação do Parque, um órgão que funcionaria como uma autarquia, independente de questões políticas e mudanças de governo. Busca apoio do Governador,

---

<sup>391</sup> Idem, ibidem Carta para Loren MacIver, 25 de janeiro de 1964, p. 467.

<sup>392</sup> Idem, ibidem, Carta para a doutora Baumann, 07 de abril de 1964, p. 468.

insistindo a respeito da Fundação e dos seus objetivos, a integridade e a preservação do projeto :

*A Fundação Parque do Flamengo, não é um requinte, a cereja em cima do sorvete, um 'perfeccionismo' ou o ensejo que eu teria de acabar a obra. É a garantia de que um projeto que foi planejado para funcionar como uma unidade não venha a se arruinar com o desmembramento dele. É a obrigação do Governo de garantir-lhe esta unidade, justificando os bilhões gastos nele, assegurando ao povo que o tempo das leviandades já passou, que as promessas feitas a ele são para valer, que o que se lhe deu está dado mesmo, e que o "après moi le déluge" é tão criminoso quanto démodé<sup>393</sup>.*

Em outubro de 1965 começam os atritos entre Lota e o paisagista Roberto Burle Marx, que ocupavam a mídia, novo desgaste emocional. Ele utiliza argumentos pessoais que a expõem publicamente. Bishop escreve a respeito do desgaste físico da companheira:

*A 'Fundação' da Lota foi oficializada – pelo Carlos –, mas agora o grande problema é dinheiro. Além disso, ela vem sendo atacada de uma maneira terrível, indecente, pelo Roberto Burle Marx e umas outras pessoas. A Lota trabalha cerca de dezoito horas por dia, e não sei como ela agüenta. O Parque fez o maior sucesso – mas houve momentos que achei que nós duas íamos acabar morrendo por conta dele<sup>394</sup>.*

As dificuldades de Bishop em manter sua sanidade física e mental, os problemas políticos relacionados ao trabalho de Lota fizeram-na decidir a mudar os rumos da sua vida, assumindo à sua confidente doutora Baumann, que sentia que elas poderiam morrer por causa do Parque. A falta de concentração no seu próprio trabalho, pois não conseguia escrever a vários meses, levaram Bishop a aceitar o convite para lecionar na Universidade de Washington em Seattle, no primeiro semestre de 1966. Antes dessa viagem, ela passara dois meses em Ouro Preto, entre setembro e outubro de 1965, na tentativa de fugir dos

---

<sup>393</sup> Carta de Lota para Carlos Lacerda, 15 de julho de 1965. ACL-UnB.

<sup>394</sup> BISHOP, E. Op. Cit. Carta para a doutora Baumann, 09 de novembro de 1965, p. 481.

problemas nos quais Lota estava envolvida. Bishop comenta sobre sua decisão de ensinar nos Estados Unidos, dos riscos que teria que assumir, porém, preferia isso a continuar no Rio. No entanto, admite tratar-se de um trabalho temporário e o seu desejo de que Lota fosse encontrar-se com ela, uma maneira de tirá-la do Rio e daquela *situação insuportável*:

*Resolvi ir para Seattle pouco depois do Natal para dar aulas na University of Washington. Não tenho a menor vontade, mas, preciso de dinheiro, e provavelmente vai ser bom para mim! Lota não gosta nem um pouco da idéia de eu ir para lá – muito simpático da parte dela –, mas depois de uma cena melancólica ela se resignou! E a Lota anda tão ocupada que só sente mesmo a minha falta na hora do jantar e nos fins de semana prolongados. A Lota é uma pessoa brigona, afinal, e de certo modo gosta de toda essa confusão. Há algum tempo cheguei a pensar que nós duas íamos morrer antes que a obra terminasse*<sup>395</sup>.

Bishop estava decidida e Lota conforma-se. Não concordava com a viagem, pois considerava que a companheira não tinha condições de assumir o trabalho, em virtude de seus problemas com o álcool e pela falta de experiência. A insatisfação com o processo político brasileiro, a impotência que sente diante dos problemas, o fato de não conseguir ajudar Lota levam Bishop a admitir que passou *a odiar a política nos últimos quatro anos*, pois o que Lota estava vivendo era *um pesadelo*. Mesmo admitindo que não lhe agradava deixá-la nessa circunstância, ela afirma que *não podia fazer nada, pois quase não a via mais*, e por isso, o melhor a fazer, *é ir ganhar um pouco de dinheiro*<sup>396</sup>.

Bishop viaja em dezembro de 1965 e Lota sofre com a separação. Havia 14 anos que elas estavam juntas, esses momentos haviam sido esporádicos e, neste caso, seriam seis longos meses. Nesse período, Bishop diz que Lota escreve para ela *com uma assiduidade maravilhosa*, porém, esta não consegue acreditar na sobriedade de Bishop e esta já não

---

<sup>395</sup> Idem, ibidem. Carta para Robert Lowell, 18 de novembro de 1965, p. 483.

<sup>396</sup> Idem, ibidem Carta para Frani Blough Muser, 20 de dezembro de 1965, p. 485.

conseguia *administrar a própria vida* no Brasil. Escreve ela em um tom desesperado para a doutora Baumann, uma carta que considero decisiva, na qual ela assume sua dificuldade de se relacionar com Lota, com seu autoritarismo e as constantes brigas com ela e com todos à sua volta. Diz ela:

*Caso você não tenha percebido, ando um tanto perturbada ultimamente – não, 'ultimamente' não é a palavra, porque eles todos começaram quando a Lota assumiu aquele cargo. É claro que vou voltar, e é claro que pretendo viver lá, com a Lota, para todo o sempre. Eu não seria capaz de pensar outra coisa. A verdade é que a Lota brigou com muita gente e fez muitos inimigos e cada vez é mais difícil conviver com ela. Simplesmente não sei lidar com gente mandona, e a Lota é mandona, é claro – deixo que ela aja desse modo durante anos e anos, e de repente constato que não agüento mais. É muito difícil viver com uma pessoa com quem você não consegue falar. Eu jamais teria aceito este emprego se não sentisse que tinha que ir embora.*

Quando Bishop volta ao Rio em junho de 1966, ela confessa que a saúde de Lota vai muito mal, que ela estava *em péssimo estado, por ter trabalhado demais*<sup>397</sup>. Lota tinha nessa época freqüentes vertigens, problemas de surdez, irritabilidade, agressividade, indisposição física. Acusava Bishop de ter passado seis meses bebendo em Seattle, não confiava mais na companheira, que voltara modificada.

Nas cartas publicadas, Bishop não assume o fato de ter iniciado um outro relacionamento no período em que esteve em Seattle, com uma mulher 20 anos mais jovem, casada e grávida, Roxanne Cummings. Lota descobrira e passara a controlar obsessivamente a vida dela. Bishop escreve em tom desesperado à sua confidente:

*É com profunda tristeza que escrevo esta carta. Não sei o que fazer. Há muitíssimos fatores complicadores – e sou responsável por metade deles, sem dúvida. Sei que em boa parte a culpa disso tudo é minha, e é terrível pensar no que fiz com ela. Tinha esperança que as coisas estivessem melhor quando eu voltasse –*

---

<sup>397</sup> Idem, ibidem. Carta para a doutora Baumann, 01 de setembro de 1966, p. 491.

*afinal, voltei porque quis. Ela não acredita mais em nada que digo e fisicamente está em péssimo estado. Ela sofre tonteiças a toda hora, chega mesmo a cair. Não sei. Só sei que não vou agüentar esta situação por muito mais tempo e que estou muito preocupada com a saúde e até com a sanidade mental da Lota.*

Bishop assume que queria viver com Lota, que gostaria de ajudá-la, porém, não sabia como agir. A reação do médico em considerar o problema de Lota de fundo emocional e que estava relacionado com as atitudes de Bishop, foi também uma opinião dominante entre as pessoas que conviveram com elas. No entanto, muitas foram as razões para Lota desacreditar não apenas em Bishop, mas em todos que estavam à sua volta. Lenta e gradualmente várias pessoas que trabalhavam com ela no Parque acabaram rompendo relações. Talvez porque ela brigava com todos, porque não suportava ver o seu projeto deturpado por profissionais com o qual não se envolviam, que não agiam como ela, que não se entregavam na defesa de seus objetivos profissionais.

Lota, uma mulher solteira de 57 anos de idade, rica, amiga da intelectualidade carioca e do Governador Carlos Lacerda, não era arquiteta, nem paisagista, não tinha diploma universitário. Seus relacionamentos pessoais e seus conhecimentos permitiram que ela assumisse a direção de um imenso projeto arquitetônico. Suas relações pessoais permitiram que ela contasse com uma equipe de profissionais competentes. Alguns, como ela, trabalhavam sem remuneração com o objetivo de construir o mais belo Parque público do Rio de Janeiro.

No entanto, a relação amorosa resiste apesar do clima de hostilidade de Lota com Bishop que, nessa época, escreve cartas desesperadas para sua médica pedindo orientação, não sabe como agir, como agradar a amada. Sente que causa desconforto à companheira com a sua presença, antes tão desejada. Apesar disso, elas continuam juntas, embora Lota

se sinta enganada por Bishop e por todos que a abandonaram, seja por não apoiarem seu projeto, seja por não poder executá-lo à sua maneira. Bishop assume sua própria impotência diante da saúde frágil e da agressividade crescente de Lota. Pela primeira vez admite para a doutora Baumann que o melhor a fazer é ela deixar o país, a despeito do seu amor. Não consegue falar com Lota, que se recusa a ouvi-la e que se mostra *cada vez mais violenta e agressiva*, o que provoca nela uma constante sensação de impotência e incapacidade, em administrar a sua vida e a de Lota. Desabafa ela:

*A verdade pura e simples é que a vida com a minha querida Lota, a quem ainda amo muito há cinco anos é um verdadeiro inferno – e não estou exagerando. O trabalho é uma espécie de obsessão – e creio que eu me transformei numa outra obsessão também. Mas no fundo me sinto muito desesperançada, e às vezes fico pensando que a melhor coisa que tenho a fazer é ir embora do Brasil para sempre*<sup>398</sup>.

Em dezembro de 1966, em uma tentativa de reconquistar alguma serenidade e tranqüilidade, elas viajaram para a Inglaterra. No entanto, quando chegam em Londres, Bishop percebe que a saúde de Lota piora e que o melhor a fazer é voltarem imediatamente para o Rio. Lota foi hospitalizada e submetida a um tratamento à base de injeções de insulina, o que a fazia dormir durante dias seguidos. Bishop foi proibida de vê-la, pois o médico Dr. Décio de Souza considerava que ela se tornara também parte das obsessões e do colapso nervoso de Lota, por isso não devia *vê-la nem entrar em contato com ela por pelo menos seis meses*. As pessoas que se mantiveram com ela foram Mary Morse e Joanna, a funcionária do Rio, que se revezavam no hospital dormindo ao lado de uma Lota muito fragilizada.

---

<sup>398</sup> BISHOP, E. Op. Cit. Carta de 25 de setembro de 1966, p. 495.

Este episódio marca o afastamento progressivo das duas, durante o qual elas ficaram um mês sem se verem. Ao sair do hospital, após quase três meses de internação, Lota permaneceu sob os cuidados de Mary Morse em sua casa. Os médicos diagnosticaram a doença de Lota, arteriosclerose, o que explicava em parte sua irritabilidade e os acessos de agressividade com todos à sua volta. Bishop comenta, em uma carta para a doutora Baumann, que vários amigos consideravam nessa época que Lota estava ficando *louca* há algum tempo, o que justificava suas constantes brigas. Bishop não queria deixar Lota no estado em que ela se encontrava, contudo, afirma que é uma *questão de salvar a sua própria vida ou sanidade mental*.

Neste momento ocorre de fato uma separação, que é uma situação vivida por muitas pessoas no percurso de suas vidas. Ou as pessoas se reconciliam ou a relação se dissolve de uma vez. Em geral, quando duas pessoas se separam, a vida continua, apesar da dor, da amargura e do horror que a perda causa sempre em uma das partes, mais que na outra. As pessoas se perdoam a si próprias e umas às outras, compreendem os motivos da separação e perdoam inclusive o tempo das angústias e insatisfações. Mas isso pode também não acontecer e, pelo resto de suas vidas, isso será motivo de ressentimentos e inquietações.

Após deixar o hospital e continuar tomando remédios fortes, a saúde de Lota parecia melhorar. No entanto, ela continuava *fraca e deprimida*, sobretudo pela falta de trabalho, pois não conseguia se interessar por qualquer coisa à sua volta. Bishop se preocupava e percebia suas *crises de melancolia e de tédio*, porém, sentia-se incapaz de ajudá-la, por isso, a conselho dos médicos, viajou para Nova York em julho de 1967.

Talvez pela distância, pelos telefonemas calmos, pelas cartas calorosas, Bishop sentia que Lota apresentava sinais de melhora. Bishop arriscava-se a dizer que tinha esperança de que tudo correria bem quando ela voltasse para o Brasil. No entanto, Lota se

precipitou e foi para Nova York no dia 17 de setembro de 1967, contrariando as ordens dos médicos e dos amigos que perceberam que ela estava visivelmente debilitada, física e psiquicamente. Todavia ninguém conseguiu impedi-la de viajar.

Bishop a esperava no aeroporto, ansiosa, pois deixara Lota em um estado lamentável no Rio. Ansiava vê-la mais animada, mais forte, mais decidida. Foram três horas de longa expectativa, pois o voo atrasara. Quando elas finalmente se reencontraram, Bishop imediatamente percebeu que Lota estava *muito doente e deprimida*. Na noite da sua chegada em Nova York, elas conversaram muito e foram deitar-se cedo, estavam ambas muito cansadas. Bishop acorda naquele domingo tempestuoso e Lota já havia se levantado. Sai à sua procura e a encontra no andar de baixo do apartamento. Lota estava desacordada e com um vidro de Valium nas mãos, tomara uma *overdose de sedativos*<sup>399</sup>. Imediatamente, em menos de cinco minutos, a equipe do St. Vincent's Hospital chega e socorre-a, que fica em coma durante uma semana. Na esperança de que ela se recuperasse, Bishop resolveu não avisar a família no Brasil, uma decisão que causou mal entendidos e recriminações.

A despeito dos modernos cuidados médicos oferecidos pelo hospital, da atenção cotidiana da doutora Baumann, o coração de Lota pára de bater no final da tarde do domingo dia 25 de setembro de 1967. Bishop escreve um telegrama para as amigas Rosinha e Magu Leão: *Lota doente desde a chegada, faleceu hoje, tentando telefonar para vocês*<sup>400</sup>.

Lota cometera o suicídio. O suicida é aquele que literalmente vai embora e deixa os sobreviventes condenados a ficar presos para sempre em seus erros, em suas atitudes desmedidas, talvez em sua eterna culpa. *Por quê? Por quê? Por quê?* É a persistente

---

<sup>399</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>400</sup> Idem, *ibidem*. p. 514.

pergunta de todo aquele que se vê diante de tal morte. Eternos malditos porque nunca podem se desculpar, que não têm esperança de serem perdoados. Perdoados de quê?

Talvez a atitude de Lota, ao ingerir tantos sedativos não tivesse como objetivo a morte, mas, talvez, um pedido de socorro, fatidicamente malsucedido de quem estava absolutamente desesperada diante de tantas perdas, de tantas frustrações. No entanto, a morte pode ser vista também com um certo fascínio, uma atitude afirmativa, ou como disse Edson Passetti a respeito do suicídio de Gilles Deleuze: *a alegria de viver não espera pela morte, pode estar em sua antecipação*<sup>401</sup>.

Bishop foi rechaçada por quase todas as pessoas que conviveram com Lota, que a julgaram culpada. Ela não veio ao Brasil acompanhando o corpo de Lota a conselho de sua médica, pois pressentia que alguma coisa de muito ruim poderia lhe acontecer. Uma única certeza escreveu ela logo após a morte de Lota: *não sei o que fazer com a minha vida, mas imagino que com o tempo as coisas se ajustem*<sup>402</sup>. Com o tempo as situações se modificam e as pessoas também. Quando Bishop chega na casa de Samambaia, não havia mais nada em seu interior, pois Mary Morse *pegou todas as fotos antigas da Lota*<sup>403</sup>, não deixando praticamente nada para Bishop. Além disso, o interior da casa estava quase vazio e Bishop escreve angustiada revelando a sensação de chegar no *único lar* que teve em sua vida e constatar que ele já não lhe pertencia, pois estava *completamente vazio*. Mary deixou para Bishop *a roupa de cama, duas toalhas, dois pratos, talheres*. Bishop pergunta: *Será que as pessoas acham que eu não tenho sentimentos?* Todas as cartas foram queimadas, as fotografias desapareceram, os objetos da casa foram divididos entre amigos e parentes.

---

<sup>401</sup> PASSETTI, Edson. Verve 8, 2005, p. 47.

<sup>402</sup> Idem, ibidem. Carta para a doutora Baumann, 28 de setembro de 1967, p. 516.

<sup>403</sup> Idem, ibidem. Carta para Maria Osseer, de 04 de janeiro de 1968, p. 542. Maya, como era chamada por Bishop, trabalhou com Lota no Aterro e foi muito solidária com Bishop nesse momento.

Assim, parece que houve uma tentativa de apagar essa história, como se ela não tivesse acontecido, como se as pessoas tivessem esquecido. Tudo o que foi relatado aqui é o que pude constatar, a despeito da dificuldade em encontrar contemporâneos que me contassem um pouco da vida delas e das suas respectivas personalidades.

Bishop viveu *os anos mais felizes de sua vida* com Lota até começarem as obras *daquele maldito parque*. O tempo passa e ela não consegue esquecer o Rio, Samambaia, Lota. Escreve para sua confidente, seis meses após a morte da companheira: *Sinto uma saudade horrível da Lota, e não parece estar melhorando*. Apesar do conforto, do espaço, da luz e da localização do apartamento que ela vai morar em São Francisco, ela diz: *meu Deus, como tenho saudades do Brasil!* A beleza da cidade e as novas relações, as festas dadas no amplo apartamento, não diminuem as saudades e nada se compara ao Rio. Diz ela:

*Tenho a impressão de que, depois de morar em Samambaia e no Rio, nunca mais vou achar graça em paisagem nenhuma. Simplesmente fico calada. Nada chega aos pés das paisagens de lá. E morro de saudades boa parte do tempo, embora tente não ficar assim*<sup>404</sup>.

Depois da morte de Lota, a casa de Ouro Preto torna-se uma referência muito importante, pois o Rio e Samambaia tornaram-se lugares proibidos para Bishop. Apesar de permanecer na casa durante alguns anos após a morte de Lota, não considero que esse período seja relevante de ser apresentado, pois Lota e ela não costumavam freqüentar juntas a cidade. Lota não gostava da cidade mineira e não se interessava pela reforma daquele velho casarão, uma casa do século XVII, ainda preservada, e que pertence atualmente a Linda Nemer, amiga de Bishop nos últimos anos que ela viveu no Brasil.

---

<sup>404</sup> Idem, *ibidem*. Carta para May Swenson, 16 de novembro de 1968, p. 557-558.

O conflito vivido por Bishop após a morte de Lota, quando quase todos que conviveram com elas simplesmente a abandonaram, permite pensar na reflexão realizada por Janet Malcolm a respeito do suicídio da poetisa Sylvia Plath. Bishop sobreviveu e isso de certa maneira foi o motivo desse julgamento, *os mortos são sempre preferidos aos vivos pois a sua impotência, sua passividade, sua vulnerabilidade são as nossas*<sup>405</sup>.

Talvez a sensação das pessoas no momento da morte de Lota fosse a de que todos querem ser amados, por isso a identificação com os mortos. Como diz Malcolm:

*Todos aspiramos ao estado de inanição, à condição de impotência, em que somos forçosamente frágeis e merecedores de amor. É só à custa de um grande esforço que nos obrigamos a agir, a lutar, a nos fazermos ouvir acima do som do vento, a esmagar as flores enquanto andamos.*

Pode-se com isso imaginar o esforço que significou para Bishop continuar caminhando, lendo, ensinado, escrevendo poesia, vivendo em São Francisco ou em Boston, em um apartamento ou em uma casa, escrevendo contos, cartas ou poemas, depois de ter vivido *os anos mais felizes de sua vida* e ter a certeza de que eles nunca mais voltariam.

Lota sofreu durante os anos da construção do Parque uma pressão cotidiana não somente por ser uma mulher, mas por ter assumido aquele projeto de dimensões gigantescas e não ter um diploma universitário, o que a levava a ser constantemente questionada. Sua amizade com o Governador Carlos Lacerda foi continuamente lembrada como motivo para ela ter ocupado o cargo e não por sua competência profissional, freqüentemente questionada, por exemplo, por Burle-Marx. As pressões sutis que sofria secretamente por manter publicamente uma relação amorosa com outra mulher<sup>406</sup>, e os

---

<sup>405</sup> MALCOLM, Janet. A Mulher Calada. Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 65.

<sup>406</sup> Entrevista Roberta Macedo Leão (82 anos), Rio, junho de 2002.

muitos adjetivos que recebia diretamente em função disso, no Rio, da década de 1960, também podem ser percebidos como fatores do seu desgaste físico e emocional. Lota era uma mulher solteira, independente, que dirigia um Interlagos conversível, *fumava um Lucky Strike atrás do outro*<sup>407</sup>, vestia calça comprida, camisa e sapatos baixos, que não se intimidava diante do temível Governador Carlos Lacerda, discutindo com ele quando julgava necessário. Uma mulher que rompeu publicamente com o vaidoso paisagista Roberto Burle Marx, entre outras pessoas que discordavam das suas opiniões, não poderia manter-se lúcida em uma sociedade como a brasileira dos anos 1960, por mais que o Rio de Janeiro fosse considerada a mais moderna e progressista cidade da época.

Todos esses fatores, aos quais Lota esteve exposta depois que ocupou o espaço público, certamente afetaram, de maneira direta e irreversível, a relação amorosa. A descoberta da existência de uma outra mulher na vida de Bishop pode ter significado um peso difícil demais para ela suportar. Lota foi para Nova York frágil e doente. Talvez sentisse que, ao lá chegar encontraria a mesma Bishop dos tempos de Samambaia. Talvez, ao se deparar com a companheira, tenha percebido o quanto estavam distantes e que não seria possível refazer o percurso, modificar os acontecimentos. Talvez tenha decidido pelo seu próprio fim previamente, antes mesmo de viajar para Nova York, como observa Bishop:

*No testamento de Lota, no meio de todo aquele linguajar legal, ela inseriu uma citação de Voltaire – creio eu – as últimas palavras do testamento: 'Si le bon Dieu existe, il me pardonnera, c' est son métier'. Essa observação, e mais outras coisas de que fiquei sabendo, me fazem pensar que a coisa foi mais ou menos premeditada – ela não suportava a perspectiva de não ficar boa. Ela havia perguntado a um velho amigo nosso – e também a outro amigo (ainda mais querido), um tipo de pergunta que ela não*

---

<sup>407</sup> PASCOWITCH, Joyce. In Jornal Folha de São Paulo, Suplemento Mais, 24 de setembro de 1995.

*costumava fazer – se ele acreditava em Deus, e quando ele respondeu que sim ela disse: 'Então reze por mim, Tamoyo'. Assim, meu único consolo é que ela quis mesmo estar comigo. Mas, meu Deus, ainda é muito difícil acreditar que tudo isso aconteceu*<sup>408</sup>.

Ao narrar a história da relação amorosa de Lota e Bishop, procurei realizar a tarefa ensinada por Foucault, sacudir as evidências e mostrar que, no Rio de 1950-1960, havia duas mulheres construindo-se subjetivamente para além dos paradigmas identitários. Embora inseridas em um contexto histórico e social preciso, que apresentava as relações homoeróticas femininas pautadas pelo estatuto heterossexual: que representa a masculina e forte, em oposição à feminina e frágil, Lota e Bishop inverteram essas figurações nas suas práticas cotidianas, ora uma é hospitalizada por sua fragilidade, ora a outra. Elas mostraram que a relação amorosa entre duas mulheres comporta a amizade, a cumplicidade, a emoção e o afeto como formas de experimentação de si, sentimentos tão pouco valorizados nas relações assimétricas e hierarquizadas.

Busquei apresentar Lota como uma personagem múltipla, sendo descrita de maneiras divergentes por pessoas que conviveram com ela. Ora emerge a mulher sofisticada de vestido preto e casaco azul de seda indiana; ora a fumante inveterada, de calças compridas, camisa e sapato baixo; ora a mulher decidida, exigindo que o Governador Carlos Lacerda desse dinheiro para as obras do Parque; ora calada diante da difamação realizada por Burle Marx.

Concluo esse trabalho com o que disse Mônica Morse, filha adotiva de Mary Morse, que encontrava Lota nos finais de semana, quando ela deixava o Rio para ir descansar em Petrópolis. Mônica era uma criança de sete anos naquela época, mas guardou na memória a

---

<sup>408</sup> BISHOP, E. Op. Cit. Carta para U.T. e Joseph Summers, 19 de outubro de 1967, p. 528, 1995.

imagem de uma pessoa que se transfigurava dependendo da ocasião, da situação, ou da necessidade. Diz ela:

*Lota cuidava das obras do Aterro, e quando estava em Samambaia ajudava a me vestir para a festa junina, lembro que era sempre ela quem fazia tranças no meu cabelo e me vestia de caipira. Ela me levava na escola e deixou dinheiro para minha educação no seu testamento, pois dizia que a educação me protegeria contra os homens. Era ao mesmo tempo duas pessoas, a Lota do Aterro, que dava ordens, exigia e comandava aquela obra e a Lota de Samambaia, que me pegava no colo e me levava para ver as estrelas, a não ter medo do escuro e ouvir o silêncio da noite, a terapia do silêncio que eu aprendi com ela<sup>409</sup>.*

---

<sup>409</sup> Entrevista Mônica Morse. Rio de Janeiro, 08 de junho de 2004.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu pela busca de renunciar a certas formas de silenciamento históricas, neste caso, a de que as relações homoeróticas femininas são pouco visíveis na sociedade brasileira. Apesar dessa invisibilidade, em 1995 dois trabalhos foram publicados, mostrando que nos anos 1950, no Rio de Janeiro, duas mulheres viveram uma relação amorosa compartilhada com um seleto grupo de amigos. O livro de Carmen Oliveira, já citado anteriormente, *Flores Raras e Banalíssimas. A história de Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop*, e o livro *Uma Arte. As cartas de Elizabeth Bishop*<sup>410</sup>. Tendo em mãos esses estudos e informações, resolvi investigar as condições que tornaram possíveis as práticas homoeróticas femininas, em um período marcado por uma forte normatização dos comportamentos, sobretudo quanto às funções femininas.

A direção das investigações apontava para a maneira como os estudos feministas buscaram romper com as estruturas fixas, com a noção de tempo linear e evolutivo, fazendo emergir uma variada gama de experiências femininas, e não somente aquelas que tratavam das mulheres vitimizadas, tristes, incapazes de agir por seus próprios interesses. O desafio estava colocado, e assim, uma multiplicidade de interpretações e análises permitiram dar visibilidade às mulheres enquanto sujeitos históricos completos, o que representava um imenso trabalho.

Articulei as histórias de vida de Lota e Bishop pelo afeto que elas movimentaram entre si e com as pessoas com que conviveram, pois como mulheres da elite, tiveram ao seu alcance condições financeiras para viver sua relação distante da sociedade conservadora,

---

<sup>410</sup> OLIVEIRA, Carmen L. 1996 (1ª edição, 1995); BISHOP, E. 1995.

criaram ao seu redor um universo particular pautado por regras próprias, entre pessoas escolhidas por elas e diante das quais não precisaram omitir seu relacionamento amoroso.

Adentrar a sociedade carioca dos anos 1950 foi o caminho escolhido, a fim de compreender quais eram as possibilidades das práticas homoeróticas femininas nessa sociedade. Embora a cidade do Rio sofresse nesse momento profundas transformações nos mais variados aspectos, essas não pareciam atingir as relações entre os gêneros, que se mantiveram assimétricas e hierárquicas, com alterações sutis sob os quais me coloquei a analisar. As mulheres que ocuparam o espaço público tinham de respeitar essa estrutura social. As que buscaram uma vida independente correram o risco de serem identificadas como "pouco femininas" ou mesmo como *mulher-homem*, uma expressão popularizada que indicava características masculinas em sua conduta e pelas quais foram discriminadas.

O pensamento conservador relacionava a autonomia com a perda da feminilidade, um ônus demasiado caro que incorria em uma freqüente estigmatização. Diante desta consideração, voltei minha atenção às dimensões médico-legais em curso na sociedade brasileira, desde as primeiras décadas do século XX. Nas teses, relatórios, diagnósticos e pareceres desses discursos, as mulheres interessadas em práticas homoeróticas foram identificadas como doentes, necessitando de tratamento para serem curadas. Também foram consideradas nocivas ao convívio social e por isso várias foram asiladas em instituições psiquiátricas ou no interior das suas famílias.

Não havia espaços específicos para essas mulheres encontrarem-se, conhecerem-se e descobrirem que não estavam tão sozinhas, como a sociedade fazia crer. Emergiram na cidade carioca, no final dos anos 1950 e início de 1960, espaços públicos de encontro de intelectuais, artistas e boêmios, que passaram a ser ocupados por todas as pessoas que buscavam uma convivência fora dos limites tradicionais. A noite de Copacabana tornou-se

um ponto de referência e certos ambientes permitiram o reconhecimento de indivíduos com os mesmos interesses afetivos e sexuais.

No entanto, estas não foram as práticas de várias mulheres elitizadas que estabeleceram para si mesmas um espaço lesbiliano distante dos domínios públicos, vivido no privado entre pessoas com as mesmas afinidades. Esta foi uma saída encontrada pela qual a casa assumiria uma dimensão quase pública à medida que se torna também um lugar para se conhecerem e viverem livremente suas relações, preservadas e protegidas.

Identifico assim uma alternativa acionada por algumas mulheres na qual há uma intensificação da vida privada como proteção e invisibilidade das suas práticas amorosas e sexuais. Esse não foi, porém, um recurso disponível para as de menor poder aquisitivo. Para estas, a casa familiar representou o espaço normativo por excelência, no qual suas ações foram intensamente vigiadas no cotidiano. As saídas, neste caso, davam-se nos espaços públicos, sobretudo nos bares, boates e restaurantes que funcionavam como espaço de sociabilidade e de reconhecimento.

Ao percorrer a trajetória de vida de Lota e Bishop, percebi o quanto elas se transformaram no contexto da relação amorosa, seja pela intensa produção durante os anos em que viveram juntas, seja pela maior abertura ao universo público, assumindo funções anteriormente pouco prováveis. No entanto, no ordinário de suas vidas, ao agenciarem novas práticas de si depararam-se com as incongruências sociais. Não foi possível para elas passarem incólumes e atravessarem as fronteiras sem soçobrar em suas mudanças duramente conquistadas nos anos de reclusão.

Apresentar a história de amor e de amizade de Lota e Bishop é também uma maneira de dar visibilidade às práticas homoeróticas femininas experimentadas no Rio de Janeiro dos anos 1950 e 1960. Era um tema pouco conhecido, talvez por se tratar de

relações vividas no privado e dos quais pouco se sabe. Talvez, especialmente, pela ausência de documentos íntimos que revelam mais sobre as estruturas pulsionais originadas nas emoções e nas paixões.

A dificuldade maior foi encontrar mulheres com mais de sessenta anos dispostas a narrar suas experiências, já que viveram por muito tempo amedrontadas. Algumas admitiram que se sentiram isoladas durante grande parte da sua existência. Havia o risco constante de serem *denunciadas*, o que indicava uma espécie de ostracismo social, pelo qual tiveram de renunciar aos seus desejos, aos seus afetos, à relação com o seu próprio corpo.

As de menor poder aquisitivo, por sua vez, assumiram uma performance masculina, uma maneira de conquistar visibilidade e serem aceitas socialmente. Todavia, isto tão pouco lhes garantiria o respeito que almejavam, como pessoas que queriam ter o direito de amar outra mulher, sem ter de se sentirem acuadas quando adentravam espaços públicos não destinados aos seus encontros.

Ao refletir sobre a construção da subjetividade feminina agenciada por elas fora dos espaços institucionais, detectei uma enorme diferença quanto às questões relacionadas à classe social. A performance masculina é percebida como forma de reconhecimento e mecanismo de proteção para aquelas com poucos recursos financeiros. Algumas de maior poder aquisitivo resistiram em adotar símbolos identificados ao masculino e, quando o fizeram, foram percebidas como excêntricas, o que parece ter amenizado o estigma sobre elas.

Apontar a performance masculina e feminina no interior das práticas homoeróticas femininas, foi uma maneira de mostrar como a divisão binária dos sexos é *fruto de uma*

*linearidade do olhar, de uma homogeneização que furta e esconde o múltiplo*<sup>411</sup>, impedindo que essas relações se construam de forma mais solta para além dessa divisão. Neste sentido, procurei acompanhar o pensamento de algumas teóricas feministas que ressaltaram em suas análises *os mecanismos que transformam os corpos em feminino e masculino, interpelados pelas práticas de dominação, de assujeitamento ou de resistência*. Nesta direção, percebo que o assujeitamento às práticas regulatórias mostrava-se tão intenso, que as próprias lesbianas identificaram entre si quem era a *verdadeira lésbica*, como se houvesse a "verdadeira mulher" ou o "verdadeiro homem".

Os mecanismos forjadores das identidades sexuais são fortemente engendrados nas práticas homoeróticas femininas, pelos quais parece possível aprender a ser uma *lésbica*. Em geral, é admitida como sendo, aquela que atribuiu ao seu corpo signos, gestos e uma conduta masculina. E, assim, eu pergunto: pode isso ser considerado uma forma de resistência? Ou será que se aprende a ser lesbiana da mesma maneira que se aprende a se tornar mulher?

Aprendemos que os sentidos dados aos corpos são uma invenção social sublinhada em um dado biológico, que varia culturalmente. Neste sentido, a subjetividade de cada pessoa não está diretamente relacionada aos traços biológicos, nem às práticas sexuais que são *convenções sócio-históricas de repetições incessantes atuando em todos os níveis do humano*.

Desta maneira, as discussões sobre a sexualidade lesbiana foram durante décadas representadas dentro da norma heterossexual e, portanto, não se pode ficar surpresa se as mesmas lesbianas continuaram a se representar a si mesmas e aos outros deste modo.

---

<sup>411</sup> SWAIN, T. A invenção do corpo feminino ou "A hora e a vez do nomadismo identitário". In Textos de História. Revista de Pós-Graduação em História da UnB. vol. 8, n. ½, 2000.

Entretanto, não estamos mais nos anos 1950. Talvez, possamos romper com as representações heterossexuais. Continuar a apresentar o desejo de uma mulher por outra mulher em termos da performatividade masculina corre o risco de se tornar dependente dessa representação. Assim, percebo que as vestes masculinas não são neutras, sobretudo, em um mundo em que ser homem, branco e burguês significa ter privilégios, como, por exemplo, a individualidade.

De acordo com Annunziata Berrino, *ao invés de refutar a heterossexualidade, talvez seja o momento de procurar formas próprias de representação que sejam verdadeiramente capazes de escancarar o modelo obsoleto do masculino e feminino, do ativo e do passivo, do subjetivo e do objetivo*<sup>412</sup>. É preciso construir formas de representação que sejam realmente múltiplas, tantas quantas forem possíveis. Ou quem sabe, abolir toda e qualquer forma de representação, pois o eu de cada pessoa é mutável e não necessita se repetir, correndo o risco de consolidar uma outra norma.

Nas palavras de Judith Butler, nunca está claro o que se pretende ao invocar o significante lesbiana, posto que seu significado se subtrai ao controle próprio e também porque sua especificidade só pode delimitar-se através de exclusões que voltam a desbaratar sua afirmação de coerência. No caso de que as lesbianas comportassem algo: o que seria ele? Quem e em nome de que se decidiria sobre este tema? Se digo que sou lesbiana, "saio do armário" apenas para criar um outro novo e diferente. *Ou será que não foram os outros que nos colocaram no armário quando éramos jovens e não sabíamos nos defender?*<sup>413</sup>, pergunta ela.

---

<sup>412</sup> BERRINO, A. Op. Cit. 2003.

<sup>413</sup> BUTLER, J. Op. Cit. 2001.

Esse trabalho procurou apontar pistas para o conhecimento dos códigos, dos signos e dos termos utilizados por um segmento social que parece tão pouco visível e que, no entanto, reuniu milhares de pessoas em manifestações sociais, a exemplo da Parada Gay de São Paulo em 19 de junho de 2005.

## **BIBLIOGRAFIA E FONTES**

### **Fontes manuscritas:**

Cartas de Lota Macedo Soares para Mário de Andrade, 1942. Arquivo Mário de Andrade. Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, pesquisado em janeiro de 2005.

Cartas de Lota Macedo Soares ao Governador Carlos Lacerda, 1961-1965. Arquivo Carlos Lacerda. Universidade de Brasília, pesquisado em julho e setembro de 2002.

Carta do Governador Carlos Lacerda par Roberto Burle Marx, 21 de outubro de 1965. Arquivo Carlos Lacerda.

Carta de Lina Bo Bardi para Carlos Lacerda, 14 de outubro de 1963. Arquivo Carlos Lacerda

Cartas de Elizabeth Bishop, para Lota Macedo Soares, 21 e 22 de fevereiro de 1960. Special Collections Vassar College.

Carta de Elizabeth Bishop para Carlos Drummond de Andrade, 28 de junho de 1965. Casa Rui Barbosa. Rio de Janeiro, pesquisado em junho de 2002.

### **Artigos em Jornais:**

ALMINO, João. "A poeta vê o Brasil", *Folha de São Paulo. Suplemento Mais!* 24 de setembro de 1995.

ASCHER, Nelson. "Um poema de Bishop a Bandeira", *Folha de São Paulo. Suplemento Mais!* 24 de setembro de 1995.

BITTENCOURT, Francisco et alii. "Cassandra Rios: assim, até a Bíblia é pornográfica", *Lampião da Esquina, Rio de Janeiro*. ano 3, n. 29, outubro de 1980.

BLOOM, Harold. "A confiante entrega de uma tradição literária", *Folha de São Paulo. Suplemento Mais!* 24 de setembro de 1995.

BRITTO, Paulo Henriques. "As aspas da tradução", *Folha de São Paulo. Suplemento Mais!* 27 de fevereiro de 2001.

BRITTO, Paulo Henriques. "Monólogo leva poeta americana ao teatro", *Folha de São Paulo. Suplemento Mais!* 07 de junho de 2001.

BURLE-MARX, Roberto. "Arbitrio nos jardins do Aterro", *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1965.

\_\_\_\_\_ Carta de Burle-Marx para Lota, *O Globo, Rio de Janeiro*, 23 de outubro de 1965.

CALLADO, Antonio. "Um sábio entre os bugres", *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1958.

CASTRO, Fernando. "Paternalismo e Antiamericanismo", *Correio da Manhã, Rio de Janeiro*, 28 de março de 1965.

COELHO, Marcelo. "Poesia alheia", *Folha de São Paulo. Suplemento Mais!* 20 de maio de 1998.

COELHO, Sérgio. "Havia uma mulher invisível no Aterro", *Folha de São Paulo. Ilustrada*, 16 de setembro de 1995.

\_\_\_\_\_, "Sob olhar estrangeiro, Bishop define Brasil", *Folha de São Paulo. Ilustrada*. 15 de junho de 2001.

COLÔNIA, Regina. "Elizabeth Bishop: a poesia como 'way of life'. *Jornal do Brasil, Caderno B, Rio de Janeiro*. 06 de junho de 1970.

CORÇÃO, Gustavo, "Lota Macedo Soares", *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 05 de outubro de 1965.

\_\_\_\_\_, "Para Lota", *O Globo, Rio de Janeiro*, 30 de setembro de 1967.

CUNHA, Angela R. "A verdade sob o aterro". *Jornal do Brasil. Caderno Ela*, 02 de julho de 1994.

FELINTO, Marilene. "Mapa de um Amor Brasileiro", *Folha de São Paulo. Suplemento Mais!*

GABEIRA, Fernando. "Nuvem envolveu Elizabeth Bishop e Lota". *Folha de São Paulo. Ilustrada*. 05 de fevereiro de 1996.

\_\_\_\_\_, "Prosa Completa esclarece vida e obra de Bishop", *Folha de São Paulo. Ilustrada*. 05 de outubro de 1996.

HORTA, Nina. "Bishop fazia geléia de jabuticaba em 1953", *Folha de São Paulo. Ilustrada*, 17 de junho de 1994.

Jornal Chanacomchana, São Paulo (1981-1987). Arquivo Edgar Leuenronth, Unicamp.

LESSA, Elsie. "Lota Macedo Soares", *O Globo, Rio de Janeiro*, 06 de outubro de 1967.

LIMA, Luis Costa. "Bishop: a arte da perda", *Jornal do Brasil. Suplemento Idéias*, 03 fevereiro de 1992.

MORAES, Elaine Robert e LAPEIZ, Sandra, Entrevista com Cassandra Rios. *Lampião da Esquina, Rio de Janeiro*. Rios, Ano 1, n. 7, outubro de 1978.

OLIVEIRA, Carmen. "Elizabeth Bishop, cronista do Rio", *Jornal do Brasil, Suplemento Prosa & Verso*, 09 de outubro de 2004.

PAIXÃO, Gilberto Mourand. "Aterro do Flamengo", *O Globo, Rio de Janeiro*, 16 de outubro de 1961.

PASCOWITCH, Joyce. "Lota ia na contramão da sociedade da época", *Folha de São Paulo. Suplemento Mais!*, 24 de setembro de 1995.

PEIXOTO, R. "Nova Praia do Flamengo", *Jornal do Brasil. Suplemento Domingo. Rio de Janeiro*. 18 de janeiro de 1961.

PEREIRA, Lúcia Miguel. "Elizabeth Bishop", *Jornal O Estado de São Paulo*. 06 de outubro de 1956.

QUEIROZ, Rachel. "Carta para Lota Macedo Soares", *O Jornal, Rio de Janeiro*, 08 de outubro de 1967.

SANT'ANNA, Afonso Romano, "Lembrando Elizabeth", *O Globo, Suplemento Prosa & Verso, Rio de Janeiro*, 01 de dezembro de 2001.

SILVA, Aguinaldo. "Essa mulher é lésbica! Por isso a acusam de homicídio". *Lampião da Esquina, Rio de Janeiro*, Ano 2, n. 13, junho de 1979.

SOARES, Lota Macedo, "Entrevista", *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1942.

\_\_\_\_\_, "De Lota para Burle-Marx", *O Globo, Rio de Janeiro*, 21 de outubro de 1965.

TREVISAN, João Silvério et alii. "Cassandra Rios ainda resiste", *Lampião da Esquina, Rio de Janeiro*, ano 1, n. 5, outubro de 1978.

VELASCO, Renato. "O verde é do povo", *Jornal do Brasil. Suplemento Domingo*, 20 de abril de 1990.

### **Artigos em Revistas e Periódicos:**

AQUINO, Luis Octávio Rodrigues. *Discurso Lésbico e Construções de Gênero*. BRITTO, Maria Noemi & FONSECA, Cláudia (coord.). *Horizontes Antropológicos. Gênero. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*. Porto Alegre: da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pp. 79-93, 1995.

BARBOSA DA SILVA, Fábio. *Aspectos Sociológicos do Homossexualismo em São Paulo*. Revista de Sociologia, v. 21, n. 4, pp. 350-350, outubro 1959.

BONNET, Marie-Jo, As relações entre mulheres: o impensável? Tradução Tania Navarro Swain. *Labrys, estudos feministas*, n. 3, janeiro/julho 2003. Disponível em [www.unb.br/ih/his/gefem/labrys](http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys). Acesso em setembro 2003.

BORGES, Vavy Pacheco, Uma mulher e suas emoções: o diário de Eugénie Leuzinger Manet (1885-1889). *Cadernos Pagu* (19), 2002: pp: 113-144.

BRAIDOTTI, Rosi, Diferença, Diversidade e Subjetividade Nômade. Tradução Roberta Barbosa. *Labrys, estudos feministas*, n. 1-2, julho/dezembro 2002. Disponível em [www.unb.br/ih/his/gefem/labrys](http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys). Acesso em fevereiro 2003.

BUTLER, Judith, Imitación e insubordinación de género. - *Revista de Occidente. Las Intervenciones Humanitarias* n. 236, enero 2001, pp. 85-109.

CARAGLIO, Martine, Les lesbiennes 'masculines', ou quand la masculinité n'est qu'un paysage, *Nouvelles Questions Féministes* 18 (1), 1997, pp. 57-75.

CAULFIELD, Sueann, Getting Trouble: Dishonest Women, Modern Girls, and Women-Men in the conceptual language of Vida Policial, 1925-1927. *SIGNS, Journal of Women in Culture and Society*, Chicago, autumn, 1993, pp. 146-177.

DAVIS, Madeline and KENNEDY, Elizabeth Lapovsky, Oral History and the study of sexuality in the Lesbian Community Buffalo, New York, 1940-1960. *Feminist Studies* 12, n. 1, Spring 1986, pp. 07-26.

DELGADO, Andréa Ferreira. Cora Coralina e a Invenção de Si, *Revista Educação, Subjetividade e Poder. Núcleo de Estudos sobre Subjetividade, Poder e Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 6, v. 6, agosto 1999, pp. 42-54.

DELPHY, Christine, Presentation: Lesbianisme, androgyne, transgression du genre, *Nouvelles Questions Féministes* 18 (1), 1997, pp. 1-16.

EIZIRIK, Marisa. Ética e Cuidado de Si: Movimentos de Subjetividade, *Revista Educação, Subjetividade e Poder. Núcleo de Estudos sobre Subjetividade, Poder e Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 4, v. 4, março/dezembro 1997.

FISHER, Britta, "As experiências de liberdade de Helena Morley", *Novos Estudos Cebrap*, n. 51, julho de 1988, pp. 175-188.

FOUCAULT, Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade VERVE. *Revista Semestral do Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais*, PUC-SP, (2004), p.268.

GAGNEBIN, Jean Marie, "Existência ou Inexistência de uma Literatura especificamente feminina", vol. 43, n. ¾, julho/dezembro 1992- *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*.

GROSSI, Yonne de Souza e FERREIRA, Amauri Carlos. Razão Narrativa: significado e memória, *Revista Brasileira de História Oral*, n. 4, 2001.

GROSZ, Elisabeth, Futuros Feministas ou o futuro do pensamento. *Labrys, estudos feministas*, n. 1-2, julho/dezembro 2002. Disponível em [www.unb.br/ih/his/gefem/labrys](http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys). Acesso em fevereiro 2003.

GROZ, Elisabeth, Corpos reconfigurados. *Cadernos Pagu* (14) 2000: pp. 45-86.

IRIGARAY, Luce. A questão do outro. Tradução Tania Navarro Swain. *Labrys, estudos feministas*. n. 1-2, julho/dezembro 2002. Disponível em [www.unb.br/ih/his/gefem/labrys](http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys). Acesso em fevereiro 2003.

JOYCE, Elisabeth, Stein, Bishop and Rich: Lyrics of Love, war and place by Margareth Dickie, SIGNS, *Journal of Women in Culture and Society*, Chicago, 26, n. 1, autumn, 2000.

KOFES, Suely, Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações. *Cadernos Pagu* (1), 1993.

\_\_\_\_\_, Experiências Sociais, Interpretações Individuais: história de vida, suas possibilidades e limites. *Cadernos Pagu* (3) 1994: pp. 117-141.

LEJEUNE, Philippe. Diários de garotas francesas no século XIX: constituição e transgressão de um gênero literário. *Cadernos Pagu* (8/9) 1997: pp. 99-114.

LOURO, Guacira Lopes, Corpos que escapam 1, *Labrys, estudos feministas*, n.4, agosto/dezembro 2004. Disponível em [www.unb.br/ih/his/gefem/labrys](http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys). Acesso em fevereiro 2005.

PACHECO E SILVA, Antonio C. "Um Interessante caso de homossexualismo feminino". *Archivos da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo*, vol. X, fasc. 1º, 2º, 3º, ano X, janeiro/dezembro de 1939. Biblioteca do Instituto Oscar Freire. Departamento de Medicina Legal da Universidade de São Paulo.

PARADA, Marcelo. A Fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a elite carioca e as imagens da modernidade no Brasil dos anos 1950, (Brasil 1954-1964), *Revista Brasileira de História*, vol. 14, n. 27, 1994, pp. 113-128.

PASSETI, Edson, heterotopias anarquistas, *VERVE. Revista Semestral do Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP.* (2002), pp. 141- 172.

PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam, Entrevista com Joan W. Scott, *Revista de Estudos Feministas. Publicação Semestral Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS/UFRJ*, vol. 6, n. 1/ 1998, pp. 114-124.

PERRIN, Céline & CHETCUTI, Natacha. Além das aparências. Sistema de Gênero e encenação dos corpos lesbianos. *Labrys, estudos feministas*, n. 1-2, julho/dezembro de 2002. Disponível em [www.unb.br/ih/his/gefem/labrys](http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys). Acesso em fevereiro de 2003.

PERROT, Michelle, Práticas da Memória Feminina, *Revista Brasileira de História*, n. 18, v. 9, agosto/setembro 1989, pp. 09-18.

QUEIROZ, Rachel. "Carta para Lota", *Revista O Cruzeiro*, 16 de fevereiro de 1972.  
\_\_\_\_\_, "O Aterro da Glória", *Revista O Cruzeiro*, 29 de outubro de 1961.

RAGO, Margareth, As Marcas da Pantera: Foucault para Historiadores, *Revista de Cultura Resgate*, Centro de Memória da Unicamp e Editora Papirus, n. 5, 1993, pp. 22-32.

\_\_\_\_\_, Feminizar é preciso ou por uma cultura filógena. *Revista do Seade*, São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_, O efeito Foucault na historiografia brasileira, *Revista Tempo Social*, USP, outubro, 1995.

\_\_\_\_\_, *Foucault, a Subjetividade e as Heterotopias Feministas*, mimeo, 2005.

*REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL*, n. 4, Junho 2001.

*REVISTA CONSTRUÇÃO*, Rio de Janeiro, vol. IX, Agosto, 1965 (100).

*REVISTA DE ARQUITETURA*, Rio de Janeiro, n. 28, novembro, 1964.

*REVISTA DE ENGENHARIA DO ESTADO DA GUANABARA*, Jan / Dez 1962, vol. XXIX, n.14. Secretaria Geral de Viação e Obras, Órgão da Secretaria de Obras Pública.

*REVISTA DE SOCIOLOGIA*, São Paulo, v. 21, n. 4, outubro de 1959, p. 350.

*REVISTA DIRETRIZES*, Rio de Janeiro, 23 de abril de 1942

*REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO*, Rio de Janeiro, n. 23, 1994, pp. 90-123.

*REVISTA MÓDULO 37. Revista de Arquitetura e Artes Visuais no Brasil*. Rio de Janeiro, Agosto, 1964.

SANT 'ANNA, Denise, As infinitas descobertas do corpo. *Cadernos Pagu* (14) 2000: pp. 235-249.

SMITH-ROSENBERG, Carroll, The female world of love and ritual: relations between women in nineteenth-century America, *SIGNS, Journal of Women in Culture and Society*, Chicago 1975, vol.1, n. 1, pp. 1-29.

ST.HILAIRE, Colette, A Dissolução das Fronteiras do Sexo, *Textos de História. Revista de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. Feminismos: Teorias e Perspectivas*. SWAIN, Tania N. (org.), vol. 8, n. ½, 2000, pp. 85-112.

SWAIN, Tania Navarro, A Invenção do Corpo Feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário, *Textos de História. Revista de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. Feminismos: Teorias e Perspectivas*. SWAIN, Tania N. (org.), vol. 8, n. ½, 2000, pp. 47-84.

\_\_\_\_\_, As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômades. *Labrys, estudos feministas*, n. 1-2. julho/dezembro de 2002. Disponível em [www.unb.br/ih/his/gefem/labrys](http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys). Acesso em fevereiro de 2003.

\_\_\_\_\_, Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. *Cadernos Pagu* (12) 1999: pp. 109-120.

\_\_\_\_\_, Unveiling relations: Women and Women and Carroll Smith Rosenberg research. *Journal of Women's History*, vol. 12, n. 3, autumn, 2000, pp. 29-33.

TERESA, Maria, Assuntos Femininos: Da mulher para a mulher, *Revista O Cruzeiro*, 12 de julho de 1952.

VIANNA, Lúcia Helena. *Poéticas Feministas: poética da memória*. Texto apresentado no *Seminário Fazendo Gênero*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, outubro 2002.

\_\_\_\_\_, Tinta e sangue: o diário de Frida Kahlo e os quadros de Clarice Lispector. *Revista de Estudos Feministas*, v. 11, n. 1, 2003, pp. 71-86.

## **Bibliografia Geral**

ABBOT, Deborah. *Adeus maridos: mulheres que escolheram mulheres*. São Paulo: Editora GLS, 1998.

AFONSO, Lúcia e VON SMIGAY, Karin. *Enigma do Feminino. Estigma das Mulheres*, COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina (orgs), Rebeldia e Submissão. Estudos sobre a Condição Feminina, São Paulo, Edições Vértice e Fundação Carlos Chagas, 1989, pp. 177-194.

ALMEIDA, Gastão Ferreira. *Os Projetos do Código Criminal Brasileiro*. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1937.

ALVES, Branca Moreira et alli. *Sexualidade e Conhecimento: a negação do saber*.

AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

AQUINO, Luis Octávio. *As Derivas do Desejo: processos de construção, manutenção e manipulação de identidades lésbicas em um conjunto de mulheres de Porto Alegre*. Tese de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.

ARANTES, Antonio A. (org). *Produzindo o Passado. Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ARAÚJO, Maria do Socorro. *Paixões Políticas em Tempos Revolucionários: nos caminhos da militância, o percurso de Jane Vanini (1964-1974)*, Tese de Doutorado em História da Universidade Estadual do Mato Grosso, 2002.

ARCHANJO, Léa Resende. *Ser Mulher na Década de 50. Representações Sociais Veiculadas em Jornais*, In TRINDADE, Etelvina e MARTINS, Ana M. Vosne (orgs), *Mulheres na História do Paraná, séculos 19 e 20*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1997.

ÀRIES, Philippe & BEJIN, André (orgs.). *Sexualidades Ocidentais. Contribuições para a história e a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ÁRIES, Philippe. *História da Vida Privada 3. Da Renascença ao Século das Luzes* CHARTIER, Roger (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

AUGRAS, Monique. *História Oral e Subjetividade*. In VON SIMSON, Olga (org.), *Os Desafios Contemporâneos da História Oral*. Campinas: Centro de Memória, Unicamp, 1996.

AYMARD, Maurice. *Amizade e Convivialidade*, In ARIÈS, Philippe & CHARTIER, Roger (orgs.). *História da Vida Privada 3. Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

AZEVEDO, Maria Inês Castro. *Laços de Intimidade. Códigos do Afeto em Romances do Século XIX*, Tese de Doutorado em Letras. Puc: Rio de Janeiro, 1997.

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARD, Christine. *Les garçonnnes. Modes et Fantasmés des Années Folles*. Paris: Flammarion, 1998.
- BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos Anos Dourados*. In DEL PRIORI, Mary & BASSANEZI, C. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Unesp, 1997.
- \_\_\_\_\_, *Virando as páginas. Revendo as Mulheres. Revistas Femininas e relações homem-mulher, 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Coleção Leitura, 1997.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BELLINI, Lígia. *A Coisa Obscura. Mulher, Sodomia e Inquisição no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BERGER, Paulo. *Dicionário Histórico das ruas do Rio de Janeiro – do Leme à Gávea*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.
- BERRINO, Annunziata. “La Femmina Masculiata”. In GUIDI, Laura & LAMARRA, Annamaria (a cura di). *Travestimenti e Metamorfosi. Percorsi dell' identità di genere tra epoche e culture*. Napoli: Filema, 2003, pp. 39-146.
- BESSE, Susan. *Modernizando a Desigualdade. Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil 1914-1941*. São Paulo: Edusp, 1999.
- BONNET, Marie-Jo. *Les relations amoureuses entre les femmes*. Paris: Odile Jacob, 1995.
- \_\_\_\_\_, *Qu' est-ce qu' une femme désire quand elle désire une femme?* Paris: Odile Jacob, 2004.
- BOSI, Eclea. *Memória e sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz/USP, 1987.

BRAIDOTTI, Rosi. *Nomadic subjects. Embodiment and Sexual differences in contemporary feminist theory*. New York: Columbia University Press, 1994.

BRANCO, Lúcia Castelo. *A Traição de Penélope*, São Paulo: Annablume, 1994.

\_\_\_\_\_, *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BRUHN, Patrícia. *Biblioteca Básica de Educação Sexual. A Homossexualidade Feminina*, Rio de Janeiro: Século Futuro Editora Ltda, 1986.

BRUSCHINI, Cristina & ROSEMBERG, Fúlvia (orgs.). *Vivência. História, Sexualidade e Imagens Femininas*. São Paulo: Brasiliense, pp. 257-288, 1980.

BRUSCHINI, Cristina e SORJ, Bila (orgs.). *Novos Olhares: Mulheres e Relações de Gênero no Brasil*. São Paulo: Marco Zero: Fundação Carlos Chagas, 1994.

\_\_\_\_\_, *Vivência. História, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BURGUIÈRE, André. *Dicionário de Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam. Sobre os Limites Discursivos do Sexo*, In LOURO, Guacira L. *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_, *Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAPRIO, Frank. *Homossexualidade Feminina. Estudo Psicodinâmico do Lesbianismo*. São Paulo: Ibrasa, 1965.

CARDOSO, Marília Rothier. *Carta ao Leitor. Reflexões a partir de uma seção de arquivo de Pedro Nava*. In GALVÃO, Walnice & GOTLIB, Nádia. (orgs.). *Prezado Senhor, Prezada Senhora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CASTRO, Ruy. *Chega de Saudade: a história e as histórias da bossa nova*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_, *Ela é Carioca: dicionário de Ipanema*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAULFIELD, Sueann. *Em Defesa da Honra. Moralidade e Modernidade e Nação no Rio de Janeiro 1818-1940*. Campinas: Unicamp/Cecult, 2000.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano I. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996, 2ª edição.

CHARTIER, Roger. *As práticas da escrita*. In ÀRIES, P. & CHARTIER, R. (orgs.). *História da Vida Privada*, vol. 3. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 211-266.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário de Escrita Feminina. Dicionário Crítico das Escritoras Brasileiras*. São Paulo: Vertente Editora, 1978.

CORBIN, Alain. *Bastidores*. In DUBY, G. & PERROT, M. (orgs.). *História da Vida Privada*. Vol. 4. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_, *Gritos e Cochichos*. In DUBY, G. & PERROT, M. (orgs.). *História da Vida Privada*. Vol. 4. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COSTA, Jurandir Freire. *A Face e o Verso. Estudos sobre Homoerotismo II*. São Paulo: Escrita, 1995.

\_\_\_\_\_, *A Inocência e o Vício. Estudos sobre o Homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

\_\_\_\_\_, *Sem fraude nem favor. Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CUNHA, Maria Clementina P. *O Espelho do Mundo. Juquery. A História de um Asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DAMATA, Gasparino. *Antologia da Lapa: Vida Boêmia no Rio de Ontem*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

DAUPHIN, Cécile. *Mulheres Sós*. In DUBY, G. & PERROT, M. (orgs.). *História das Mulheres no Ocidente*, vol. 4, O Século XX. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, pp. 477-495, 1991.

DAVIS, Nathalie Zemon. *Nas Margens. Três Mulheres do Século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_, *L' Histoire Tout Feu Tout*. Paris: Flamme, 2004.

DE LAURETIS, Teresa. *A tecnologia do gênero*, HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.), *Tendências e Impasses. O feminismo como crítica da modernidade*, Rio de Janeiro, Rocco: 1994.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*, São Paulo: Editora 34, 1992.

DELGADO, Andréa Ferreira. *A Invenção de Cora Coralina na Batalha das Memórias*. Tese de Doutorado em História. Campinas: Unicamp, 2003.

DIAS, Maria Odila Silva. *Teoria e Método dos Estudos Feministas: Perspectiva Histórica e Hermenêutica do Cotidiano*, In COSTA, Albertina & BRUSCHINI, Cristina (orgs.), *Uma questão de gênero* São Paulo: Fundação Carlos Chagas & Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Ventos, 1992.

DONZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DOURADO, Luiz Ângelo. *Homossexualismo e Delinquência*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

DOYLE, Iracy. *Contribuições ao Estudo da Homossexualidade Feminina*, Rio de Janeiro: Imago, 1956.

DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. *Michel Foucault uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DULLES, John W. F. *Carlos Lacerda: a vida de um lutador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000 (1ª. edição 1992).

EIZIRIK, Marisa. *Michel Foucault. Um pensador do presente*. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

ELLIS, Havellock. *Inversão Sexual*, São Paulo: Companhia Nacional, 1933.

FADERMAN, Lillian. *Surpassing the love of men. Romantic friendship and love between from the Renaissance to the present*. New York: QuillpWilliam Morow, 1981.

\_\_\_\_\_, *Odd Girls and Twilight Lovers. A History of Lesbian Life in Twentieth-Century America*. New York: Columbia University Press, 1991.

FERREIRA, Armando Olivetti. *Pontos Cordiais. As Cartas Brasileiras de Elizabeth Bishop*, Tese de Mestrado Apresentada na Faculdade de Letras do Mackenzie, São Paulo, 2003.

FISCHER, Erica. *Aimée & Jaguar: uma história de amor*.(1ª edição, 1943). Rio de Janeiro, Record, 1999.

FOISIL, Madeleine. *A escritura de foro privado*, In ÀRIES, P.; CHARTIER, R. (orgs.). *História da Vida Privada vol. 3. Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. pp. 331-370.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1974.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade vol. 1. A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977, 12ª edição, 1997.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade vol. 2. O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1ª edição 1984, 7ª edição 1994.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade vol. 3. O Cuidado de Si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985, 6ª edição 1999.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1ª edição 1979, 12ª edição, 1996.

\_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Lisboa: Vega Passagens, 1992.

\_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso. Aula Inaugural do Collège de France*, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970, São Paulo: Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. *Outros Espaços. In Ditos e Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. São Paulo: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. *A hermenêutica do Sujeito*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2004.

FRY, Peter & Mac Era, E. *O que é homossexualismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. *Identidade e Política na Cultura Brasileira*. In Para Inglês Ver. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

- FUGIER, Anne-Martin. *Os rituais da vida burguesa*. In DUBY, G. & PERROT, M. História da Vida Privada, vol. 4. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nadia Battle (orgs.). *Prezado Senhor, prezada senhora. Estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GIROUX, Robert (org.). *Uma Arte. As cartas de Elizabeth Bishop*. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GÓES, Martha. *Um Porto para Elizabeth Bishop*. São Paulo: Terceiro Nome, 2001.
- GOLDENBERG, Mirian. *A Outra. Um Estudo Antropológico sobre a Identidade da Amante do Homem Casado*. Rio de Janeiro: Revan, 1990.
- GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de Si. Escrita da História*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- GRAHAM, Maria & LEOPOLDINA, Maria. *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Leopoldina*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1997.
- GREEN, James N. *Além do Carnaval. A Homossexualidade Masculina no Brasil do Século XX*. São Paulo: Unesp, 2000.
- \_\_\_\_\_. Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. GREEN, J. & TRINDADE, Ronaldo (orgs.). São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- GROPIUS, Walter. *Bauhaus: nova arquitetura*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GUIMARÃES, Carmen. *O homossexual visto por entendidos*. Tese de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.
- HAHNER, June. *A Mulher Brasileira e suas Lutas Sociais e Políticas*, São Paulo: Brasiliense, 1981.

- HALL, Marguerite Radcliffe. *O Poço da Solidão*. (1ª edição, 1928), Rio de Janeiro: Record, 1998.
- HARAWAY, Donna. *Ciencia, cyborgs y mujeres. La reinención de la naturaleza*. Valencia: Ediciones Catedra, 1991.
- HART, John & RICHARDSON, Diane (orgs.). *Teoria e Prática da Homossexualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- HAUSER, Renate. *Compreensão Psicológica do Comportamento Sexual por Krafft-Ebing*, IN PORTER, Roy e TEICH, Mikulas, (orgs.) *Conhecimento Sexual, Ciência Sexual. A História das Atitudes em Relação à Sexualidade*, São Paulo: Unesp/Cambridge, 1998, pp. 247-265.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é Par. Conjugalidade, Gênero e Identidade Sexual em Contexto Igualitário*. Tese de Doutorado Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional. Universidade federal do Rio de Janeiro, 1992.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Ser ou Estar homossexual: dilemas de construção de identidade social*, In PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria, *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.
- HERSCHMANN, M. e PEREIRA, C. A.M. *O Direito de Curar: Homossexualidade e Medicina Legal no Brasil dos Anos 30*, In *Invenção do Brasil Moderno. Medicina, educação e engenharia nos anos 20 – 30*, Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- IONTA, Marilda. *As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. Tese de Doutorado em História. Campinas: Unicamp, 2004.
- JAGUAR, Alison M. ; BORDO, Susan, (orgs.). *Gênero, Corpo e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Record & Rosa dos Tempos, 1997.

JAGUARIBE, Beatriz. *Diamantes e Feijão Preto: Elizabeth Bishop e o Brasil*. In Fins de Século: Cidade e Cultura no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, pp. 76-118.

KATZ, Jonathan Ned. *A Invenção da Heterossexualidade*, Rio de Janeiro, Ediouro, 1996.

KENNEDY, Elizabeth & DAVIS, Madeline. *Boots of Leather, Slippers of Gold: The History of a Lesbian Community (1930-1965)*. Lambda Literary Award Winner, 1993.

\_\_\_\_\_, *The Reproduction of Buth-Fem Roles. A Social Constructionist Approach*. In CORVINO, John (edited by). *Same Sex. Debating the Ethics, Science, and Culture of Homosexuality*. New York/Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, Inc. Lanham, 2003.

KNIBIEHLER, Yvonne. *Corpos e Corações*, In DUBY, G. e PERROT, M. *História das Mulheres no Ocidente*, vol.4, O Século XX. Porto: Afrontamentos e São Paulo: Ebradil, 1991.

KOFES, Suely. *E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala*. In BRUHNS, Heloisa. *Conversando sobre o corpo*. Campinas: Papirus, 1986.

\_\_\_\_\_, *Uma trajetória em narrativas*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia Sexualis* (1886).

LAQUEUR, Thomas W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_, *São Luis – Biografia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LEITE, Miriam L. M. *Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, Coleção Ensaio 112, 1984.

LENHARO, Alcir. *Cantores do Rádio; a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo*. Campinas: Unicamp, 1985.

\_\_\_\_\_, *Sacralização da Política*. Campinas: Papirus, 1986.

LEONEL, Vange. *Grrrls Garotas Iradas*. São Paulo: Summus, 2001.

LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasis: Uma reflexão em busca da auto-estima*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record. Coleção Metrôpoles, 2000.

LIMA, Estácio. *A Inversão dos Sexos*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1935.

\_\_\_\_\_, *Ensaio de Sexologia*, São Paulo: Instituto Oscar Freire, 1952.

\_\_\_\_\_, *Inversão Sexual Feminina*. Bahia: Livraria Científica, 1934.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MACHADO, Roberto e outros (orgs.). *Danação da Norma. Medicina Social e Constituição da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

\_\_\_\_\_. *Por uma Genealogia do Poder*, In FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MAGALHÃES, Isabel Allegro. *O Tempo das Mulheres*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.

MALCOM, Janet. *A Mulher Calada. Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MARMON, Judd. *A Inversão Sexual*. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

- MARTINS, Carlo. *Utopias e Heterotopias na obra de Michel Foucault. Pensar diferentemente o tempo, o espaço e a História*. In RAGO, M. et alli (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze. Ressonâncias Nietzscheanas*. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2002, pp. 85-98.
- MATOS, Maria Izilda e SOIHET, Raquel, (orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Unesp, 2003.
- MATOS, Maria Izilda. *Dolores Duran. Experiências boêmias em Copacabana nos anos 50*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- MILLIER, Brett C. *Elizabeth Bishop. Life and the Memory of It*. University of California Press, 1993.
- MONTENEGRO, Antonio. *A Invenção das Comemorações. Memórias Revisitadas: o Instituto Aggeu Magalhães na vida de seus personagens*. In MONTENEGRO, A. & FERNANDES, Tânia (orgs.). Rio de Janeiro: Fiocruz & Recife: Instituto Aggeu Magalhães, 1997.
- MORAES, Antonio Maria A. *Roteiro de Copacabana, In Pernoite – crônicas de Antonio Maria*, Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1989.
- MORAES, Eliane R. *A cifra e o corpo: as cartas de prisão do Marques de Sade*, In GALVÃO Walnice N. & GOTLIB, Nadia B. (orgs.), *Prezado Senhor, Prezada Senhora*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p. 58.
- MORLEY, Helena. *Minha Vida de Menina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942 (1ª edição) e São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MOTT, Luis. *O Lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- MOTTA, Marly Silva. *Saudades da Guanabara*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Rio de Janeiro: de cidade-capital a Estado da Guanabara*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas & Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, 2001.

- MUNIZ, Jacqueline. *Mulher com Mulher dá Jacaré. Uma abordagem Antropológica da Homossexualidade Feminina*. Tese de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.
- OLIVEIRA, Carmen L. *Flores Raras e Banalíssimas. A história de Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop*, Rio de Janeiro, Rocco, 1995.
- ORAM, Alison & TURNBULL, Annamarie. *The Lesbian History, Sourcebook Love and Sex between women in Britain from 1780 to 1970*, London / New York, 2001.
- ORTEGA, Francisco. *Amizade e Estética da Existência em Foucault*, Rio de Janeiro, Graal, 1999.
- \_\_\_\_\_, *Genealogias da Amizade*, São Paulo, Iluminuras, 2002.
- \_\_\_\_\_, *Para uma política da amizade*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000.
- PACHECO E SILVA, Antonio Carlos. *Aspectos da Psiquiatria Social*. São Paulo: Gráfica e Editora Edigraf Ltda, 1957.
- \_\_\_\_\_, *Psiquiatria Clínica e Forense*. São Paulo: Editora Renascença, 1951.
- \_\_\_\_\_, *Psiquiatria e Vida Moderna*, São Paulo: Editora Renascença 1948.
- PARKER, Richard. *Corpos, Prazeres e Paixões. A cultura sexual no Brasil contemporâneo*, São Paulo, Editora Best Seller, 1991.
- PASSETTI, Edson. *Ética dos Amigos. Invenções Libertárias da Vida*, São Paulo, Editora Imaginário, 2003.
- PAZ, Octávio. *A dupla chama. Amor e Erotismo*. São Paulo: Editora Siciliano, 1994.
- PEIXOTO, Afrânio. *Sexologia Forense*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1934.
- PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PERROT, Michelle. *Introdução, História das Mulheres no Ocidente, vol. 4, O Século XX*. Porto: Afrontamentos e São Paulo: Ebradil, 1991.

- \_\_\_\_\_. *À Margem: Solteiros e Solitários*. In História da Vida Privada vol. 4. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Maneiras de Morar*. In DUBY, G. & PERROT, M. (orgs.). História da Vida Privada, vol. 4. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp. 309-321.
- \_\_\_\_\_. *Sair*. IN DUBY, G. & PERROT, M. (orgs.). História das Mulheres no Ocidente, vol. 4. O Século XX. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Vida em Família*. In DUBY, G. & PERROT, M. (orgs.). História da Vida Privada, vol. 4. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- PIERANGELI, José Henrique. *Códigos Penais do Brasil. Evolução Histórica*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2ª edição, 2001.
- POLLACK, Michel. *A Homossexualidade Masculina ou: a Felicidade do Ghetto?* In ÀRIES, P. & BÉJIN, A. Sexualidades Ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PORTER, Roy e TEICH, Mikulas, (orgs.). *Conhecimento Sexual, Ciência Sexual. A História das Atitudes em Relação à Sexualidade*, São Paulo: Unesp/Cambridge, 1998.
- PORTINARI, Denise. *O Discurso da Homossexualidade Feminina*, São Paulo: Brasiliense, 1989.
- PRZYBYCIEN, Regina. *Feijão Preto e Diamantes: O Brasil na obra de Elizabeth Bishop*. Tese de Doutorado apresentada ao departamento de Letras da UFMG, 1993.
- RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Os Prazeres da Noite*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Entre a história e a liberdade. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Unesp, 2001.
- RANUM, Orest. *Os Refúgios da Intimidade*. ARIÈS, P. & CHARTIER, R. (orgs.). História da Vida Privada vol. 3. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS, José de Oliveira. *O Rio de Janeiro e seus prefeitos. A Evolução Urbanística da Cidade*. Prefeitura do Rio de Janeiro, 1977.

\_\_\_\_\_. *A Guanabara e seus Governadores. Evolução Urbanística da Cidade e dos respectivos Projetos de Alinhamento*. Prefeitura do Rio de Janeiro, 1979.

RESENDE, Beatriz. *A Crônica e a História Cotidiana da Cidade nos anos 1950 e 1960*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1995.

RIBEIRO, Leonídio. *Antropologia Criminal. Conferência e Comunicações*. Rio de Janeiro:ImprensaNacional,1937,pp.35-60.

\_\_\_\_\_, *Ensaio e Perfis*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, S.A., 1954, pp. 137-156.

\_\_\_\_\_, *Homossexualismo e Endocrinologia*. Rio/ São Paulo/ Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1932.

\_\_\_\_\_, *Medicina Legal*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

\_\_\_\_\_, *O Novo Código Penal e a Medicina Legal*. Rio de Janeiro: Livraria JachintoEditora,1942.

\_\_\_\_\_, *As Modernas Legislações Penaes e a Contribuição da Antropologia Criminal*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1942.

\_\_\_\_\_, *O Novo Código Penal*, In *Revista Brasileira Sciencia*, n.9, julho/agosto1935,pp.153-168.

RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa. Tomo III*. Campinas: Papyrus, 1997.

RIOS, Cassandra. *As traças*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

\_\_\_\_\_. *A noite tem mais luzes*. Rio de Janeiro: Record, 1979, 10ª.edição;

\_\_\_\_\_. *Canção das Ninfas*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

\_\_\_\_\_. *Eu sou uma lésbica*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

\_\_\_\_\_. *O gamo e a gazela*. Rio de Janeiro: Record, 1981, 2ª edição.

RUBIN, Gayle. *The traffic in Women: notes on the "Political Economy of Sex, In Toward an Antropology of Women"*, New York: 1975, pp. 157-210.

RUPP, Leila J. *A Desired Past. A Short History of Same-Sex Love in America*, Chicago and London: The University of Chicago Press, 1999.

- SAMARA, Eni M. & SOIHET, Raquel; MATOS, Maria Izilda S. *Gênero em debate. Trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997.
- SANT'ANNA, Denise. *La Recherche de la Beauté: une contribution à l'histoire des pratiques et des représentations de l'embellissement féminin au Brésil – 1900 à 1980*. Paris: Université de Paris VII, 1994.
- \_\_\_\_\_, *Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres*. In RAGO, M. & ORLANDI, L. & VEIGA-NETO, A. (orgs.) *Imagens de Foucault e Deleuze. Ressonâncias Nietzscheanas*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- SANTOS, Carlos Nelson (orientador). *Monografia de Conclusão do Curso de Arquitetura das Faculdades Bennett*, Rio de Janeiro. Realizada pelos alunos: Adalgisa Lacerda Mesquita; João Henrique Grillo; José Heuvécio Costa da Mota; Mariana Lana e Viviane Nayala Conner, 1983. (Arquivo do Departamento de Monumentos e Chafarizes da Prefeitura do Rio de Janeiro).
- SANTOS, J.F. *Feliz 1958. O ano que não devia ter terminado*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- SANTOS, Joaquim Ferreira. *Crônicas de Antonio Maria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SBARDELINI, Elizabeth. *Homossexualidade Feminina e Neuroticismo*. Tese de Mestrado apresentada no curso de Psicologia da Puc-Campinas, 1979.
- SCHUMAHER, Schuma & VITAL, Érico (orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil, de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- SCOTT, Joan. *A mulher trabalhadora*, In DUBY, G. & PERROT, M. *História das Mulheres no Ocidente*, vol. 4, Porto: edições Afrontamento, São Paulo: Ebradil, 1991, pp. 443-475.
- SEVCENKO, Nicolau. *Pindorama Revisitada: cultura e sociedade em tempos de virada*. São Paulo: Petrópolis, 2000.
- SHOWALTER, Elaine. *Anarquia Sexual*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

- SILVA, Alice Inês. *Abelhinhas numa diligente colméia: domesticidade e imaginário feminino na década de cinquenta*. In COSTA, Albertina & BRUSCHINI, Cristina (orgs.), *Rebeldia e Submissão. Estudos sobre a condição feminina*. Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos & São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1989.
- SILVA, Hélio. *Certas Cariocas. Travestis e Vida de Rua no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- SMITH-ROSENBERG, Carroll. *Disordely Conduct. Visions of Gender Victorian America*. New York/London: Oxford University Press, 1985.
- SOARES, Carmen (org.). *Corpo e História*. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.
- SOIHET, Rachel. *Corporificando Gênero*. In DEL PRIORI, Mary & BASSANEZI, Carla (orgs.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Unesp, 1997.
- SOUHAMI, Diana. *Gertudre & Alice*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- SOUZA, Erica. *Necessidade de Filhos: Maternidade, Filhos, Homossexualidade*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2005.
- SPENCER, Colin. *Homossexualidade: Uma História*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- STORR, Antony. *Homossexualidade Feminina*, In *Desvios Sexuais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- SWAIN, Tania Navarro. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000 a
- \_\_\_\_\_. *Identidade Nômade. Heterotopias de mim*, In RAGO, Margareth, ORLANDI, Luis e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.), *Imagens de Foucault e Deleuze. Ressonâncias nietzschianas*, Rio de Janeiro: DP&A, 2002 a.
- \_\_\_\_\_. *Quem tem medo de Foucault? Feminismo, Corpo e Sexualidade*. In CASTELO BRANCO, G. & PORTOCARRERO, V. (orgs.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2000 c.
- THÉBAUD, Françoise. *Introdução*. In THÉBAUD, F. (org.). *História das Mulheres no Ocidente. O Século XX*, vol. 5. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1991.

- TREFUSIS, Violet & SACKEVILLE-WEST, Vita. *De Violeta para Vita*. Porto Alegre: L&PM, 1993.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso. A Homossexualidade no Brasil. Da Colônia à Atualidade*. Rio de Janeiro: Mas Limonad, 1996.
- TRINDADE, Etelvina M. C. e MARTINS, Ana Paula Vosne, (orgs.). *Mulheres na história: Paraná – séculos XIX e XX*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Pós-Graduação, 1997.
- VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e Plurais. Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- VELHO, Gilberto. *Utopia Urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- VENÂNCIO, Giselle Martins. *Sopros de Sociabilidade. Troca de Livros. Intercâmbios Intelectuais e Práticas de Correspondência nos Arquivos Privados de Oliveira Vianna*. In BASTOS, Maria Helena; CUNHA, Maria Teresa S.; MIGNOT, Ana C. Destino das Letras. História, Educação e Escrita Epistolar. Passo Fundo: UFP Editora, 2002.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 3ª edição, 1995.
- VICINUS, Marha. *Intimate Friends. Women who Loved Women, 1778-1928*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2004.
- VIVEIROS DE CASTRO, F. J. *Atentados ao Pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2ª edição, 1932. (1ª edição 1894).
- VON HENTING. *Estudos de La Psicologia Criminal. VIII La Criminalidad de la Mujer Lésbica*, Madrid, Espasa-Calpe, S.A, 1975.

WADI, Yonissa Marmit. *Louca pela Vida: A História de Perina*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2002.

WALKOWITZ, Judith R. *Sexualidades Perigosas*, In DUBY, G. e PERROT, M. História das Mulheres no Ocidente, vol. 4, O Século XX. Porto: Afrontamentos e São Paulo: Ebradil, 1990, pp. 402-441.

WERNECK, Maria Helena. *Os cuidados de si na correspondência machadiana*. In GALVÃO, W. & GOTLIB, N. (orgs.). *Prezado Senhor, Prezada Senhora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WHITAKER, Edmur de Aguiar. *Manual de Psicologia e Psicopatologia Judiciárias (Para uso das Escolas de Polícia)*, Escola de Polícia de São Paulo, Coletânea Acácio Nogueira, São Paulo, 1958.

WOLFF, Charlotte. *Amor entre duas mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

XAVIER, Alberto & BRITTO, Alfredo. *Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rio Arte, Vilanova Artigas, 1991.

### **Entrevistas:**

Danda Prado – São Paulo, 21 de junho de 2002; 01 de setembro de 2004.

Elizabeth Leão – viúva de Teófilo Aristides Leão, 08 de junho de 2004.

GUIDO, Maria Christina e GOLDSCHMIDT, Rose Ingrid.

\_\_\_\_\_ Depoimentos Rosalina Leão – Programa Portinari – Projeto Depoimentos – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – 04 de setembro de 1984.

\_\_\_\_\_ Depoimentos Maria Portinari – Programa Portinari – Projeto Depoimentos – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – dezembro de 1982; janeiro e fevereiro de 1983.

Grupo de vinte mulheres – Rio de Janeiro, 13,14, 15 dezembro de 2003; 08,09,10 de junho de 2004.

Mônica Morse – 08 de junho de 2004.

Roberta Macedo Soares – 28 de junho de 2002.

## **Arquivos e Bibliotecas Consultadas**

Arquivo Edgar Leuenroth, Campinas, Unicamp.

Arquivo do Estado de São Paulo, São Paulo.

Arquivo do Museu Nacional, Rio de Janeiro.

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

Arquivo Técnico Administrativo do IPHAN, Rio de Janeiro, 1965/1966.

Arquivo da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

Biblioteca da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, Unicamp.

Biblioteca do Instituto Pereira Passos, Rio de Janeiro.

Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo.

Biblioteca da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, São Paulo.

Biblioteca do Instituto Oscar Freire, Departamento de Medicina Legal da Universidade de São Paulo.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo.

Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro.

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Biblioteca Noronha Santos, Rio de Janeiro.

Boletim Oficial do Estado da Guanabara, 11 de novembro de 1965.

Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro.

Projeto Portinari, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.